

A
EVOLUÇÃO
DE
CALPÚRNIA
TATE

JACQUELINE KELLY





Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

JACQUELINE KELLY

A
EVOLUÇÃO
DE
CALPÚRNIA
TATE

Tradução
Elisa Nazarian

ÚNICA
editora

Diretora
Rosely Boschini
Produtora Editorial
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa
Controle de Produção
Fábio Esteves
Tradução
Elisa Nazarian
Preparação
Books & Ideas
Projeto gráfico e Diagramação
Osmane Garcia Filho
Revisão
Vero Verbo Serviços Editoriais
Adaptação de Capa
Eduardo Camargo
Produção do Ebook
Schäffer Editorial

Única é um selo da Editora Gente.

Título original: The evolution of Calpurnia Tate.

Copyright © 2009 by Jacqueline Kelly.
Publicado por acordo com Folio Literary
Management, LLC e Agência Riff.

Ilustração de capa © 2009 by Beth White

Design de capa by April Ward

Todos os direitos desta edição são reservados à
Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114
São Paulo, SP – CEP 05029-030

Tel.: (11) 3670-2500

Site: www.editoragente.com.br

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kelly, Jacqueline

A evolução de Calpúrnia Tate / Jacqueline Kelly ; tradução Elisa Nazarian. -- São Paulo : Editora Gente, 2013.
Título original: The evolution of Calpurnia Tate.
ISBN 978-85-67028-40-8

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

14-06227

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - A origem das espécies

CAPÍTULO 2 - A medida da manhã

CAPÍTULO 3 - As guerras dos gambás

CAPÍTULO 4 - Viola

CAPÍTULO 5 - Destilações

CAPÍTULO 6 - Aulas de música

CAPÍTULO 7 - Harry arruma uma namorada

CAPÍTULO 8 - Microscópio

CAPÍTULO 9 - Petey

CAPÍTULO 10 - Lula provoca um problema, sem ter intenção

CAPÍTULO 11 - Aulas de tricô

CAPÍTULO 12 - Um estudo científico

CAPÍTULO 13 - Uma correspondência científica

CAPÍTULO 14 - A enxada de cabo curto

CAPÍTULO 15 - Um mar de algodão

CAPÍTULO 16 - Chega o telefone

CAPÍTULO 17 - Economia doméstica

CAPÍTULO 18 - Lições de culinária

CAPÍTULO 19 - Uma espécie de sucesso de destilaria

CAPÍTULO 20 - O grande aniversário

CAPÍTULO 21 - O imperativo reprodutivo

CAPÍTULO 22 - Dia de Ação de Graças

CAPÍTULO 23 - A feira de Fentress

CAPÍTULO 24 - Harry volta a cortejar

CAPÍTULO 25 - Véspera de Natal

CAPÍTULO 26 - Chega notícia

CAPÍTULO 27 - Véspera de Ano-Novo

CAPÍTULO 28 - 1900

AGRADECIMENTOS



Para minha mãe, Noeline Kelly.

Para meu pai, Brian Kelly.

Para meu marido, Robert Duncan.

CAPÍTULO 1

A origem das espécies

Quando um jovem naturalista começa a estudar um grupo de organismos que lhe é desconhecido, de início fica muito perplexo até determinar as diferenças a serem consideradas... Porque ele nada conhece da quantidade e do tipo de variações a que o grupo está sujeito...

Darwin, *A origem das espécies*^[1]

Em 1899, tínhamos aprendido a domar a escuridão, mas não o calor do Texas. Nós nos levantávamos no escuro, horas antes do nascer do sol, quando mal havia um esfumaçado de índigo ao longo do céu do leste, e o restante do horizonte ainda era puro breu. Acendíamos nossos lampiões de querosene, e íamos com eles à frente, no escuro, como se fossem nossos próprios sóis, minúsculos e oscilantes. Tínhamos de terminar todo o trabalho diurno até o meio-dia, hora em que o calor mortífero mandava todos de volta para nossa grande casa com as venezianas fechadas, onde deitávamos na penumbra dos quartos de pé direito alto, como vítimas da doença do suor.^[2] O remédio costumeiro de nossa mãe para o verão, borrifar os lençóis com uma colônia refrescante, durava apenas um minuto. Às três da tarde, quando era novamente hora de nos levantarmos, a temperatura ainda era massacrante.

O calor era uma miséria para todos nós em Fentress, mas as mulheres sofriam mais, com seus corpetes e suas anáguas. (Eu ainda tinha alguns anos pela frente, era jovem demais para essa excepcional forma de tortura feminina). Elas afrouxavam as presilhas e lamentavam as horas à frente, amaldiçoando o calor e também seus maridos, por trazê-las ao distrito de Caldwell para plantar algodão e árvores pecã.

A mãe temporariamente desistia de seus apliques, uma franja ondulada falsa e um enchimento de crina enrolado, plataformas sobre as quais diariamente edificava uma elaborada montanha do próprio cabelo. Nos dias em que não tínhamos companhia, ela até mesmo pegou o costume de enfiar a cabeça sob a bica da pia, deixando Viola, nossa cozinheira mestiça, bombear água até que ela estivesse completamente ensopada. Estávamos proibidos, por ordens expressas, de rir daquela diversão chocante. Como gradualmente a mãe rendeu sua dignidade ao calor, descobrimos (bem como o pai), que era melhor ficar longe dela.

Naquele verão eu tinha onze anos e era a única menina entre sete filhos. Dá para imaginar situação pior? Meu nome é Calpúrnia Virgínia Tate, mas naquela época todo mundo me chamava de Callie Vee. Eu fazia a ponte entre três irmãos mais velhos — Harry, Sam Houston e Lamar — e três irmãos mais jovens — Travis, Sul Ross e o bebê Jim Browie, que chamávamos de JB. Os meninos pequenos, na verdade, conseguiam dormir ao meio-dia, às vezes até mesmo empilhados uns sobre os outros, como cachorrinhos úmidos e fumegantes. Os homens que vinham do campo e meu pai, que voltava do escritório na beneficiadora de algodão, também dormiam, primeiro molhando-se na varanda-dormitório com baldes de lata cheios de água tépida do poço, depois caindo em suas camas de cordas, como nocauteados.

É verdade, o calor era uma desgraça, mas ele também trazia a minha liberdade. Enquanto o restante da família se agitava e cochilava, secretamente eu ia até a margem do rio San Marcos e desfrutava um interlúdio diário sem escola, sem irmãos irritantes e sem a mãe. Não me era exatamente permitido fazer isso, mas ninguém me disse que eu não podia. Consequia me safar porque tinha meu próprio quarto no final do corredor, enquanto todos os meus irmãos precisavam dividir os seus, e seriam dedurados na fração de um segundo. Até onde sei, aquela era a única coisa decente de ser a única menina.

Nossa casa era separada do rio por uma área em formato crescente de cinco acres de uma extensão selvagem e densa. Teria sido um tormento atravessá-la, se não fosse o fato de que os costumeiros frequentadores do rio — cachorros, veados, irmãos — mantinham uma trilha batida estreita em meio aos traiçoeiros carrapichos que cresciam à altura da minha cabeça, agarrando-se ao meu cabelo e ao meu avental, enquanto eu me espremia para passar por eles. Depois, eu ficava só de combinação, boiando de costas, a combinação ondulando à minha volta nas correntes suaves, deliciando-me no frescor da água que corria ao meu redor. Eu era uma nuvem de rio, girando com delicadeza nos rodamosinhos. Olhava lá no alto as bolsas transparentes das larvas de teias, no luxuriante dossel de carvalhos que se curvava sobre a

água. As larvas de teias pareciam me espelhar, flutuando nos próprios balões de gaze no céu turquesa claro.

Naquele verão, todos os homens, com exceção do meu avô, Walter Tate, cortaram o cabelo rente e rasparam as barbas e os bigodes espessos. Durante uma semana pareceram tão nus quanto as salamandras cegas, ou foi esse o tempo que levou para que o choque de seus queixos pálidos e frágeis fosse superado. Curiosamente, o vô não se sentia incomodado com o calor, mesmo com sua barba branca e cheia, que chegava até o peito. Alegava que era por ser um homem de hábitos regulares e moderados, que nunca tomava uísque antes do meio-dia. A sobrecasaca velha e fedida estava completamente ultrapassada, mas ele nem podia ouvir falar em se separar dela. Apesar de ser regularmente esponjada com benzina pelas mãos de nossa empregada SanJuanna, conservava o cheiro de mofo e uma cor estranha, que não era preta nem verde.

O vô morava sob o mesmo teto que nós, mas era, de certo modo, um personagem obscuro. Fazia tempos que tinha entregado o controle dos negócios da família para o único filho, meu pai, Alfred Tate, e passava os dias entretido com “experimentos” em seu “laboratório”, lá fora, nos fundos. Esse laboratório não passava de um velho barracão que já fizera parte das dependências dos escravos. Quando não estava ali, ele estava coletando espécies ou refugiado com seus velhos livros em um canto pouco iluminado da biblioteca, onde ninguém se atrevia a perturbá-lo.

Perguntei à mãe se eu poderia cortar o cabelo, que pendia em um calor opressivo pelas minhas costas. Ela disse que não, não ia me ter correndo por ali como uma selvagem tosada. Achei aquilo obviamente injusto, sem falar que era *quente*. Então concebi um plano: todas as semanas eu cortaria dois centímetros do cabelo — apenas dois secretos centímetros — para que a mãe não percebesse. Ela não ia reparar porque eu ia disfarçar utilizando boas maneiras. Quando eu assumia o papel de menina educada, frequentemente conseguia escapar de uma observação mais apurada da parte dela. Em geral, ela estava assoberbada pelas constantes exigências de uma casa e pela incessante turbulência dos meus irmãos. Você não acreditaria no tamanho do caos e do tumulto que seis irmãos podem criar. Além disso, o calor agravava suas severas dores de cabeça e ela precisava recorrer a uma grande dose do Composto Vegetal de Lydia Pinkham, conhecido por ser o Melhor Purificador de Sangue da Mulher.

Naquela noite, peguei uma tesoura de bordado e, com grande animação e o coração aos pulos, cortei os primeiros dois centímetros. Olhei o feixe macio de cabelos na palma da minha mão. Estava caminhando a passos largos para receber meu futuro no resplandecente Século

Novo, a poucos meses de distância. Para mim, parecia um grande momento, na verdade. Dormi mal naquela noite, com medo da manhã seguinte.

Segurei o fôlego ao descer a escada para o café da manhã. As panquecas de pecã pareciam papelão. E sabe o que aconteceu? Absolutamente nada. Ninguém reparou a mínima. Fiquei enormemente aliviada, mas também pensei: *Bom, típico desta família*. De fato, ninguém notou nada até que se foram quatro semanas e oito centímetros, e em uma manhã nossa cozinheira, Viola olhou-me com dureza. No entanto, não disse uma palavra.

No final de junho, estava tão quente que, pela primeira vez na história, a mãe deixou de acender as velas do candelabro na hora do jantar. Ela até deixou que eu e Harry faltássemos à aula de piano por duas semanas, o que também foi bom. Harry suava nas teclas, de modo que elas ficaram confusas durante a sequência do Minueto em G. Nada do que a mãe ou SanJuanna fizessem conseguiria devolver o brilho ao marfim. Além disso, nossa professora de música, senhorita Brown, era muito velha, e seu cavalo decrépito tinha de puxar o trole por cinco quilômetros, a partir de Prairie Lea. Os dois poderiam sofrer um colapso durante o caminho e ter de ser sacrificados. Pensando bem, até que não seria má ideia.

O pai, ao saber que íamos perder nossas aulas, disse: — Uma coisa boa, também. Um menino precisa de um piano tanto quanto uma cobra precisa de uma saia-balão.

A mãe não quis saber daquilo. Queria que Harry, seu filho mais velho, de dezessete anos, se tornasse um cavalheiro. Tinha planos de mandá-lo para a universidade em Austin, a oitenta quilômetros, quando ele fizesse dezoito anos. Segundo o jornal, havia quinhentos alunos na universidade, dos quais dezessete eram moças bem supervisionadas na Escola de Artes Liberais (que podiam escolher entre Música, Inglês ou Latim). Os planos do pai eram diferentes; queria que Harry fosse um empresário, um dia assumisse a beneficiadora de algodão e os viveiros de pecã e se juntasse aos maçons, como ele tinha feito. No entanto, aparentemente, não achava que as lições de piano fossem uma má ideia para mim, se é que se dava ao trabalho de pensar naquilo.

No final de junho, o Serviço de Meteorologia de Fentress informou que a temperatura estava 41° no meio da rua, onde ficava o escritório do jornal. Não foi mencionada a temperatura à sombra. Fiquei pensando no motivo disso, uma vez que ninguém, em seu juízo perfeito, passava mais de um segundo ao sol, a não ser para chegar rapidamente ao próximo recorte de sombra, fosse ela fornecida por uma árvore, um estábulo fosse por um cavalo de arado. A meu ver, a temperatura à sombra seria muito mais útil para os habitantes da nossa cidade. Concebi uma *Carta ao Editor* que explicava isso e, para meu grande espanto, o jornal

publicou minha carta na semana seguinte. Para espanto ainda maior da minha família, eles começaram a publicar a temperatura também à sombra. Ler que à sombra fazia apenas 35° nos fez sentir bem mais refrescados.

Houve súbito aumento de atividade dos insetos, tanto dentro quanto fora de casa. Os gafanhotos levantavam-se em bandos sob os cascos dos cavalos. Os vagalumes apareceram em tal quantidade que ninguém conseguia se lembrar de uma apresentação mais espetacular. Todas as noites, meus irmãos e eu nos juntávamos na varanda da frente e fazíamos uma aposta para ver quem avistaria o primeiro brilho. Havia uma excitação considerável e mérito em vencer, especialmente depois que a mãe pegou uma tira de seda azul em sua cesta de costura, e recortou uma linda condecoração, completa com longas fitas. Entre uma dor de cabeça e outra, bordou nela, com fio dourado, Prêmio Vagalume de Fentress. Era um prêmio elegante e muito cobiçado. O vencedor usava-o até a noite seguinte.

A cozinha sofreu uma invasão de formigas como nunca antes, e torturaram Viola. Marchavam em formação militar entre as fissuras mínimas em torno dos rodapés e das janelas, e iam diretamente para a pia. Viola abriu guerra contra elas sem resultado. Estavam desesperadas por água e não podiam ser detidas. Considerávamos os vagalumes uma dádiva e as formigas uma praga, mas, pela primeira vez me ocorreu por que tinha de haver essa distinção. Todas elas não passavam de criaturas que tentavam sobreviver à estiagem, assim como nós. Pensei que Viola deveria desistir e deixá-las em paz, mas reconsiderei depois de descobrir que a pimenta do reino na salada de ovos não era pimenta coisa nenhuma.

Enquanto alguns insetos nos superavam, alguns habitantes costumeiros de nossa propriedade, como as minhocas, desapareceram. Meus irmãos reclamavam sobre a falta de minhocas para pescar e a dificuldade de cavar à sua procura na terra dura e ressecada. Talvez você esteja pensando: as minhocas podem ser treinadas? Estou aqui para dizer a você que podem. A solução me pareceu óbvia: as minhocas sempre aparecem quando chove, e era muito fácil fabricar um pouco de chuva para elas. Carreguei um balde de lata cheio de água até uma área sombreada de cinco acres de vegetação rasteira, e o entornei no chão algumas vezes por dia, sempre no mesmo lugar. Depois de cinco dias, bastava aparecer com meu balde para que as minhocas, atraídas pelos meus passos e a promessa de água, rastejassem até a superfície. Recolhi-as e as vendi para Lamar por um centavo a dúzia. No entanto, contei meu método para Harry, meu preferido, de quem não conseguia esconder nada. (Bom, quase nada).

— Callie Vee — ele disse. — tenho uma coisa para você — ele foi até sua escrivaninha e pegou uma caderneta de couro vermelho, com LEMBRANÇA DE AUSTIN estampado na frente.

— Olhe aqui — ele disse. — Nunca usei isso. Você pode usar para anotar suas observações científicas. Você é uma reconhecida naturalista em formação.

O que era, exatamente, uma naturalista? Eu não sabia muito bem, mas resolvi passar o resto do verão sendo uma. Se tudo o que isso queria dizer era escrever sobre o que você via à sua volta, eu podia fazê-lo. Além disso, agora que tinha meu lugar onde fazer anotações, comecei a ver coisas em que nunca tinha reparado.

Meus primeiros registros foram sobre cachorros. Por causa do calor, eles ficavam deitados na terra tão imóveis, que pareciam mortos. Mesmo quando meus irmãos mais novos cutucavam-nos com varetas por puro tédio, eles nem se dignavam a erguer a cabeça. Só se levantavam para beber água em grandes sorvos e depois despencavam de novo, levantando nuvens de poeira em seus buracos rasos. Não se conseguia que Ajax, o cão de caça premiado do pai, especialista em aves, ficasse de prontidão com uma espingarda disparada a meio metro do focinho. Deitava-se com a boca aberta e relaxada, e pude contar seus dentes. Dessa maneira, descobri que o céu da boca de um cão é profundamente ondulado para trás, até a garganta, sem dúvida para facilitar a passagem de uma presa indócil em apenas uma direção, a saber, a do JANTAR. Escrevi isso na minha caderneta.

Observei que as expressões da cara de um cão são manifestadas principalmente pelo movimento de suas sobrancelhas. Escrevi: *Por que os cães têm sobrancelhas? Por que os cães precisam de sobrancelhas?*

Perguntei a Harry, mas ele não sabia. Ele disse: — Pergunta para o vô. Ele sabe esse tipo de coisa.

No entanto, não perguntei. O próprio velho tinha uns tufos ferozes como sobrancelhas, parecidos com os de um dragão, e era uma figura absolutamente imponente para que eu o tivesse escalado quando pequena. Pelo que eu me lembrava, ele nunca tinha falado diretamente comigo, e eu não tinha plena certeza de que soubesse meu nome.

Em seguida, voltei minha atenção para os pássaros. Por alguma razão, tínhamos um grande número de cardeais por ali naquele ano. Harry me divertia ao dizer que tínhamos uma ótima colheita deles, como se tivéssemos alguma coisa a ver com sua quantidade, como se houvésssemos trabalhado para colher os corpos coloridos e alegres, colocando-os nas árvores ao longo de nossa entrada de cascalho, exatamente como enfeites de Natal. Como, porém, havia grande quantidade deles e a estiagem tinha reduzido sua dieta normal de sementes e frutinhas, os machos disputavam furiosamente a posse de cada agreira. Achei um macho morto e mutilado no arbusto, uma visão triste e chocante. Então, certa manhã, uma fêmea veio se

empoleirar no encosto da cadeira de vime ao meu lado, na varanda. Fiquei imóvel. Poderia ter estendido a mão e encostado nela com o dedo. Uma massa marrom-acinzentada pendia do seu bico abricó-claro. Parecia um filhotinho de camundongo minúsculo, do tamanho de um dedal, morto ou agonizante.

Quando contei isso no jantar, o pai disse: — Calpúrnia, os cardeais não comem camundongos. Eles vivem da vegetação. Sam Houston, por favor, passe as batatas.

— Bom, é, só estou contando para o senhor — eu disse de modo não convincente, e depois fiquei furiosa comigo mesma por não defender o que tinha visto com meus próprios olhos. A ideia de os cardeais serem impelidos a um comportamento tão pouco natural me repugnou. O próximo passo seria canibalismo. Antes de ir para a cama naquela noite, peguei uma lata cheia de aveia lá do estábulo e a distribuí ao longo do passeio. Escrevi na Caderneta: *Quantos cardeais teremos no ano que vem sem o suficiente para comer? Lembrar-me de contar.*

Em seguida, escrevi na Caderneta que tínhamos dois tipos muito diferentes de gafanhotos naquele verão. Tínhamos o costumeiro ágil e pequeno, cor de esmeralda, todo salpicado com pontos pretos, e havia uns enormes, amarelo-vivo, duas vezes maiores, letárgicos, tão dóceis e gordos que ficavam prostrados na grama quando aterrissavam. Nunca os tinha visto antes. Sondei todo mundo na casa (exceto o vô) para descobrir de onde aqueles estranhos exemplares amarelos tinham vindo, mas ninguém soube me informar. Ninguém estava nem um pouco interessado.

Como última possibilidade, juntei coragem e fui até o laboratório do meu avô. Empurrei a aba de juta que servia de porta e fiquei tremendo na soleira. Surpreso, ele levantou os olhos do balcão, onde estava despejando um líquido de aparência pútrida em várias provetas e retortas. Não me convidou a entrar. Balbuciei meu dilema do gafanhoto, enquanto ele me encarava como se estivesse tendo problemas em me situar.

— Ah — ele disse com suavidade, — desconfio que um gravetinho esperto como você consiga descobrir. Volte e me conte quando souber — desviou o olhar e começou a escrever em seu livro de registro.

Então, foi isso. Minha audiência com o dragão, para mim, foi neutra. Por um lado, ele não me cuspiu fogo, mas, por outro, não me ajudou em nada. Pode ser que estivesse irritado por eu ter interrompido seu trabalho, se bem que falou comigo de um jeito educado. Se eu tivesse feito Harry ir comigo, talvez o vô tivesse me dado mais atenção. Eu sabia no que ele estava trabalhando. Por alguma razão, tinha posto na cabeça que ia descobrir uma maneira de destilar pecã em uísque. Aparentemente seu raciocínio consistia em ser possível fazer uma boa bebida

alcoólica do milho comum ou da prosaica batata, por que não da nobre pecã? E, Deus sabe, estávamos nos afundando em pecãs, sessenta acres delas.

Voltei para meu quarto e contemplei o enigma do gafanhoto. Eu tinha um dos gafanhotos pequenos e verdes em um vidro no armário do meu banheiro, e fiquei olhando para ele em busca de inspiração. Não tinha conseguido pegar um dos amarelos grandes, ainda que eles fossem muito mais lentos.

— Por que vocês são diferentes? — perguntei, mas ele se recusou a responder.

Na manhã seguinte, acordei, como era de costume, com uma agitação na parede próxima à minha cama. Era o gambá, voltando para sua cama na hora de sempre. Pouco depois disso, ouvi os golpes e as batidas dos contrapesos, enquanto SanJuanna abria as janelas da sala de visitas abaixo do meu quarto. Sentei-me na minha cama alta de latão e, de repente, veio-me à cabeça que os gafanhotos gordos e amarelos tinham de ser uma espécie totalmente nova, separada e à parte dos verdes, e que eu — Calpúrnia Virgínia Tate — os tinha descoberto. E quem descobria uma espécie inteiramente nova não dava seu nome a ela? Eu seria famosa! Meu nome seria anunciado por toda parte; o governador me cumprimentaria; a universidade me concederia um diploma.

Contudo, o que eu teria de fazer agora? Como é que eu reivindicaria meus direitos no mundo natural? Tinha uma vaga ideia de que precisaria escrever para alguém a fim de registrar meu achado, algum órgão oficial em Washington.

Tinha ouvido discussões à mesa do jantar entre meu avô e o pastor, o senhor Barker, com relação ao livro do senhor Charles Darwin, *A origem das espécies*, e ao dinossauro que estavam desexcavando no Colorado, e sobre o que isso significava para o *Livro do Gênesis*. Eles falaram em como a natureza eliminava os fracos e deixava para os audaciosos a tarefa de seguir em frente. Nossa professora, a senhorita Harbottle, tinha falado rapidamente sobre o senhor Darwin, e parecia desconcertada enquanto o fazia. Com certeza, um livro desses, que falava sobre a origem das espécies, me diria o que fazer. De que jeito, porém, eu conseguiria pôr minhas mãos nele, quando ainda havia intensa controvérsia sobre esses assuntos no nosso canto do mundo? Havia até um ramo atuante da Flat Earth Society^[3] em San Antonio.

Então me lembrei de que Harry deveria ir com a carroça até Lockhart, fazer compras. Lockhart era a capital do distrito de Caldwell. A biblioteca distrital ficava ali. Os livros estavam ali. Tudo o que eu precisava fazer era implorar uma carona a Harry, o irmão que não conseguia me negar nada.

Em Lockhart, depois de resolver nossos negócios, Harry ficou fazendo hora na esquina, para admirar as moças que passavam, exibindo as últimas peças do chapeleiro local. Resmunguei algumas desculpas e escapei pela praça do Palácio da Justiça.

A biblioteca era fria e escura. Fui até o balcão, onde uma bibliotecária idosa entregava alguns livros para um homem gordo que vestia terno de linho branco. Era a minha vez. Justamente nesse momento, apareceu uma jovem mãe com um garotinho. Era a senhora Ogletree e seu filho de seis anos, Georgie. Ele e eu tínhamos a mesma professora de piano, e a mãe dele e a minha se conheciam. Ah, não. A última coisa que eu queria era uma testemunha.

— Boa tarde, Callie — ela disse. — Sua mãe está aqui hoje?

— Ela está em casa, senhora. Ogletree. Oi, Georgie.

— Oi, Callie — ele respondeu. — O que você está fazendo aqui?

— Hum... Estou só olhando uns livros. Você já pegou os seus, passe na minha frente, por favor.

Dei um passo para trás e solenemente fiz um gesto para eles passarem.

— Ora, obrigada, Callie — ela disse. — Que modos educados! Vou ter de contar isso para sua mãe na próxima vez que a vir.

Depois de uma eternidade, eles saíram. Continuei olhando em volta para ver se estava vindo alguém. A bibliotecária franziu o cenho para mim. Fui até o balcão e sussurrei: — Por favor, a senhora tem um exemplar do livro do senhor Darwin?

Ela se inclinou sobre o balcão e perguntou: — Qual seria?

— O livro do senhor Darwin. A senhora sabe, *A origem das espécies*.

Ela franziu o cenho e colocou uma das mãos em concha atrás da orelha: — Vai ter de falar mais alto.

Falei alto com voz trêmula: — O livro do senhor Darwin. Aquele. Por favor.

Ela cortou as minhas asas com um olhar amargo e disse: — É lógico que não tenho. Não ia deixar uma coisa dessas na minha biblioteca! Eles têm um exemplar na biblioteca de Austin, mas eu teria de encomendá-lo pelo correio. São cinquenta centavos. Você *tem* cinquenta centavos?

— Não, senhora — eu podia sentir que estava ficando vermelha. Nunca tinha tido cinquenta centavos na vida.

— E — ela acrescentou, — eu precisaria de uma carta da sua mãe que autorizasse você a ler esse livro em particular. Você *tem* essa carta?

— Não, senhora — respondi mortificada. Meu pescoço estava começando a coçar, um sinal que anunciava uma erupção de urticária.

Ela fungou. — Achei que não. Agora, tenho livros para guardar.

Quis chorar de raiva e de humilhação, mas nunca na frente daquela mulher irritante. Saí da biblioteca roxa de vergonha e encontrei Harry à toa em frente ao armazém geral. Olhou para mim preocupado.

Cocei os vergões que tinham estourado no meu pescoço e gritei: — Do que adianta uma biblioteca, se eles não te dão um livro?

Harry olhou em volta: — Do que você está falando?

— Algumas pessoas não servem para ser bibliotecárias — respondi. — Quero ir para casa agora.

Na longa, quente e calada viagem de volta na carroça carregada de mercadorias até o topo, Harry olhou para mim: — Qual é o problema, querida?

— Nenhum — retorqui. Ah, absolutamente nada, exceto que eu estava me sufocando de amargura e raiva, e não estava no clima de falar no assunto. Por uma vez, gostei da privacidade da touca enorme que a mãe me fazia usar para impedir sardas.

— Você sabe o que tem naquele engradado? — Harry perguntou. — Naquele logo atrás de você?

Não me dei ao trabalho de responder. Não sabia e não me importava. Estava com ódio do mundo.

— É uma máquina de vento — ele disse. — Pra mãe.

Se fosse qualquer um dos meus outros irmãos, eu teria rosnado para ele: Não seja ridículo, isso não existe.

— Estou falando sério — ele disse. — Você vai ver.

Quando chegamos em casa, não consegui suportar a excitação barulhenta ao descarregarem a caminhonete. Fui correndo para o rio. Tirei a touca, o avental, o vestido e me atirei na água, levando terror para o coração dos girinos e das tartarugas. Ótimo. Aquela bibliotecária tinha estragado o meu dia, e eu estava resolvida a estragar o dia de mais alguém — ou de mais alguma coisa. Afundei a cabeça na água e soltei um grito comprido e alto, o som borbulhando nos meus ouvidos. Subi em busca de ar e repeti o gesto. E ainda mais uma vez, só para ficar completo. A água fria foi aos poucos me acalmando. Afinal de contas, o que significava um livro para mim? De fato, não tinha importância. Um dia eu teria todos os livros do mundo, prateleiras e mais prateleiras deles. Viveria em uma torre de livros. Leria o dia todo e comeria

pêssegos. E, se algum jovem cavaleiro de armadura ousasse vir gritando em seu cavalo branco, me pedindo que soltasse o cabelo, eu o bombardearia com caroços de pêssgo até que fosse para casa.

Deitei-me de costas e olhei um par de andorinhas subindo e descendo o rio, rodando como acrobatas atrás de insetos invisíveis. Apesar de minhas horas de liberdade, o verão não estava correndo como imaginei. Ninguém estava interessado nas Questões que escrevi na minha Caderneta. Ninguém estava interessado em me ajudar a encontrar as Respostas. O calor minava a vida de todos e de tudo. Pensei em nossa querida, grande e velha casa, e em como parecia triste no meio do gramado ressecado e amarelo. Geralmente a grama era macia, fresca e verde, convidando-nos a tirar as botas e correr descalços, a brincar de estátua, mas agora ela apresentava um dourado brilhante e chamuscado, tão ameaçadora para os pés quanto restolhos de palha. A grama amarela me dificultava avistar minha nova espécie de gafanhoto grande e amarelo. Não dava para achá-los até que, praticamente, pisava-se neles. Então, eles se moviam com rapidez e voavam pesadamente com asas barulhentas por alguns centímetros, e tornavam a pousar na grama, desaparecendo. Era difícil capturá-los, apesar de serem gordos e lentos. Engraçado como os de cor esmeralda, menores e mais rápidos, eram tão simples de capturar. Eram fáceis demais de achar. Os passarinhos passavam o dia os devorando, enquanto os amarelos, escondidos ali por perto, caçoavam de seus primos menos afortunados.

E então eu entendi. Não havia novas espécies. Todos eles eram um tipo de gafanhoto. Para começo de conversa, os que tinham nascido um pouco mais amarelos viviam mais tempo na estiagem; os pássaros não podiam vê-los na grama queimada. Os mais verdes, os que eram apanhados pelos passarinhos, não viviam o bastante para ficar grandes. Só os mais amarelos sobreviviam porque estavam mais aptos a aguentar o calor tórrido. O senhor Charles Darwin tinha razão. A prova estava ali no meu pátio da frente.

Fiquei deitada na água, chocada, pensando nisso, olhando para o céu, procurando alguma falha no meu raciocínio, alguma brecha na minha conclusão. Não encontrei nenhuma. Então, abri caminho até a margem. Saí me agarrando em algumas taiobas, me sequei com meu avental, me vesti o mais depressa que pude e corri para casa.

Ao chegar, encontrei toda a família amontoada em volta de um engradado arrebetado no corredor. No meio do ninho de tábuas finas estava um aparelho atarracado de metal preto, com quatro lâminas na frente e um reservatório de vidro atrás, no qual meu pai despejou querosene. No meio das lâminas, uma saliência redonda de latão anunciava em uma caligrafia cursiva **A** melhor máquina de vento de Chicago.

O pai disse: — Afastem-se — riscou um fósforo e fez a coisa funcionar. Ela encheu o cômodo com um cheiro mineral e um grande *uuuch* de ar. Meus irmãos todos riram. Ri também, mas por outro motivo.

Depois disso, a vida em nossa casa tornou-se, até certo ponto, mais fácil. A mãe retirava-se ao meio-dia com sua máquina de vento, e nossa vida melhorava, especialmente a do pai, a quem ela às vezes convidava para se retirar com ela.

Levei uma semana para ter coragem de visitar o vô de novo. Ele estava sentado em seu laboratório, em uma poltrona de couro destruída, o estofamento aparente, atacado por camundongos.

Eu disse: — Sei por que os gafanhotos grandes são amarelos e por que os pequenos são verdes — contei a ele minha descoberta e como eu tinha descoberto aquilo. Ficava mudando de um pé para o outro, enquanto ele me olhava e escutava em silêncio. Depois de um tempo, ele disse: — Você chegou a essa conclusão sozinha? Sem ajuda?

— Foi — respondi, depois contei a ele minha humilhante viagem até a biblioteca Lockhart. Ele me olhou por um tempo com uma expressão estranha no rosto — talvez surpresa, talvez consternação — como se eu fosse uma espécie que ele nunca tivesse visto antes. Disse: — Venha comigo.

Não disse uma palavra enquanto íamos até a casa. Ai, meu Deus! Eu tinha feito o impensável, não uma, mas duas vezes, ao interrompê-lo em seu trabalho. Será que ele ia me entregar para a mãe, para mais um sermão sobre boas maneiras? Levou-me até a biblioteca, um lugar que não era permitido para crianças. Então ele mesmo é quem faria o sermão. Talvez fosse me passar um sabão por causa da minha teoria esdrúxula. Ou talvez fosse me dar umas varadas nas mãos. Meu receio aumentou. Quem era eu — Callie Vee Tate de Fentress, Texas — para achar que podia sequer pensar sobre esses assuntos? Uma ninguém vinda de lugar nenhum.

Apesar do medo, dei uma olhada na sala, pois sabia que nunca mais teria outra chance de fazê-lo. A biblioteca era pouco iluminada, mesmo com as pesadas cortinas de veludo verde-garrafa abertas na alta janela dupla. Próxima à janela havia uma enorme poltrona de couro gasto, e uma mesa com a base em bobina, com um abajur de leitura. Havia livros no chão ao lado da poltrona, e mais livros enfiados em estantes altas de madeira, feitas com nossas árvores pecã que não tinham dado certo (era impossível escapar à contínua presença das pecãs em nossa vida). Havia uma grande escrivaninha em carvalho, coberta com umas estranhezas intrigantes: um ovo de avestruz oco em um apoio de madeira esculpida, um microscópio

acomodado em um estojo de couro marroquim, um dente de baleia gravado com a imagem de uma dama de peito avantajado, não exatamente contido pelo seu espartilho. A *Bíblia* da família e um enorme dicionário com sua própria lente estavam lado a lado, próximos a um álbum vermelho felpudo, cheio de retratos amontoados dos meus antepassados. E aí? Será que eu receberia o sermão da *Bíblia* ou o do desapontando-meus-antepassados? Esperei enquanto ele se decidia. Olhei as paredes em volta, cobertas por compartimentos rasos que exibiam alarmantes bichos-folha e bichos-pau, além de borboletas intensamente multicoloridas. Sob cada fragmento de cor viva havia um nome científico com a cuidadosa caligrafia do meu avô. Eu me esqueci de mim mesma e fui espiá-los.

— Urso — disse o vô.

Hã? pensei.

— Cuidado com o urso — ele disse, justo quando eu tropeçava na boca aberta e desdenhosa de um tapete de pele de urso preta, suas presas, uma armadilha na penumbra para os desavisados.

— Certo. Urso. Senhor.

O vô abriu a corrente do seu relógio para tirar uma chave minúscula. Abriu um armário alto de vidro, entulhado de mais livros, pássaros embalsamados, animais engarrafados e outras curiosidades. Fui para o lado para conseguir uma visão melhor daquele mostruário irresistível. Um tatu deformado chamou minha atenção, retorcido, dobrado e cheio de calombos, obviamente empalhado pelo amador mais desclassificado. Por que ele tinha aquilo? Eu teria feito melhor. Ao lado dele, havia uma garrafa de vidro grosso de cinco galões com o animal mais estranho que eu já tinha visto. Uma forma espessa, amorfa, múltiplos braços, dois olhos grandes e brilhantes distorcidos pelo vidro em dois enormes pires, motivo de pesadelos. Que diabo era aquilo? Cheguei mais perto.

O vô alcançou a prateleira de livros. Vi o *Inferno*, de Dante, ao lado de *A ciência do balonismo de ar quente*. Havia *Um estudo da reprodução dos mamíferos* e *Um tratado sobre como desenhar a mulher nua*. Ele tirou um livro coberto com um luxuoso marroquim verde e com detalhes elegantes em ouro. Lustrou-o com a manga da camisa, embora eu não visse poeira nele. Cerimoniosamente, curvou-se e o ofereceu para mim. Olhei para ele. *A origem das espécies*. Aqui, na minha própria casa. Recebi-o com as duas mãos. Ele sorriu.

Assim começou minha relação com vovô.

CAPÍTULO 2

A medida da manhã

As leis que regem a hereditariedade ainda são bem desconhecidas; ninguém pode dizer por quê... a criança frequentemente reverte, em certas características, a seu avô...

Três dias depois, desci silenciosamente a escada e saí para a varanda da frente, bem cedo, antes que a avalanche diária dos meus irmãos pudesse acabar com a paz da manhã. Espalhei um punhado de sementes de girassol por trinta passos pelo passeio, para atrair os passarinhos, e me sentei nos degraus, sobre uma velha almofada detonada que tinha desencavado no quarto de depósito. Fiz uma lista na minha Caderneta de couro vermelho sobre tudo o que se movia. Não é isso que os naturalistas fazem?

Uma das sementes de girassol pulou pelos ladrilhos de ardósia na calçada da frente. Coisa esquisita. Sob investigação, revelou-se ser um sapo minúsculo, com menos de sete milímetros de comprimento, saltando com energia atrás de uma centopeia que fugia, ela mesma não era maior do que uma linha, ambos dando o melhor de si até desaparecerem na grama. Depois uma aranha-lobo, surpreendente no tamanho e na quantidade de pelos, correu pelo cascalho, caçando alguma coisa menor, ou sendo caçada por alguma coisa maior. Não consegui definir qual dos dois. Imagino que ali deva haver um milhão de pequenos dramas acontecendo o tempo todo. Ah, mas dificilmente eles eram pequenos para o caçador e a caça, jogando a moeda de vida ou morte. Eu era apenas uma observadora, uma folgada. Eles estavam naquilo para valer.

Então, um beija-flor oscilou dobrando a esquina da casa, e mergulhou dentro da trombeta do lírio mais próximo, murcho pelo calor. Não achando que estava do seu agrado, recuou abruptamente e explorou o próximo. Sentei a alguns metros de distância, hipnotizada, perto o

suficiente para ouvir o zumbido baixo e irritado de suas asas, tão em desacordo com sua aparência preciosa e sua atitude confiante. O passarinho parou na borda de uma flor e então se virou e me viu. Planou no ar por um segundo e se apressou em minha direção. Gelei. Parou a uns dez centímetros do meu rosto e ficou suspenso ali, juro. Senti a minúscula lufada de vento de suas asas na minha testa, e, por reflexo, meus olhos se fecharam com força automaticamente. Como eu gostaria de conseguir mantê-los abertos! Foi, porém, uma reação natural e não pude me conter. No segundo em que os abri, o passarinho voou para longe. Era do tamanho de uma pecã. Impulsionado pela raiva ou pela curiosidade — vai saber! — pouco se importou que eu pudesse tê-lo esmagado com um tapinha.

Uma vez eu tinha visto Ajax, o melhor cachorro do pai, entrar em uma briga com um beija-flor e perder. O beija-flor mergulhou em sua direção e o infernizou até que ele trotou de volta para a varanda da frente, parecendo muito constrangido. (É possível um cachorro parecer constrangido, você sabe. Ele deu voltas e começou a lambar suas partes baixas, um sinal evidente de que um cachorro está tentando esconder seus verdadeiros sentimentos).

A porta da frente abriu-se e o vovô saiu para a varanda, com um velho embornal de couro passado sobre o ombro, uma rede de borboletas em uma das mãos, um cajado de bambu na outra.

— Bom dia, Calpúrnia — ele disse. Então, no fim das contas ele sabia meu nome.

— Bom dia, vovô.

— O que você tem aí, se mal pergunto?

Fiquei de pé em um pulo. — É minha Caderneta Científica — respondi com imponência. — Foi Harry quem me deu. Anoto nela tudo o que observo. Olhe, aqui está minha lista para hoje de manhã.

Observo não era uma palavra que eu usava normalmente em uma conversa, mas queria provar para ele que a coisa era séria. Ele abaixou o embornal, que fez uns tilintares interessantes, tirou uns óculos lá de dentro e olhou a minha lista. Estava escrito:

Cardeais, macho e fêmea

Um beija-flor, alguns outros passarinhos (?)

Coelhos, uns poucos

Gatos, alguns

Lagarto, verde

Insetos, vários

C. V. gafanhoto Tate, grande/amarelo e pequeno/verde

(eles são da mesma espécie?)

Ele tirou os óculos e deu uma pancadinha na página. — Um bom começo — disse.

— Um começo? — perguntei magoada. — Pensei que estava terminado.

— Quantos anos você tem, Calpúrnia?

— Doze — respondi.

Ele olhou para mim.

— Onze e três quartos — falei rapidamente — Tenho praticamente doze. De verdade. Mal dá para ver a diferença.

— E como você está se saindo com o senhor Darwin a bordo do bom navio *Beagle*?

— Ah, é maravilhoso. É. Maravilhoso. Claro, eu não li tudo ainda. Estou indo no meu ritmo — para ser sincera, eu tinha lido o primeiro capítulo várias vezes e achado difícil. Tinha, então, pulado para a parte sobre “Seleção natural”, mas ainda lutava com a linguagem.

Vovô me olhou sério. — O senhor Darwin não escreveu para um público de onze-e-três-quartos-praticamente-doze-anos. Talvez a gente possa discutir suas ideias alguma hora. Você gostaria de fazer isso?

— Gostaria — respondi. — Sim, senhor, gostaria.

— Estou indo coletar espécimes no rio. Hoje é o gênero Odonata, acho. Libélulas e donzelinhas. Você gostaria de me acompanhar?

— Sim, por favor.

— Vamos ter de levar sua Caderneta — ele abriu o embornal e vi lá dentro uns frascos de vidro e um *Manual de campo para os insetos*, a trouxe com seu almoço, e um frasco de prata em miniatura. Ele enfiou minha Caderneta vermelha e meu lápis ao lado do frasco. Apanhei sua rede de borboleta e a pendurei no ombro.

— Podemos? — ele perguntou e me ofereceu o braço, à maneira de um cavalheiro que leva uma dama para jantar. Passei meu braço pelo dele. Ele era tão mais alto do que eu que descemos os degraus nos empurrando. Então, soltei seu braço e entrelacei minha mão na dele. A palma era calosa e curtida, as unhas grossas e curvas, uma formação milagrosa de couro e

casco. Meu avô pareceu surpreso, depois satisfeito, eu acho, embora não possa ter certeza. Ainda assim, sua mão fechou-se sobre a minha.

Fizemos o trajeto pela mata até o rio. Vovô parava a todo momento para observar uma folha, uma pedra, um monte de fezes, coisas que eu não achava terrivelmente interessantes. O que *era* interessante era como ele se curvava e examinava cada objeto antes de estender a mão lenta e decidida. Era cuidadoso com tudo o que tocava, colocando cada inseto de volta onde tinha achado, empurrando cada pilha de excremento de volta ao seu lugar. Eu ficava de prontidão, segurando a rede de borboletas, louca para saltar sobre alguma coisa.

— Você sabe, Calpúrnia, que a classe *Insecta* compreende o maior número de organismos vivos que o homem conhece?

— Vovô, ninguém me chama de Calpúrnia, a não ser a mãe, e só quando vou levar alguma bronca.

— Por que não? É um nome lindo. A quarta esposa de Plínio, o Jovem, aquela com quem ele se casou por amor, chamava-se Calpúrnia, e ele nos deixou algumas das grandes cartas de amor de todos os tempos. Também tem a árvore acácia nativa, uma *laburnum útil*, restrita ao continente africano. E ainda a esposa de Júlio César, mencionada em Shakespeare. Eu poderia continuar a lista.

— Ah, eu não sabia disso.

Por que ninguém nunca tinha me contado essas coisas? Todos os meus irmãos, exceto Harry, traziam o nome de orgulhosos heróis do Texas, muitos dos quais haviam deixado a vida no Álamo. (O nome de Harry vinha de um tio-avô solteiro, rico e sem herdeiros. Deve ter tido alguma coisa a ver com a expectativa de uma herança). Meu nome era por causa da irmã mais velha da minha mãe. Acho que poderia ter sido pior; suas irmãs mais novas eram Ágata, Sofronia e Vonzetta. Na verdade, poderia ter sido *muito* pior, como a filha do governador Hogg, Ima. Nossa, Ima Hogg! Dá para imaginar? Fiquei pensando se sua grande beleza e imensa fortuna seriam suficientes para protegê-la de uma vida de tortura. Talvez quando se tem bastante dinheiro, ninguém ria de você por coisa nenhuma. E eu, Calpúrnia, com um nome que tinha detestado a vida toda, ora... ora, era um nome *bonito*, era *música*, era *poesia*. Era... era incrivelmente irritante que ninguém na minha família tivesse se preocupado em me contar nada disso.

Então, Calpúrnia estava bom.

Avançamos pela mata e pela vegetação rasteira. Considerando a idade avançada e os óculos, os olhos do vovô eram bem mais penetrantes do que os meus. Onde eu não via nada a

não ser húmus e gravetos secos, ele via besouros camuflados, lagartos imóveis, aranhas invisíveis.

— Olhe ali — ele disse. — É um Scarabaeidae, provavelmente um *Cotinus texana*, o besouro do figo. É muito raro encontrar um em uma seca. Pegue-o com a rede, seja delicada.

Um zunido da rede e o besouro era meu. Vovô retirou-o e o segurou na mão, enquanto nós dois o examinávamos. Tinha dois centímetros e meio de comprimento, era verde médio e, fora isso, sua aparência não tinha nada de excepcional. Vovô virou-o do outro lado, e vi que sua parte inferior tinha um brilho azul-esverdeado impressionante, iridescente, com reflexos roxos. As cores mudavam, conforme ele se contorcia desanimado. Ele me lembrou o broche de abalone da minha mãe, lindo e raro.

— É lindo — eu disse.

— Ele tem relação com o besouro escaravelho, que os antigos egípcios adoravam como um símbolo do sol matinal e da vida após a morte. Às vezes, eles o usavam como joia.

— Usavam? — fiquei pensando como é que se faz para um besouro ficar parado no seu vestido. Imaginei prendê-lo com um alfinete de chapéu, ou talvez com uma cola de papel de parede, mas nenhuma das duas ideias me pareceu particularmente boa.

— Tome — ele disse, e o estendeu para mim.

Derrubou-o na palma da minha mão, e me orgulho em dizer que não me encolhi. O besouro fazia cócegas conforme andava.

— Devemos guardá-lo, senhor? — perguntei.

— Tenho um na minha coleção na biblioteca. Podemos soltar este.

Levei a mão até o chão e o inseto, ou melhor, o *Cotinus texana* caiu e saiu andando despreocupado.

— O que você sabe sobre o Método Científico, Calpúrnia? — da forma como ele falou aquelas palavras, eu sabia que elas tinham letras maiúsculas.

— Hum, não muito.

— O que você está estudando na escola? Você vai para escola, não vai?

— Claro que vou. Estamos estudando Leitura, Ortografia, Aritmética, e Caligrafia. Ah, e Comportamento. Recebi um “aceitável” em Postura, mas um “insatisfatório” em Uso do lenço e do dedal. A mãe ficou um pouco triste com isso.

— Deus do Céu — ele disse. — É pior do que eu pensava.

Aquela foi uma afirmação intrigante, embora eu não a tenha entendido.

— E não tem Ciência? Física? — perguntou.

— Tivemos Botânica um dia. O que é Física?

— Você nunca ouviu falar *em sir* Isaac Newton? *Sir* Francis Bacon?

— Não — tive vontade de rir com aqueles nomes ridículos, mas havia alguma coisa na expressão do vovô que me dizia que estávamos discutindo coisas muito sérias, e ele ficaria desapontado comigo se eu também não levasse aquilo a sério.

— E imagino que eles ensinam que o mundo é plano e que existem dragões que engolem os navios que despencam da beirada. — Ele me olhou fixamente. — Há muitas coisas sobre as quais conversar. Espero que não seja tarde demais. Vamos encontrar um lugar para sentar.

Continuamos nossa caminhada para a margem do rio e achamos uma sombra sob uma hospitaleira árvore, a base de uma pecã. Ele, então, me contou algumas coisas surpreendentes. Explicou-me que existem maneiras pelas quais se pode chegar à verdade de qualquer assunto, não meramente ficando sentado e pensando sobre isso como Aristóteles (um cavalheiro grego inteligente, mas confuso), mas saindo e olhando com os próprios olhos; contou-me sobre fazer sua Hipótese e planejar seu Experimento, testar por Observação, e chegar a uma Conclusão. E depois testar a força de sua Conclusão repetidas vezes. Contou-me sobre a navalha de Occam, sobre Ptolomeu e a música das esferas, e como todo mundo estava completamente enganado a respeito do Sol e dos planetas durante muitos séculos. Contou-me sobre Linnaeus e seu sistema de nomear todas as coisas vivas da natureza, e como ainda seguimos esse sistema sempre que nomeamos uma nova espécie. Contou-me sobre Copérnico e Kepler, e por que a maçã de Newton caiu em vez de subir. Sobre como a Lua está sempre circulando ao redor da Terra. Sobre a diferença entre raciocínio dedutivo e indutivo, e como *sir* Francis Bacon, de nome peculiar, entendeu bem isso. Vovô me contou como ele viajou para Washington em 1888 para se juntar a uma nova organização de senhores que se denominaram National Geographic Society. Eles formaram um grupo para informar sobre os desolados lugares do mundo e tirar o país do pântano da superstição e do pensamento retrógrado, no qual patinava desde a Guerra entre os Estados. Tudo isso eram novidades embriagadoras sobre um mundo muito distante de lenços e dedais, pacientemente entregue a mim sob uma árvore, em meio a abelhas zonzas e flores silvestres desfalecidas.

As horas se passaram e o Sol se moveu lá em cima (ou, para ser correta, nós nos movemos abaixo dele, girando lentamente do dia para a noite). Dividimos um farto sanduíche de queijo e cebola, um pedaço de torta pecã e um cantil de água. Depois, ele deu uns goles em seu frasco de prata e tiramos um cochilo por um tempo, enquanto os insetos zumbiam e cricrilavam, e a área sombreada se movia à nossa volta.

Acordamos e mergulhamos nossos lenços no rio para nos reanimar e depois continuamos em nosso percurso ao longo da margem. Recolhi várias estranhezas que rastejavam, nadavam e voavam em direção a vovô, e examinamos todas elas, mas ele ficou apenas com um inseto, colocando-o em um pote hermético Mason, com furos feitos na tampa, que eu sabia que tinha vindo da nossa cozinha. (Viola constantemente reclamava para a mãe que seus potes estavam desaparecendo, e a mãe, por sua vez, sempre culpava meus irmãos que — na realidade, pela primeira vez na história — não tinham culpa). Havia uma pequena e caprichada etiqueta colada no pote. Escrevi nela a lápis a data e a hora da coleta, seguindo orientação, mas não soube o que colocar como local.

— Pense em onde estamos — disse vovô. — Você consegue descrever o local com concisão, de um jeito que possa encontrá-lo novamente caso seja preciso?

Olhei para o ângulo do Sol pelas árvores, e pensei na distância que havíamos percorrido. — Posso colocar oitocentos metros a oeste da casa Tate, perto do carvalho de três ramificações?

Sim, aquilo estava bom. Continuamos vagando e encontramos uma das costumeiras trilhas de veado com excrementos. Sentamo-nos e esperamos em silêncio. Uma corça de rabo branco apareceu sem fazer ruído. Eu quase podia alcançá-la e tocar nela. Como é que uma criatura tão grande conseguia se mover em tal silêncio pelos arbustos crepitantes?

Ela virou seu longo pescoço e olhou diretamente para mim, e pela primeira vez eu entendi a expressão “olhos de gazela”. Seus olhos castanhos e profundos eram imensos, seu olhar gentil e enternecedor. Suas grandes orelhas moviam-se rapidamente em todas as direções, independentes uma da outra. Um raio de sol incidiu sobre as orelhas irrigadas de sangue, tornando-as rosa forte. Achei que era a criatura mais maravilhosa que eu já havia visto, até que segundos depois seu filhote pintalgado apareceu, andando sem rumo. Ah, o animal me partiu o coração com sua cara doce e côncava, as pernas absurdamente frágeis, sua pelagem ainda aveludada. Queria acolhê-lo nos meus braços e protegê-lo de seu inevitável futuro com coiotes, fome, caçadores. Como é que alguém podia atirar em algo tão belo? E então o cervo fez uma coisa milagrosa: dobrou as patas dianteiras, depois as traseiras, afundou no chão e... desapareceu. As pintas brancas espalhadas sobre suas costas marrom mimetizaram os feixes de luz de maneira que em um segundo o cervo estava ali, e no segundo seguinte não havia nada a não ser arbustos.

Vovô e eu ficamos ali imóveis por uns bons cinco minutos, e então pegamos nossas coisas lentamente e partimos. Seguimos o rio até que as sombras ficaram compridas, e então demos

uma volta em meio aos arbustos e voltamos para casa. No caminho de volta, vovô avistou o objeto mais raro e mais delicado da natureza, um velho ninho de beija-flor, frágil e tecido com maestria, menor do que um porta-ovo.

— Que sorte extraordinária! — disse vovô. — Dê muito valor a isso, Calpúrnia. Pode ser que você passe a vida toda sem nunca mais ver outro.

O ninho era uma coisa construída da forma mais intrincada, como se tivesse sido feito pelas fadas das minhas histórias infantis. Quase disse aquilo em voz alta, mas me segurei a tempo. Os membros da comunidade científica não dizem esse tipo de coisa.

— Como é que vamos levá-lo para casa? — perguntei. Tinha medo de tocá-lo.

— Vamos escorregá-lo para dentro de um pote por enquanto. Tenho uma caixa de vidro na biblioteca que é do tamanho perfeito. Você pode deixá-lo exposto no seu quarto. Seria uma pena escondê-lo em uma gaveta.

A biblioteca era um território tão pertencente a meu avô que até meus pais raramente entravam ali. SanJuanna tinha permissão de espaná-la uma vez a cada três meses. Normalmente, vovô a mantinha trancada. O que ele não sabia é que nas raras ocasiões em que não havia adultos por perto, meus irmãos, às vezes, levantavam um ao outro por sobre a bandeira da porta. Uma vez, meu segundo irmão mais velho, Sam Houston, deu uma longa olhada no livro de fotografias de batalhas de Mathew Brady, e nos contou, com a respiração suspensa, sobre os cavalos massacrados deitados na lama e os homens mortos, descalços, que contemplavam o céu com olhos vazios.

Voltamos para casa por volta das cinco horas. Jim Bowie e Ajax correram para nos receber assim que nos viram subindo o passeio.

— Você está enrascada, Callie — disse JB, ofegante. — A mãe está louca da vida — ele ignorou vovô. — Ela disse que você não praticou piano hoje.

Era verdade. Nossas aulas tinham recomeçado, e eu sabia que teria de compensar os exercícios, com mais meia hora como castigo. A regra era essa, mas não me importei. O dia tinha valido a pena. O dia tinha valido mil horas extras no piano.

Entramos na casa e vovô colocou o ninho de beija-flor em uma caixinha de vidro minúscula e a deu para mim. Deixei-o com suas ocupações na biblioteca e fui defender minha causa perante mamãe, sem resultado.

Consegui comprimir meu castigo de piano no período até o jantar, tocando com o coração leve, e um toque vigoroso, na minha maneira de ver. À noite, fui para a cama exausta e

revigorada, o ninho de beija-flor em sua linda caixinha de vidro na minha penteadeira, ao lado dos meus grampos e das minhas fitas.

Uma semana depois, minha lista matutina era assim:

6:15 da manhã, tempo claro e bom, ventos do sul

8 coelhos (7 caudas-de-algodão, 1 lebre)

1 cangambá (jovem, parecia perdido)

1 gambá (com um corte em V na orelha esquerda)

5 gatos (3 nossos, 2 do mato)

1 cobra (cobra de grama, inofensiva)

1 lagarto (verde, da mesma cor das folhas do lírio de um dia, muito difícil de ver)

2 gaviões de rabo vermelho

1 abutre

3 sapos

2 beija-flores (Rufous?)

Diversas Odonata, Hymenoptera, Arachinidae não computadas.

Mostrei-a vovô e ele acenou com a cabeça em aprovação. — É impressionante o que se poder ver, apenas ficando sentado em silêncio e observando.

CAPÍTULO 3

As guerras dos gambás

Sementes do mesmo fruto e filhotes da mesma ninhada, às vezes, diferem consideravelmente entre si, embora tanto os filhotes quanto os pais.... tenham aparentemente sido expostos a exatamente as mesmas condições de vida...

As guerras dos gambás tinham mais uma vez recomeçado e estavam explodindo nas imediações da varanda dos fundos. Isto é, da melhor maneira que o termo “explodir” possa ser aplicado a uma guerra de passividade e inércia. Isso se revelou para mim um excelente campo de estudo, uma vez que toda noite a batalha se desenrolava exatamente assim: um gambá corpulento e cinzento saía de baixo da casa em busca de seu desjejum noturno, que consistia em restos da cozinha e coisas assim. Era inevitavelmente surpreendido por um dos gatos de fora, no caso, uma fêmea, que patrulhava a varanda dos fundos como parte de seus domínios. A gata e o gambá se encaravam com olhos grandes e redondos de choque mútuo, e então o gambá gemia e desmoronava no chão. Ficava ali deitado de lado, imóvel e rígido, a boca contorcida exibindo minúsculos dentes de agulha. Os olhos permaneciam fixos, os bigodes paralisados. Era o retrato perfeito do gambá morto.

A gata, sempre com a curiosidade renovada por essa exibição, observava cismada. Aproximava-se do defunto com cautela e, hesitante, cheirava o chão à sua volta. Dobrava-se, então naquele formato de pão de forma, peculiar aos gatos, e olhava com enorme satisfação felina seu inimigo vencido — dever cumprido. Depois de um tempo, entediava-se e vagava até a porta da cozinha, esperando conseguir alguma sobra com Viola. O cadáver continuava naquele estado por mais cinco minutos e então, sem aviso ou cerimônia, saltava sobre os pés e saía casualmente em busca do próprio alimento.

A cena era representada noite após noite, durante todo o verão. Nem eu nem os adversários jamais nos cansávamos dela. Como era agradável ter uma batalha sem sangue, na qual cada lado saía igualmente convencido do próprio triunfo!

Todas as manhãs, o gambá voltava precisamente às cinco horas. Saía por detrás da casa e subia pela parede ao lado da minha cama. Seu esforço me acordava com tanta precisão quanto um despertador, meu gambá das cinco horas. Não contei a ninguém sobre ele, porque se a mãe descobrisse, mandaria o marido de SanJuanna, Alberto, ir para debaixo da casa, fechar o buraco e colocar uma armadilha. Eu, porém, não invejava o gambá por sua casa na nossa. (Questão para a Caderneta: *Como é que o gambá sabe a hora exata?*)

Perguntei ao vovô sobre isso. Ele me respondeu seriamente: — Talvez ele carregue um relógio no bolso, como o coelho da Alice.

— Ah, é — eu disse, tentando não sorrir, mas fracassando. Escrevi isso na minha Caderneta, para me lembrar de contar à minha melhor amiga, Lula.

Uma noite, enquanto vovô lidava com sua fórmula para fazer licor de pecã, sentei-me em um banquinho na altura do seu cotovelo e o observei trabalhando. Ele tinha pendurado cerca de uma dúzia de lampiões de querosene no teto, em diversas alturas, em torno da velha dependência de escravos; então, você tinha de tomar cuidado para não bater com a cabeça. Os lampiões enchiam o pequeno espaço com uma trêmula luz amarela. A mãe ficava apavorada que o lugar acabasse pegando fogo, e fez Alberto manter, em cada canto, enormes baldes de areia úmida do rio. As janelas não tinham vidros, apenas abas de sacos de juta penduradas, em uma fútil tentativa de impedir insetos. Era um paraíso para as mariposas.

Vovô estava trabalhando, havia anos, em uma maneira de destilar pecãs em licor. O experimento em si não me interessava, mas sua companhia nunca era tediosa. Conversávamos enquanto ele trabalhava. Eu passava coisas para ele, apontava seus lápis, os quais ele mantinha em uma velha e trincada caneca de barbear.

Ele costumava cantarolar trechos alegres de Vivaldi quando seu trabalho ia bem; quando não estava dando certo, sibilava baixinho pelo denso bigode. Escolhi um momento em que ele cantarolava em um tom maior e perguntei: — Vovô, o senhor sempre foi um naturalista?

— O que foi isso? — ele disse. Levantou um frasco de líquido marrom lamacento para perto da luz suave e trêmula e colocou os óculos para espiar o sedimento espesso que se depositava no fundo, como limo de rio. — Ah. Não, nem sempre.

— Seu pai era naturalista, senhor? — perguntei

— Não sei — ele respondeu. — Não posso dizer que o conheci. Ele morreu quando eu era pequeno. — tomou um gole do líquido turvo e fez uma careta. Destilava, gole, careta. Então, normalmente ele praguejaria. Era esse o padrão.

— Maldição — ele disse. — Isso está uma coisa horrorosa.

Aparentemente não tinha havido progresso.

— Quantos anos o senhor tinha quando ele morreu? — perguntei.

— Ah, uns cinco, por aí, imagino — e, então, antecipando minha pergunta seguinte, disse: — Ele morreu em decorrência dos ferimentos que sofreu em uma batalha contra os comanches nos territórios de Oklahoma.

— Bom — eu disse. — Ele tinha interesse por Ciência?

— Não que eu saiba. Comerciava peles de castor e camurça, mas não acho que tivesse nenhum interesse nisso que não fosse puramente comercial. Coe isto para mim, está bem? Depois coloque em um daqueles vidros e ponha uma etiqueta com a data de hoje. Pode ser que melhore com o tempo. Com certeza, pior não dá para ficar.

Peguei o frasco e passei o conteúdo por uma peneira de gaze para uma das garrafas vazias de Lydia Pinkham^[4] da minha mãe. Algumas vezes ela realmente recorria àquela substância, especialmente quando meus irmãos a deixavam irritada (o que acontecia em grande parte do tempo). Lacrei a garrafa e a identifiquei com um lápis de cera vermelho: 1º de julho. Coloquei-o em uma prateleira ao lado de seus muitos colegas malsucedidos.

— Então, como é que o senhor ficou interessado em Ciência? — perguntei.

Ele parou o que estava fazendo e pareceu olhar pela janela, mas eu sabia que não se podia ver o lado de fora, através da juta, à noite, só o lado de dentro.

Depois de um longo tempo, ele disse: — Aconteceu no entardecer. Em 1865. Eu me lembro disso como se fosse ontem. Falando claro, eu me lembro melhor do que me lembro de ontem. A velhice é uma coisa terrível, Calpúrnia — olhou para mim e disse: — Não deixe que aconteça com você.

— Não, senhor — eu disse. — Não vou deixar.

— Eu era comandante de uma tropa de garotos convocados por todo o Texas. Eles eram ótimos cavaleiros, todos tinham crescido no lombo de um cavalo. Pensavam que iam para a cavalaria, mas acontece que tinham sido destinados à infantaria. Para passar o dia marchando. Meu Deus, as reclamações intermináveis quando eles descobriram! Nunca ouvi tanta criatividade em xingamentos. Eles desprezavam andar, ainda mais marchar. Apesar dos protestos, nunca se viu um grupo de garotos mais resistente.

— O Sol estava se pondo. Era abril, no rio Sabine, e tínhamos feito um acampamento de frio. Nosso olheiro estava voltando e eu levantei o braço em um sinal silencioso para ele e, então — coisa mais impressionante —, alguma coisa voou, *tum!* Na minha mão. Com o choque, minha mão se fechou com força em torno da coisa, e fiquei espantado ao sentir uma pele quente na minha palma. Era um filhote de morcego, bem pequeno, atônito, no meu punho.

— Não — exclamei. — Não!

— Sim — disse vovô. — Eu estava quase tão atônito quanto o pobre animal.

— O que o senhor fez?

— Eu e a criatura nos olhamos por alguns minutos. Ele tinha um olhar inteligente e suave, a pele macia. Parecia uma raposa em miniatura. A asa lembrava couro, é verdade, mas não era fria ou repulsiva; era flexível e fina como uma luva de pelica aquecida por mão feminina.

Fiquei pensando no que eu faria se um morcego voasse para a minha mão. Provavelmente daria um grito e o derrubaria. Talvez até desmaiasse. Pensei nisso. Nunca tinha desmaiado na vida, mas achei que parecia uma experiência interessante.

— Embrulhei-o no último lenço que me restava e o enfiei dentro da camisa, para mantê-lo aquecido. Ele não reagiu a nada disso. Levei-o para a minha barraca. Antes de me preparar para dormir, liberei-o dos invólucros, virei-o de ponta-cabeça e toquei seus pés em uma corda que eu tinha esticado dentro da minha barraca, para secar minhas roupas. Embora ainda parecesse que ele percebia seu entorno apenas parcialmente, seus pés agarraram a corda no que supus ser uma espécie de reflexo primitivo, ele se dobrou de maneira peculiar e ficou ali pendurado como se estivesse na natureza, um pacote compacto, surpreendentemente minúsculo e agradável de ver.

— Deixei a aba da minha barraca aberta e, em algum momento naquela noite longa e fria, acordei com o ar *vibrando* à minha volta — é como dá para eu descrever —, conforme o morcego voava ao redor da minha cabeça, saindo depois para a noite. Desejei-lhe boa sorte.

Ouvindo vovô, tive a sensação mais estranha. Não sabia se festejava ou chorava.

— No entanto, esse não é o fim da história — ele disse. — Passe para mim aquele pedaço de tubo de borracha, está bem? Acordei antes do amanhecer. Como não tínhamos fogo, meu imediato me trouxe uma bacia de água fria para minha lavagem matinal. Eu estava vestido e me preparando para deixar a barraca quando o ar zumbiu à minha volta. Meu amigo estava de volta, instalando-se no meu varal.

— Ele voltou? — gritei.

— Meu próprio morcego —, ele disse — ou tenho de deduzir isso. Para o olho humano inexperiente, os morcegos são muito parecidos entre si. Ele ficou ali pendurado, observando-me no maior sossego, depois dormiu. Refiro-me ao animal como *ele*, mas, é claro, eu não estava baseado em fatos para presumir isso. Acontece que não é difícil estabelecer o sexo de um morcego filhote, mas na época eu não sabia.

— O senhor ficou com ele? — perguntei. — Ficou com ele?

— Ele dormiu na minha barraca como meu hóspede o dia todo — vovô sorriu, iluminado pela trêmula luz amarela dos lampiões, mergulhado em uma lembrança deliciosa. E então, seu rosto se alterou.

— Nunca vou me esquecer daquele dia — ele disse. — Os confederados investiram sobre nós duas horas depois do amanhecer e nos perseguiram até o sol se pôr. Transportavam dois canhões de doze tiros e fizeram o inferno com a gente, até que já não dava mais para ouvir por causa do barulho do canhão, ou ver, por causa da fumaça. As balas miniés fizeram uma destruição terrível. Estávamos cercados.

— O dia todo, fui de um lado a outro do *front*, animando nossos meninos, dando-lhes o incentivo que me era possível. Mandeí primeiro um rapaz em missão, depois outro, para levar uma mensagem rio abaixo ao major Duncan. Nunca mais vi nenhum dos dois — ele esfregou a testa.

— A cada passada ao longo do *front*, não podia deixar de olhar dentro da minha barraca. Estava preocupado com o morcego, percebe? Achava que o barulho e a fumaça o deixariam em pânico e fariam com que saísse cegamente para dentro da linha de tiro. Àquela altura ele era meu morcego, entende?

Concordei. Eu entendia.

— A fumaça da pólvora encheu o ar até que o sol ficou escondido. Não dava para ver mais do que cinco metros de cada lado.

— Ao entardecer, o massacre diminuiu, imagino que para que os confederados pudessem compartilhar algum jantar. Meus rapazes ficaram em suas covas e comeram biscoito gelado. Os que tinham caneta e papel escreveram as últimas cartas para a família, e as entregaram para mim, implorando-me que, caso eu sobrevivesse, cuidasse para que fossem entregues. Muitos deles apertaram minha mão e se despediram, pedindo-me que rezasse por sua alma e por sua família, quando chegasse em casa. Um rapaz analfabeto seguiu-me de volta até minha barraca e me implorou que escrevesse uma carta por ele. Abri a aba com grande apreensão, certo de que meu morcego tinha entrado em pânico e ido embora.

Prendi a respiração e fiquei como uma estátua.

— No entanto, ele estava lá. Dormindo profundamente. Até onde sei, não tinha se mexido de seu poleiro de ponta-cabeça o dia todo. Se o rapaz notou o pequeno pacotinho marrom pendurado ali, não fez nenhuma observação. Seus pensamentos estavam muito longe, com sua família.

— Escrevi a carta para ele, endereçada a sua mãe e suas irmãs em Elgin. Ele disse para elas não chorarem demais por ele e para não deixarem de colher o milho em junho. Contou-me que não havia sobrado nenhum homem por lá, e que não achava que elas conseguiriam se virar sem ele. Ficou com os olhos marejados, ao pensar na situação delas. Não se preocupava consigo mesmo. Peguei na sua mão e prometi que faria o possível para que sua família ficasse bem. Ele me abraçou e me chamou de Cap. Agradeceu-me e disse que eu tinha aliviado sua consciência, que podia morrer despreocupado naquele dia. Depois, ele me deixou e voltou para seu posto no *front*.

Vovô tirou seu grande lenço branco do bolso e enxugou o rosto.

— Olhei para o meu morcego — ele disse. — Puxei a cadeira e fiquei analisando-o a centímetros de distância. Era uma perfeição em todos os sentidos. Perfeito. Ele deve ter sentido minha presença, porque abriu os olhos e piscou para mim. Estava excessivamente calmo. O barulho e as vibrações lá de fora pareciam não incomodá-lo. Esticou bastante as asas por um momento, bocejou e depois tornou a se dobrar e a cair no sono rapidamente. Não queria sair nunca daquela tenda.

— Aí, o tiroteio recomeçou. Fiquei ali, analisando-o, até que fui chamado. Eu não queria ir.

Ficamos sentados em silêncio. Então, eu perguntei: — Ele morreu?

Vovô olhou para mim.

— Aquele rapaz, o que era de Elgin.

— Não, naquele dia ele não morreu — depois de um tempinho, ele disse: — Ele levou um tiro no joelho. Ficou deitado em um campo de mortos e agonizantes, todos pedindo água, a mãe e, piedade. A gente ouviu aqueles gritos terríveis irem se tornando mais fracos até noite adentro, quando era seguro rastejar e arrastá-los de volta. Nosso cirurgião trabalhou a noite toda, enquanto segurávamos lampiões de junco no alto. Se um soldado não estivesse gravemente ferido, ele mantinha. Se estivesse, era posto de lado, davam-lhe um cantil e um bocadinho de morfina, e todo conforto que pudesse obter com o capelão. Os que tinham os

braços e as pernas esmigalhados exigiam amputação urgente, antes que sangrassem até morrer ou antes que os ferimentos dessem gangrena ou infeccionassem.

— Então, quando o sol nasceu, foi a vez do rapaz de Elgin. Ele estava lamentavelmente fraco. Nós o colocamos na mesa. A perna dele estava grossa e quente de sangue. Dei-lhe clorofórmio. Quando coloquei o tubo no seu rosto, ele me encarou, sorriu e disse: — Não se preocupe comigo, Cap. Estou bem.

— Então, puxei sua perna com toda força, enquanto o cirurgião a serrava e fazia sua dobra. De repente, a perna saiu na minha mão, e eu fiquei ali, amparando-a, como se fosse uma criança. É uma coisa surpreendente — sabia? — quanto uma perna de homem é pesada. Fiquei ali segurando-a. Não queria jogá-la na pilha com todas as outras. No fim, porém, foi o que fiz.

— Você o salvou — eu disse. — Não foi?

Depois de um tempo, vovô disse: — Ele nunca acordou — ficou olhando para um canto por bastante tempo e depois disse: — Dois dias depois, soubemos que a guerra tinha acabado. Eles nos mandaram para casa, levando todas as provisões e os equipamentos que pudéssemos carregar, mas tinha sobrado pouca coisa. Um punhado de cartuchos, no máximo um quilo de feijão, um cobertor mofado. Não haveria nenhuma pensão fora aquilo. Eu sabia que precisava da minha barraca desesperadamente. Meu morcego, porém, ainda estava ali. Não sabia como poderia deixá-lo ou levá-lo. Por fim, fui até a barraca do cirurgião e roubei a Yellow Jack do seu baú. Você conhece a Yellow Jack?

— Não, senhor — sussurrei.

— É a bandeira que significa febre amarela, um sinal para manter distância. A febre amarela levou milhares, regimentos inteiros, talvez tantos quanto o fogo dos confederados. Amarrei a bandeira na minha barraca com um cordão de couro. Depois, abri um buraco no teto. Eu sabia que, por um tempo, meu morcego estaria a salvo e não seria incomodado. Não podia fazer mais do que isso.

— Fui tomado pela tristeza ao me despedir dele. No entanto, mais cedo, eu tinha tocado no corpo frio do rapaz de Elgin e não senti nada quando o atirei na vala com todos os outros. Não senti nada quando pusemos fogo na pilha de membros variados.

— Levei dezoito dias para chegar em Elgin. Dei a notícia para sua mãe e suas irmãs na sala de visitas. Contei que seu menino tinha morrido como um herói. Não contei a elas que sua morte, no fim, não significou nada. Elas me disseram que se sentiam honradas por eu ter ido. Fiquei com elas três meses para colher o milho e deixar tudo certo. Mandeí avisar sua avó que

chegaria em casa mais tarde. Acho que ela jamais me perdoou por não ter ido diretamente até ela. Contudo, tínhamos a colheita, todos se revezando atrás da mula, até a mais nova.

Meu avô me olhou surpreso. — Nossa! Você tem a mesma idade que ela tinha.

Pensei em andar atrás de uma mula como nossos colonos. Eles eram homens adultos, com braços grossos e enormes, mãos curtidas. Dependendo da estação, ficavam cobertos de uma poeira cinza ou de lama preta. Não podia imaginar aquilo.

— Não deveria estar te contando isso — ele enxugou o rosto e pareceu tão velho que me assustou. — Você é muito pequena para ouvir essas coisas.

Levantei-me e me encostei nele. Ele me envolveu com o braço, e ficamos assim por um minuto. Ele me beijou na testa.

Passado um tempinho, ele disse: — Onde é que a gente estava? Ah, é. Pegue aquele filtro para mim, está bem? Isso.

Peguei o filtro e trabalhamos em silêncio.

Um bando de velhos e trêmulos veteranos de guerra ficava sentado ao longo da galeria em frente à beneficiadora de algodão, cuspiendo tabaco e cansando todo mundo com as mesmas histórias que vinham contando havia décadas. Eu passava por eles todos os dias. Seus netos tinham deixado de ouvi-los há anos.

Mariposas agitadas, de vários tamanhos, vinham ao nosso encontro, antes de se atirarem nos lampiões vezes sem conta. Uma das confusas ficou presa na minha franja e fez uma cócega insuportável. Tirei-a do cabelo, puxei a cortina de lona e a joguei para fora, na noite. Ela rapidamente voou de volta para o meu rosto, no maior entusiasmo, como se tivesse sido soprada por um vento forte. Suspirei. Uma coisa eu tinha aprendido, sem dúvida: não dá para sair ganhando, quando se trata da classe Insecta, ordem Lepidoptera.

Teríamos de fazer um estudo sobre isso, meu avô e eu.

CAPÍTULO 4

Viola

Podemos concluir... que qualquer alteração nas proporções numéricas de alguns dos habitantes, independentemente da própria mudança climática, afetaria de maneira terrível vários outros.

Se eu tivesse prestado atenção, poderia ter notado que Viola me olhava de um jeito curioso sempre que eu saía pela porta dos fundos para ir ao laboratório do vovô. Viola estava conosco desde sempre — desde antes mesmo de Harry nascer — tocando seu sino na porta dos fundos para chamar para o jantar quem estivesse trabalhando fora, e depois batendo em um pequeno gongo de latão ao pé da escada (que a mãe achava mais refinado para dentro de casa) para avisar àqueles que estivessem no andar de cima, nos quartos. A mãe teria gostado que ela também usasse o gongo lá fora, mas com meus irmãos e comigo espalhados desde a beneficiadora até o rio, nunca o ouviríamos. E esperava-se que chegássemos pontualmente ao jantar, lavados, escovados ou coisa assim.

Eu nunca tinha pensado sobre de onde Viola teria vindo: ela tinha sempre estado ali, amassando rosquinhas, descascando maçãs, preparando assados enormes no inverno e fritando montanhas de frango no verão. Ninguém, nem mesmo a mãe, metia-se com ela no reinado da sua cozinha. No intervalo das refeições, podia ser vista inspecionando as galinhas, os porcos ou a horta, para ver qual seria o próximo item do cardápio, ou sentada à mesa da cozinha com uma caneca lascada de café junto ao cotovelo, descansando antes da próxima refeição gigantesca.

Devia estar na faixa dos quarenta. Era bonita, rija, usava sempre um vestido tingido, um avental comprido e um lenço limpo para prender o cabelo. Era magra, mas tinha uma garra

surpreendentemente poderosa quando agarrava seu braço para forçar sua atenção. Vivia sozinha nas antigas dependências dos escravos, depois do laboratório do vovô, e embora ali tivesse abrigado uma dúzia de escravos, era do tamanho perfeito para uma pessoa. Em alguma época, foi instalado um assoalho simples de tábuas sobre a terra batida. Havia um fogão de lenha para o inverno e uma pia de zinco com bomba própria.

A pele de Viola não era mais escura do que a minha no final do verão, embora ela tomasse cuidado para ficar longe do Sol, enquanto eu não me incomodava. Ela era apenas um quarto negra, mas isso fazia dela o mesmo que fosse pura. Acho que ela poderia ter “passado” em Austin, mas isso era um negócio terrivelmente arriscado. Se a pessoa fosse desmascarada, podia acabar sendo espancada, presa ou mesmo coisa pior. Uma mulher com um oitavo de ascendência negra, em Bastrop, passou por branca e se casou com um fazendeiro branco desqualificado. Três anos depois, ele descobriu sua certidão de nascimento em um baú, e a atacou com um garfo de lavoura até a morte. Ficou dez meses preso na cadeia da comarca.

Viola e minha mãe tinham um bom relacionamento, e eu nunca vi nenhum desrespeito entre elas. Acho que a mãe realmente apreciava a enormidade de comida três vezes por dia para tantos meninos famintos, e sabia que nossa família iria à deriva sem seus serviços. A porta vaivém entre a cozinha e a sala de jantar era mantida aberta, exceto quando tínhamos convidados para o jantar. Ao passar, dava para avaliar o progresso da próxima refeição — e o humor de Viola — pelo nível do barulho das panelas.

Às vezes, as duas sentavam-se na cozinha para discutir as refeições e conferir as despesas da casa. A mãe assegurava-se de que Viola tivesse uma boa metragem de algodão novo no verão, e de flanela no inverno, juntamente com seu salário semanal. A mãe também dividia velhos exemplares de famosas revistas de moda com ela, e apesar de Viola não saber ler, gostava de folheá-las e de se manifestar a respeito dos últimos e obscenos modelos de Paris. No seu aniversário, ganhava um dólar de prata; no Natal, o presente era rapé. Viola não cheirava rapé com muita frequência, mas precisava de uma pitada generosa antes de fazer sua magnífica torta de limão com merengue, uma maravilha feita com creme de limão azedo coberta com claras, a que ela dava vida batendo com sua colher de pau em um doloroso exercício de dez minutos que a deixava arfando e exausta.

Todas as vezes que eu a via cheirando rapé, ela me dizia: — Menina, é um hábito péssimo. Se você começar a usar, eu te tiro o couro — era a única vez em que ela me ameaçava; geralmente a gente se dava bem, mas não tão bem quanto ela e Harry. Ele sempre tinha sido o seu preferido; também, sendo tão bonito, charmoso e tudo mais.

Sua outra companhia predileta era Idabelle, a Gata de Dentro de Casa, cujas funções passavam pela cozinha, pela despensa e pela lavanderia, e cuja tarefa era manter os camundongos longe da lata de farinha. Viola se importava com ela, o que era estranho, uma vez que mal tolerava os outros gatos — os Gatos de Fora — e às vezes os punha para correr com sua vassoura. Idabelle era uma gata vira-lata gorda, calma, que trabalhava bem, e embora tivesse a própria cesta em um canto ao lado do fogão, às vezes vagava pelo andar de cima para ir dormir sobre seu travesseiro, enrolando-se em volta da sua cabeça como um chapéu de pele ronronante. Aquilo era maravilhoso no inverno, mas insuportável no verão, quando era posta para fora muitas vezes, para grande satisfação dos Gatos de Fora.

Os Cachorros de Fora podiam, normalmente, ser encontrados na varanda da frente ou presos perto do celeiro, dependendo do tamanho da bagunça que faziam entre eles, qualquer que fosse o dia. Ajax, o líder, sempre agradavelmente exausto com sua sina, passava os dias cochilando na varanda, abandonando ocasionalmente seus sonhos para mordiscar uma pulga antes de voltar a adormecer com um forte suspiro de felicidade. Gosto de pensar que ele sonhava com patos e pombos, esperando a estação de caça, quando entraria em ação e trabalharia duro durante umas duas semanas como, bem, como um cachorro.

Ajax tinha outra razão para se sentir feliz com sua sorte. De todos os cachorros, era o único Cachorro de Dentro. Os outros, Homero, Herói e Zeus, eram estritamente Cachorros de Fora. Todos eles sabiam disso, mas o fato não os impedia de entulhar a porta da frente com grande animação todas as vezes que ela se abria, toda santa vez, apesar de que nunca — jamais — fossem autorizados a entrar. Eu amava essa particularidade especialmente pura dos cachorros: apesar de toda uma vida de acesso negado, eles nunca perderam a esperança.

Não há dúvida de que os Cachorros de Fora achavam que Ajax levava a vida de um cachorrinho mimado, uma vez que passava pela porta mágica. Eles não entendiam que nessas ocasiões esporádicas, quando ele era considerado suficientemente limpo, suficientemente seco e suficientemente livre de pulgas para entrar em casa, era confinado a um canto no saguão da frente e proibido de entrar na sala de visitas ou de subir a escada. Ainda assim, havia uma clara hierarquia baseada nessa acomodação, e ele a impunha sobre os outros. Os cães eram todos pacíficos e tolerantes (o pai não os manteria por lá se não fossem), e meus irmãos mais novos podiam engatinhar sobre eles desde que não puxassem suas orelhas com muita força. Quando isso acontecia, eles — os cães — se retiravam de cena, submissos, e saíam furtivamente para longe do alcance, sob a varanda. Às vezes, ficavam farejando em volta do laboratório e,

embora vovô parecesse gostar deles, nunca os deixou entrar. Pensando nisso, chego à conclusão de que ele também nunca deixou que ninguém entrasse lá, a não ser eu.

CAPÍTULO 5

Destilações

Vimos que, através da seleção, o homem pode com certeza obter grandes resultados, e pode adaptar seres orgânicos a seu próprio uso... A Seleção Natural, porém... é uma força continuamente pronta para entrar em ação, e é tão incomensuravelmente superior aos frágeis esforços do homem quanto as obras da Natureza em relação às obras de arte.

Certa noite, quando me juntei ao vovô no laboratório, descobri que ele tinha conseguido uma espécie de avanço com seu licor. Segurava uma pequena ampola contra a luz e olhava para ela, especulando.

— Calpúrnia —, ele disse — acho que podemos ter uma coisa quase bebível aqui. Não estou dizendo que seja boa, veja bem, mas já não é de dar náuseas. Aquelas outras coisas — ele apontou para as fileiras de garrafinhas fechadas —, só prestam, até onde sei, para esfregar fundos de balsa imundos. Agora, essa aqui não está exatamente boa, ainda não, mas...

— Por que essa ficou melhor? — perguntei.

— Eu filtrei a quarta destilação em uma mistura de carvão, cascas de ovo, cascas de pecã e grãos de café. Acho que vou colocá-la no carvalho por um tempo e ver o que acontece.

Uma vez que nenhuma das outras tentativas tinha sido considerada apropriada para ser conservada daquela maneira, aquele era um grande passo. Ele a despejou em um barril de carvalho em miniatura, mais ou menos do tamanho de um pão de forma.

— Desculpe-me — ele disse, virando-se para mim. — Eu me esqueci de oferecer um pouco para você. Quer experimentar e me dizer o que acha?

Entregou-me uma dose mínima, do tamanho de um dedal. Cheirei-a com cuidado. Cheirava forte a pecãs, o que me tranquilizou, e vagamente a alguma outra coisa um pouco parecida com

querosene, o que teve efeito contrário. Acho que ele tinha se esquecido de que eu era só uma menina de praticamente-doze-anos.

Vovô disse: — Fica mais fácil se você tampar o nariz e beber de uma vez.

Apertei o nariz e joguei a substância pela minha garganta.

Agora, eu lhe digo, existe uma razão para aquilo ser chamado aguardente. Explodi no pior ataque de tosse do mundo, enquanto o líquido abria um buraco no meu esôfago. Senti como se tivesse entrado em combustão espontaneamente. Acho que devo ter caído no chão, mas não me lembro de verdade, porque estava tossindo demais. O que eu me lembro é do vovô me colocando no braço da sua poltrona e batendo nas minhas costas durante vários minutos, até que eu pudesse voltar a respirar. Ele me olhou consternado, enquanto minha tosse diminuía, transformando-se em engasgo e, finalmente, em fortes e dolorosos soluços.

Ele me observou. — Você está bem? Imagino que ainda não tenha aprendido a suportar uma bebida. Tome — ele disse, tirando uma bala de hortelã do bolso do seu colete. — Isso vai fazer você se sentir melhor.

Confirmei com a cabeça, solucei e chupei com energia a bala, enquanto lágrimas me desciam pelo rosto e meu nariz escorria descontroladamente.

— Ah, querida — ele disse. Tirou um enorme lenço branco do bolso e o levou ao meu nariz. — Assoe — regurgitei e de certa forma me senti melhor. Ele me deu um copo de água da garrafa que mantinha à mão para tirar o gosto dos experimentos.

— Vamos, vamos — ele batia nas minhas costas. — Bom —, ele disse — tenho de colocar minhas observações no registro. E você, como minha colaboradora, também deve fazer uma nota sobre este memorável dia.

Ele trouxe um lampião para perto e escreveu no livro de registro pautado, sua pena de aço raspando a página. O livro estava cheio das minúcias de suas inúmeras tentativas frustradas. Depois, ele me passou a pena. — Tome, anote a data e a hora, suas observações nesta coluna e depois ponha sua assinatura embaixo.

Na minha aula de caligrafia na escola, tínhamos recentemente evoluído do lápis para a tinta. Tive medo de fazer um borrão, mas escrevi, não de todo mal, considerando meu recente trauma:

Tentativa #437: 21 de julho, 1899. Ficou muito boa.

Calpúrnia Virginia Tate.

Vovô olhou meu comentário. Solucei.

— Calpúrnia — ele disse, olhando para mim —, como cientista, você tem de ser verdadeira em suas observações.

Ele tornou a me passar a pena. Escrevi na linha seguinte:

Pode provocar um pouco de tosse.

Não era um comentário inspirado nem inspirador, admito. Na verdade, aquilo quase tinha me matado, mas seria difícil escrever isso. Vovô girou o livro de registro para olhar aquilo e sorriu.

— De fato —, ele disse — a culpa é minha. Acho que é melhor concordarmos em não contar para Margaret ou Alfred sobre isso. Infelizmente, eles não entendem os princípios da pesquisa científica, ou os sacrifícios que uma pessoa tem de estar preparada para fazer.

Olhei para ele atônita, pensando: *Contar para meus pais? O senhor ficou maluco? Antes tomar um galão inteiro desse troço.*

Então, ouvimos Viola tocando o sino na porta dos fundos. Era hora de se lavar para o jantar. Estava sentindo a cabeça um pouco tonta. Solucei de novo, e nos entreolhamos.

— Tome — ele disse. — É melhor você chupar mais uma bala.

Fomos para a casa e consegui lavar as mãos e trocar meu avental por um limpo sem ser notada. Entramos na sala de jantar em fila. O pai puxou a cadeira da mãe, e todos nós nos sentamos. SanJuanna entrou e esperou junto ao aparador para servir. Meu pai começou a oração e todos nós abaixamos a cabeça.

— Pai Celestial, nós vos agradecemos pela...

Ic.

Esse foi silencioso e poderia ter escapado sem ser notado, se não fosse pelos meus irmãos desprezíveis. Travis e Lamar cochicharam e se mexeram, e Jim Bowie me deu uma espiada por sobre a ponta formada por suas mãos. A mãe lançou-lhes uma olhada e eles se acalmaram.

— Pela generosidade de vossa colheita temporal e por essa comida, que...

Ic.

Meus irmãos riram.

— Calpúrnia. Meninos. Parem com isso — sibilou a mãe.

— Sinto muito, mãe —, disse baixinho. Eu sabia que bem lá no fundo estava se formando mais um e não dava para fazer grande coisa a respeito mas, mesmo assim, preendi a respiração e lutei com todas as minhas forças.

— Que nos alimenta através da graça de Nosso Senhor...

E ele veio, um enorme dessa vez.

Ic.

Ah, como meus irmãos riram. Vovô olhou para o teto com interesse.

— Jesus Cristo! — disse o pai confuso.

A mãe jogou seu guardanapo na mesa. — Chega! — gritou. — Que raios deu em você? Foi criada em um curral? Vá já para o quarto. E o resto de vocês se controle ou também vão para cima. Nunca *ouvi* um comportamento tão lamentável durante as graças. E ainda por cima em minha família.

Eu queria explicar que não dava para segurar, que não tinha feito de propósito, mas aquilo significaria revelar meu segredo e de vovô, e eu preferia morrer dura e seca a contar. Quando me levantei da mesa, vovô analisava o castiçal e alisava o bigode com seu dedo indicador.

Passei por trás da cadeira da mãe e ela perguntou: — Que cheiro é este?

— Hortelã — resmunguei e continuei andando. Sentia-me engraçada e com uma necessidade urgente de tirar um cochilo. Subi a escada com esforço e pude ouvir o pai recomeçando a oração. Fechei-me no quarto e subi na minha cama alta de latão.

Devo ter pegado no sono porque acordei algum tempo depois com meu próprio ronco. O sol tinha se posto e pude ouvir meus irmãos mais novos se preparando para dormir, então deduzi que seriam por volta de oito horas. O fogo nas minhas entranhas tinha de certo modo se amainado. Sentei-me e percebi que estava faminta. Tinha mais uma hora até minha hora de dormir. Será que conseguiria chegar à despensa sem ser vista pela mãe? Era arriscado. Não teria tanta importância se um dos meninos me visse, provavelmente eles não me trairiam. Eles sabiam que se deixassem isso passar, conseguiriam um passe livre para eles, quando precisassem.

Uma batida de leve na porta interrompeu meus planos. Seria a mãe vindo me dar uma bronca ou Harry vindo me salvar? Nenhum dos dois. Era Travis, o de dez anos, segurando um

filhote de sua nova ninhada de gatos, todos eles com nomes de pistoleiros, foras da lei, e outros de baixa reputação. — Olhe — ele cochichou, enquanto enfiava a criatura peluda em minhas mãos. — Eu te trouxe o Jesse James. É o melhor. Vai ser uma boa companhia para você — depois, saiu ventando pelo corredor, não querendo ser pego conversando com uma prisioneira condenada.

Jesse James era algum consolo, pelo menos. Levei-o de volta para a cama e ele ronronou sob meu queixo e pressionou meu ombro com as patas. Justamente quando eu estava cochilando, houve outra batida na porta. Dessa vez era vovô, parecendo solene. Ficou parado à porta, segurando dois livros grossos.

— Uma coisinha para você ler no seu exílio — ele disse.

— Obrigada — respondi, e fechei a porta enquanto ele ia para o próprio quarto.

Por que ele estava me trazendo livros em uma hora dessas? Eu estava morrendo de fome e muito irritada para ler, embora o primeiro deles, *Grandes esperanças*, promettesse. O segundo *Princípios da economia agrária sulista*, não. Contudo, ele estranhamente não me dava a sensação de ser um livro. Acontece que não era mesmo, mas uma caixa de madeira astutamente esculpida e pintada para parecer um volume encadernado a carneira. Estranho. Revirei-o e encontrei a trave e a caixa se abriu. Dentro havia um pacote de papel-manteiga com um volumoso sanduíche de rosbife. Peguei o sanduíche e o *Grandes esperanças* e me afundei na cama com a mais profunda sensação de luxo. Ah! Cama, livro, gatinho sanduíche. Tudo o que uma pessoa precisava na vida, realmente.

Meia hora depois, o pai bateu na porta chamando baixinho: — Callie? — eu queria ficar sozinha com Pip, então enfiei o livro debaixo das cobertas com Jesse James, que miou em protesto. Virei-me para a parede e fingi que estava dormindo. O pai entrou. Tive a sensação estranhíssima de que ele queria dizer alguma coisa, talvez uma coisa importante. Depois de um pouco ele saiu, mas não antes de apagar meu lampião, o que me irritou muito, porque nenhum de nós, a não ser Harry, podia ter fósforos no quarto. Não havia mais nada a fazer a não ser dormir. Além disso, no dia seguinte eu teria aula de piano, e sempre era uma boa ideia estar descansada e em boa forma para não provocar a senhorita Brown.

Fiquei ali, deitada, revendo meu dia enquanto pegava no sono. Minha garganta ainda queimava, mas eu estava cheia de gratidão de que, com todos aqueles irmãos, eu era a primeira a beber álcool. Acho. Mais tarde descobri que o tônico de saúde da mãe, seu Composto Vegetal de Lydia Pinkham para mulheres, tinha quase 20% de álcool.

CAPÍTULO 6

Aulas de música

É muito difícil ter sempre em mente que o aumento de todo ser vivo está sendo constantemente checado por imperceptíveis ações prejudiciais...

O verão passou lentamente e encontrei alívio no frescor do rio e na penumbra do laboratório do vovô. Minha Caderneta de anotações progredia lindamente, cada página preenchida com muitas questões, uma resposta ocasional e desajeitadas ilustrações de várias plantas e animais. Contudo, apesar da exigência de minhas novas atividades, não fui liberada de minhas aulas de Música.

Nossa professora de piano, senhorita Brown, parecia um graveto fino e seco, mas sabia manejar a régua com muito gosto, quando achava que ninguém estava olhando. Às vezes acertava as articulações dos meus dedos com tanta força, que minhas mãos se chocavam contra as teclas, fazendo explodir um feio acorde dissonante no meio da minha peça. Fico pensando se minha mãe, sentada com sua cesta de costura do outro lado das portas de correr, então fechadas, chegou a ficar intrigada com aqueles barulhos assustadores. Por alguma razão, não contei a ela sobre os ataques da senhorita Brown. Por quê? Acho que eu tinha a sensação de que algo vergonhoso da minha parte — não sei o quê — pedia esses violentos atos pedagógicos. E é verdade que a senhorita Brown não me atacava por acaso. Sua violência fervia quando eu ficava perdida procurando por onde ir em meio ao bosque de notas que andara atravessando sem erro durante toda a semana. (É claro que a régua suspensa no ar não ajudava). Eu era o pior tipo de covarde; fervia em silêncio e nunca disse nada para ninguém. E por que motivo apenas Harry e eu tínhamos de passar pelo sofrimento dessa miserável imposição semanal de cultura? Meus outros irmãos ficavam livres e soltos.

Aprendi a tocar Stephen Foster para o pai e Vivaldi para vovô, que também gostava de Mozart. Ele se sentava na sala de visitas, às vezes lendo, às vezes com os olhos fechados, durante o tempo em que eu estivesse tocando. A mãe gostava de Chopin. A senhorita Brown gostava de escalas.

Mais tarde houve os *rags* de Scott Joplin, que aprendi sozinha. Eles deixavam a mãe à beira de um ataque, mas eu não me importava. Era a melhor música que eu e meus irmãos já tínhamos escutado, com uma sucessão de acordes estupendos e um eletrizante ritmo irregular que fazia com que a plateia se levantasse e dançasse. Todos os meus irmãos vinham correndo quando eu tocava os primeiros compassos de *The maple leaf rag*. Eles se movimentavam com tanto exagero pela sala de visitas, que a mãe temia pelas próprias pinturas na parede. Depois tivemos um gramofone, e aí eu também podia dançar. Meus irmãos mais novos adoravam operar a máquina e imploravam para que fosse sua vez, mas era preciso vigiá-los, eles eram um perigo com a manivela.

A música favorita de Jim Bowie era *Kitten on the keys*. Ele punha à força um dos gatos atormentados sobre o teclado e o convencia, com um pedaço de presunto, a andar para lá e para cá. JB achava que aquilo era uma brincadeira incrível. Quando se tem cinco anos, acho que é. Como era de esperar, isso fazia a mãe subir pelas paredes (e eu também, embora nunca tenha admitido isso), o que, é claro, contribuía para o prazer de JB. A mãe frequentemente tinha de recorrer a umas duas colheres de sopa do seu Lydia Pinkham. Sul Ross uma vez perguntou a ela se eu também tomaria o composto quando crescesse e fosse uma dama, e ela respondeu misteriosamente: — Talvez Callie não precise.

Na cozinha, Viola cantava como contralto, junto comigo, *Hard times come again no more*, mas se recusava a ouvir Scott Joplin. — Música para selvagens — dizia com desprezo, o que me deixava perplexa.

Chegou o dia de a senhorita Brown apresentar seus alunos de piano em um recital realizado anualmente no Saguão dos Heróis Confederados em Lockhart. Pela primeira vez, ela me considerou bastante adiantada para ser incluída no programa. Para falar a verdade, foi só porque não consegui encontrar uma maneira de escapar por mais um ano. Harry tinha se apresentado durante seis anos seguidos e tinha me dito que era uma facilidade. Tudo o que tinha de fazer era evitar olhar para as luzes a gás da ribalta, pois a luz poderia cegar a pessoa e ela cair do palco. Eu também tinha de decorar uma peça de música. A senhorita Brown me deu as *Escocesas* de Beethoven, que, curiosamente, tinham acordes semelhantes aos *rags* de Joplin.

Ai, como a régua se movimentou com mais gravidade. — Pulsos para baixo! Dedos para cima! Tempo, tempo, tempo! — crau. Apreendi aquela peça em tempo recorde, e logo a estava tocando durante o sono. Não é preciso dizer que acabei detestando-a. Minha melhor amiga, Lula Gates, teve de decorar uma peça que levava o dobro do tempo da minha, porém, ela era dez vezes melhor pianista do que eu.

Para a grande ocasião, a mãe me fez um vestido novo, branco, de bordado inglês, com muitas camadas de anáguas duras que pinicavam. Não era um espartilho, mas com certeza podiam ser classificadas como uma forma de tortura. Reclamei muito e cocei minhas pernas com vontade. Eu também tinha um par de botas novo, de pelica, creme bem clarinho. Elas levavam uma vida para fechar com o gancho, mas depois disso eram bonitas e eu as admirava em segredo.

A senhorita Brown me ensinou a fazer uma reverência, segurando meu vestido para os lados e dobrando os joelhos.

— Não, não — dizia —, não segure a saia como um palhaço. Pense em criar asas, como um anjo. Desse jeito. Agora desça! Devagar! Não é para *afundar*, criança, você não é uma pedra — ela me fez praticar muitas vezes até ficar satisfeita.

Aí, tivemos de lidar com o Assunto do Meu Cabelo. A mãe tinha finalmente notado que eu parecia ter menos cabelo do que o esperado, mas expliquei que ele tinha embaraçado tanto durante o verão com aqueles horríveis carrapichos que eu tinha sido obrigada a picar os ninhos de rato, e depois cortar mais um tantinho para igualar tudo. Ela ficou com a expressão concentrada ao ouvir aquilo, mas não disse nada. Pediu ajuda a Viola. Juntas, passaram um bom tempo escovando, trançando e conversando, como se eu nem mesmo estivesse no quarto. Eu não sabia que era possível passar tanto tempo fazendo penteados. É claro que eu não podia reclamar demais, porque todas nós entendemos que aquele era meu castigo por cortá-lo e também só uma prova.

Depois, elas me lambuzaram com o Nutritivo para um CABELO FANTÁSTICO, GARANTIA no RESULTADO DE CACHOS BRILHANTES, e me puseram ao sol para assar por mais uma hora, com aquela gordura sulfúrica revoltante na cabeça. *As mulheres têm de passar por isso?* pensei.

O que tornou aquilo suportável foi que vovô ficou com pena da minha situação miserável e me trouxe um dos seus livros, *A flora e a fauna fascinantes dos antípodas*. A ilustração de um canguru mostrava um filhote espiando de dentro da bolsa. (Questão para a Caderneta: *Por que as pessoas não têm bolsas?* Uma maneira muito conveniente de manter um bebê por perto. Tentei imaginar a mãe com JB. em uma bolsa. Resposta: *Ele nunca caberia sob o espartilho*).

Tive vontade de ver um canguru. E um ornitorrinco, um mamífero que parecia um cruzamento bizarro entre, ah, digamos, uma lontra e um pato. Considerando que eu tinha tido a grande sorte de ver um hipopótamo em um circo itinerante em Austin, talvez meus desejos não fossem tão esquisitos. Encarei minhas chances e aticei uma brasa fraquinha de esperança em meu coração, enquanto ficava ao Sol, fumegando como um fósforo gigante.

Por fim, elas me puseram na banheira e se revezaram despejando baldes de água em cima de mim. Depois, esfregaram minha cabeça até ficar limpa e prenderam meu cabelo em papелotes com trapos de algodão que se projetavam para fora por todo canto, como um pavoroso trabalho de bandagem. Eu estava com cheiro de ácido sulfúrico e parecia uma vítima da guerra. Eu era uma aparição do Infe...o.

O pobre Jim Bowie caiu no choro quando me viu, e tive de sentá-lo no joelho e convencê-lo de que não estava mortalmente ferida. Sul Ross me chamou de boneca de trapo, até que o peguei e me sentei em cima dele. Lamar caçoou de mim e até Harry sorriu. Não havia nada de que eu gostasse mais do que ser motivo de divertimento para meus irmãos.

Naquela noite, não dormi bem com os calombos dos trapos. Acordei lenta e mal-humorada na manhã seguinte. A mãe resolveu que não tinha sentido terminar meu cabelo antes de irmos para Lockhart, então passei pela indignidade adicional de ter de usar uma enorme touca embabadada sobre os trapos até chegar lá de carroça. Minha cabeça estava enorme. Eu parecia deformada, parecia o irmão de Lula Gates, o pobre e velho retardado Toddy Gates, que tinha água no cérebro. (Questões para a Caderneta: *De onde vem a água do cérebro de Toddy? Será que a senhora Gates bebeu demais enquanto estava grávida dele?*). Rezei para não encontrarmos ninguém que eu conhecesse, e depois me senti culpada por desviar a atenção de Deus de assuntos sérios para o que seria, afinal de contas, apenas uma questão de vaidade. Reconheço que fui ficando mais nervosa à medida que nos aproximávamos de Lockhart, mas Harry ficava me dizendo que seria moleza.

Dirigimos a carroça junto à entrada e, antes que os cavalos tivessem parado completamente, pulei e dei a volta correndo até a porta dos fundos, antes que pudesse atrair uma multidão. A mãe e Viola vieram atrás, com uma cesta cheia de grampos, fitas e pinças. Elas me colocaram em um banquinho e começaram a trabalhar em cima de mim, arrancando os trapos da minha cabeça. Havia várias outras meninas sofrendo o mesmo tipo de tortura, então não foi tão ruim quanto eu temia. A senhora Ogletree até enfeitou o pequeno Georgie, em quem ela tinha se esmerado com um terno verde de veludo do Pequeno Lorde. Ele se agitava excitado em seu banquinho, os cachos loiros em espiral batendo em seu colarinho de cambraia.

Lula tremia e agarrava um balde de lata junto ao peito, parecendo que ia vomitar a qualquer momento. As gêmeas idênticas, Hazel e Hanna Dauncey, eram um interessante e idêntico matiz de verde acinzentado. A visão de todo esse desconforto dos outros me animou.

A senhorita Brown surgiu usando um vestido comprido novo e inapropriado, e batendo as mãos para chamar atenção: — *Crianças! Mães! Atenção, s'il vous plaît.*

Imediatamente fez-se total silêncio. Não havia um pio, um chiado, um farfalhar, nem mesmo de Georgie, que parou de se contorcer. Percebi que a senhorita Brown tinha com todos os seus alunos a mesma atitude ameaçadora que tinha comigo. *Ora vejam, pensei, aposto que ela estapeia todos nós. Harry provavelmente não, mas todos os outros. Então não é só comigo. Bom.*

— Em dez minutos vocês vão fazer uma fila — disse a senhorita Brown — do mais jovem ao mais velho, e vão entrar no auditório atrás de mim em ordem — *em ordem*. Vocês vão, então, sentar-se na fileira de cadeiras no fundo do palco, até chegar sua vez de tocar. Sem conversa. Sem se mexer. E, *principalmente*, sem empurrar. Ficou claro? — mudos acenos de concordância em toda a volta.

— Não se esqueçam de fazer a reverência depois de sua apresentação. Mães, dez minutos — ela se virou e saiu, jogando sua cauda para trás em um único movimento habilidoso. Viola e a mãe tornaram a se jogar sobre mim com violência, batendo e virando meu cabelo com escovas e pinças. Por fim, afastaram-se para admirar sua obra.

— Pronto — disse a mãe —, você não está parecendo uma pintura? Eu não a reconheceria. Veja — estendeu-me um espelho.

Eu também não teria me reconhecido, tendo em vista a elaborada pilha estrutural construída na minha cabeça. Sobre a minha testa, erguia-se um íngreme penhasco de cabelo, que depois se lançava em um complicado arranjo pontudo na coroa, tudo reunido sobre três pontões de cabelo ao longo de cada têmpora; puxada para trás, havia uma cascata solta de cachos volumosos que desciam pelas minhas costas. Essa maravilha vinha arrematada com o maior laço de cetim rosa do mundo. A mãe e Viola pareciam muito satisfeitas. Não se deram ao trabalho de pedir a minha opinião, então não precisei dizer que achava que estava... um horror.

— Viu como você está bonita? — perguntou a mãe.

Minha mão subiu lentamente para o cabelo.

— Não toque nisso — disse Viola. — Não se atreva. Juntou os instrumentos que tinham levado, enquanto a mãe engatava numa conversa com a senhora. Gates.

Peguei Lula de lado e cochichei: — Ei Lula, você está bem?

Ela me encarou com seus enormes olhos de avelã e fez que sim, mas não falou — não conseguia falar. Reparei, com inveja, que tinha escapado de um serviço drástico de cabeleireiro: o cabelo loiro prateado estava preso às costas em duas tranças soltas e bem-feitas. Tentei animá-la para que não ficasse em pânico. Cutuquei-a e cochichei: — Lula, veja o que elas fizeram com o meu cabelo. Está péssimo, não está? — os lábios de Lula estavam travados. Respondeu com um longo e trêmulo suspiro pelo nariz. Eu tinha a sensação de que ela não se lembrava de como falar inglês.

— Lula —, eu disse — vai dar tudo certo. Você tocou aquela peça um milhão de vezes. Respire fundo mais algumas vezes. E se isso não funcionar, bem, sempre existe o balde.

Olhei em volta. Harry estava à frente de um espelho no canto, encharcando-se de brilhantina de lavanda e meticulosamente repartindo o cabelo com um pente, vezes seguidas. Eu nunca o tinha visto tomar tanto cuidado com sua aparência. Sendo o aluno mais velho, tocaria no final, mas teria de se sentar no fundo do palco e sofrer com o restante de nós até chegar sua vez.

A senhorita Brown voltou e recebemos as últimas advertências de nossas mães antes de elas saírem. As últimas instruções que recebi me foram sussurradas por Viola: — Não toque no cabelo. Estou avisando.

Fizemos fila em silêncio. Ninguém falava, nem se mexia, nem empurrava. Harry me deu uma piscada do final da fila. Lula tremia na minha frente, sacudindo-se até a ponta das tranças.

— Lula —, disse a senhorita Brown franzindo o cenho — você precisa largar esse balde — Lula não se mexeu. — Calpúrnia, tire o balde dela. Dei um tapinha no ombro de Lula e disse: — Entregue ele para mim, Lula. Está na hora — ela me encarou em um apelo mudo. Acabei arrancando-o de suas mãos úmidas.

A senhorita Brown disse: — Crianças, chegou a hora de vocês se comportarem com perfeição. Queixos para *cima*. Peitos para *fora*.

Abriu a porta lateral para o auditório e marchamos atrás dela para o que parecia uma chuva forte em um telhado de zinco. Eram os aplausos e Lula se encolheu como um cervo assustado. Por um momento, pensei que fosse fugir. Fiz uma série de cálculos rápidos e complexos sobre as possibilidades de a culpa me ser atribuída, caso ela escapasse, mas a boa e velha Lula aguentou firme e permaneceu na fila.

Então, vi a senhorita Brown flutuando majestosamente para cima no começo da fila. Por quê? Como? O que estava acontecendo? Levei um segundo para me lembrar de que havia mais

ou menos uma dúzia de degraus até o palco, onde ela estava subindo.

Degraus! Tinha me esquecido de que havia degraus. Centenas e centenas de degraus. Já os tinha visto antes, mas não faziam parte de minha prática mental; não os tinha exercitado no olho da minha mente. Meus tornozelos começaram a tremer, e me senti quente e fria por todo o corpo. Lula deslizou para cima na minha frente, sem nenhum problema aparente. Segui-a apavorada e, de algum modo, consegui chegar lá em cima sem cair de cara, e depois me impedi bem a tempo de olhar nas ofuscantes luzes da ribalta que assinalavam a beira do precipício. Chegamos às nossas cadeiras e o aplauso morreu como uma tempestade que passa.

A senhorita Brown foi até a beirada do palco e fez uma reverência para a plateia. Fez um pequeno discurso sobre a esplêndida ocasião, sobre os avanços que a Cultura vinha fazendo no distrito de Caldwell, ah sim, e como as cabecinhas e os dedos se beneficiavam da exposição aos Grandes Compositores, e como esperava que os pais ali presentes apreciassem seu árduo trabalho em moldar seus filhos para prezar as Coisas mais Requentadas da Vida, pois ainda estávamos vivendo, afinal de contas, quase na beira da Fronteira Selvagem. Sentou-se sob mais aplausos e, então, nós nos levantamos, um por um, em variados níveis de segurança equivocada ou terror paralisante.

Preciso lhe contar o que aconteceu? Foi um massacre. Preciso lhe contar que Georgie caiu de costas do banco do piano, antes de tocar uma única nota, e teve de ser retirado às pressas, gritando, para os braços de sua mãe; que Lula tocou perfeitamente e depois vomitou com violência assim que terminou; que o pé de Hazel Dauncey escorregou do pedal no silêncio total antes de começar, enchendo o auditório com uma reverberação intensa *tóiiiiiiiiiiiiimmmm*; que Harry tocou bem, mas ficou olhando para certo ponto da plateia sem que, a meu ver, houvesse uma razão; que eu toquei como um mecanismo de corda, com dedos de madeira, e me esqueci da reverência até que a senhorita Brown sibilou para mim?

Não me lembro muito mais daquele dia. Consegui esquecê-lo. Contudo lembro-me de ter jurado na carroça a caminho de casa que nunca mais faria aquilo. Disse isso à mãe e ao pai, e deve ter havido alguma coisa em minha voz porque, no ano seguinte, apesar dos esforços formidáveis da senhorita Brown, distribuí os programas juntamente com Lula, que foi barrada do recital para sempre.

CAPÍTULO 7

Harry arruma uma namorada

Raças domésticas da mesma espécie... têm frequentemente uma personalidade de certo modo monstruosa... Com frequência diferem em um grau extremo em algum aspecto específico...

Logo depois do recital de piano, o perigo entrou na nossa vida e perseguiu minha família.

Devo ter me dado conta, vagamente, de que um dia Harry se casaria e teria a própria família, mas imaginei que, no mínimo, isso levaria décadas para acontecer. Afinal de contas, ele já tinha uma família, e éramos nós. Eu, especialmente. Seu próprio bichinho de estimação.

Por alguns dias depois do desastre em Lockhart, ele andou agindo estranhamente. Ficava olhando para o espaço com uma expressão idiota que dava vontade de dar um tapa nele. Não respondia quando falavam. Na verdade, mal parecia presente. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo, mas aquele não era meu querido e esperto Harry. Não, aquele era uma versão sua diluída e aguada.

Encurrelei-o na varanda e disse: — Harry.

— Hã?

— Harry! O que há de errado com você? Está doente? Qual é o problema?

— Humm — ele disse, e sorriu.

— Você está se sentindo bem? Precisa ir ao médico?

— Não se preocupe comigo. Estou bem. Na verdade, estou ótimo — ele disse.

— Então, o que é?

Ele sorriu misteriosamente e puxou um cartão de visitas do bolso, muito manuseado. Era um do modelo novo, que trazia um retrato. (“O auge da vulgaridade”, de acordo com a mãe).

E lá estava Ela. Uma moça (com certeza já não era uma menina) com olhos grandes e saltados; a boca elegantemente pequena, macia; uma haste longa e delgada como pescoço; e tal quantidade de cabelos recolhidos acima dele que parecia um pompom de dente-de-leão antes de ser decapitado pelo vento.

— Ela não é um espetáculo? — ele perguntou com uma voz congestionada que eu nunca tinha ouvido, e detestei de imediato. Detestei a *moça* também, porque a vi exatamente como era: uma feiticeira, uma harpia que dá o bote, uma comensal da carne de irmãos adorados. A Destruidora da Felicidade da Minha Família. Da *minha* felicidade. Olhei fixamente para essa aparição.

— Um espetáculo? — eu disse, zozza. Meu irmão estava evaporando na minha frente e eu tinha de descobrir uma maneira de impedir esse sequestro horrível. Meus pensamentos foram para todas as direções, como tropas indisciplinadas ao enfrentar seu primeiro tiroteio, e levei um tempo para organizá-los. Contudo, perante minha primeira batalha, eu precisava de um pouco de inteligência.

— Onde você a conheceu, Harry? — perguntei, inocente como qualquer espião.

Por um segundo, seus olhos perderam o brilho, e ele fraquejou. Eu tinha tocado em um ponto fraco, mas não entendi seu significado.

— Bom, hã, eu parei em frente ao jantar da igreja em Prairie Lea, na outra noite. Eles me viram na rua e me convidaram para uma visitinha.

Ah. Bom, havia duas igrejas em Prairie Lea: a batista, que era aceitável, e a Igreja Independente, que não era. Os Dissidentes locais eram considerados um grupo baixo e desprezível por muitas pessoas, inclusive pelos meus pais, ambos metodistas ferrenhos. (Vovô havia declarado que já tinha ouvido sermões demais para servirem pelo resto da vida, e agora escolhera passar suas manhãs de domingo vagando pelos campos. O Reverendo Barker, que gostava da companhia de vovô, parecia lidar bem com isso. Só a mãe é que parecia constrangida). E embora ela tivesse uma ou duas vezes recebido Dissidentes em sua casa, tinha a tendência a juntar todos, fosse justo ou não, com manipuladores de serpentes, pessoas que se atiravam ao chão babando e outros exemplos marginais das seitas de fundo de quintal.

Uma parte da minha mente que, até aquele momento, eu não tinha ideia de que possuía, tomou a frente e, como um grande general, impôs ordem geral. Preparei minhas armas,

inspecionei o terreno escolhi meu alvo. Podia ver a batalha à frente em tempo e espaço. Eu era o Grande Stonewall. Era o próprio General Lee!

— A igreja batista, Harry? — perguntei na maior doçura.

— Não — ele hesitou — A Igreja Independente de Prairie Lea.

Um alívio abençoado me percorreu. O inimigo estava em minhas mãos. — Ah, Harry — eu disse, com grande preocupação fraternal. — Ela é uma *Dissidente*?

— Correto. E daí? — ele disse inflexível. — E não os chame assim. São independentes.

— Você contou para a mãe e para o pai? — perguntei.

— Hum, não — ele parecia nervoso. Minha primeira descarga tinha atingido seu alvo. Então, ele olhou para o retrato, e o vi novamente todo sentimental.

— Quantos anos ela tem? — perguntei, avançando gradativamente. — Ela parece um pouco velha.

— Ela não é velha — ele disse indignado. — Só faz cinco anos que ela debutou.

Acrescentei cinco a dezoito, a idade típica das debutantes, e obtive o resultado esperado. — Ela tem *vinte e três anos* — eu disse chocada — e intimamente exultante. — Ela é praticamente uma solteirona. Além disso, você só tem *dezessete*.

— Isso não importa — ele disse. Arrancou o cartão da minha mão e saiu bufando.

Naquela noite, no jantar, Harry mencionou que ele poderia atrelar Ulysses ao trole e levá-lo para se exercitar.

— Por que você não vai montado? — perguntou o pai. — Você não precisa do trole.

— Faz um tempo que ele não põe os arreios. Vai ser bom para ele — disse Harry.

Hora de lançar minha próxima saraivada. Falei alto: — Você vai se encontrar com *ela*?

A mesa achou que era uma pergunta interessante e ficou em silêncio. Todos pararam de comer, exceto vovô, e olharam para Harry com interesse, até os meninos que eram pequenos demais para entender o que estava acontecendo. A mãe girou a cabeça, olhando primeiro para mim, depois para Harry. Vovô continuou calmamente entretido com sua bisteca.

Harry corou e me lançou um olhar penetrante para que eu soubesse que depois acertaria comigo. Ele nunca tinha me olhado daquele jeito. Havia algo próximo a hostilidade naquele olhar. O medo me percorreu. Fui tomada por um arrepio quente de cima a baixo.

— Encontrar ela quem? — perguntou a mãe.

A faca de vovô arranhou o prato. Ele deu umas batidinhas no bigode com o grande guardanapo de linho branco que lhe descia pelo peito e disse delicadamente para sua única

nora: — Pelo amor de Deus, Margaret. É “encontrá-la”, não “encontrar ela”. O verbo pede um pronome do caso oblíquo. Com certeza, a esta altura você já sabe disso

Analizou-a e disse: — Quantos anos você tem, Margaret? Imagino que deva estar perto dos trinta. Idade o bastante para não falar bobagem, eu acharia — ele disse, e voltou a atenção para seu jantar. Minha mãe, que tinha quarenta e um anos, ignorou-o.

— Harry? — ela disse, lançando-lhe um olhar penetrante. Os arrepios que corriam pela minha pele se juntaram em vergões rosa que coçavam. O futuro de nossa família estava por um fio.

— Tem uma garota — uma moça — no piquenique da Prairie Lea hoje à noite, que eu gostaria de levar para dar uma voltinha — Harry gaguejou. — Coisa rápida.

— E — disse a mãe, com uma voz gelada, — quem é exatamente essa moça? A gente conhece? Conhecemos sua família?

— O nome dela é senhorita Minerva Goodacre. A família mora em Austin. Ela está passando o mês com seus tios na Prairie Lea.

— E *eles* são...? — continuou a mãe.

O fio ficou tenso.

— O reverendo e a senhora Goodacre — disse Harry.

— Você está se referindo ao reverendo Goodacre da Igreja Independente da Prairie Lea? — perguntou a mãe.

O fio soltou um estalido e se esgarçou.

— É — disse Harry, corando ainda mais. Afastou-se da mesa e saiu rapidamente da sala, gritando sobre o ombro com uma voz de falso entusiasmo: — Então está certo. Não vou demorar.

O pai olhou para a mãe e perguntou: — O que está acontecendo?

A mãe reparou no restante de nós sentados de boca aberta e retorquiu: — Você às vezes é muito obtuso, Alfred. Depois a gente conversa.

Sentado ao meu lado, Sul Ross, que era rápido para a sua idade, começou a cantar: — Harry arrumou uma namorada, Harry arrumou uma na... — àquela altura, a mãe parecia um vulcão. Eu disse entre dentes: — Cale a boca, Sully — e dei uma cotovelada cruel em suas costelas inferiores.

Do nada, vovô disse: — Já estava mais que na hora, também. Aquele menino estava começando a me preocupar. O que tem de sobremesa? Uma das coisas interessantes nele era que nem sempre dava para dizer se estava presente ou não.

O jantar se arrastou eternamente. Qualquer que fosse a sobremesa, parecia cinzas em minha boca. Quando SanJuanna veio limpar a mesa, a mãe disse: — Vocês todos podem se retirar, menos Calpúrnia.

Os outros saíram às pressas, enquanto me afundei no meu lugar. O pai acendeu um charuto e se serviu de uma dose maior do que o normal de Porto. A mãe parecia querer tremendamente uma, e esfregou as têmporas.

— Agora, Calpúrnia —, ela disse — o que é que você sabe sobre essa... essa... moça?

Pensei na maneira como Harry havia me encarado. — Nada, senhora — eu disse, em toque de retirada e convocando meus batalhões o mais depressa que podia.

— Vamos, vamos. Com certeza ele te contou alguma coisa sobre ela.

— Não sei de nada — respondi.

— Pare com isso, Calpúrnia. Como é que você descobriu que ela existia? E o que está acontecendo com o seu rosto? Você está coberta de manchas.

— Harry me mostrou o cartão de visitas dela, só isso — eu disse.

— *Cartão de visitas* dela? — a voz da minha mãe subiu. — Ela tem um *cartão de visitas*? Quantos *anos* ela tem?

— Não sei de nada — respondi.

A mãe olhou para o pai e disse: — Alfred, ela tem um cartão de visitas — Meu pai pareceu interessado, mas não alarmado. Era óbvio que o significado disso lhe escapava.

Minha mãe levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. — Se ela tem um cartão de visitas, tem certa idade, e meu filho tem ido visitá-la sem contar para nós. Ele a está cortejando, e a gente nem mesmo a conhece. Ela é uma Dissiden... é uma Independente, Alfred.

A mãe voltou-se para mim: — Ela é uma Independente, não é? Diga para mim, Calpúrnia.

— Não sei de nada.

— Arre, criança inútil! Vá para o seu quarto e não diga uma palavra sobre isso para ninguém. Você está com urticária? Tornou a cair nas urtigas? Vá pegar um pouco de bicarbonato e faça uma compressa.

Escorreguei da cadeira e corri para a cozinha. Viola estava sentada à mesa, num leve descanso, enquanto SanJuanna bombeava água, preparando-se para atacar a montanha de pratos no balcão.

— A mãe me mandou buscar bicarbonato — murmurei.

— Deus do céu — disse Viola ao ver meu aspecto. — Como é que você ficou assim?

— Urtigas — menti. — Só preciso de uma compressa.

Viola ficou me observando e abriu a boca para falar, depois tornou a fechá-la. Levantou-se e salpicou um pano úmido com bicarbonato e me entregou sem dizer uma palavra. SanJuanna me olhava como se pudesse ser contagioso.

Subi a escada. Podia ouvir meus pais conversando na sala de jantar, a voz da minha mãe aguçada pela indignação, a do meu pai em um baixo tom de contemporização.

Sul Ross e Lamar estavam me esperando no patamar da escada e me seguiram até meu quarto.

— O que está acontecendo? O que aconteceu com Harry? O que é isso no seu rosto? Conte para nós.

Passei por eles correndo e entrei no quarto, golpeando o rosto com o trapo refrescante que formigava. O que eu tinha desencadeado? Alguma coisa que já não podia controlar. Eu era um comandante novato, chocado pela destruição que minhas tropas tinham produzido.

Naquela noite, fiquei acordada na cama esperando que Harry chegasse em casa. A meia-lua já ia alta quando ouvi o tilintar do arreio e o rangido do trole pelo passeio de cascalho. Prendi a respiração e esperei. A casa estava em um silêncio suspeito. Imaginei a mãe e o pai deitados na grande cama de mogno saturada de entalhes de querubins e frutas. Deviam estar bem acordados, pelo menos a mãe.

Saí da cama, calcei os chinelos e deslizei pelo quarto, tomando cuidado para não passar pela tábua do meio, que estalava como o tiro de uma pistola. Os degraus também eram notoriamente escandalosos, então recolhi minha camisola branca de algodão e escorreguei pelo corrimão, como tinha feito a vida toda. Era um transporte rápido e silencioso, mas calculei mal no escuro e brequei tarde demais, atingindo a pilastra quadrada com força suficiente para ganhar uma bela mancha roxa no traseiro que ia durar, no mínimo, umas duas semanas.

A Lua iluminou minha ida até o estábulo. Fui em silêncio até a porta e espiei lá dentro. Harry escovava Ulisses à luz da lanterna e murmurava uma canção que reconheci com um estremecimento como *Amo você de verdade*. Parecia muito feliz, feliz de uma maneira que eu nunca tinha visto.

— Harry — cochichei.

Ele se virou e ficou com a expressão dura. — O que você está fazendo aqui? — perguntou. — Vá embora. Vá para a cama. — continuou a escovar o cavalo.

Ah, aquele olhar.

Houve vezes, no passado, em que eu e ele tivemos algum problema sem grande importância, mas ainda que fossem períodos desconfortáveis, eles sempre passavam. Eu tinha a confortável segurança de saber que sempre seria sua favorita; tinha fé no seu amor e me envolvia nele como se fosse um cobertor. Aquilo, porém, era diferente. Eu basicamente lhe fizera mal tentando nos proteger, tentando protegê-lo. Não. Sendo honesta, tentando proteger a mim mesma. E senti o primeiro aperto gelado de angústia em torno do meu coração.

Surpresa, recuei do círculo de luz e fiquei sozinha sob a Lua. Um soluço me escapou. Virei-me e voltei cambaleando para casa com as pernas bambas. Consegui passar pela porta da frente, mas, em seguida, desmoronei nos primeiros degraus da escada.

Foi ali que Harry me encontrou meia hora depois, uma pilha compacta de tristeza, vestindo uma camisola de algodão branco, fungando no escuro, abalada demais para se mexer, tendo como companhia apenas Idabelle, que tinha vindo da cozinha. Pude vê-lo em pé, parado com as mãos no quadril.

— Me desculpe, Harry — murmurei.

— Há certos assuntos neste mundo que não são para crianças, são para adultos — ele respondeu.

Eu nunca tinha pensado em Harry como um adulto. Meus irmãos e eu sempre tínhamos sido crianças juntos, mas pela maneira como disse a palavra, eu soube que naquele segundo ele tinha atravessado alguma fronteira invisível para uma terra diferente, e nunca mais voltaria para nosso bando infantil.

— Não queria te meter em uma fria — gemi.

— Queria, sim. Não entendi por que você quis fazer isso comigo.

Eu queria gritar: Pela família! Por você! Bem lá no fundo, porém, eu sabia que era por mim, e estava envergonhada.

O relógio do vovô soou três vezes no escuro.

— Você deveria ir para cama — ele disse num tom seco.

Eu me agarrei no fato de que, apesar da frieza, essas palavras eram menos cruéis do que a maneira como ele tinha falado comigo no estábulo. Com certeza, tudo ficaria bem. Ele poria o braço em volta de mim, me levaria para cima e me poria na cama.

Contudo, não foi o que fez. Em vez disso, cochichou: — Eu gostaria que você não tivesse feito isso — e passou por mim subindo a escada, deixando-me para considerar o massacre do meu breve comando. Minha campanha tinha sido um sucesso e tinha me custado meu irmão. Só quando o relógio bateu quatro badaladas foi que consegui subir lentamente e me deitar.

Na manhã seguinte, estava tão cansada que não me levantei, fingindo doença e cochilando intermitentemente. Não foi difícil convencer a mãe de que eu estava doente, com a minha letargia e a urticária persistente. Ela e Viola mandaram um infalível suco de carne e cataplasmas de bicarbonato para o meu quarto. À tarde, cogitou-se em tônicos, purgantes e óleo de fígado de bacalhau, mas àquela altura dei um jeito de melhorar e tomar um pouco de caldo de galinha, evitando expedientes tão drásticos. Na nossa casa, qualquer criança que ficasse de cama mais do que um dia, recebia uma dose de óleo de fígado de bacalhau. Só essa possibilidade frequentemente produzia uma cura quase milagrosa.

Travis veio me emprestar Doc Holliday para me alegrar (Jesse James estava indisposto). JB subiu na cama e ficou aconchegado em mim por um tempo para fazer com que eu me sentisse melhor. Sul Ross trouxe um buquê de flores silvestres variadas para a minha mesa de cabeceira e, cheio de orgulho, mostrou-me a marca no seu tronco onde eu tinha dado a cotovelada. Não mostrei a ele minha própria mancha muito mais impressionante, por causa de sua localização indiscreta. Harry não me visitou.

Na manhã seguinte, descí cambaleante para o café da manhã. Fiquei aliviada ao ver que Harry pelo menos me deu uma olhada. Antes de sairmos da mesa e debandarmos pelo resto do dia, a mãe disse: — Sexta-feira à noite vamos ter convidados, portanto, todos vocês estejam prontos para uma examinada às seis e quinze.

— Droga — disse vovô. — Quem é dessa vez?

— Vê —, disse a mãe — nós nem sonharíamos em abusar do senhor, se já tiver assumido um compromisso.

A mãe sabia que vovô não tinha assumido nenhum compromisso, mas sempre havia o apelo do seu laboratório e a biblioteca. Minha mãe só podia ter esperança. Eu notava que ela nunca incentivava exatamente a presença de vovô nas suas reuniões noturnas, ou “*soirées*”, como as chamava. Ele sempre representava maneiras ultrapassadas, é claro, mas podia enveredar por tangentes estranhas e interessantes da conversa, que acho que a mãe nem sempre considerava conveniente em companhia educada. Fósseis, por exemplo, e se sua existência invalidava o *Livro do Gênesis*; os experimentos do irmão Mendel sobre reprodução sexual da ervilha de cheiro; a falácia do pus benéfico. Uma vez eu tinha visto minha mãe estremecer ao ouvi-lo expor a um grupo de senhoras a postura de acasalamento da ordem dos Opiliones, ou aranhas de pernas longas. Depois, houve suas profecias para o futuro, como um dia o homem construiria máquinas de voar e viajar para a Lua, prognósticos que eram recebidos com a

indulgência furtiva dispensada a velhos excêntricos, embora, secretamente, eu concordasse com ele e pudesse imaginar aquilo acontecendo dali a mil anos.

— Quem vai vir, senhora? — perguntou Sam Houston.

— Os Locketts, os Longorias, a senhorita Brown. O reverendo e a senhora Goodacre. E a senhorita Minerva Goodacre — respondeu a mãe, examinando sua faquinha de manteiga.

Hã-hã. Olhei para Harry, que também estava interessado nos seus talheres, estudando-os como se nunca os tivesse visto. Engoli com dificuldade. O que fazer? Consolei-me pensando que ainda tinha três dias para pensar nisso, meditando na minha tenda como Napoleão.

Nos dias seguintes, todas as vezes que eu passava por Harry na escada, sorria sem graça. Ele permanecia impassível. Resolvi interpretar o fato de ele não me olhar com o cenho carregado como um bom sinal.

Chegou a sexta-feira e eu ainda não tinha um plano. Em vez disso, lavei e sequei meu cabelo. Depois, dediquei-me à minha vaidade e melancolicamente contei cem escovadas no cabelo. Coloquei meu melhor vestido de tafetá e minhas botas de pelica, aquelas que eu tinha usado no recital de música, e amarrei uma fita azul-céu no cabelo, a cor que Harry mais gostava em mim. Desci para me reunir aos outros. Harry estava bonito e exalava os perfumes contrastantes da brilhantina e da água de colônia de *bay rum*. Uma excitação gritante fervia dentro dele, e ele se enterneceu a ponto de me dar um sorriso. Ficamos enfileirados no hall por idade, Sam Houston se engasgando, enquanto inalava os vapores vindos de Harry. A mãe desceu para nos examinar. Usava seu vestido de seda esmeralda com a cauda curta, um dos seus melhores, e a cauda fazia um som *uixi-uixi* enquanto ela andava. Olhou nossas botas, nossos dentes, nossas unhas.

— Calpúrnia, pelo amor de Deus — ela disse, — fique em pé, ereta. O que acontece com você? Jim Bowie, com essas unhas não vai dar. Parece que você andou cavando no jardim. Calpúrnia, vá com ele e dê um jeito.

Levei JB até o banheiro, agradecida por ter alguma coisa para fazer. Enquanto dava uma esfregada nele, ele perguntou: — Harry vai se casar? — aquilo me deixou tão perplexa que derrubei a escovinha de unhas.

— De onde você tirou essa ideia?

— Ouvi a mãe falando sobre isso. Harry vai embora?

— Espero que não, JB.

— Eu também.

Lidei com ele até que chegou o primeiro convidado, e tivemos de nos enfileirar novamente na porta da frente. Quando a senhorita Brown chegou, apertei sua mão e fiz uma profunda e pretensiosa reverência. Contudo, devo ter exagerado, porque a velha megera me deu um sorriso duro e disse: — Ora, alô, Calpúrnia. Não é que você está simplesmente *encantadora*, como sempre? — apertou minha mão com tanta força com sua garra poderosa que gani como um cão que foi pisado.

Pois é, a noite tinha começado maravilhosamente bem, e a senhorita Minerva Goodacre ainda nem tinha chegado.

Peguei uma bandeja de prata com ostras defumadas e as ofereci pela sala, mantendo-me atenta a quantas meus irmãos pegavam, como me instruíra Viola. Isso não era tão difícil, pois os mais novos davam uma olhada nas bolsas cinzas, enrugadas e brilhantes, e viravam o rosto com horror. Nem pagando eles poriam uma na boca. Harry movia-se furtivamente entre a sala de visitas e o hall, de maneira que pudesse observar a porta da frente para a grande chegada. Vovô surgiu com a barba aparada e o cabelo besuntado para baixo. Exibia uma rosa alaranjada na lapela. Exceto pelo paletó comido por traças, sua aparência era bem distinta.

Os Longorias chegaram e Travis levou suas crianças até o estábulo para mostrar os gatinhos.

Eu olhei ao redor da minha família e senti uma grande onda de ternura por eles. Estavam todos inocentes representando seus papéis insuspeitados. Queria preservar aquele momento e escondê-lo, dobrado e selado para sempre na minha memória. A qualquer segundo aquilo teria fim.

Então, Harry correu mais uma vez para dar uma olhada no cabelo e na gravata no espelho do hall. Olhei pela janela e vi o senhor Goodacre parando seus cavalos. Harry arremessou-se pela porta da frente para ajudar duas mulheres a descerem da caleça, uma corpulenta e outra delicada. Ofereceu o braço à delicada — a harpia — e eles subiram o passeio com as cabeças juntas, cochichando alguma coisa, rindo sobre alguma coisa, *alguma coisa* que nenhum de nós jamais compartilharia. Meus pais foram ao encontro deles na porta e pude ouvir o animado papo de apresentação, antes que a mãe levasse todos para a sala de visitas. Tenho de dar crédito a minha mãe: ela parecia mais relaxada e animada do que eu teria esperado, considerando as circunstâncias. Talvez tivesse tomado algum tônico extra.

E lá estava Ela: mais alta do que eu esperava, esbelta, com um vestido pêssego detalhado com inúmeros botões negros. Lá estava a boca petulante, o pescoço comprido, os olhos

saltados, o cabelo volumoso. Carregava um leque pêssigo enfeitado com lantejoulas, que abriu em um teatral *fuup*, enquanto se encontrava com os outros convidados.

Eu estava prestes a fugir para a cozinha quando Harry me viu e fez um sinal para eu me aproximar.

— Senhorita Goodacre, deixe-me lhe apresentar minha irmã, Calpúrnia Virginia Tate. Callie, esta é a senhorita Minerva Goodacre.

O leque pêssigo vibrava no ar como uma mariposa gigante. Ela me olhou com seus olhos grandes de inseto e disse com uma risada chilreante: — Ora, Calpúrnia, que menininha adorável você é. E tão talentosa, também. Ouvi você tocando no recital de música — Com isso, fechou o leque e o usou para dar uma batidinha jovial no meu rosto, um pouco forte demais.

— Como vai, senhorita Goodacre? — consegui grasnar. — Muito prazer em conhecê-la.

— Ah —, ela disse — tenho certeza de que logo ficaremos amigas. Agora, Harry, onde está esse *très amusant grand-père*, de que eu ouvi falar tanto?

Bah, ela estava esbanjando francês. Harry dirigiu-a até vovô, que se inclinou sobre sua mão, roçou-a com suas suíças e disse: — *Enchanté, mademoiselle* — acho que ele até pode ter batido os calcanhares. Ela respondeu com o que imagino era para ser uma risada musical: — Nossa! Não é que o senhor é simplesmente muito, muito encantador?!

E, como se diz, foi tudo. Ela me ignorou pelo resto da noite. Carregando bandejas disso e copos daquilo, acompanhei Harry e ela, enquanto eles circulavam pela sala.

Era dada a muita encenação com o leque. Falou sobre a moda em Paris e Nova York, e se não era uma pena o vestido absolutamente horroroso que a esposa do governador Culberson tinha usado na posse do marido em Austin e, com certeza, com todo o dinheiro que eles tinham, ela poderia ter arcado com algo melhor ou, pelo menos, aconselhado-se com uma modista que tivesse bom gosto. O bom gosto era imensamente importante, *n'est-ce pas*? E falando em bom gosto, alguém tinha reparado naquela peça lamentável e fora de moda que fulana tinha usado em tal-e-tal baile...?

A mãe tentou conversar com ela sobre música, no entanto, ela não correspondeu. O pai tentou saber sua opinião sobre a linha telefônica que logo chegaria à cidade, mas ela não tinha opinião a respeito. Sorria afetadamente e passava farfalhando, dominando Harry. Deixou-me, sem dúvida, doente.

A noite se estendeu. De alguma maneira, chegamos ao fim de um jantar interminável e, por diversão, a senhorita Brown sentou-se ao piano e fustigou sua peça do repertório para festas, A

valsa do minuto, em cinquenta e dois segundos, de acordo com o relógio de bolso do pai. Depois, acompanhou a senhorita Goodacre que cantou *Drink to me only with thine eyes*, com uma voz que considereei completamente indiferente, o tempo todo demonstrando uma emoção profunda dirigida a Harry.

*Brinde a mim apenas com seus olhos,
e eu brindarei com os meus;
ou deixe um beijo dentro da taça,
e eu não pedirei vinho.*

Reparei, durante essa nauseante apresentação, que vovô olhava para ela como se estivesse hipnotizado, o que me deixou profundamente deprimida. Não bastava conquistar Harry, ela tinha de cativar todos os homens que eram importantes para mim.

Então Harry cantou *Beautiful dreamer*, enquanto a senhorita Goodacre lançava olhares melados para ele. A odiosa senhorita Brown me empurrou para tocar a peça do meu recital. Eu estava com uma dor de cabeça de rachar. Afivelei um sorriso falso no rosto e consegui apresentar uma interpretação medíocre. Depois, fui para a cozinha implorar a Viola uma pastilha para dor de cabeça.

— Como ela é? — perguntou Viola. — Ela não parece nem um pouco uma beleza daqui. E Mister Harry é um rapaz tão bonito e tudo mais...

— Ela é medonha, Viola. Não consegue falar sobre nenhum assunto, a não ser roupas.

— Bom, roupas é um assunto interessante — comentou Viola.

— Não quando você só consegue falar sobre isso — eu disse.

— Isso lá é verdade. Ela também não é grande coisa como cantora. Como é que a sua mãe está se virando?

— Acho que bem.

— Ótimo — ela disse. — Aqui está a pastilha. E leve estes chocolates para lá. Fique contando.

Voltei para a festa e ofereci os chocolates às pessoas à minha volta, mantendo-os longe dos meus irmãos o melhor que pude. SanJuanna levou os menores para a cama. O reverendo Goodacre discutia as oscilações do mercado algodoeiro com meu pai. Vovô encurralou Harry e a senhorita Goodacre em um canto e lhes deu uma explicação detalhada sobre a diferença entre o macho e a fêmea *Deinacrida*, ou gafanhoto gigante. O sorriso da senhorita Goodacre paralisou-se.

— Venha até a biblioteca — vovô disse para ela. — Tenho um excelente par de espécimes para mostrar a diferença — ele a pegou pelo cotovelo e a dirigiu para fora da sala.

— Traga-a de volta para nós rapidinho — gritou Harry. — Não nos prive de sua companhia por muito tempo, hah, hah.

Harry irradiava simpatia. Fiquei ali e lhe ofereci uma trufa de chocolate. Queria, a todo custo, que meu irmão voltasse a me amar. Com uma voz fraca — Eu, a Maior e Mais Criativa Mentirosa do Mundo — disse: — Ela parece muito boazinha, Harry — surgiram vergões no meu pescoço. Dessa vez, era uma urticária de hipocrisia.

— É —, ele disse — é uma ótima garota, não é? Eu sabia que você ia gostar dela assim que tivesse a chance de conhecê-la. O bombom é uma delícia. Vamos pegar outro.

Cego, pensei. Você está cego.

Nesse momento, a senhorita Goodacre irrompeu na sala parecendo afogueada e tensa. Precipitou-se em direção à senhora Goodacre e as duas conversaram em um murmúrio agitado. A senhora Goodacre virou-se para os convidados e disse: — Minerva está com enxaqueca e acho que temos de ir para casa. É uma pena, uma reunião tão agradável, mas sua mãe confiou em mim para cuidar dela. Tenho certeza de que vocês vão entender.

As duas pegaram seus xales e se despediram abruptamente, enquanto o senhor Goodacre e Harry preparavam a caleça. Houve muitas exclamações de agradecimento a minha mãe, mas nenhuma promessa de repetirem o encontro em breve. Desapareceram noite adentro.

Harry parecia pensativo. — Vê, a senhorita Goodacre parecia bem na biblioteca?

— Bastante bem. Ela até demonstrou certo interesse pelas borboletas de asas transparentes. Contudo, eu gostaria que tivesse se interessado mais pela coleção de besouros da carniça. Afinal de contas, são exemplares excepcionalmente bons — acendeu um charuto. — No geral, eu diria que tivemos uma boa conversa.

No dia seguinte, minha mãe recebeu, em mãos, cartas de agradecimento de nossos convidados e as deixou à vista na mesa de jantar para servir como lição de boas maneiras para nós. As notas eram floreadas e efusivas, com exceção da carta da senhorita Goodacre, que, embora correta, era concisa a ponto de ser rude.

Dois dias depois, Harry tentou visitá-la. Sua tia informou-lhe que ela não estava em casa. Passados mais três dias, a senhorita Goodacre voltou para Austin sem nenhum aviso. Harry descobriu isso quando tornou a passar por lá e a empregada dos Goodacres contou a ele. Harry voltou para casa e se fechou no quarto.

Meus irmãos mais velhos especularam se ele receberia uma dose de óleo de fígado de bacalhau. Se não fosse o caso, quantos anos uma pessoa deveria ter, exatamente, para escapar disso? O limite seriam os dezesseis? Quatorze? Era uma questão de profundo interesse.

Harry não recebeu a dose do óleo fedorento. Em vez disso, viu-se imerso em confusão e tristeza quando suas cartas à senhorita Goodacre foram devolvidas sem abrir. Tropeçou pela casa durante dias, como se estivesse ferido. Dava pena. Cuidei do meu próprio e estupendo hematoma a caminho da recuperação com cores sensacionais, e jurei abrir mão de minha função de intrometida.

CAPÍTULO 8

Microscópio

A crosta da Terra é um vasto museu...

Depois de nosso curto encontro com a insípida senhorita Goodacre, a casa ficou semanas de pernas para o ar, enquanto Harry andava de luto e pesaroso. Mantive meu voto de não me meter, a não ser ouvindo pelo buraco da fechadura quando vovô teve uma conversa com ele na biblioteca, alguns dias depois. Algo a ver com como a Lei da Seleção Natural, que sempre agia na Natureza, às vezes, inexplicavelmente, falhava com o Homem. Harry pareceu um pouco melhor depois disso, mas foi preciso mais tempo para ter completamente de volta nosso velho Harry. Fiquei pensando se ele poria parte da culpa em nosso avô por mostrar à senhorita Goodacre sua exposição de besouros da carniça. Se aquilo era o que bastava para ela desistir do meu irmão, ela não o merecia.

Dava para perceber que a mãe estava aliviada que a desgraçada Goodacre tivesse partido. A costumeira atitude de minha mãe de uma formalidade distante em relação a seu sogro abrandou-se para algo próximo à gratidão, ou talvez até mesmo afeição. Ela perguntava sobre sua saúde durante o jantar e fazia questão que ele ficasse com os melhores cortes, embora eu ache que ele não reparasse nisso.

Harry perdoou-me. Afinal de contas, eu não tinha conseguido impedi-lo de ter sua grande chance com a senhorita Goodacre. Havia me comportado da melhor maneira possível e estava acima de qualquer crítica. O que quer que tenha acontecido naquela noite, não foi culpa minha. Eu não tinha lhe dado nenhum motivo para sair às pressas de casa. E eu era sua eterna favorita, particularmente querida, aquela que ele tinha levado de cavalinho desde a infância. Fiquei tomada de alívio ao me descobrir novamente objeto dos seus amores.

O verão se estendeu. Às vezes meu pai ia se aconselhar com vovô sobre um aspecto ou outro da fazenda ou da beneficiadora de algodão. O pai achava difícil tirar o próprio pai de seu estudo do mundo natural e fazê-lo focar algum ponto do comércio. Vovô tinha dado início à empresa e feito dela um sucesso, mas agora não queria ser incomodado. Eu achava estranho que meus pais não conseguissem entender quanto vovô tinha abandonado sua antiga vida. Desde que ele me contara sobre seu morcego, aquilo fazia total sentido para mim.

— Não tenho tantos dias pela frente — ele disse, enquanto nos sentávamos na biblioteca. — Por que eu ia querer gastá-los com problemas de drenagem e contas em atraso? Preciso prestar atenção nas horas que tenho e usar cada uma delas com sabedoria. Lamento não ter percebido isso até chegar aos cinquenta anos. Calpúrnia, você faria uma boa coisa se adotasse essa atitude bem mais nova. Use com cuidado cada uma das horas que lhe são dadas.

— Sim, senhor —, eu disse — farei o possível — não havia cadeira para visita, então me sentei no inclinado apoio para os pés, supostamente uma sela de camelo. Ele não se parecia com nenhuma sela que eu já tivesse visto, mas tinha um cheiro curioso, e estava coberto com grande quantidade de pelinhos bege, semelhantes aos de um chihuahua, então acho que era verdadeiro. Eu nunca me cansava de olhar as coisas do vovô: seu telescópio da guerra; grandes gavetas rasas com fileiras de lagartos, aranhas e libélulas desidratados; um relógio de cuco preto, que anunciava os quartos de hora em uma voz cômica, dissonante; uma roseta azul se desmanchando, com uma inscrição desbotada que dizia: “Melhor Gado Gordo, Feira de Fentress, 1877”; envelopes gordos, creme, que pareciam pergaminhos, da National Geographic Society, fechados com timbre vermelho; uma sereia esculpida em madeira, que segurava um suporte para cachimbos. Até a pele de urso, com sua boca escancarada. (O número de vezes em que pus meu pé naquela boca, não dá para dizer).

No armário trancado, na prateleira acima do livro premiado, estava o incrível tatu embalsamado, o pior exemplo de taxidermia que já vi. Por que ele conservava aquilo, quando todos os outros espécimes eram um modelo de excelência de suas espécies?

— Vovô —, eu disse — por que o senhor tem este tatu? Aposto que poderia comprar um muito melhor.

— É verdade, poderia, mas guardo este como lembrança. Foi o primeiro mamífero que eu mesmo empalhei. Aprendi em um curso por correspondência, que não recomendo. Se este é um caminho que interessa a você, sugiro que se torne aprendiz de um mestre. A arte tem subtítulos que não podem ser apreendidos com a mera leitura de um folheto.

— Não acho que eu queira aprender taxidermia — vasculhei em uma prateleira entulhada de fósseis e velhos pedaços de ossos.

— Sábia decisão — ele disse. — Só o cheiro já é o suficiente para desencorajar a maioria dos novatos a seguir em frente. Tenho de dizer, em minha defesa, que o tatu seguinte ficou muito melhor. Tão melhor, na verdade, que o enviei ao próprio grande homem como prova da alta estima que tinha por ele.

Eu estava levantando um fóssil de trilobita, sem prestar muita atenção. Estava fascinada pelas pétreas elevações ordenadas que já tinham sido o corpo macio de um animal marinho.

— Ele havia feito um estudo do tatu sul-americano, então pensei que deveria ter também um exemplar norte-americano. Depois dos tatus, encarreguei-me de um lince que, hoje admito, era uma empreitada para além de ambiciosa. Achei os traços faciais muito difíceis. Estava tentando reproduzir o rosnado do felino quando ele é incomodado na selva. A pobre criatura terminou parecendo que tinha caxumba.

Quantos milhões de anos tinha a criatura petrificada que eu segurava na mão? Em que mar antigo ela teria nadado? Eu nunca nem mesmo tinha visto o oceano; só podia imaginar as ondas, o vento, a água salgada.

— Como agradecimento, ele me mandou o animal engarrafado que você vê na prateleira seguinte à do tatu. É o meu pertence mais valioso.

— O quê? — perguntei, levantando os olhos do trilobita.

— O animal engarrafado que está ali, na prateleira.

Olhei o monstro no grosso galão de vidro, com seus olhos grotescos e múltiplos membros.

— É um *Sepia offinalis*, que ele pegou perto do Cabo da Boa Esperança.

— Quem pegou?

— Estamos falando do senhor Darwin.

— Estamos? — eu não podia acreditar. — *Ele* mandou aquilo para o senhor?

— De fato. A vida toda ele manteve uma extensa correspondência com muitos naturalistas ao redor do mundo, e trocou espécimes com vários de nós.

— Vovô, o senhor está mangando de mim.

— Calpúrnia, eu nunca ‘mango’. E dessa vez, sua mãe e eu concordamos em um ponto importante: o uso da gíria é sinal de intelecto fraco e de vocabulário empobrecido.

Eu não podia acreditar. Não apenas tínhamos o livro em casa, mas um monstro recolhido pelo próprio senhor Darwin. Olhei para a coisa e tentei entender seus inúmeros braços e pernas.

— O que é isso?

— O que você pensa que é?

Fiz uma expressão de desespero. — O senhor parece a mãe, me mandando procurar uma palavra no dicionário quando não sei como soletrá-la.

— Ótimo. Outro ponto de concordância.

Aproximei-me do jarro e tentei ler a pequena etiqueta de papel que pendia de um cordão em torno do gargalo da garrafa. O escrito era antigo e estava desbotado. Eu não conseguia lê-lo, mas era uma emoção só de saber que o senhor Darwin tinha escrito aquilo com seu próprio lápis e sua própria mão.

— Posso tirá-lo do vidro? Está difícil de enxergar, ele todo esmagado lá dentro.

— Ele tem quase setenta anos e está preservado em destilados e vinho. Acho que se você tirá-lo, ele vai se desintegrar.

Espiei-o. Terra? Mar? Embora tivesse muitos membros, eles pareciam borrachentos e não suficientemente substanciais para suportar qualquer peso, então teria de ser algo que nadasse. Mar, então. Contudo, não tinha barbatanas. Como é que poderia nadar sem barbatanas? Hummm, um problema. E eu não via nenhuma guelra. Outro problema. Os olhos eram pires enormes. Por que precisariam ser tão grandes? Resposta: para ver no escuro, é claro. Teria de viver em regiões de pouca luz, o que significava águas profundas.

Eu disse: — É uma espécie de peixe e vive perto do fundo do oceano. No entanto, é diferente de qualquer tipo de peixe que eu já tenha visto. Não entendo como ele se locomove ou como respira.

— Você está no caminho certo. Não é justo esperar que você deduza mais, porque, como você diz, ele está esmagado aí dentro. É um choco, da família dos Sepiida, gênero *Sepia*. Ele se locomove puxando a água para uma cavidade no manto e comprimindo-a através de um sifão muscular. O manto também esconde as guelras. Quando surpreendido por um predador, solta uma nuvem de tinta sépia para escurecer sua fuga. Nós usamos a concha interna calcificada como abrasivo. As pessoas que têm pássaros em cativeiro às vezes dão a eles a concha, para afiarem o bico.

A coisa me fascinou. Era uma peça da história, bem como uma esquisitice. Toquei o vidro frio com o dedo.

Mais tarde, mencionei a Harry quanto tinha achado interessante o animal engarrafado. Chocado, ele tirou os olhos do livro que estava lendo e disse: — Você esteve na biblioteca?

— Estive — respondi, e acrescentei: — Vovô me convidou.

— Ah, bom, neste caso... Você reparou no navio em uma garrafa? Acho que é o que tem de mais interessante, embora eu não tenha tido oportunidade para dar uma boa olhada em tudo. Ele o conseguiu no Departamento de Bombeiros Voluntários há anos, quando contribuiu com dinheiro e comprou a carroça de bombear água. Espero que ele o deixe para mim em testamento — ele me olhou com curiosidade: — Parece que você está passando bastante tempo com ele.

— Às vezes.

— O que você e o velho conversam?

Isso me deixou em guarda. Harry não me preocupava muito, mas e se meus irmãos mais novos descobrissem que vovô era um tesouro de fatos estranhos e fascinantes sobre a batalha dos índios, os maiores carnívoros, o balonismo de ar quente? Eu nunca mais o teria só para mim.

— Hã, coisas — eu disse e corei. Detestava esconder coisas de Harry. Ele se voltou para seu livro e dei um beijo em sua bochecha. Ele agradou meu cabelo distraído: — Você ainda é a minha queridinha, certo?

— Certo — declarei — sou.

Não tinha me ocorrido que outras pessoas da minha família também reparassem que eu passava um tempo com vovô, até que Jim Bowie disse: — Por que você brinca mais com o vovô do que comigo, Callie?

— Não é verdade, JB. Eu brinco um monte com você. E, além disso, o vovô e eu não estamos brincando. Estamos fazendo Ciência — eu disse afetadamente.

— O que é isso?

— É quando você estuda o mundo à sua volta e tenta entender como é que ele funciona.

— Posso fazer isso também?

— Talvez possa, quando chegar à minha idade.

JB meditou sobre isso e depois disse: — Não quero. Ele me assusta, Callie. Ele quase nunca sorri. E tem um cheiro muito estranho.

Era verdade. Vovô cheirava a lã, tabaco, naftalina e hortelã. Às vezes cheirava a uísque.

JB continuou: — Ele não é muito divertido. Meu amigo Freddy tem um avô divertido. E onde está nosso outro avô? A gente não tem dois? Freddy tem dois, como é que a gente não tem?

— O outro morreu antes de a gente nascer. Pegou tifo e morreu.

— Ah! — ele pensou a respeito. — A gente não pode arrumar outro?

— Não, JB. Primeiro ele foi pai da mãe, depois mais tarde ele pegou tifo e morreu — JB pareceu chocado com a ideia de que sua mãe também tivesse sido criança um dia.

— Por que a gente não pode arrumar outro?

— É difícil de explicar, JB. Um dia você vai entender — eu disse.

— Está bem — sempre que eu dizia isso a ele, em vez de ele ficar furioso como Sul Ross, sempre aceitava cegamente. Levantou os braços pedindo um beijo.

— Quem é sua irmã preferida? — perguntei.

— Você, Callie Vee — ele riu.

— Ah, JB — respirei em seu cabelo sedoso, vencida por sua doçura.

— O quê?

— Nada. Vou brincar mais vezes com você, está bem? — disse isso com o firme propósito de cumpri-lo.

— Tá.

No entanto, tive muito trabalho para fazer depois daquele dia singular, quando, boiando no rio e olhando o céu, fui atingida por um raio de compreensão a respeito dos gafanhotos ou — na verdade — do próprio mundo. Quando subi a margem do rio, tinha me transformado em uma exploradora, e a primeira coisa que descobri foi outro membro de minha própria e estranha espécie vivendo do outro lado do hall. Havia um tesouro vivo sob nosso teto, e nenhum dos meus irmãos conseguia vê-lo.

— **Você vem**, Calpúrnia? — gritou vovô.

— Sim, senhor, estou indo! — corri pelo hall até a biblioteca, com uma cesta de pesca pendurada no ombro. Era uma cesta velha de vime, do vovô, que guardava um cheiro forte de peixinhos minúsculos. Estava cheia com a minha Caderneta, frascos para coleta, um sanduíche de queijo, uma garrafa de limonada fechada com rolha e um canudo de papel manteiga cheio de pecãs.

— Pensei que hoje poderíamos usar o microscópio — ele disse, guardando-o no estojo e enfiando-o em seu embornal. — É velho, mas as lentes são bem esmerilhadas e ele ainda está em boas condições. Espero que, na escola, você tenha uns mais novos.

Um microscópio era uma coisa rara e valiosa. Não tínhamos microscópios na escola. Eu podia apostar que estava olhando para o único que havia entre Austin e San Antonio.

— Nós não temos nenhum na escola, vovô.

Aquilo fez com que ele parasse. — É mesmo? Não entendo o sistema moderno de educação de jeito nenhum.

— Nem eu. Temos de aprender a costurar, tricotar e bordar. Em Comportamento, eles fazem a gente andar em volta da sala com um livro sobre a cabeça.

Vovô disse: — Acho que ler o livro de verdade é um jeito muito mais eficiente de absorvê-lo. — eu ri. Ia ter de me lembrar de contar a Lula.

— O que vamos estudar hoje? — perguntei.

— Vamos examinar a água do lago à procura de algas. Van Leeuwenhoek foi o primeiro homem a ver o que vamos ver hoje. Era um comerciante de lã, assim como eu era de algodão — ele sorriu. — Então, você veja, tem uma coisa a ser dita a favor do amador inspirado. O que ele viu era inimaginável. Ah, eu me lembro bem da primeira vez que dei uma olhada. Foi como cair em outro mundo através das lentes. Você está com a sua Caderneta? Vai ter muita coisa para anotar.

— Estou.

Andamos até o rio. No caminho, incitamos um bando de veados que saíram correndo pela vegetação rasteira e desapareceram em dois segundos. É claro que isso levantou o assunto “veado” e algo que vovô chamou de cadeia alimentar e cada animal com seu lugar na ordem natural.

Chegamos a um estuário raso e escondido, circundado por uma densa borda de musgo verde. O ar mais fresco e a água estagnada cheiravam a lama e decomposição. Girinos frenéticos zigzaguearam para longe de nossas sombras; alguma criatura de bom tamanho mergulhou na água corrente em um trecho acima, uma lontra, talvez, ou um rato do banhado. Um casal de andorinhas passou às pressas, escumando insetos alguns centímetros acima da água.

Pousamos nossas sacolas e vovô tirou o microscópio do estojo e montou o tubo e as lentes, todos com seus engenhosos lugares de encaixe na caixa forrada de veludo. Mostrou-me como é que as peças se encaixavam. — Tome, faça você — ele disse. O cilindro de latão pareceu frio e pesado em minhas mãos. Eu sabia que ele estava me confiando algo precioso. Depois, ele colocou o estojo em uma pedra reta, e equilibrou o microscópio em cima dele.

— Agora —, ele disse, passando-me dois pedaços finos de vidro — escolha sua gota d'água.

— Qualquer uma?

— Qualquer uma serve.

— Tem tantas para escolher.

Ele sorriu. — Você verá coisas mais interessantes quanto mais perto a sua amostra estiver das plantas fluviais que crescem aqui.

Curvei-me e enfiei a ponta do dedo na água, pegando minha gota. Depois, deixei-a cair no pedaço de vidro. Ele me ensinou a pôr outro pedaço de vidro por cima.

— Agora, coloque-o aqui na plataforma — ele disse. — Certo. A habilidade está em virar este refletor para que ele pegue a luz do sol no melhor ângulo. Você precisa de luz suficiente para iluminar seu material, mas não tanta que os detalhes fiquem descorados.

Lidei com o refletor e pus o olho no tubo, sabendo que alguma coisa da maior importância estava prestes a acontecer. O que eu vi só poderia ser descrito como um campo de nevoeiro cinza claro. Foi extremamente decepcionante.

— Ah, vovô, não tem nada aqui.

— Pegue o botão do foco, aqui — ele pegou a minha mão, — e gire-o lentamente para longe de você. Não, não tire os olhos. Continue olhando enquanto gira.

Um exercício estranho.

— Você tem luz suficiente? — ele perguntou. — Não se esqueça do refletor.

Então, aconteceu. Um mundo abundante e espiralado, de criaturas enormes e retorcidas, irrompeu no meu campo de visão, apavorando-me.

— Ui! — gritei e pulei para trás, quase derrubando todo o equipamento. — Ichi — eu disse, equilibrando o microscópio. Olhei para vovô.

— Imagino que você tenha visto suas primeiras criaturas microscópicas — ele disse, sorrindo. — Platão disse que toda Ciência começa com assombro.

— Minha nossa — eu disse, e voltei a olhar pelo visor. Algo com muitos pelinhos minúsculos passou em grande velocidade; uma outra coisa com rabo de chicote dava fustigadas; uma esfera farpada e acrobática, como uma maçã medieval, passou rolando; sombras delicadas, e transparentes como fantasmas, entravam e saíam de campo. Era caótico, era desordenado, era... a coisa mais surpreendente que eu já havia visto.

— É nisso que eu nado? — perguntei, desejando não saber. — O que *são* essas coisas?

— É isso o que vamos descobrir. Talvez você possa fazer um esboço de algumas delas, para a gente identificá-las mais tarde, nos textos.

— Fazer um esboço? Elas estão se mexendo depressa demais!

— Na verdade, é um desafio. Tome um lápis.

Inclinei-me ao lado do microscópio, olhei e desenhei, olhei e desenhei o melhor que pude. Depois de um tempo, reparei que algumas das criaturas começavam a reaparecer, o que tornou mais fácil desenhá-las. Vovô cantarolava Vivaldi e vagava por perto manuseando sua rede. Mastiguei o lápis e considerei com desgosto minha arte, que consistia em formas amorfas e deselegantes, espalhadas pela página.

— Sinto dizer que não ficaram muito bons — eu disse, mostrando minha página ao vovô.

— No que diz respeito a uma obra de arte, você está totalmente correta no seu julgamento. O ponto mais importante, porém, é o seguinte: essas imagens estão suficientemente corretas a ponto de você poder compará-las com os exemplos no atlas, quando voltarmos para a biblioteca? Se for este o caso, então seu trabalho está satisfatório.

— Acho que vai dar para eu reconhecer —, eu disse — mas não tenho certeza de que algum dia vá voltar a nadar no rio.

— Todas essas criaturas são totalmente inofensivas, Calpúrnia, e elas têm aproveitado o rio há muito mais tempo do que você. Além disso, console-se em saber que você nada no rio limpo, e esses animais não gostam de água corrente.

— Está bem — eu disse. Ainda assim...

Os arbustos farfalharam e o cachorro do pai, Ajax, apareceu trotando, feliz consigo mesmo por ter nos encontrado. Ele tinha, sem dúvida, ido cortejar Matilda, uma *blue tick hound* com o singular uivo à tirolesa, que podia ser ouvido em toda a cidade. Ele nos cumprimentou individualmente, cutucando-nos para um agrado, depois chapinhou nas poças e sorveu a água salobra. Uma tartaruga do tamanho de um punho mergulhou de um tronco apodrecido, e Ajax partiu em seu encalço todo desajeitado. Ele gostava da brincadeira de caçar tartarugas e outras criaturas pequenas do rio, mas nunca o vi pegar realmente nada aquático. Era, com mais adequação, um especialista em estudos aviários. No entanto, dessa vez ele me surpreendeu, mergulhando a cabeça toda dentro da água e saindo, perplexo, com uma tartaruga igualmente perplexa, na boca.

— Ajax — eu disse, — o que você está fazendo? Pare com isso. Ponha a tartaruga de volta no lugar dela.

Ele veio saltitando até nós, satisfeito da vida e, muito obediente, colocou a tartaruga a nossos pés, antes de se sacudir e nos molhar de cima a baixo. Sentou-se e olhou para mim com expectativa.

— Ele acha que está cumprindo com sua obrigação — disse vovô. — É melhor você elogiá-lo ou todo o treinamento do seu pai não servirá para nada.

— Ah, Ajax. Muito bem, eu acho — fiz-lhe um agrado. — O que vamos fazer com sua tartaruga? Travis já tem uma no quarto dele, e duvido que a mãe vá tolerar mais uma. Talvez o senhor devesse segurá-lo pela coleira, enquanto eu solto esta.

— Vou subir a margem com ele — disse vovô. — É melhor ele não ver você soltando-a ou vai questionar o propósito do seu trabalho e acabar perdendo o interesse — levou Ajax para longe, e quando os dois não estavam mais à vista, examinei a tartaruga. Porque ela havia se permitido ser capturada por uma criatura de terra firme, tão boba e tão grande? Seria velha? Estaria doente? Não havia nada de claramente errado com ela. Parecia-se com qualquer outra tartaruga do rio. Talvez só fosse estúpida. Talvez fosse melhor ela morrer, para não produzir mais gerações de bebês-tartarugas estúpidos. No entanto era tarde demais; eu tinha interferido e isso me tornou responsável por sua segurança. Pensando se eu estaria, à minha modesta maneira, promovendo a sobrevivência dos inaptos, empurrei a tartaruga para a água, onde ela desapareceu em um piscar de olhos.

— Tudo bem — gritei sobre o ombro. — Pode deixá-lo à vontade.

Subi a margem atrás dele e Ajax me encontrou no alto, cheirando-me à procura de sua tartaruga. — Ela foi embora — eu disse, mostrando minhas mãos vazias. — Está vendo? — juro que ele me entendeu, porque suas orelhas se abaixaram e ele se afastou de mim.

— Ela foi embora, Ajax, sinto muito. Venha cá e fique bonzinho — remexi seu pelo e dei uns tapinhas dos dois lados dele, da maneira que ele gostava, mesmo sabendo que ia ficar cheirando a cachorro molhado pelo resto do dia. — Aqui está um bom menino. Você é um bom menino — isso o animou um pouco, e ele me perdoou o bastante para andar comigo até alcançarmos o vovô.

Ajax encontrou o maior buraco que eu já havia visto há um bom tempo. Parecia e cheirava como uma toca de texugo, e os texugos estavam escasseando em nossa região. Ele se divertiu, enfiando o focinho bem lá dentro e farejando excitado.

— O que você está vendo aí? — gritei para o vovô, que examinava com interesse uma plantinha desinteressante. — Vamos, Ajax — puxei sua coleira para impedir que ele perdesse a ponta do focinho para uma patada do inquilino, famoso por seu mau humor.

— Alfarroba — respondeu vovô. — Parece ervilhaca peluda, mas pode ser uma mutação. Olhe, ela tem essa estranha folha pendurada na parte de baixo — cortou umas duas polegadas de haste e entregou para mim. — Vamos guardar esta.

Uma planta sem graça, mas eu a coloquei em um frasco e escrevi na etiqueta: Ervilhaca Peluda (Mutante?).

Ele disse: — Também peguei uma taturana peluda ali. Você já criou uma delas? — levantou um graveto no qual se contorcia a maior e mais cabeluda taturana que eu já havia visto, com umas boas duas polegadas de comprimento (ou melhor, cinco centímetros. Vovô me explicou que os verdadeiros cientistas usavam o sistema Continental, que logo seria adotado amplamente na América). A taturana era coberta por uma pelagem densa que parecia tão aveludada e convidativa quanto a pelagem de um gato, mas eu não era boba de passar a mão nela. Durante toda a minha vida tinham me avisado que as taturanas peludas queimam você com vontade. Eu não sabia se era com um pouco de vontade ou com muita vontade.

— De que tipo ela é? — perguntei.

— Tenho minhas dúvidas sobre a espécie — ele respondeu. — Existem várias que a olho nu são parecidas, e não dá para saber o que são até que tenham passado pela metamorfose e criado asas.

— Então, qual é a extensão de sua queimadura?

Ele respondeu: — Acho que você poderia encostar nela e descobrir. O que levanta uma questão interessante: até que ponto você está disposta a ir em nome da Ciência? Isso é uma coisa para pensar.

Bom, talvez. Ou talvez eu pudesse dar um centavo a um dos meninos mais novos para tocá-la em meu nome. Depois, porém, considere o preço que teria de pagar mais tarde. Com a mãe. Com certeza, não valeria a pena.

— Vamos levá-la para casa e eu vou cuidar dela — eu disse. — Acho que vou chamá-la de Petey.

— Calpúrnia, você vai achar má ideia dar nomes a seu material de experimento.

— Por quê? — perguntei, derrubando Petey e seu graveto no maior vidro que tínhamos, um quarto de galão, com buracos perfurados na tampa.

— Tende a estragar uma observação realmente objetiva.

— Não sei se entendo o que você está dizendo, vovô.

Ele, porém, estava absorto nas pegadas de algum animal. — Acho que é raposa — murmurou. — Com um par de filhotes, pelo jeito. Isso é animador. Eu pensava que os coiotes tinham acabado com todas.

Quando chegamos à casa, vimos que Sam Houston e Lamar tinham trazido um bagre impressionante, que pesava um pouco mais de vinte quilos pela balança da beneficiadora. A boca enorme e severa era emoldurada por numerosos barbilhos grossos como lápis. Era assustador. Até mesmo o maior daqueles peixes não lutava muito contra o anzol, então meus

irmãos não o incluíam entre os grandes prazeres de uma pesca. O maior desafio era tirá-los do rio e arrastá-los até em casa sem tocar nos espetos venenosos de suas barbatanas.

Naquela noite, tivemos no jantar grandes postas daquele peixe passadas na farinha de milho e imersas em fritura, a carne branca ainda exalando o gosto residual de lama, que não parecia incomodar mais ninguém. Não quis comê-lo. Não queria nem vê-lo. Era tão grande quanto JB. Estou me referindo ao *tamanho* daquela coisa. Era grande o suficiente para que toda a minha perna coubesse em sua boca, e eu nadando no rio todos os dias. Imaginei aquele peixe me agarrando e me levando para o fundo, segurando-me lá embaixo por muito tempo, ou tempo o bastante, dependendo se a pessoa olhasse para aquilo da minha perspectiva ou da perspectiva do peixe. Minha família me encontraria depois, o cabelo em redemoinho como o da trágica Ofélia. Ou talvez não encontrassem pedaços suficientes de bom tamanho para justificar o custo de um funeral; talvez só encontrassem minha combinação. Haveria um caixão e uma cerimônia só para uma combinação? Provavelmente não. E se fosse um membro? O braço do General Jackson não recebeu um funeral completo? E uma cabeça? Acho que uma cabeça bastaria.

Com isso, decidi que tinha analisado o assunto o bastante, e fiz o possível para não pensar mais nele. Mesmo assim, durante meses depois disso, quando eu entrava no rio, pensava naquele Leviatã em uma ponta da escala, esperando para me mutilar, e o enxame de criaturas microscópicas na outra ponta, esperando para se insinuar. Era ruim demais, mas às vezes um pouco de conhecimento pode arruinar seu dia todo, ou pelo menos tirar um pouco do seu brilho.

CAPÍTULO 9

Petey

Sabe-se que as peculiaridades do bicho-da-seda aparecem no estágio correspondente de taturana ou casulo.

Conforme o verão se adiantava, eu passava cada vez mais tempo estudando Ciência e cada vez menos tempo praticando piano. Em longo prazo, aquilo acabou se revelando estúpido, porque cada oportunidade que eu deixava de me exercitar tinha de ser compensada com meia hora a mais de exercícios. No sábado, depois de tocar por duas longas horas (!), escapei com minha Caderneta e bati na porta da biblioteca.

— Entre, se for preciso — vovô respondeu. Estava examinando algumas pranchas do *Atlas da vida microscópica dos lagos*.

— Então, acabou com suas obrigações culturais por hoje? — perguntou sem levantar os olhos, e eu percebi que, com a bandeira aberta, ele logicamente podia me ouvir batucando na sala de visitas do outro lado do hall. — Eu gosto da *Water Music* —, ele disse — e espero que você não se canse de estudá-la a ponto de deixá-la de lado para sempre. Este é o grande perigo de praticar piano demais. Espero que Margaret perceba isso.

— A mãe diz que eu posso voltar amanhã para uma meia hora. Ah — eu disse, olhando as pranchas por sobre o seu ombro, — foi isso que eu desenhei, não foi? — abri minha Caderneta nas ilustrações que tinha feito das criaturas microscópicas do rio. Minha antiga maçã estava parecida com a do texto. — *Volvox* — li. — É *Volvox*. É assim que se pronuncia?

— Está certo. Uma forma muito satisfatória. Admito que tenho uma queda especial por ela, entre todas as Chlorophyta.

— Olhe —, eu disse — Aqui tem outra — Meus desenhos estavam dentro dos padrões. Fiquei muito satisfeita comigo mesma.

— Vá em frente e identifique cada uma no seu caderno — disse vovô, — e anote a página do atlas, assim você pode encontrá-las novamente.

Resolvi usar tinta em vez de lápis, o que tornou todo o processo muito tenso, mas terminei com apenas um borrãozinho minúsculo.

Então, eu disse: — Vovô, o que eu dou para o Petey comer?

— Quem?

— Petey, a taturana.

— Calpúrnia, eu tenho de te dar a resposta em uma colher, como um bebê? É claro que você pode descobrir por conta própria. Pense no assunto. Você se lembra do local em que ele foi achado? Em que tipo de árvore ele estava vivendo?

— Ah — respondi, e saí para procurar folhas do mesmo tipo de onde havíamos sequestrado Petey. Aquilo fazia sentido. O trabalho de uma taturana era comer, então, é lógico que ele não seria visto perdendo tempo relaxando sobre alguma coisa de que não gostasse.

Petey enrolou-se em uma vírgula peluda quando pus as folhas no seu frasco. Substituí seu gravetinho por um ramo maior, para servir de exercício e diversão, caso ele sentisse vontade. Coloquei seu frasco na minha penteadeira, entre o ninho de beija-flor e uma vasilha de girinos que eu estava estudando. Minha penteadeira estava ficando entulhada. Meia hora depois, quando tornei a olhar, Petey estava mastigando sua folhagem e parecia bem feliz, mas, em se tratando de taturanas, como é que dá para ter certeza?

Antes de dormir, dei mais uma olhada, e ele estava imóvel, totalmente esticado no galho. Parecia estar dormindo. Pelo menos, esperei que estivesse. Olhei para ver se ele tinha olhos, mas quando o analisei com uma lente, encontrei dois pontinhos pretos e brilhantes enterrados lá no fundo do pelo, em uma das extremidades. Tinham de ser seus olhos, não tinham? Ele não parecia ter pálpebras.

Questão para a Caderneta: *Por que as taturanas não têm pálpebras? Era para pensar que elas precisariam delas, uma vez que passam os dias ao sol.*

Travis examinou-a na manhã seguinte e levantou um bom ponto em que eu não tinha pensado, quando disse: — Por que você a chama de Petey? Como é que você sabe que é um menino?

— Acho que não sei — respondi. — Talvez a gente descubra quando ela desabrochar. Também não sei que tipo de borboleta vai ser.

Mais perguntas para a Caderneta: *As taturanas aparecem como macho e fêmea? Ou elas se tornam macho ou fêmea enquanto estão dormindo nos casulos?* Vovô tinha me contado sobre a vespa que podia optar por ser macho ou fêmea, enquanto estava no estágio de larva. Um pensamento interessante. Pensei por que as crianças não têm essa opção em seu estágio larva, digamos até os cinco anos. Com tudo que eu tinha visto sobre a vida de meninos e meninas, sem dúvida eu escolheria ser uma larva menino.

A mãe não gostou da presença de Petey, mas acabou tolerando-o porque no fim ele se transformaria em alguma coisa linda. Ela ansiava por Beleza em sua vida. Apoiava a Orquestra de Câmara de Lockhart e nos levava uma vez por ano ao balé em Austin. Levávamos o dia todo para chegar lá de trem e passávamos a noite no Driskill Hotel. Lá, tínhamos direito a *ice cream soda* e chá da tarde no Crystal Room.

Todo mês ela se concentrava nas revistas que chegavam pelo correio — *The Ladies' Home Journal* e *McCall's*. Delas, tirava moldes e depois cortava e costurava flores de seda que arrumava na sala de visitas. Embora nossos campos se enchessem de flores silvestres na primavera, ela nunca as usava em seus arranjos. Às vezes, eu colhia um punhado delas e as colocava em uma jarra, ao lado da minha cama. Elas eram bonitas, mas só duravam um dia ou dois. Nem mesmo murchavam ao morrer. Você ficava com um vaso cheio de água fedida.

Petey ignorava o mundo ao seu redor. Na verdade, ignorava tudo, menos o maço de folhas que eu trazia para ele. Comia e dormia, comia e dormia, e, no intervalo entre esses períodos de comer e dormir, ejetava muitos fardos minúsculos e compactos da sua extremidade posterior. Isso significava que eu tinha de passar parte do dia limpando as dependências. Isso não estava nos meus planos e logo me deixou cansada, mas ficava repetindo para mim mesma que tudo teria valido a pena quando ele se transformasse em uma esplêndida borboleta. Ele engordou de uma maneira inacreditável, ficou gordo como uma salsicha. Um dia, eu lhe trouxe um tipo errado de folhas, ele ficou amuado e não comeu. Eu estava prestes a me livrar dele, por todo o trabalho que me exigia. Além disso, não era grande coisa como bichinho de estimação.

Quando mencionei isso a vovô, ele me repreendeu muito bravo, dizendo: — Lembre-se, Calpúrnia, Petey não é seu animal de estimação. É uma criatura na ordem natural das coisas. Embora seja fácil um maior interesse pelos animais das ordens superiores — e devo me confessar culpado dessa fraqueza — isso não significa que podemos negligenciar o estudo das ordens inferiores. Quem age assim indica falta de propósito e superficialidade do conhecimento.

Assim, em nome da Ciência, limpei os cocôs da taturana. Então, Petey deixou novamente de se alimentar sem que tivesse uma boa razão. Verifiquei sua comida e era o tipo certo, mas ele não estava interessado. Pensei: *Sua taturana mimada e emburrada, eu devia te atirar na grama. Vá se arriscar com os passarinhos, para ver o que é bom, doutor.*

Para minha surpresa, quando acordei na manhã seguinte, vi que ele já tinha feito metade do seu casulo. Então, no fim das contas, ele não estava emburrado; tinha ficado descansando e planejando seu trabalho. Eu tinha chegado perto de me livrar de uma taturana inocente.

Durante o dia todo, soltou um fio fino e cinza de sua extremidade dianteira (eu acho) e o trançou com persistência de um jeito e de outro, produzindo um casulo confuso com estranhos pedaços de linha que despontavam aqui e ali. Parecia um trabalho feito com desmazelo. Seu tricô não era melhor do que o meu, o que me fez sentir alguma simpatia por ele. Lentamente, ele se fechou em sua cápsula, como uma taturana Edgar Allan Poe.

— Boa noite, Petey. Durma bem — desejei a ele. Petey se mexeu e depois se acomodou pela última vez na prisão feita por ele mesmo. O casulo não se moveu durante duas semanas inteiras, enquanto Petey passava pelo lento e mágico processo de rearranjar suas partes durante o sono. Havia certo esplendor e mistério nisso, mas de algum modo também era revoltante, quando pensava mais a fundo no assunto. Fez-me pensar na Vida. E na Morte.

Eu nunca tinha visto uma pessoa morta de verdade. O mais próximo que eu tinha chegado era um daguerreótipo na biblioteca de meu tio Crawford Steele, morto aos três anos de difteria, envolto em tiras de renda branca. Dava para ver um pouco do branco de seus olhos fundos, então a gente sabia que ele não estava dormindo, que as coisas não estavam bem. Perguntei a Harry: — Você já viu uma pessoa morta?

Ele disse: — Hum, por que você está perguntando?

— À toa.

— De onde você tira essas coisas? Às vezes você me assusta.

— Eu? Assusto você? — a ideia de eu assustar meu irmão mais velho e o mais forte, era coisa para rir. — Eu estava pensando em Petey, metamorfoseando-se, e isso me fez pensar nas coisas vivas, o que me levou a pensar nas coisas mortas. Então, na próxima vez que tiver um enterro na cidade, você me leva?

— Callie Vee.

— Não tem nada de mórbido nisso. É um interesse científico. Backy Medlin me parece um pouco decrépito. Quantos anos você acha que ele tem?

— Por que você não desce a rua e dá uma olhada nos dentes dele?

— Boa, Harry, mas duvido que ele ainda tenha algum. Logo ele se vai, você não acha?

Eu passava por Backy Medlin todos os dias na ida e na volta da escola. Ele ficava com os outros velhos na galeria da usina beneficiadora, todos se balançando, cuspidando e interrompendo as histórias de guerra uns aos outros, chamando a atenção porque não, não tinha acontecido *assim*, tinha acontecido *deste jeito*. E por aí vai. (O nome Backy^[5] vinha do seu uso prodigioso do tabaco e sua péssima pontaria na escarradeira. Com frequência, ele cuspiam a esmo e com força. Uma chuva constante, fedida e marrom tamborilava na terra à sua volta, e era preciso ficar esperto). Ninguém mais prestava a menor atenção nos homens. Às vezes até eles se cansavam da conversa fiada e se voltavam para o dominó, jogando com umas peças tão velhas que os pontos escavados, gastos pelos milhões de jogadas, estavam quase ilegíveis. O barulho das peças era agradável, e de vez em quando um dos velhos exclamava: — Ah! — e a gente sabia que ele tinha feito uma jogada particularmente boa.

— E aí? Você vai me levar no enterro do Backy? — perguntei.

— Para falar a verdade, Callie, essa não é uma conversa muito agradável.

— Não estou desejando a morte dele. Só estou curiosa. Vovô diz que uma mente curiosa é um pré... é um préqui...

— Pré-requisito?

— É, isso. Para uma compreensão científica do mundo.

— Ótimo, mas você já fez seus exercícios de piano? A senhorita Brown vem amanhã.

— Você parece a mãe. *Não*, ainda não fiz, e *sim*, vou fazer. Harry, durante quantos anos vamos precisar ter aula? Estou ficando cansada disso, você não está? Por que alguns dos outros não têm de estudar piano por um tempo? Tenho coisa melhor para fazer.

— Coisa melhor para fazer com o vovô, é o que você quer dizer.

— Ah, é.

— Eu já te fiz essa pergunta e você não me respondeu. E aí? Sobre o que vocês conversam?

— Puxa, Harry, coisa para conversar é que não falta. Tem os insetos e as cobras, os gatos e os coiotes; tem as árvores, as borboletas e os beija-flores; tem as nuvens, o tempo, e o vento; tem os ursos e as lontras, embora esteja ficando mais difícil encontrá-las por aqui. Tem os navios de pesca de baleia, tem...

— Tudo bem.

— Os Mares do Sul e o Grand Canyon. Os planetas e as estrelas.

— Tá, tá.

— Tem os princípios da destilação. Você sabe que ele está tentando transformar pecã em licor, certo? Embora não esteja indo tão bem, mas não diga que eu contei isso, ok?

— Entendi — disse Harry.

— Tem as leis de Newton, têm os prismas e os microscópios, têm...

— Eu disse que entendi.

— A gravidade, a fricção, as lentes, os prismas.

— Já chega.

— A cadeia alimentar, o ciclo das chuvas, a ordem natural. Harry, aonde você vai? Tem os girinos e os sapos, os lagartos e as rãs. Não vá embora. Tem uma coisa chamada micróbios, *germes*, entende? Eu os vi pelo microscópio. Tem as borboletas e as taturanas, o que nos leva a Petey, não vamos esquecer. Harry?

Acordei de manhã com um barulhinho *scrich-screch*, como o som que um camundongo faz na parede, mas que vinha do frasco de Petey. Estava escuro demais para ver, então puxei as cortinas e coloquei o vidro no parapeito da janela. Seu casulo oscilava para lá e para cá. Conforme o quarto foi clareando, ele se agitou e roeu, e eu não notou meu rosto grudado no vidro ou não se importou. Finalmente, obtive um buraco de bom tamanho em uma das extremidades do casulo e, o que antes era Petey, lentamente pressionou sua saída com esforço colossal.

E ali, em vez da linda e colorida criatura que eu tinha imaginado, estava acorada uma borboleta esquisita, o corpo sólido e as asas úmidas firmemente comprimidas. Ele se balançou, lutando para se desdobrar. Eu também podia ver que já não era Petey. Ia ter de arrumar um novo nome para aquilo. Algo que refletisse seu esplendor tão esperado. Algo como... Flor... uma vez que vivia de néctar, ou talvez Safira, talvez Rubi, dependendo da cor final de suas asas. Deixei-o se virar e desci para tomar café.

À mesa, anunciei: — Petey eclodiu. Está ocupado em secar suas asas.

— Ah, maravilha — disse a mãe. De que cor é?

— Ainda não sei, senhora. Ainda está enrolado, mas, com certeza precisa de um novo nome, agora que já não é Petey, a Taturana.

— Crianças? — disse a mãe. — Vocês têm alguma sugestão?

Sul Ross, o que tinha sete anos, proclamou: — Poderíamos dar o nome de... o nome de... — ele se esforçou. — ... Borboleta.

— Muito bom, querido — disse a mãe.

— E Belle — disse Harry, — Por causa da beleza.

Vovô disse: — É melhor vocês esperarem e verem primeiro com o que ele se parece.

Achei essa declaração bizarra, mas se tinha alguém que conhecia suas borboletas, esse alguém era vovô, então imaginei que ele tinha algum motivo para dizer aquilo.

— É — eu disse, — vamos ver com o que ele se parece antes de darmos um nome, se bem que Belle é uma boa ideia — Sul Ross pareceu desapontado e eu acrescentei: — E Borboleta também é bom, Sully. Talvez a gente possa dar o nome de Belle, a Borboleta.

— É ele ou ela, Callie? — perguntou Travis.

— Não faço ideia — respondi, enchendo a boca de panquecas.

— Por favor, não fale de boca cheia — disse a mãe.

Depois do café da manhã, corri para o meu quarto com os três meninos mais novos nos meus calcanhares, discutindo como batizar nossa nova responsabilidade. E ali, em toda sua glória, estava Petey, ou Belle, totalmente esticado em seu galho, as asas amplas preenchendo o frasco. Ele era enorme, claro, completamente peludo, a maior mariposa do mundo.

— Essa, com certeza, é uma borboleta engraçada — disse Sul Ross. — O que há de errado com ela?

— Não é uma borboleta, Sully — disse Travis. — É uma mariposa. Callie, você sabia que ia ser uma mariposa?

— Hã — eu disse, surpresa com o seu tamanho, — na verdade, não.

— Puxa, nunca vi uma tão grande — disse Travis.

— Nem eu. Ele dá um pouco de medo — disse Sul Ross. — Você não acha?

— Hã... — é verdade, ele era um pouco assustador, mas eu nunca admitiria isso. Não fazia ideia de que as mariposas pudessem ser daquele tamanho. E aquela era apenas uma recém-nascida.

— O que você vai fazer com ela? — perguntou Travis.

— Vou estudá-la, é claro — respondi, pensando que raios eu faria com aquele monstro.

— Ah, tudo bem. Então, o que você vai estudar?

— Ah, seus... hã, hábitos alimentares, esse tipo de coisa. Seus hábitos de acasalamento. Certo. É, tem território, envergadura, coisas desse tipo.

— Você vai ter de encostar nela? — perguntou Sul Ross. — Eu, com certeza, não quereria tocar nela.

— Talvez ainda não — eu disse. — Ela mal nasceu. Precisa de tempo para se acostumar com as coisas.

— É melhor você arrumar logo um frasco maior, Callie. Ela vai estourar este aqui.

— Não acho que ela ainda cresça — provavelmente seria impossível.

— Talvez você pudesse deixá-la voar no seu quarto — disse Travis.

Nada provável.

— Eca — disse Sul Ross, recuando. — Tenho de ir.

— Eu também — disse Travis. — Está na hora da escola.

— Ei — gritei para eles, — tudo bem, voltem aqui, não vou soltá-la!

E agora? Petey — ou Belle, ou o que quer que fosse — adejava no seu frasco. O som era seco, ameaçador, mórbido. Arrumei-me para a escola, tentando não olhar para ele, estremecendo a cada vez que ele se agitava. Ia ter de soltá-lo, dava para ver, mas não queria pensar nisso. Passei a maior parte do tempo na escola tentando não pensar.

Quando cheguei em casa, fiquei fazendo hora lá embaixo, e fiz um pouco mais de exercícios de piano, depois do quê a mãe me mandou subir para mudar meu avental. Arrastei-me para o meu quarto e tive um súbito espasmo de ansiedade ao pôr a mão na maçaneta: e se ele tivesse escapado? Será que eu tinha fechado bem a tampa do frasco, depois de abri-lo pela última vez? E se ele estivesse voando solto pelo quarto? Depois me pus em brios: *Calpúrnia Virginia Tate. Você está sendo ridícula. Você é uma cientista ou não? Só. É. Uma. Mariposa.*

Tudo bem. Isso funcionou. Olhei em torno do quarto, e lá estava ela, agachada no frasco, do mesmo jeito que eu a tinha deixado, grande demais até para se virar. Ela se agitou e bateu as asas no vidro.

— Petey — eu disse. — O que vou fazer com você? preciso descobrir de que espécie você é. E preciso te arrumar uma casa maior.

Puxei o livro do vovô, *Taxonomia do mundo dos insetos*, que estava na minha estante, e fui para a ordem Lepidoptera. De acordo com sua cor e seu tamanho ridículo, tinha de ser algum tipo de Saturniidae. Diferenciar entre as possibilidades mais prováveis significava examinar a envergadura das asas do espécime, mas no frasco não havia espaço suficiente. Não havia nada para ela, eu teria de achar uma casa maior ou soltá-la. Olhei-a por um tempo. Não era tão ruim olhar, depois que a gente se acostumava com seu tamanho assustador. Tinha até umas antenas penugentas engraçadinhas. Eu tinha chegado até aquele ponto. Ela estava presa no frasco por minha causa, não dava para fingir que não existia.

— Tudo bem, Petey, vamos fazer uma visita a vovô e ver o que ele tem para dizer — peguei o frasco com o braço esticado e desci com ele, o tempo todo com o coração aos pulos.

Dei de encontro com Harry no hall. Ele deu uma olhada em Petey e disse: — Deus do céu, essa é a sua borboleta? Mais parece um albatroz.

— Ah —, eu disse — ha.

— Você sabia que ela ia virar isso? — ele perguntou.

— Ah, claro — respondi animada.

Harry olhou para mim e então disse: — Deixe-me dar uma olhada. É digna de prêmio, não é? Se eles tivessem uma categoria para mariposas na Feira de Fentress, você ganharia facilmente.

Consideração interessante. Junto com as categorias para porcos, gado e geleias caseiras, uma categoria para mariposas. O que, naturalmente, levou-me a lembrar da divisão de bichos de estimação para crianças, anualmente, na feira. A garotada aparecia com seus gatos, cachorros, periquitos, um bando de animais sem graça, cotidianos. Por que não alguma coisa mais interessante como, digamos, uma mariposa gigante?

— Diga, Harry, você acha que eu poderia inscrever Petey na exposição de bichos de estimação?

— Ele não é bem um bicho de estimação, Callie Vee — ele disse, rindo.

— E daí? Dovie Medlin, no ano passado, apareceu com seu peixinho dourado, Bolhas, que também não era bem um bicho de estimação. E não é que eles tenham de fazer truques ou coisa do tipo. Tudo o que precisam fazer é ficar lá, e os juízes aparecem e olham para eles. Ela ganharia alguns pontos extras por ser diferente, você não acha?

— Isso sim, mas ainda faltam meses — ele disse. — Como é que você vai mantê-la viva? Não dá para ela ficar dentro de um frasco.

— Claro que não — respondi. — Estou tentando imaginar alguma moradia para ela. Quanto tempo vive uma mariposa, afinal?

— Não sei. Você é a naturalista. Acho que algumas semanas.

A mãe saiu da cozinha e estacou repentinamente, olhando para o frasco de Petey sem acreditar.

— O que é essa *coisa* que você tem aí, Calpúrnia? — ela perguntou, com a voz subindo de tom.

Suspirei. — É o Petey, mãe. Ou — acrescentei com falsa animação, — você pode chamá-lo de Belle, se preferir — como se um nome lindo pudesse, de algum modo, esconder sua esquisitice. Petey ondulou secamente, e minha mãe deu um passo atrás. Não conseguia tirar os olhos dele.

— O que aconteceu com sua... sua maravilhosa borboleta? — ela perguntou.

— Ela acabou se revelando não uma borboleta, mas uma mariposa, como você vê — eu disse, esticando o braço com o frasco, para mostrar a ela. Ela recuou mais um passo.

— Quero essa coisa fora daqui. Isso é uma *traça*, pelo amor de deus. Imagine o que uma coisa desse tamanho faria com as peças de lã!

Eu tinha me esquecido que ela e SanJuanna travavam uma batalha eterna contra bandos de pequenas traças marrons, pela posse de nossos cobertores e roupas de inverno, e que suas insignificantes armas de raspas de cedro e óleo de lavanda não eram páreo para o contínuo chamado da Natureza.

— Ela não come lã, senhora — eu disse. — Pelo menos não acho que coma. Deve só comer néctar, ou talvez não coma nada, dependendo da espécie. Algumas delas não se alimentam na idade adulta. Ainda não descobri isso.

A mãe levantou as mãos. — Não deixe essa coisa solta aqui, sob nenhuma circunstância. Quero isso fora da casa. Você entendeu?

— Sim, senhora.

Ela levou uma mão à têmpora, virou-se e foi para cima.

Harry disse: — Péssimo. Eu teria gostado de vê-la na exposição de bichos de estimação. Degrau à direita, amigos, venham e vejam Calpúrnia Virginia e sua mariposa gigante de estimação!

— Muito engraçado. Tudo bem, tenho de soltá-la, mas antes preciso que o vovô a veja.

Fui procurar vovô na biblioteca, mas ele não estava ali. Eu poderia sair pela porta da frente e dar a volta pelo caminho comprido até o laboratório nos fundos; ou cortar pela cozinha e encarar mais aversão e mais explicação pelo caminho.

Enfiei o frasco debaixo do braço e fui pela cozinha. Viola me deu uma olhada e perguntou: — O que você tem aí?

— Ah, nada — respondi, e continuei andando depressa, saindo pela porta dos fundos. Petey agitava-se dentro do frasco. Eu gostaria que ele ficasse quieto. Tinha me acostumado com sua aparência, mas não com aquele barulho. Havia algo de mau pressentimento e de primitivo naquilo. Fazia os finos pelos do meu braço se arrepiarem.

Vovô estava debruçado sobre seu livro-caixa quando o encontrei.

— Oi vovô, olhe o que eu tenho — eu disse, estendendo o frasco para ele.

— Minha nossa, você tem aí, com certeza, um belo espécime. Nunca vi nenhum tão grande. Você identificou a família?

— Acho que deve ser Saturniidae, ou talvez Sphingidae — respondi, orgulhosa da minha pronúncia.

— O que você pretende fazer com ela?

— Eu ia inscrevê-la na exposição de bichos de estimação da Feira, mas Harry acha que ela não vai viver tanto, e o senhor vive me dizendo que ela não é um bicho de estimação. E a mãe a quer fora da casa. Então, isso significa que eu posso matá-la e conservá-la para a minha coleção ou posso deixá-la ir.

Vovô olhou para mim. Nós dois olhamos para Petey, apertado em seu frasco. — É um belo espécime — disse vovô. — Pode ser que você nunca mais veja outra igual.

— Eu sei — franzi o cenho. — Você bem que me avisou para não dar nome a ela. Eu a criei até agora. Não acho que consiga matá-la.

Ao entardecer, quando nos juntávamos no gramado esperando pelo primeiro vagalume, meus irmãos ficaram na varanda enquanto eu colocava o frasco de Petey na grama. Vovô observava de uma cadeira de balanço, bebericando um uísque comprado em loja. Tirei a tampa do frasco e recuei.

Por um minuto, Petey ficou ali imprensado, sem se mexer. Depois, rastejou até a borda do frasco e saiu de seu casulo de vidro. Enquanto cambaleava pela grama, Ajax veio trotando do canto da casa. Petey esticou bem suas asas trêmulas. Tarde demais, vi com o canto do olho o ataque do cachorro, as orelhas abanando, excitado com a perspectiva de uma nova brincadeira de busca. Petey pulsava debilmente no ar e foi descansar alguns centímetros à frente, com Ajax aproximando-se rapidamente. Ia engolir meu melhor espécime, meu projeto científico, meu Petey. A fúria ferveu dentro de mim. Cachorro estúpido! Corri até ele e gritei *Ajax*, tão alto que eu mesma me espantei. Quem diria que eu tinha tanto fôlego dentro de mim? Os pombos voaram das árvores, e Ajax hesitou. Avancei para sua coleira, mas ele pulou de lado, achando que tudo não passava de uma nova e boa brincadeira. Deu um novo bote e Petey tornou a se levantar, dessa vez à altura do peito, agitando-se como se fosse um frango bizarro testando as asas.

— *Não!* — gritei, e dessa vez Ajax ouviu uma palavra que reconheceu. Confuso, olhou para mim com Petey no meio de suas pernas dianteiras. Aquilo tudo era uma ótima brincadeira, não era? Seu dever era buscar coisas que voam, não era? Tornei a correr até o cachorro, quando Petey, com um esforço gigantesco, arremessou-se no ar e naquela fração de

segundo se transformou de um habitante terrestre desajeitado em alguma outra coisa, uma criatura do vento, um cidadão do ar.

Olhei deslumbrada. Parecia que Petey voaria eternamente. Ajax reagiu e puxou sua coleira, e eu o soltei. Não havia como pegar aquela mariposa agora.

— Uau! — exclamaram meus irmãos. — Você fez bem, Callie. Achei que aquela mariposa não ia ter salvação.

Vovô levantou o copo em saudação, enquanto Petey desaparecia no meio dos arbustos.

Mais tarde naquela noite, sentei-me sozinha na varanda da frente, enquanto escurecia, adiando a hora de dormir o máximo que podia, até que tudo que eu conseguia ver era o último dos lírios brancos ao longo do passeio da entrada. Brilhavam no escuro como estrelinhas pálidas caídas na terra. Então, algo zumbiu por mim no ar, indo direto para eles, produzindo uma agitação, movendo-se sem sossego do interior de um deles para outro. Soava como um beija-flor, mas não dava para vê-lo. Os beija-flores voavam à noite? Eu achava que não. Poderia ser um morcego que tomasse néctar? Eu não sabia e, mesmo sem poder ver para ter certeza, resolvi que teria de ser Petey. Pelo menos, disse isso para mim mesma. Preferi um final feliz.

CAPÍTULO 10

Lula provoca um problema, sem ter intenção

O melro das rochas da Guiana, aves do Paraíso, e algumas outras, se juntam; e os machos vão sucessivamente exibindo sua bela plumagem e realizando movimentos grotescos e estranhos perante as fêmeas, que ficam como espectadoras, escolhendo por fim o companheiro mais atraente.

Minha amiga Lula Gates levou um bom tempo para superar a ignomínia de vomitar em público no recital de piano. Durante semanas, não conseguia falar de mais nada. Cansei-me daquilo e disse a ela que poderia ter sido pior, que uma vez o maestro Frédéric Chopin tinha feito a mesma coisa, em uma apresentação requisitada pelos reis da Prússia.

— É mesmo? — perguntou Lula, animando-se na mesma hora.

Não. Inventei aquilo. No entanto, funcionou para que ela se sentisse melhor, e como consequência ela parou de tocar no assunto.

Acho que Lula era linda, embora eu não tivesse consciência na época. Seu cabelo era uma longa trança loira, com uma mistura de mel e prateado trançados juntos, que ia até o final das costas e se balançava com vida própria quando ela tocava uma peça vigorosa ao piano. Seus olhos tinham uma cor pálida e peculiar, algo entre o azul e o verde, sua gradação dependendo da cor da fita do cabelo. Havia uma coisa estranha nela que eu achava fascinante: ela sempre tinha uma névoa delicada de suor ao longo do nariz, fosse inverno ou verão. Mal dava para umedecer a ponta de um dedo, mas quando era enxugada, reaparecia imediatamente. Aquilo pode parecer pouco atraente, mas era mais curioso do que desconcertante. Quando pequena, eu

ficava ali enxugando e vendo aquilo reaparecer pelo tempo que ela me permitisse. Parecia não haver explicação para isso.

Daria para pensar que ter Lula como amiga seria um grande alívio para mim, considerando todos os meus irmãos, e geralmente era mesmo, mas às vezes ela era um pouco boba. Não coletava espécimes comigo na barragem (cobras). Não caminhava comigo até o velho Campo de Treinamento dos Confederados (bolhas e cobras). Não nadava comigo no rio (tirar a roupa e cobras). No entanto, nós dividíamos uma carteira na escola, e sempre foi assim. Nossa amizade começou desse jeito e acho que esse foi o motivo de ela ter perseverado. Além disso, acho que a mãe dela pode ter incentivado a amizade. Ela pode ter pensado que seria um ganho social para Lula ter uma amiga da família Tate. E será que a mãe dela também acalentava a esperança de que Lula um dia pudesse agarrar um dos meninos Tate como marido? É possível. Desconfio que tínhamos mais dinheiro do que as outras famílias locais. A própria família de Lula parecia bem confortável. O pai dela era dono dos estábulos, ele podia arcar com as aulas de piano, e eles tinham uma empregada, mas não tinham cozinheira. Ela só tinha aquele irmão, Toddy, de cabeça fraca. Toddy não ia para a escola, mas passava os dias em um canto do quarto, agarrado às sobras de um velho acolchoado, balançando-se sem parar. Era calmo, a não ser que alguém tirasse o velho trapo da sua mão, quando ficava agitado, produzindo sons horríveis e altos como um mugido, até que conseguisse o pano de volta. Sua família achava mais problemático do que merecia tirá-lo dele para lavar, então, como consequência, aquilo tinha um cheiro repulsivo. Fora isso, a casa dos Gates parecia calma, em comparação com a minha.

Lula ganhava prêmios por seus bordados, enquanto os meus eram irregulares e lamentáveis. Eu não conseguia entender seu poder de concentração quando ela fazia um nó francês ou se dedicava a uma gola de renda na Aula de Costura da escola.

— É o mesmo que aprender uma peça de piano, Callie — ela dizia, — e dá para você fazer isso bem-feito. Tudo o que você precisa é praticar várias vezes até que dê certo.

Pensei sobre isso e resolvi que Lula tinha razão. Então, por que eu achava a música tão diferente do trabalho com a agulha? Quando você toca piano, as notas escapam um segundo depois no ar, e você fica sem nada. Mesmo assim, a música trouxe alegria, até quando as notas se evaporaram, e tocar um *rag* deixava todo mundo frenético, a ponto de sair pulando pela sala de visitas. O que o bordado trazia? Algo decorativo e permanente, ocasionalmente útil, é verdade, mas eu achava aquilo um trabalho maçante e parado, bom para um dia chuvoso, com apenas o monótono tique-taque do relógio da sala como companhia. Trabalho para camundongo.

Convenci Lula a tocar comigo um Sousa com arranjo a quatro mãos, e nos saímos bem, fazendo ressoar a música em dobro, em uma verdadeira explosão de acordes sincopados altamente gratificante.

Uma tarde, meu irmão de treze anos, Lamar, chegou furtivamente ao meu lado na varanda, enquanto eu estava contando Lepidoptera.

— Callie...

— O quê?

— Você acha que a Lula gosta de mim?

— Claro, Lamar.

— Não, o que eu quero dizer é: você acha que ela... *gosta* de mim?

Aquilo foi uma surpresa. Lamar nunca tinha demonstrado interesse por meninas.

— Por que você está me perguntando? — eu disse. — Por que não pergunta para ela?

Ele pareceu horrorizado. — Eu não conseguiria fazer isso.

— Por que não?

— Bom... sei lá — respondeu com pouco entusiasmo.

— Então não sei o que te dizer — tive uma súbita inspiração: — Por que você não conversa com o Harry sobre isso?

Ele pareceu aliviado. — É uma boa ideia, mas você não vai contar para Lula, vai?

— Não.

— E não vai contar para mais ninguém, vai?

— Não.

— Ok. Obrigado, Callie.

Não pensei muito sobre essa conversa até alguns dias depois, quando Sam Houston, o de quatorze anos, chegou até mim sorrateiramente no corredor, e falou pelo canto da boca: — Callie, preciso falar com você. Você acha que Lula Gates gosta de mim?

— O quê?

Ele se encolheu. — Calma, calma. Só estava pensando se é possível que ela goste de mim, só isso.

— Puxa, Sam!

— O quê?

Eu estava quase em pânico. — Acho que talvez seja melhor você perguntar para ela.

Ele pareceu assustado. — Não posso fazer isso.

— É melhor você conversar com o Harry. Ele sabe tudo sobre esse tipo de coisa. — quem disse que a inspiração não acontece duas vezes?

— Você tem razão, Callie. Vou conversar com ele sobre isso. Você não vai dizer nada para Lula, vai?

— Não, jamais.

— Jura?

— Juro.

— Jura por Deus?

— Juro por Deus.

— Jura por tudo o que há de mais sagrado?

— Juro.

— Se você não falar a frase toda, não vale.

— Saaam.

— Tudo bem, tudo bem, mas diga, hã?

— Juro por tudo o que há de mais sagrado. Agora, me deixe em paz — eu disse.

— Nossa, você com certeza vai ser uma velha resmungona — ele disse e saiu, sem dúvida à procura de Harry.

Esfreguei as têmporas, onde uma dor de cabeça estava se instalando.

Alguns dias depois, eu estava lendo sozinha em um canto sossegado, quando meu irmão de dez anos, Travis, veio vagando, com uma expressão esquisita. Olhei para ele e falei secamente: — O que você quer?

Ele pareceu magoado. — Quero te perguntar uma coisa.

— Você não vai me perguntar se a Lula Gates gosta de você, vai?

Ele perdeu o fôlego e seu rosto se desmontou, em pânico. — O quê? — ele gritou. — Não, não, eu só ia perguntar se ela gosta de gatos, nada mais.

— Não faço a menor ideia se ela gosta de gatos, de você ou de quem quer que seja. Estou cansada disso. Vá pedir conselho ao Harry — juntei meus livros e saí batendo os pés e resmungando: — Tem um montão disso pelo ar.

— Cansada do quê? Do que você está falando? O que é que tem pelo ar? — ele veio gritando atrás de mim.

Ignorei-o, com a certeza absoluta de que não havia bandos de meninos pela cidade infernizando suas irmãs sobre se *Callie Vee* gostava deles ou não. E, afinal, que importância tinha isso? Fazia diferença para mim? Não fazia. Não. Não fazia.

Uma hora depois, Harry veio rindo até o meu quarto. — Você tem de parar de mandá-los para mim. Não consigo ter um minuto de sossego. Dê a eles o benefício de seu sábio conselho.

— Não sei o que dizer a eles. É só a velha Lula. O que deu neles?

— É uma epidemia de paixonites. Eles estão entrando naquela idade.

— Bom, é melhor eles deixarem disso.

— Não dá para deixar disso a essa altura — ele disse. — Vai piorar. Só por curiosidade, ela gosta de algum deles?

— Hum, não que eu saiba especialmente. Devo perguntar para ela?

— Se tiver vontade de fazer o meio de campo da Terceira Batalha de Manassas.^[6] Se eu fosse você, ficaria bem fora disso.

Achei que ele tinha razão e disse: — É Harry, é isso que preciso fazer. Vou fingir que não sei de nada.

— Não vai ser tão difícil — ele disse, e saiu pela porta afora.

— Engraçado! — gritei. Eu teria jogado alguma coisa nele, mas o item mais próximo disponível era minha Caderneta preciosa, que eu nunca atiraria.

No próximo dia de aula, encontrei-me com Lula na rua principal, como sempre, e andamos o último trecho até a escola juntas, conversando sobre nada em particular. Dei uma olhada para trás, e lá estavam meus três irmãos atrás de nós, enfileirados em intervalos regulares, os olhos fixos nela. Oh, Deus! As coisas estavam piores do que eu pensava. Essa súbita mudança deles me deixava irritada. Eles não eram muito crianças para isso? Não dava para eu ter uma família normal, como as outras meninas? Por que tinha de acontecer com todos ao mesmo tempo?

Naquele dia, na hora do recreio, os três conseguiram arrumar uma desculpa para ficar próximos à linha invisível que, em um acordo velado, dividia o lado do recreio das meninas do lado dos meninos.

Recostaram-se nas árvores do pátio, parecendo ociosos e sem destino, com exceção dos olhos, pregados em Lula com estudada indiferença, e depois desviados para os lados, olhando um para o outro como assassinos.

Lula e eu brincamos de amarelinha. Sua trança prateada reluzia à luz do sol como uma coisa viva. Sua anágua fulgurava até a altura dos joelhos, provocando um suspiro sufocado em Lamar. Olhei para ele furiosa. Um mês antes, ela poderia ter andado pelo pátio de combinação e ele não teria notado. Agora isso. Tempos duros estavam à frente.

— Lula — eu disse, jogando minha pedrinha.

— O quê?

— Nada, esquece.

— Não, o que, Callie?

— Hum. Você... — eu tinha jurado que não contaria. E embora eu mesma não soubesse de ninguém que *tivesse* morrido por quebrar um juramento, aquilo não valia o risco.

— Eu o quê? — ela perguntou.

Pensei rápido. — Você acha que a gente devia perguntar a Dovie se ela quer jogar?

— Pensei que você não gostasse da Dovie.

— Bom — eu disse, enquanto pulava, — eu nunca disse que não *gostava* da Dovie...

— Disse sim, Callie. Disse na semana passada. Exatamente com essas palavras.

— É cristão convidá-la, você não acha?

Lula me olhou com curiosidade. — Se você quiser...

Eu não queria — eu não suportava Dovie —, mas fui até ela. Estava prestes a convidá-la a se juntar a nós quando a senhorita Harbottle tocou o sino. Dovie me olhou de um jeito engraçado. Parecia que tinha muita gente me olhando de um jeito engraçado. Eu não merecia nem um desses olhares.

Voltamos para dentro em bando, as meninas em uma fila, os meninos em outra. Comecei a temer a caminhada para casa depois da escola e tentei inventar uma desculpa para ir sozinha. A senhorita Harbottle focou no ar distraído e me chamou um excessivo número de vezes, com perguntas sobre a história do Texas, que para divertimento da classe eu não consegui responder.

— Calpúrnia Tate, estamos interrompendo você? — ela perguntou.

— Me interrompendo, senhora? Não estou fazendo nada.

— Exatamente. Onde é que você está com a cabeça, hoje?

— Devo ter esquecido em casa, senhorita Harbottle — eu disse. A classe deu uma risadinha nervosa.

— Sem dúvida — ela disse. — E não seja atrevida comigo, Calpúrnia. Vá para o canto. Uma hora. Algum outro comentário e vai levar umas varadas.

Fiquei no Canto da Vergonha, com meu rosto virado para a parede, por uma hora inteirinha, e pensei no problema dos meus irmãos, mas não obtive solução. E então chegou a hora do almoço.

Levamos nossas lancheiras para fora e nos espalhamos sob as árvores. Lamar e Sam Houston sentaram-se com seus respectivos amigos. Fiquei com pena de Travis, o mais novo e mais meigo do bando, que comeu sozinho e lançava olhares patéticos e sonhadores para Lula.

Lula reparou nele e perguntou: — O que há de errado com o Travis? Está doente?

— Acho que está com a febre da primavera — respondi.

— Nós não estamos na primavera — ela disse, e me deu outra olhada engraçada. — A gente não devia convidá-lo para comer com a gente? Ele está parecendo solitário.

— Não tenho certeza de que seja uma boa ideia, Lula.

— Por que não? Você está mesmo esquisita, Callie Vee.

Eu? Esquisita? pensei, *Se você pelo menos soubesse a metade do que está acontecendo!* — Não se preocupe, Lula, ele está bem. Acho que você deveria deixá-lo sossegado.

Contudo, era tarde demais. Ela foi até Travis, cujos olhos cresceram e cujo rosto foi ficando cada vez mais vermelho à medida que ela se aproximava. Lamar e Sam Houston, em contrapartida, ficaram aflitos e desconfiados.

Lula se inclinou e conversou com ele. Não pude ouvir o que ela falava, mas ele ficou de pé em um pulo e foi atrás dela até nosso lugar. Parecia que Lamar e Sam Houston iam ter um ataque. Travis sentou-se e achei que ele poderia explodir de felicidade.

— Oi, Callie, a Lula me convidou para sentar com vocês.

— Eu sei, Travis.

— Aqui é um bom lugar para almoçar, vocês não acham? Vocês arrumaram um lugar ótimo. Lula, você quer metade do meu sanduíche? Hoje, Viola fez rosbife pra gente, e está uma delícia. Se quiser, divido com você. E tenho torta. Lula, você quer um pouco da minha torta? Ou posso te dar a torta toda, se você quiser. É de pêssego, eu acho. Espere, deixe-me ver. É, é de pêssego mesmo.

— Obrigada, Travis — ela disse com graça, — mas já tenho bastante almoço meu mesmo.

— Diga, Lula — ele falou. — Você gosta de gatos? Mouser, nossa velha gata do celeiro, teve gatinhos, e eu tenho de cuidar deles sozinho. A mãe que disse isso. Dei nome para todos eles por minha conta, também. Você quer ouvir o nome deles?

Suspirei. Você acha que é divertido ouvir um moleque de dez anos jogando charme?

— E aí tem o Jesse James, e o Billy, the Kid, e o Doc Holliday, e o... — continuou ele com sua lengalenga, dando o nome de todos os oito. Lula parecia de fato interessada.

— O que eu gosto mais é o Jesse James — ele arrematou. — Ele tem listas por todo lado, menos nos dedos, que tem alguns pontos brancos. Parece que ele está usando polainas — ele deu uma risadinha. — Ele é bem camarada. Ele me deixa carregá-lo para todo canto, no meu macacão. E aí, Lula, você gostaria de ver os meus gatinhos algum dia?

— Seria ótimo, Travis. Eu gosto de gatos. A gente tinha um, mas minha mãe não deixava que ele entrasse em casa. Ele sumiu e nunca mais voltou.

Eu quase conseguia ouvir as engrenagens se encaixando na cabeça do meu irmão. — Olhe, Lula — ele disse com cautela —, talvez você possa ficar com um dos meus gatinhos. Se quiser.

— Nossa, Travis, é mesmo? — todo o seu rosto se iluminou. — Isso seria bom demais — Travis pareceu surpreso com o sorriso radiante de Lula. — Claro —, ela disse — que eu tenho de primeiro perguntar para minha mãe. Talvez eu possa ir amanhã, depois da escola.

— Está bem — ele engoliu em seco.

Arre! Meu irmão de dez anos tinha marcado um encontro. Então dei uma olhada e vi meus irmãos mais velhos fuzilando-o com os olhos. Ho-ho.

A tarde se arrastou. Eu estava tensa como um gato em um quarto cheio de cadeiras de balanço.^[7] Quando as aulas terminaram, Lula se encontrou comigo do lado de fora, como sempre, e lá estava Travis, seu rosto um farol de esperança. Uns poucos passos atrás dele, Lamar e Sam Houston andavam a esmo, parecendo suspeitos.

— Ei Lula — disse Travis, — ei Callie. Posso caminhar com vocês?

Resmunguei sem me comprometer, o que Travis preferiu interpretar como um consentimento; juntou-se à gente e veio conversando com Lula sobre os gatinhos. Lamar e Sam Houston seguiam a menos de vinte metros, cutucando-se e conspirando.

— Você está muito quieta, Callie — disse Lula.

— Hã? Ah, eu estava pensando sobre minha análise do livro. — e como eu impediria que dois dos meus irmãos matassem um terceiro. Ia ter de me aconselhar com Harry, embora meu julgamento sobre sua capacidade como conselheiro em assuntos do coração tivesse sofrido um baque substancial nas mãos da deplorável senhorita Minerva Goodacre. Eu queria ir correndo à frente, deixando Lula e Travis com sua conversa vazia, mas tive medo de que ele fosse atacado por bandidos ao longo do caminho.

— Então, de que livro é a sua análise, Callie? — perguntou Lula.

— Ah, a análise do meu livro. É. Bom, ainda não me decidi. Talvez *Raptado*, talvez *A ilha do tesouro*. Você vai escrever sobre o que?

— *A última rosa do verão*, eu acho. Ou *A velha e doce canção do amor* — eu tinha reparado que o gosto de Lula em literatura andava se deslocando das boas e velhas narrativas fabulosas para um material romântico e meloso. Travis parecia impaciente para retomar a conversa, mas tinha ficado sem assunto.

Pensou bastante e disse: — Do que tratam esses livros, Lula? — ótima jogada da sua parte.

Então, fingi interesse nas descrições floreadas de romances frustrados e sacrifícios complicados até chegarmos à rua principal, onde Lula se dirigiu para sua casa, enquanto Travis acenava com energia e gritava — Tchau — continuamos a andar e por um tempo ele ficou falando por falar. Uma nuvenzinha flutuava em seu horizonte, em outros aspectos, ensolarado. Pensativo, ele disse: — Você não acha que eu tenha de dar Jesse James para ela, acha, Callie? É o que eu gosto mais. Talvez eu devesse ter dito que ela poderia escolher qualquer um, menos ele. Talvez eu devesse ter dito isso.

— Não se preocupe, Travis. Lula não vai ficar com ele.

— Tem certeza, Callie? Como é que você pode ter certeza?

— Ela não faria isso. Não é desse tipo.

Ele me atormentou por uns bons cinco minutos até ficar tranquilo, enquanto eu me virava a todo momento e olhava ameaçadoramente para Lamar e Sam Houston, para que eles mantivessem distância.

— Por que eles não caminharam com a gente, hoje? — perguntou Travis, enquanto nos dirigíamos para nossa entrada. Uma angústia me percorreu. Ele não entendia que os próprios irmãos — mais velhos, maiores, mais fortes, mais espertos — eram seus rivais no afeto de Lula. Ele parecia um pintinho recém-nascido: molhado, inseguro e sujeito a danos. Como é que eu conseguiria protegê-lo de um coração partido?

Naquela noite, Lamar sentou-se ao jantar com o rosto impenetrável, e Sam Houston não disse uma palavra. Fiquei esperando que um deles atacasse Travis de alguma maneira. Travis extravasou sua novidade de acompanhar Lula na volta para casa, o que divertiu o pai e preocupou a mãe, que sem dúvida achava que ele era criança demais para esses assuntos. Vovô estava distraído, como sempre. Normalmente, ele não tinha muito interesse nas conversas do jantar. Acredito que preferiria jantar sozinho na biblioteca, e embora eu ache que a mãe poderia também ter preferido que fosse assim, isso simplesmente não acontecia. Comíamos *en famille*, como ela dizia, e todos (exceto vovô) tinham de participar da conversa geral com educação, mesmo que não passasse da breve descrição do cotidiano de alguém.

— Callie — disse a mãe, — o que você aprendeu na escola hoje?

— Não muito — respondi.

Lamar recuperou a animação e disse: — Callie foi mandada para o canto hoje.

Que dose! A mãe pousou seu garfo e olhou para mim.

— É verdade?

— É sim, senhora.

— A senhorita Harbottle te mandou para o canto?

— Sim, senhora.

— Por quê?

— Não tenho bem certeza.

— Como pode ser isso? — disse a mãe, com voz de aço.

— Ela não estava prestando atenção na aula — disse Lamar. Rapidamente ele estava se transformando no meu irmão menos favorito.

— Me desculpe, mãe — eu disse. — Eu... Eu estava pensando na análise do meu livro, e não ouvi o que ela disse, foi isso.

— Nunca mais quero ouvir falar de você ficar no canto, Calpúrnia. Os meninos eu posso entender, de vez em quando, mas *você!* Seu comportamento mancha o nome da família.

— Bom — bufei — *isso não é justo.*

Fez-se um silêncio perplexo. Ichi! Todos levantaram os olhos, até vovô. Então, ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada que deixou o ambiente ainda mais perplexo. Todas as cabeças voltaram-se em sua direção. Foi um som surpreendentemente vigoroso, não uma risada ofegante de um velho. Quase esperei que o candelabro começasse a tilintar. E quase ri em resposta.

Ele disse: — Ela tem razão, Margaret. Por favor, me passe o molho. Ah!

E com isso, ele esvaziou a tensão na sala, e impediu qualquer castigo que eu pudesse ter invocado. Harry me deu uma piscada. Lamar me mostrou a língua, mas é claro que os disciplinadores à mesa não viram isso.

Depois do jantar, pedi que Travis me mostrasse seus gatinhos outra vez, e fomos até a última divisão do estábulo, onde uma Mouser exausta montava guarda sobre sua peluda família no ninho que havia cavado na palha. Os gatinhos rolavam sobre ela, dando encontrões uns nos outros.

— Veja, Callie, você não acha que o Jesse James é o melhor? Ele ronrona bem alto. Dá para ouvir lá de longe. — levantou o gatinho da palha, e o enfiou no peitilho do seu macacão, onde Jesse James pareceu à vontade, e produziu um ronronado profundo e baixo, notável para algo do seu tamanho. — Tem certeza de que Lula não vai escolher ele?

— Não, Travis, eu te disse. Ela não é desse tipo.

— Ela é muito boa gente, não é?

— Travis — suspirei. — Ouça, Travis, você sabia que Lamar e Sam Houston também estão arrastando a asa para ela?

— Estão?

— Estão. Eu queria te contar.

— Aposto que um monte de caras está arrastando a asa para ela.

Aquilo me fez ficar quieta. Sentei na palha e agradei Mouser, que parecia querer um pouco de atenção.

— Travis —, eu disse — você não está arrastando a asa para ela?

— Acho que sim.

— Então como é que você não está chateado?

— Com o quê? — ele perguntou, agradando Jesse James debaixo do queixo.

— Com Sam Houston e Lamar.

— Por que eu estaria chateado? — ele olhou para os gatinhos. — Qual você acha que é o segundo melhor, depois de Jesse James? Acho que pode ser o Bat Masterson, você não acha?

— Qual é ele?

— O laranja. Os olhos dele são da mesma cor dos olhos da Lula. Meio verdes, meio azuis. Percebe? — ele me estendeu um revoltado Bat Masterson, e pude ver que os olhos dele — ou talvez dela — eram de fato da mesma cor dos de Lula. — Talvez ela escolha ele.

— Travis —, eu disse — você não gosta da Lula porque os olhos dela são como os do seu gato, certo?

— Não, Callie, claro que não, não seja boba.

— Tudo bem. E quanto a Sam Houston? Lamar?

Ele me olhou intrigado, e eu percebi que ele não tinha ideia do que eu estava falando. Contudo, cresceria, mudaria e logo entenderia.

— Deixe para lá — eu disse. — Seus gatos são uma gracinha.

Na manhã seguinte, fui para a escola com Travis, deixando meus outros irmãos irem à nossa frente. Lula encontrou-nos na ponte. Estava com um avental branco e uma fita verde no cabelo, que fazia seus olhos parecerem da mesma cor dos de Bat Masterson. Ela pareceu contente em ver Travis. Eles conversaram todo o resto do caminho sobre gatos, cachorros, cavalos, escola, Halloween, Natal, e assim por diante. Não era de pensar que uma menina de doze anos tivesse muita coisa a dizer a um menino de dez, mas aí é que está o erro. Para meu alívio, os outros deixaram Travis em paz o resto do dia.

A volta para casa, porém, foi outra história. Travis novamente engatou em Lula, e Lamar também. Eu queria ir correndo na frente, mas o perigo estava no ar.

— Oi, Lula — disse Lamar, pescando uma oportunidade. — Posso carregar seus livros até em casa para você?

Tanto Lula quanto Travis enrubesceram.

— Obrigada, Lamar — ela disse, e estendeu a ele sua correia com livros. Fez-se um silêncio desconfortável, e continuamos caminhando. Então, Lamar disse: — E aí, Lula, como é que você volta para casa com um *bebê* como o Travis? Por que não caminha com um homem de verdade, como eu? — ele mostrou o muque. — Olhe, Lula, duro como uma tora.

Ah, Lamar. Você não devia. A expressão nos rostos de Travis e de Lula.

Travis gritou: — *Não* sou um bebê — com uma voz aguda e pouco firme, o que, é claro, fez com que ele soasse exatamente como um.

— Não sou um bebê — imitou Lamar.

— Sai dessa, Lamar — eu disse. — Você não precisa ser tão ruim.

— Que bebê, precisa da irmã para defender ele! *Bebê-chorão*.

Aquilo foi demais para suportar na frente de Lula. Travis, o mais calmo dos meus irmãos, soltou seus livros, correu até Lamar e o empurrou com toda força. Lamar perdeu o equilíbrio, deixou cair os livros de Lula e sua lancheira, mas conseguiu se manter de pé, balançando para os lados como um toureiro bêbado. Pude ver que Lamar estava surpreso com essa exibição, mas nem um pouco machucado. Gritou: — *Bebê!*

Travis vacilou à beira das lágrimas. Virou-se e disparou para casa o mais depressa que pôde, levantando nuvens de poeira pela rua.

— *Bebê! Covarde!* — gritava Lamar.

Contudo, eu sabia que não era por covardia que Travis tinha desembestado pela rua. Ele não queria passar pela vergonha de chorar na frente de Lula. Como um bebê.

Nós três ficamos parados em um silêncio embaraçoso. Apanhei os livros de Travis. Lula limpou a garganta e disse: — Tenho de ir para casa. Tchau — pegou os próprios livros com pressa, e conseguiu juntá-los antes que Lamar pudesse alcançá-los, indo embora com sua longa trança balançando enquanto corria.

— Ei, Lula! — Lamar gritou. — *Ei, Lula!* — Ela, porém, não fez sinal de tê-lo ouvido e continuou correndo.

— Lamar —, eu disse — às vezes você é um espanto de tão desagradável.

— Do que você está falando? Ele me atacou. Ele me deu um soco. Ele me *machucou*.

— Machucou nada. Vou dedurar você para a mãe.

— Traidora — ele disse.

— Chato.

— Fofoqueira.

— Malvado.

— Não quero caminhar com você.

— Ótimo. Eu não quero caminhar com *você*.

— Vou na frente.

— Não, *eu vou* na frente.

— Então vá.

E, agitados pela irritação, chegamos os dois em casa sem nos darmos conta.

Nossa família não levava em boa conta informantes e fofoqueiros. Por quê, eu não sei. Entrei pela porta da frente, avaliando o custo de contar versus não contar, quando fui salva de tomar uma decisão pela mãe que me chamava na sala de visitas.

— Calpúrnia. Venha cá e me diga o que há de errado com Travis.

— Hã, acho melhor a senhora perguntar para o Lamar — respondi, enquanto ele tentava passar furtivamente por mim no corredor.

— Lamar, entre aqui e me explique — ela disse. Travis estava sentado no tapete a seus pés, abraçando os joelhos, o rosto vermelho e congestionado. Lançou um olhar furioso a Lamar.

— O que aconteceu na escola hoje? — ela perguntou. Fez um aceno em direção a Travis.
— Ele não quer me contar nada.

Lamar pareceu surpreso. Não esperava por isso.

— Lamar? — insistiu a mãe. Ele não respondeu. Desviou o olhar e raspou o tapete com a bota.

— Calpúrnia? O que houve? — olhei para Travis procurando uma dica, mas seu rosto estava impassível. — Calpúrnia, não estou pedindo para você me contar, estou *ordenando* que você me conte. Agorinha mesmo.

Então contei, esperando que meus dois irmãos entendessem que eu estava obedecendo ordens e não tinha escolha. A mãe ouviu em silêncio a história toda, a começar com Lula. Para minha surpresa, ela pareceu mais triste do que brava. Determinou um castigo leve de tarefas extras, e assim, esperamos, terminou a história.

Contudo, sendo os meninos, meninos, e Lula uma beleza, a história não terminou.

Os vários dias que se seguiram foram um caldeirão de ansiedade para mim, e para Travis também, sem dúvida. Lula veio buscar seu gatinho em uma hora que ela e eu combinamos juntas, tendo a certeza de que nenhum dos meus irmãos estaria por perto. Para meu alívio, ela escolheu Belle Starr.

Eu estava em guarda contra Lamar e Sam Houston nas idas e voltas da escola, e isso começou a me cansar. Cheguei a ponto de não aguentar mais aquilo e, uma noite, depois do jantar, chamei os três na varanda e disse: — Olhem, vocês não podem continuar indo atrás de mim e da Lula como carneiros. Estou cansada. Vocês precisam nos deixar em paz. Precisam deixar uns ao outros em paz. Se não chegarem a um acordo de não brigar, vou dar um jeito de ela nunca mais falar com nenhum de vocês. Até o fim da vida.

Eu não tinha certeza de como resolver aquilo, mas eu era a especialista em Lula, a melhor amiga de sua amada, e falei com tanta convicção que pareceu que eles acreditaram em mim.

— Vejam o que vamos fazer — eu disse. — Cada um de vocês pode andar com a gente uma vez por semana. Travis, você fica com a segunda-feira, Lamar com a quarta e Sam Houston com a sexta. É isso aí.

— E terça e quinta? Quem fica com esses dias? — perguntou Sam Houston.

— Ninguém. Vocês deixam a gente em paz. Não estou brincando. Alguma pergunta? Para minha grande satisfação, não havia nenhuma.

CAPÍTULO 11

Aulas de tricô

A seleção natural modificará a estrutura do filho em relação ao pai, e do pai em relação ao filho.

O sistema Lula inventado por mim acabou funcionando muito bem, pelo menos nas primeiras semanas. Convidei-a para vir em casa tocar piano, depois da escola, e aprendemos dois duetos populares a pedido de nossas mães. Sabíamos que não teríamos de tocá-los no próximo recital. Ou em qualquer recital, aliás. Então, incorri no erro de convidá-la para vir em casa para trabalharmos juntas em um de nossos bordados de escola, e a mãe deu uma boa olhada no trabalho dela. Deus me defenda, como é que pude ser tão estúpida?

— Calpúrnia — disse a mãe alguns dias depois, em um tom que eu temia, — acho que já é hora de você parar de tricotar cachecóis e passar para meias. Nada como uma boa e grossa meia de lã, feita por um par de mãos amorosas. Se começarmos agora, terá tempo de fazer um par para cada um dos seus irmãos para o Natal, talvez até para o pai e para o vô, também. Não seria ótimo? Traga sua sacola de tricô e vamos nos sentar na sala de visitas.

A pressão estava no ar.

Suspirei e larguei minha lente. Eu estava no meio da preservação de um espécime particularmente bom da borboleta Viceroy, em um vidro emoldurado, para pendurá-lo próximo aos espécimes do vovô, na biblioteca, mas estava chovendo lá fora, e o delicado trabalho ficava difícil sem a luz direta do sol.

A mãe parecia contente com os fios de lã nova que ela puxava da própria sacola, de onde apontavam agulhas de todos os tamanhos. A lã era de um lindo marrom chocolate escuro,

enrolada em grossas meadas. Ela ficou com as mãos espalmadas como raquetes, enquanto eu desenrolava os fios e tornava a enrolá-los em uma bola. Embora eu não estivesse animada com a perspectiva de tricotar meias, o vaivém ritmado da lá para cá era hipnótico e, com relutância, tenho de admitir que era possível haver maneiras piores de passar um dia chuvoso. Era *possível*. A mãe também parecia calma e relaxada pelo ritual doméstico atemporal; tricotar sempre parecia acalmar suas dores de cabeça, e ela não precisava de doses tão frequentes do Lydia Pinkham. O tempo estava um pouco mais fresco. Embora não fosse necessário, um pequeno fogo com achas de pecã estalava na lareira, para criar a ilusão de que o verão já tinha passado. Travis apareceu com Jesse James e Billy the Kid. Balançou algumas lãs na frente deles, e logo eles estavam pulando para a frente e para trás, e rolando no tapete. Lamar entrou e a pedido da mãe colocou algumas composições de Schubert no gramofone.

— Vamos começar com meias para Jim Bowie, está bem? — disse a mãe. — Algumas pequenas e simples. Depois a gente aprende os desenhos. Encha uma carreira com, digamos, quarenta pontos, e vamos começar pela barriga da perna — ela me passou quatro agulhas minúsculas de tricô.

— Quatro? — franzi o cenho. — O que eu faço com quatro?

— Você tricota em um círculo perpétuo, em vez de voltar no final da carreira.

Socorro! Eu já era bastante desajeitada com duas agulhas. Aquilo acabaria sendo muito pior do que eu pensava. A mãe fez ruídos de incentivo, enquanto eu fazia a primeira carreira da minha primeira meia. Havia tantas pontas de agulha pontiagudas, espetadas em ângulos inesperados, que era como manipular um porco-espinho.

— Olhe — ela disse — se você enrolar a lã em volta do seu quarto dedo, deste jeito, fica mais fácil controlar a tensão, e os pontos saem regulares — tentei fazer do modo que ela me mostrava e, para falar a verdade, a carreira seguinte ficou mesmo melhor. A próxima ficou melhor ainda. Percebi que depois que se vai em certo ritmo, os pontos fluem da agulha de um jeito que você pega o próximo sem se dar conta.

— Agora você começa a arrematar para ir estreitando em direção ao tornozelo. Isso, assim.

Lentamente — muito lentamente — a confusão de lã em minhas mãos começou a ganhar forma. A tarde passou, e apesar de não dar para eu dizer que foi divertido, não foi tão terrível como eu temia. No final, eu tinha nas mãos uma coisa tricotada, pequena, marrom, de aparência engraçada. Levantei-a para dar uma avaliada e decidi que mais parecia vagamente uma meia, do que não. A mãe pareceu satisfeita com aquilo. Disse: — Está exatamente parecida com a primeira que eu fiz na sua idade.

— Bom, é isso — eu disse, fechando minha sacola de tricô. — Está feito.

— O que você quer dizer com feito? Aonde você vai?

Olhei para ela sem entender.

— Vamos começar a próxima — a mãe disse.

— A *próxima*? — gani. Ela estava louca? Eu tinha levado horas para fazer aquela.

— Claro, a próxima. E, por favor, não levante a voz desse jeito. O que Jim Bowie vai fazer só com uma meia?

— Não sei — respondi. Quis acrescentar: *Estou pouco ligando. Talvez ele possa fazer um fantoche com ela.*

— E os outros meninos? E o pai? E o vô? — ela perguntou.

Fiz uma contagem: seis irmãos, mais o pai e o vovô, com muitos pés no cômputo geral. Então, isso significava que também haveria amanhã, e o dia depois de amanhã, e o outro. Minha mente rodopiou. Lá estava toda a minha vida exposta, meias se enfileirando até o horizonte infinito, um vale bocejante de tédio de tricô. Senti um mal-estar.

— Por favor, mãe — eu disse em um tom patético —, me deixe fazer isso amanhã. Acho que meus olhos estão cansados.

Ela pareceu tão preocupada com isso que percebi que devo ter tocado em um ponto fraco. Talvez a ideia do acréscimo de óculos aos traços não tão promissores de sua única filha fosse demais. Aquela era uma pequena, mas conveniente pérola de conhecimento, e eu a conservei para usos futuros. Talvez eu pudesse cultivar enxaquecas.

— Tudo bem —, ela disse — por hoje basta.

Peguei minha sacola de tricô e saí dali antes que ela tivesse tempo de pensar em alguma outra atividade doméstica que eu precisava aprender. Levei a sacola para o quarto e desabalei escada abaixo até o laboratório pouco iluminado, mas vovô não estava ali. Provavelmente estava coletando plantas. Os dias chuvosos eram uma boa hora para coletar espécimes de plantas, da mesma maneira que era impossível encontrar vida animal ou qualquer inseto; todos sumiam com a chuva e ficavam desaparecidos até que o Sol voltasse a sair. Acendi um dos lampiões e me sentei em sua poltrona gasta e estourada, contemplando as fileiras de vidros reluzentes. O embalo da chuva tamborilava no alto.

Acordei com vovô pendurando seu impermeável ensopado em um prego.

— Boa tarde, Calpúrnia, Tudo bem com você?

— Sim, senhor, mas estou cansada de todo o tricô que tive de fazer hoje.

— E você gosta de tricotar?

— Com certeza não é a pior coisa do mundo — admiti —, mas tem coisa demais. Seria para eu tricotar meias para todo mundo antes do Natal, e isso significa um número tremendo de meias. Espero que o senhor goste das suas simples, porque ainda não aprendi nenhum desenho.

— Gosto das minhas meias simples. Eu também nunca aprendi nenhum desenho.

— O senhor sabe fazer tricô? — perguntei, surpresa.

— Ah, sei, e cerzir também. Vários homens do meu regimento eram ótimos no tricô.

Ele viu a expressão do meu rosto, e continuou: — A gente tinha de ser autossuficiente em campo. Se você precisasse de uma meia nova, você mesmo fazia. Não havia esposas ou irmãs — ou netas, por falar nisso — para cuidar da gente, e os pacotes de casa raramente chegavam a seu destino. Eu me lembro de um sargento que escreveu para casa no Natal, pedindo para sua mulher mandar um par de luvas de coelho. Elas chegaram em meados do verão seguinte, e àquela altura ele já tinha perdido dois dedos congelados. Conservou, porém, os polegares, então ficou feliz por isso. É claro que havia o problema dos dedos vazios nas luvas. Eles interferiam na pegada do seu rifle, mas ele os cortou fora na altura dos nós dos dedos, e fez uma costura rente. Eu me lembro que fez um trabalho caprichado

— Autossuficiente — pensei um pouco nisso. Se nossos soldados tinham aprendido a tricotar, se meu avô tinha, talvez aquilo não fosse me matar.

Ele olhou para mim: — Imagino que sua mãe espere que você também aprenda a cozinhar. A gente também tinha de cozinhar.

— Vovô, o senhor está tentando fazer com que eu me sinta melhor?

Ele sorriu: — Acho que sim.

— A mãe está ameaçando fazer com que eu aprenda um prato novo por semana. Talvez não seja tão ruim, mas a gente leva horas para fazer e em quinze minutos não tem mais nada. Aí a gente varre a cozinha, esfrega o balcão e tem de começar tudo de novo, sem um minuto de descanso. O que se ganha com isso? Como é que a Viola aguenta?

— É tudo o que ela sabe fazer — ele disse. — E quando tudo o que você sabe é aquilo, fica fácil suportar. Tem mais uma coisa que ela sabe: a vida dela poderia ser muito mais difícil. Viola é “casa”, em vez de ser “campo”. Ela tem tias e tios em Bastrop tirando as pragas do algodão, com a enxada de cabo curto e puxando o saco comprido.

— O pai não permite uma enxada de cabo curto na plantação.

— Você sabe por que não? — perguntou vovô.

— Não, senhor, não sei.

— Porque fiz com que ele tivesse a oportunidade de passar um dia inteiro no campo usando uma, quando ele tinha mais ou menos a sua idade. Espero que ele faça seus irmãos passarem pela mesma experiência.

— O senhor acha que ele me deixaria experimentar?

— Duvido que ele gostasse de ver sua filha metida nisso.

— Huumm. Então, o que o senhor encontrou hoje?

Ele tirou os óculos do bolso e colocou seu embornal no balcão. — Aqui estão alguns bons espécimes de *sangre de drago*, ou sangue de dragão. Os índios usavam isso para tratar inflamações da gengiva. Vi uma *Oxalis violacea*, mas acho que já temos o suficiente delas. E olhe aqui, é uma *Croton fruticulosus*, que nunca vi desabrochar tão tarde. Você deve ter ouvido falar nela como cróton de arbusto. Vamos experimentar plantar uma.

Para mim, as plantas nem chegavam perto do interesse que os insetos despertavam, e os insetos não eram tão interessantes quanto os animais, mas o vovô tinha me mostrado como todos dependiam uns dos outros, e era preciso estudar e apreciar todos os filós, para poder entender qualquer um deles. Então, dei uma olhada nos maços flácidos que ele separava com o dedo, e tentei aprender alguma coisa.

— Você se lembra da ervilhaca peluda que encontramos há pouco tempo? — ele perguntou, — a possível mutação?

Tinha sido uma planta muito sem graça, mas eu me lembrava dela.

— Dá para você encontrá-la para mim? Acho que ainda está por aqui, em algum lugar. Não tive tempo de prensá-la.

Remexi nos frascos e nos envelopes, e a encontrei, um fragmento seco e marrom, sem o menor interesse.

— A *mutação* — eu disse. — Aqui está.

— A pronúncia correta é “mutação”.

— Como é que se soletra isso? *Por favor*, não me mande pesquisar.

— Só desta vez. É *M-U-T-A-Ç-Ã-O*.

— Prefiro minha pronúncia — eu disse. — “Mutação”. O que é isso? O que significa?

— O senhor Darwin discute o assunto em detalhes. Você ainda não chegou nesse capítulo?

Sentia-me desconfortável o bastante com ele, para admitir quanto achava difícil aquela leitura. — Estou estudando o capítulo sobre Seleção Artificial. Está me custando mais tempo do que eu pensava. É uma leitura densa.

— Para alguém tão nova quanto você, acho que é — ele considerou pensativo, enquanto examinava o frasco. Abriu-o, tirou a amostra e a derrubou em um quadrado limpo de mata-borrão. — Me passe a lente, está bem? — ele disse.

Estudou a “multação” durante um minuto e depois disse: — Huumm. — ora, aquilo por si só já era bizarro. Meu avô normalmente falava sentenças completas.

— Huumm?

— Vamos lá para fora dar uma olhada nisso — o céu ainda estava encoberto, mas a luz exterior era melhor do que a penumbra do laboratório. Saímos e ele olhou a planta através da lente por um bom tempo. Esperei até não aguentar mais.

— O que é, vovô?

Pensativo, ele disse: — Realmente, não sei — aquilo era ainda mais bizarro. Ele sempre sabia tudo. — Parece ser uma folhinha unciforme, pendendo do nó principal, mas é difícil dizer porque está muito seca. Não me lembro disso em nenhuma das descrições. E não me lembro de tê-lo visto em nenhum desenho, e temos alguns excelentes no atlas do doutor Mallon.

— Então, o que isso quer dizer?

— Ela está tão desidratada que é difícil dizer. Pode ser uma aberração, pode não ser nada — ele olhou para mim — Ou pode ser que a gente tenha encontrado uma espécie inteiramente nova.

— Não! — segurei o fôlego.

— É possível. Vamos nos sentar, tomar alguma coisa, e pensar nisso.

Voltamos para o laboratório, e ele colocou a planta no meio do balcão. Depois, afundou em sua poltrona, as molas ressoaram de um jeito que normalmente me faria rir. Ele olhava para a ervilhaca.

— Tem uma garrafa para ocasiões especiais na prateleira de cima, no canto — ele disse. — Desça-a para mim, está bem? Isso é que é uma boa menina.

A pesada garrafa de vidro verde estava coberta com a poeira dos tempos. A etiqueta frágil dizia O MELHOR UÍSQE BOURBON DE KENTUCHY com a ilustração de um puro-sangue inglês empinando.

Vovô se serviu de uma dose cheia, engolindo-a de uma vez. Repetiu o processo, depois despejou uma terceira vez e estendeu o copo para mim. Estremeci com a lembrança de meu primeiro copo de uísque (*pode provocar um pouco de tosse* — de fato).

Ele, porém, estava tão perdido em pensamento que não me viu tentando dispensá-lo. Peguei o copo da mão dele e o coloquei de lado. Esperei com a respiração suspensa.

Depois de longo tempo, ele sussurrou: — Ora, ora, passei muito tempo esperando por este dia — levantou os olhos. — E cá estamos nós.

— O senhor tem certeza? — sussurrei. — Como podemos ter certeza?

— Precisamos encontrar um espécime fresco e arrancá-lo pela raiz imediatamente. Temos de fazer um desenho detalhado. Precisamos marcar no mapa o ponto exato onde ele foi encontrado, fotografá-lo para mandar para o Instituto Smithsonian, talvez uma muda, mais tarde. E, então, vamos ver. — ele deu um profundo suspiro. — Está servida de mais uma dose?

— Não, obrigada, vovô, mas vá em frente — eu disse, devolvendo o copo para ele.

— Acho que vou — ele disse. — É, acho que vou.

Bebeu sua dose e olhamos um para o outro. — Agora, ao trabalho — ele disse. — Vamos apanhar uma amostra fresca para completar nossa documentação. E precisamos de várias outras iguais a ela, para termos uma boa amostragem. Onde foi que a encontramos?

Peguei o frasco e olhei na etiqueta. E ali, debaixo de “multante”, onde eu sempre marcava a localização do jeito que ele tinha me ensinado... não havia nada. A terra inclinou-se a meus pés. Segurei o fôlego. Minha visão escureceu. Olhei para outro lado por um segundo, para dar a meus olhos traiçoeiros uma chance de parar com sua brincadeira, para ver *o que tinha de estar lá*. Pisquei com força e olhei mais uma vez a etiqueta. Não havia nada.

Com grande força de vontade, ansiei por respirar e o ar correu para dentro dos meus pulmões.

— Calpúrnia, você está bem?

Ofeguei como um bagre em terra. — Ah-não, ah-não, ah-não.

Ele se levantou. — Concordo que seja um momento impressionante. Talvez devamos nos sentar por um minuto. Sente-se aqui — ele disse, e me deu sua poltrona.

Eu não conseguia falar. Não podia contar para ele.

— Devo ir buscar sua mãe? — ele perguntou, consternado.

Balancei a cabeça e assumi o controle da minha respiração. — Não, senhor.

— Você precisa de um pouco de uísque?

— Não, senhor! — gritei, sufocada de medo.

— Fique calma — ele disse, — e me conte o que há de errado.

— É a ervilhaca — disse, chorando. — Não registrei. Não está lá.

Ele pegou o frasco e olhou. — Ah, Calpúrnia — disse baixinho, — ah, Calpúrnia — cada palavra suave era como um soco no meu rosto.

Coloquei a cabeça nas mãos. — Sinto muito — soluzei. — Vou encontrá-la, vou encontrá-la.

— Como foi que isso aconteceu?

— Eu sei o que o senhor me ensinou — continuei chorando, — eu sei. Nós estávamos voltando do rio. Eu estava pensando na tartaruga do Ajax. Estava pensando na sobrevivência do mais apto — puxei meu lenço do bolso. — Ah, vou encontrá-la, juro. Por favor, não fique bravo comigo, *vou* encontrá-la.

— É claro que vai — ele disse sereno.

— Vou agora mesmo.

— Calpúrnia, está ficando escuro.

— Se eu correr — eu disse levantando de um pulo e agarrando o frasco. — Onde tem um lápis, preciso de um lápis, tenho certeza de que tem um lápis em algum lugar por aqui — fui falando sem parar.

— Pare. Agora está muito tarde. Temos de ir amanhã. Sente-se e se acalme. Pense de novo. Você disse que nós estávamos voltando do rio — ele incitou.

Voltei a me sentar.

— Feche os olhos — ele disse, — e veja na sua mente.

Fechei os olhos, mas estava muito alterada para me concentrar. Com grande esforço, ouvi suas palavras e tentei espaçar a minha respiração. — Nós estávamos usando o microscópio. No estuário.

— Eu me lembro — disse vovô. — Respire fundo. Fique quieta e pense. Estávamos voltando do estuário.

— Estávamos voltando do estuário — ecoei. — É isso, Ajax tinha pegado uma tartaruga, a única vez em que ele fez isso. Eu me lembro de tirá-la dele. Você foi com ele para longe, para eu poder soltá-la. Tem... tem alguma coisa ligada a Ajax... mas eu não me lembro o que é.

— Tenho certeza de que vai se lembrar — ele disse. Sua voz me acalmou.

Ajax e a “multação”. A “multação” e Ajax. Eu sabia que estava na pista certa. Um tinha alguma coisa a ver com o outro, mas o quê? Fiz uma busca pelos caminhos da minha memória, como um cão de caça que tenta encontrar um faro perdido. Desse jeito, daquele jeito, todas pistas cegas. O que Ajax estava fazendo? Parecia ser alguma coisa irritante, mas ele estava

sempre fazendo alguma coisa irritante, no seu modo desajeitado e bem-humorado, então, isso não servia nem um pouco de ajuda. Ele não estivera fora, cortejando Matilda? E depois?

— Ah —, gemi — não consigo descobrir. Está aqui em algum lugar — bati na minha testa —, mas não consigo achar.

— Acho, Calpúrnia, que é alguma coisa que você vai ter de dormir pensando nela. Vamos descobrir. Temos de descobrir. Mesmo se tivermos de examinar cada coisa verde que cresce nesta região.

Melancólico, ele olhou o frasco da “multação”. Depois suspirou uma vez, e mesmo sem que eu visse censura no seu rosto, achei que meu coração ia se despedaçar. Resolvi naquele exato momento que, se fosse necessário, eu iria, com uma lente, percorrer de gatinhas nossos seiscentos acres, pelo tempo que fosse preciso. Fechamos o laboratório e voltamos para casa em silêncio. Eu nunca tinha me sentido tão miserável.

Pensa que eu consegui dormir naquela noite? Deitei na cama reta como um cadáver, sem energia para ficar rolando de um lado para o outro. Questão para a Caderneta: *Como é que Calpúrnia Virginia Tate pôde ser tão estúpida?* Excelente pergunta, essa. Meu avô tinha me ensinado a anotar a localização de cada espécime, e eu tinha feito isso, até chegar o momento — o *único* momento — que realmente importava. Outra Questão para a Caderneta: *Como é que posso esperar que ele um dia me perdoe?* Novamente, excelente pergunta, Calpúrnia. Talvez ele não a perdoe. Talvez ele não seja capaz de suportar olhar para você. Caso em que você estará liquidada.

Levantei-me de manhã com olheiras escuras e enormes sob os olhos, e a mãe me olhou com certo sobressalto. Não consegui olhar para o vovô no café da manhã.

A escola foi uma agonia de exaustão e tensão nervosa. Cheguei perigosamente perto de retrucar para a senhorita Harbottle, e ser mandada para o Canto da Vergonha pelo resto da minha vida, quando ela fez com que eu fosse para o quadro-negro e resolvesse um comprido problema de divisão. Que resolvi errado.

No recreio, Lula perguntou: — Callie, o que há de errado com você?

— Nada, Lula, estou bem! — gritei. Ela me deu as costas e foi brincar com aquela idiota da Dovie Medlin. — Ei, Lula, me desculpe. Volte aqui — gritei, mas a senhorita Harbottle tocou o sino.

Arrastei-me para casa no final do dia, ficando longe dos meus irmãos, que tinham desistido de tentar me convencer a mudar de humor. Pensei em Ajax, enquanto me esforçava para

caminhar. Se pelo menos eu não estivesse tão exausta, talvez conseguisse que meu cérebro entrasse em foco. O estúpido cachorro era a chave de tudo. Eu tinha tirado a tartaruga dele. Tínhamos ido para longe do rio. Eu tinha segurado na sua coleira. Porque. Porque. Porque ele tinha enfiado o focinho em um buraco grande.

— É isso! — gritei, e meus irmãos se viraram para me olhar. Pulei sem parar, gritando — É isso! O texugo, o texugo! Eu sei onde ela está! Eu sei onde a ervilhaca está! — corri até Lamar e Sam Houston e enfiei meus livros de escola em suas mãos. — Levem meus livros para casa para mim. Vou encontrar a “multação”! — corri para dentro do bosque, em direção a uma das trilhas dos veados.

— O que você está fazendo? — gritou Lamar. — O que é uma “multação”?

Eu, porém, estava ocupada demais, desabalando-me pelo bosque, o coração batendo *sim, sim, sim*, enquanto eu corria.

Tinha sido o maior buraco de texugo que eu já havia visto, tão grande que eu havia pensado em voltar e investigá-lo melhor, vovô tinha encontrado a ervilhaca alguns metros depois, não foi? Eu podia encontrá-la, eu ia encontrá-la. O mundo me pertencia. Meu avô voltaria a ser meu.

Três horas depois, arranhada, com bolhas, sedenta, pisei no dito buraco do texugo na hora do crepúsculo e quase quebrei meu tornozelo em dois. Também acordei o texugo. Ele reagiu com um silvo irritado e batendo lá do fundo da sua toca, fazendo com que eu puxasse a perna para fora com o dobro da rapidez, apesar da dor.

Não havia muito tempo sobrando. Em breve estaria escuro demais e, além disso, o texugo logo sairia para fazer suas rondas, aterrorizando as toupeiras e os geômis. Um texugo de mau humor era algo a ser evitado. Manquei alguns centímetros para longe e pensei. Nós estávamos vindo do rio. Estávamos indo para casa. Isso significava que estávamos passando... por lá. Segui mancando, com os olhos fixos no chão. E ali — bem ali — havia uma pequena moita verde de uma possível ervilhaca. Caí de joelhos rezando *que seja isso, tem de ser isso, por favor, faça com que seja isso*. Escavei a terra compacta com minhas unhas, afofando-a para soltar as raízes tanto quanto possível, xingando a mim mesma de idiota por não ter trazido uma pá e um frasco com água.

Ofegando de ansiedade, tirei-a da terra depois de uns bons cinco minutos de trabalho. A maior parte da raiz estava intacta. Afundei nos calcanhares esgotada, ignorando a dor no meu tornozelo. Teria descansado por mais tempo, se não fosse pelo indescritível fedor e pela

fungada alta que vinha a poucos centímetros de mim. Virei-me e vi o texugo avançando em minha direção.

Fiz um bom tempo, considerando ser uma menina contundida, que carregava um tesouro inestimável.

Viola tocou o sino na varanda dos fundos, quando cheguei na entrada de casa. Haveria problema por eu estar chegando tarde para o jantar, especialmente por estar tão suja. Chegar tarde para o jantar era um delito sério em nossa casa, mas se eu entrasse imediatamente, teria de lidar com explicações, atrasos, e limpezas, adiando com tudo isso o momento crítico de pôr a ervilhaca na água. Recuei aos poucos por baixo das árvores e contornei a casa até o laboratório, aumentando meu atraso e as repercussões que teria de enfrentar à mesa.

O laboratório estava escuro. Havia vários frascos vazios e uma jarra de água potável no balcão. Enchi um frasco com água e pus a ervilhaca dentro dele, pensando *Por favor, faça com que essa seja a certa. Se não for, vou ter de me matar. Ou isso, ou fugir de casa.* Fui para a porta dos fundos, tentando me lembrar de quanto dinheiro havia na lata escondida sob a minha cama. Na última contagem, eu tinha economizado vinte e sete centavos para a Feira de Fentress. Não daria para ir muito longe com vinte e sete centavos. É melhor não ser pessimista, Calpúrnia. Tem de ser essa.

Entrei pela porta dos fundos justo quando Viola tirava o assado do forno. SanJuanna estava pronta para levá-lo para a sala de jantar.

— Está atrasada — disse Viola. — Se lava aqui.

— Me desculpe — eu disse. — A mãe está brava?

— Muito.

Bombeeí água na pia da cozinha e ataquei minhas mãos com a escova de unha.

— Me desculpe.

— Cê já disse isso.

Olhei para o meu avental sujo e rasgado.

— Tire isso fora — disse Viola. — Não dá para você fazer nada. Entre lá.

Tirei o avental e o pendurei no gancho ao lado da pia. Entrei mancando na sala de jantar, escondida atrás de SanJuanna e do assado. Devo ter exagerado um pouco minha dificuldade para andar. A conversa parou. Abaixei a cabeça e murmurei “Me desculpe”, enquanto ocupava meu lugar. Meus irmãos olhavam ansiosos para minha mãe e para mim, alternadamente.

— Calpúrnia —, disse a mãe — você está atrasada. E por que está andando assim?

— Pisei no buraco do maior texugo do mundo, e acho que me machuquei. Sinto muito chegar tão atrasada, mãe, sinto mesmo. Levei horas para voltar, porque estava machucada e tudo mais.

— Por favor, me procure depois do jantar — disse a mãe.

Os meninos mais velhos voltaram a comer, desapontados pela falta de punição pública, mas o pequenininho, Jim Bowie, disse: — Oi, Callie, estava com saudade. Onde você estava?

— Estava coletando plantas, JB. — eu disse com uma voz alta e animada. Tanto minha mãe quanto meu avô levantaram os olhos. — E aí eu pisei no buraco do texugo — acrescentei. — Pode ser que meu tornozelo esteja quebrado.

— É mesmo? — disse JB. — Posso ver? Nunca vi um tornozelo quebrado.

— Mais tarde — murmurei.

A mãe voltou sua atenção para o prato, mas o vô continuou me encarando. Eu já não estava me aguentando.

Votei-me para Jim Bowie e disse: — JB, pode ser que eu tenha encontrado uma coisa especial, uma planta especial. É, de verdade. Deixei-a no laboratório. Mostro para você mais tarde, se você quiser. É melhor não ficar brincando com as ervilhas desse jeito.

Olhei furtivamente para vovô. Ele ainda estava olhando para mim com intensa concentração. Começamos a comer a carne. Ainda demorava uns trinta minutos até a garrafa do Porto, mas o vovô fez algo inusitado em toda a História do Jantar: não esperou o Porto. Levantando-se da mesa, passou o guardanapo na barba, inclinou-se para a minha mãe e disse: — Mais um ótimo jantar, como sempre, Margaret. Por favor, me dê licença — saiu pela cozinha, deixando-nos de boca aberta à sua passagem. Ouvi a porta dos fundos se fechar atrás dele, e suas botas nos degraus. Nenhum de nós tinha jamais visto algo assim. Minha mãe manteve-se calma e olhou para mim:

— Você tem alguma coisa a ver com isso? — ela perguntou.

— Eu não — mantive os olhos no prato.

— Alfred — ela disse, virando-se para o pai atrás de informação, — o vô Walter está se sentindo bem?

— Acho que sim — respondeu o pai, parecendo perplexo.

Vendo uma oportunidade, Jim Bowie, ainda brincando com suas ervilhas em vez de encarar o tormento de comê-las, disse: — Por favor, mãe, me dá licen...

— Não, não dou. Não seja ridículo.

—Mas vô...

— Pare já com isso, JB.

O resto do jantar transcorreu em silêncio. Tive de ficar à mesa por uma hora depois que eles saíram, e SanJuanna tirou tudo, e perdi a competição de vagalumes. Que importância tinha? Contudo, não estar lá fora no laboratório estava me matando. Peguei-me torcendo as mãos, algo sobre o que eu só tinha lido em histórias exageradamente sentimentais. Antes que o relógio acabasse de soar, eu já estava fora da minha cadeira, mancando pela cozinha. Viola estava dando comida para Idabelle, a Gata de Dentro, enquanto SanJuanna lavava os pratos.

— Escute aqui... — disse Viola, enquanto eu saía intempestivamente pela porta dos fundos e dava uma brecada súbita. Ali, sentado nos degraus de trás, no escuro, agradando um dos Gatos de Fora, estava vovô, fumando um cachimbo e contemplando o céu. Da cozinha, atrás de nós, vinham os ruídos aconchegantes da louça sendo guardada. Da escuridão, veio o piado de algum estranho pássaro noturno. Fiquei ali por um momento, todo o meu mundo por um fio.

— Calpúrnia —, ele disse — está uma noite deliciosa. Você não quer ficar aqui comigo?

E eu soube que estava tudo bem.

CAPÍTULO 12

Um estudo científico

Não são muitos os homens que examinarão cuidadosamente órgãos internos importantes, comparando-os em muitos espécimes da mesma espécie.

No sábado seguinte, vovô e eu fomos para Lockhart de trole. A desculpa que dei para meus pais foi a de que eu queria visitar a biblioteca. Vovô não deu desculpa nenhuma; pediu a Alberto que atrelasse um cavalo. Mesmo tendo se afastado dos assuntos domésticos, todos ainda lhe devotavam profundo respeito. Invocar seu nome era como girar uma chave dourada que abriria portas que, caso contrário, poderiam permanecer fechadas para mim.

Segurei o precioso espécime em uma caixa de papelão no meu colo, enquanto ele dirigia. Ainda que o dia estivesse nublado, eu tinha um dos velhos guarda-sóis da mãe para resguardar a mim e à Planta, instalada em segurança em um pequeno vaso de barro. Tinha visto vovô abrir um buraco na terra com um lápis, antes de colocar delicadamente a frágil haste verde em sua nova casa. Depois, nós a regamos com água fresca do poço. Eu me sentia honrada de fazer parte disso.

Para meu pavor, a planta no meu colo começou a dar a impressão de perder um pouco do frescor durante o trajeto.

— Vovô, a Planta parece um pouco... cansada.

Ele deu uma olhada, mas não pareceu preocupado. — Isso não é anormal, levando-se em conta que nós a arrancamos da terra há não muito tempo. Dê-lhe um pouco de água do cantil. Não é um ótimo dia para um passeio?

Concordei e relaxei um bocadinho. Ele assobiou alguma ária de Mozart por um tempo, e depois irrompeu em uma balada, alguma coisa grosseira sobre um marinheiro bêbado e o que deveria ser feito com ele. Para passar o tempo, ele me ensinou a letra.

Em Lockhart, paramos o trole em frente ao Salão de Retratos Hofacket — Belas Fotografias para Belas Ocasões. Já lá dentro, vovô teve dificuldade em fazer o senhor Hofacket entender do que precisávamos.

— O senhor quer tirar uma fotografia de uma planta? — ele ficava repetindo. Pode ser que ele fosse bom para operar uma câmera, mas era lento para atender ao nosso pedido. Vovô tornou a explicar o que queria. O relutante senhor Hofacket disse: — Bom, vou ter de lhe cobrar minha taxa normal, que é um dólar por retrato.

— Combinado — disse vovô sem pestanejar. O senhor Hofacket pareceu mortificado, talvez como se estivesse se amaldiçoando por não cobrar uma taxa extra por uma planta especial.

— Está bem — ele disse. — Venha aqui atrás no meu estúdio. Garotinha, você espera aqui.

— Não senhor — disse vovô. — Ela faz parte desta expedição.

O senhor Hofacket olhou para ele e depois nos conduziu pelas cortinas sem dizer uma palavra.

Lá atrás havia várias cadeiras, espreguiçadeiras e suportes de vime. Tudo parecia familiar, o que era desconcertante, até que percebi que eu já havia visto esse material antes, em diversos retratos de família espalhados por toda a região, os mesmos suportes usados vezes sem conta. O senhor Hofacket remexeu em uma gaveta e surgiu com uma folha de papel completamente branco. Depois, abriu outra gaveta e encontrou um álbum de fotos vazio, desfez a lombada e puxou uma folha de papel preto áspero.

— Desse jeito? — perguntou ao vovô. — O senhor quer uma preta e uma branca, as duas?

— Seria bom.

— Está bem — disse o senhor Hofacket, ainda tendo dificuldade com o conceito. — O dinheiro é seu.

— É, sim, senhor, e logo será seu — observou vovô animado, em um bom humor como eu nunca tinha visto, principalmente considerando-se que não tinha tomado uísque, até onde eu sabia. Piscou para mim, e tentei piscar de volta, mas só conseguia fazer isso com os dois olhos de uma vez, o que me fez parecer estúpida. Outra importante habilidade que eu precisava treinar.

O senhor Hofacket pregou o pedaço de papel branco na parede, e depois colocou a Planta em uma caixa de madeira em frente a ele. Rodou sua grande câmera de fole para o lugar certo e começou a lidar com ela.

— Mais perto —, disse vovô — tão perto quanto o senhor consiga, desde que ainda preserve os detalhes. Precisamos conseguir discernir aquela folha em gancho, essa pendurada logo ali.

— Aquela ali? — perguntou o senhor, Hofacket, intrigado. — É disso que o senhor quer uma foto?

— Sim, senhor.

O senhor Hofacket franziu o cenho. — Se eu chegar muito perto, vai perder o foco. Deixe-me pensar nisso um pouco — examinou a Planta de um ângulo e de outro. Depois, disse: — Acho que precisamos de uma luz extra, vinda dessa direção. Isso colocará essa parte em destaque, e o flash a mostrará melhor — rodou uma engenhosa estrutura rolante de lanternas enfileiradas para perto da planta, e as acendeu, nove lanternas ao todo. Virou a estrutura para um lado, para o outro, até ficar satisfeito com o ângulo da iluminação que ela projetava.

Depois, olhou através de suas lentes e disse: — Certo, isso é o melhor que posso fazer, mas tenho de prevenir o senhor, vai ter de me pagar mesmo se não gostar do resultado.

— Sim, senhor, eu compreendo — para mim, aquilo não parecia justo, mas vovô não estava preocupado.

— Mesmo que o senhor não consiga ver aquela... aquela coisa pendurada ali.

— Senhor, aceito os seus termos. Tome — ele disse, enfiando a mão no bolso —, deixe-me pagá-lo agora.

— Não, não — disse o senhor Hofacket. — Eu queria ter certeza de que o senhor tinha entendido. — Encheu sua bandeja com flash de magnésio e, em seguida, enfiou-se sob o pano preto. Um segundo depois, ouvimos um suave *fuup*, enquanto a sala se enchia de uma luz brilhante e branca, impedindo minha visão por vários e longos segundos.

— Não se mexa até que consiga voltar a enxergar bem — avisou o senhor Hofacket, ao sair de sua tenda. — Uma vez, uma senhora tropeçou e quase quebrou o maldito pé — puxou a placa para fora da câmera, virou-se e me viu. Então disse: — Ichi, senhorita, desculpe-me pelo meu linguajar. Finja que não ouviu e, por favor, não conte para sua mãe. Volto em poucos minutos. — pegou a placa e desapareceu em um quartinho minúsculo. Podíamos ouvi-lo fazendo uns tinidos e espalhando líquido lá dentro. Alguns minutos depois, saiu segurando uma fotografia úmida com uma pinça de madeira.

— Normalmente eu não apareço com ela enquanto ainda está molhada, mas achei que o senhor gostaria de vê-la — disse. — Não toque nela.

Olhamos e lá estava: a Planta e, claramente visível na base da haste, a Minúscula Folha da Maior Importância.

Vovô sorriu: — Ótimo trabalho, senhor, excelente.

O senhor Hofacket corou, abaixou a cabeça, e juro que teria dado um pulinho, se não houvesse testemunhas. Murmurou: — O senhor gostou?

— Ficou perfeita. Estou muito agradecido.

— A forma daquela folha ali ficou bem visível.

— Está perfeita. Vamos fazer a outra.

Acho que o senhor Hofacket teria ficado ali o dia todo, se deixássemos, e se embalado nos elogios que recebeu durante essa tarefa das mais estranhas. Colocou a Planta em frente ao papel preto dessa vez, e repetiu todo o processo. Fechei os olhos antes do clarão do magnésio, mas, mesmo assim, através das pálpebras vi o brilho intenso dos fogos de artifício. O senhor Hofacket apressou-se a surgir com a nova fotografia, para mais elogios. Agora que fazia parte do projeto, metralhava vovô com perguntas sobre novas espécies, o Smithsonian, Washington, e assim por diante.

Eu estava colocando a Planta de volta na caixa de papelão para ir para casa quando vovô disse: — Espere, Calpúrnia. Senhor Hofacket, acho que mais uma fotografia. — colocou a Planta em um elegante suporte de junco.

— Calpúrnia, você fica deste lado e eu, desse — alisei meu avental, e o vovô deu uns tapinhas na barba. Posei toda orgulhosa.

— Prenda a respiração — pediu o senhor Hofacket. — Não respire, agora. Três, dois, um.

Dessa vez, o flash em nosso rosto poderia ter parado um rinoceronte no ato. O mundo todo ficou branco. Fiquei pensando se a neve seria desse jeito. O senhor Hofacket tagarelava sem parar, enquanto minha visão voltava ao normal. Levou os três retratos até o balcão da frente e estava prestes a carimbar seu timbre em relevo dourado Hofacket — Retrato de Qualidade no canto inferior esquerdo de cada um quando vovô o interrompeu.

— Senhor —, disse — por gentileza, coloque seu timbre no verso dos retratos, porque são registros científicos, e as imagens não podem ter nenhuma interferência — o rosto do senhor Hofacket ficou decepcionado até que vovô disse: — Com seu timbre no verso, o mundo saberá que foi o senhor quem tirou essas fotografias. Pode colocar seu timbre na frente deste em que

estou com a minha neta, como lembrança deste dia — vovô lhe estendeu os três dólares de prata.

O fotógrafo embrulhou as fotos com papel Kraft e as amarrou com barbante. Estava na hora de irmos embora, mas ele estava detestando nos deixar ir. Acompanhou-nos até o trole, ainda falando. Insistiu em segurar a caixa com a Planta, enquanto eu subia. Fascinado, olhava para ela como se esperasse que ela conversasse com ele. Coloquei a Planta no colo e abri o guarda-sol. Vovô estalou a língua para o cavalo se pôr a caminho. O senhor Hofacket ficou na rua e gritou: — Adeus, volte logo. Adeus, e não se esqueça de me contar o que aconteceu. Lembre-se de me dizer se eles gostaram das minhas fotografias!

— Quando chegarmos em casa — disse vovô, — vou escrever uma carta e mandar as fotos em seguida. Daí, só nos resta esperar, o que às vezes é a parte mais difícil. Dê um pouco de água daquele cantil para nosso espécime, está bem?

Na longa viagem de volta a Fentress, meu avô e eu estávamos cheios de energia acumulada. Gastamos um pouco dela cantando cantigas de marinheiros e de piratas que tinham palavras impróprias, mas tomamos o cuidado de mudar para hinos religiosos quando cruzávamos com outras pessoas. Chegamos em casa na hora do jantar, empoeirados e cansados, mas ainda animados com o nosso dia. Pusemos a Planta para dormir no laboratório, e nos juntamos aos outros lá dentro.

O jantar durou uma eternidade.

— Quais as novidades de Lockhart? — perguntou o pai.

— Acho que as ações do algodão subiram no mercado futuro, e Calpúrnia e eu tiramos uma fotografia de nós dois.

— Tiraram? — perguntou Sul Ross. Ele me olhava com ar de acusação. — Como é que você conseguiu uma fotografia?

— Para assinalar um dia importante — disse vovô, percorrendo a mesa com o olhar. — É possível que Calpúrnia e eu tenhamos descoberto uma nova espécie de planta.

— Isso é bom — disse a mãe, parecendo distraída.

— Que tipo de planta? — perguntou Harry.

— Por favor, passe as batatas — pediu Lamar.

— Possivelmente uma nova espécie de ervilhaca — disse vovô.

— Ah — disse Sam Houston — *ervilhaca*.

Ah, *ervilhaca*. Um instinto assassino invadiu meu peito. Eu queria voar sobre a mesa para cima dele, mas em vez disso, espumei em silêncio pelo resto daquela refeição interminável.

Jamais a conversa obrigatória do jantar tinha me parecido tão vazia. Nunca a minha família me parecera tão idiota, tão obtusa, tão estúpida. A única salvação era que o pai, como dono de gado, tinha noção da importância de uma possível nova variedade de “ah, ervilhaca” e perguntou se ela poderia ser usada como forragem, mas eu estava irritada demais para prestar atenção.

Finalmente, *finalmente*, o jantar acabou e vovô e eu nos retiramos para a biblioteca e fechamos a porta. Ele pegou uma das chaves minúsculas da corrente do seu colete, abriu a gaveta fechada da sua escrivaninha, e tirou algumas folhas de papel de carta creme encorpado.

Ele disse: — Acenda o lampião, Calpúrnia. Vamos jogar um pouco de luz nos cantos escuros da Terra Incógnita. Vamos erguer no alto a luz do conhecimento e apagar mais um dragão do mapa.

Levei um fósforo até a lenha na lareira, corri e peguei lampiões extras, colocando-os ao longo do perímetro do seu mata-borrão, como uma constelação particular. Ele mergulhou a pena, fez uma pausa e ficou com o olhar perdido; tornou a mergulhar a pena e, então, escreveu na sua caligrafia antiquada:

15 de setembro de 1899

Prezados Senhores,

Durante nossos passeios diários neste pequeno canto do Distrito Caldwell, localizado no centro do Texas, a quarenta e cinco milhas (aprox.) ao sul de Austin, capital do Estado, chamou-nos a atenção que talvez haja uma nova espécie de ervilhaca, a qual temos a honra de apresentar aos cavalheiros. Em uma primeira análise, a planta é um membro comum da forragem simples Vicia Villosa, também conhecida como

ervilhaca peluda. No entanto, os senhores verão, como está descrito abaixo, e pela fotografia inclusa, que...

Ele precisou de duas páginas para descrever a Planta e a Folha Minúscula da Maior Importância. No final, assinou, enquanto eu olhava por sobre seu ombro,

*Atenciosamente,
Walter Tate e Calpúrnia Virginia Tate*

Recostou-se na cadeira. — Lá vamos nós — ele disse. — Vamos ver. Teremos de esperar e ver.

Coloquei a mão no seu ombro. Ele deu uma respirada lenta e profunda, e disse: — Pensei que este dia nunca chegaria, minha menina. Pensei que poderia morrer antes que acontecesse.

E lá íamos nós. Uma nova espécie. Uma fotografia. E eu, sua menina.

CAPÍTULO 13

Uma correspondência científica

Quando uma família de plantas está perfeitamente estabelecida, os horticultores não escolhem as melhores plantas; eles simplesmente vão até os canteiros e arrancam as “intrusas”, como são chamadas as plantas que se desviam do padrão adequado.

A Planta fixou residência no parapeito da janela sul do laboratório e, depois de certa ansiedade da minha parte, aprumou-se com energia para a vida. Nós a analisávamos várias vezes por dia, atentos a sinais de pouca ou muita água, sol demais ou sol de menos, ácaro vermelho, correntes de ar, clorose, doenças em geral. Todas as vezes que eu achava uma joaninha, levava-a correndo até a Planta, para montar guarda contra pragas, mas meus pequenos vigilantes vermelhos sempre iam embora. Fizemos diariamente anotações detalhadas no livro de registro, um caderno novo e caprichado, de capa marmorizada, reservado para a Planta. Apavorada de que alguém, em um acesso equivocado de arrumação, pudesse jogar a Planta fora, preguei um pequeno aviso sob o vaso:

***EXPERIMENTO EM ANDAMENTO. NÃO SE META
COM ESTA PLANTA. FALO SÉRIO.
Calpúrnia Virginia Tate (Callie Vee)***

Vinte dias depois, recebemos nossa primeira correspondência sobre a Planta. Era do senhor Hofacket. Escreveu perguntando se tínhamos recebido alguma resposta do Smithsonian. Ele havia colocado uma cópia das fotografias em sua janela, entre a noiva tensa e o bebê nu

rolando em uma pele branca de urso, e tinha atraído vários novos fregueses que entravam para perguntar sobre a curiosa fotografia de uma planta não identificada.

— Calpúrnia, você é parte deste esforço — disse vovô. — Poderia, por favor, escrever ao senhor Hofacket, lembrando-lhe que ainda é cedo demais para receber uma resposta em relação a isso? Eu frisei que seriam meses. Mesmo assim, precisamos cultivar o entusiasmo no leigo, sempre e quando o percebermos.

Ah! Uma incumbência para estabelecer uma correspondência científica — uma espécie de — com um adulto. Fiz meu rascunho a lápis e, quando estava satisfeita com meus esforços, procurei vovô para lhe mostrar. Bati na porta da biblioteca e ele gritou: — Entre, se for preciso — Encontrei-o remexendo em uma de suas gavetas de lagartos, na biblioteca, murmurando sobre a falta de um espécime.

— Calpúrnia, você viu meu calango de cinco riscas? Naturalmente, deveria estar arquivado aqui, entre o de quatro riscas e o de muitas riscas, mas parece que coloquei em lugar errado.

— Não, senhor, não vi, mas escrevi uma carta em resposta ao senhor Hofacket, e preciso que o senhor dê uma olhada.

— Senhor quem? — ele perguntou, procurando.

— O fotógrafo. O senhor se lembra, em Lockhart.

— Ah, é — ele me dispensou, dizendo: — Confio que você tenha feito um bom trabalho. Isso, isso, vá em frente e mande para ele. Aqui estão os tritões — ele murmurou, — aqui estão as salamandras. Onde está o restante dos calangos?

Eu estava empolgadíssima. Estava saindo, quando me lembrei de outro problema.

— Não tenho selo, vovô.

— Hã? Ah, aqui está — ele disse, enfiando a mão no bolso e tirando uma moeda. Deu-me dez centavos, peguei e subi a escada correndo até o meu quarto. Peguei uma pena nova e minha caixa de papel bom e acetinado reservado para ocasiões especiais. Arrumei esses itens na minha penteadeira e me sentei. Não era uma longa carta, mas levei uma hora para fazer a cópia final, porque estava com medo de borrar.

27 de setembro de 1899

Prezado senhor,

Sua carta de quarta-feira chegou. Meu avô, Capitão Walter Tate, pede que eu informe ao senhor que até agora não recebemos notícia do Instituto Smithsonian. Meu avô, Capitão Walter Tate, quer que o senhor saiba que ele vai mandar correspondência assim que receber notícia. Meu avô transmite suas recomendassões e gosta do seu interesse no assunto.

Sinceramente,

Calpúrnia Virginia Tate

(neta do Capitão Walter Tate)

Coloquei a carta em um envelope bonito e encorpado e desci a escada estrepitosamente, determinada a colocá-la no correio naquele dia.

Travis e Lamar estavam brincando de mocinho e bandido na varanda da frente, trocando tiros de revólver de brinquedo. Ignorei seus gritos de — Ei, Callie! Onde é que você vai? — e corri o máximo que podia. Não estava no clima de trocar ideias nem de dar satisfação. Eles tinham a própria vida, e *agora eu tinha a minha*, pensei, exultante enquanto corria.

Cheguei ao correio em tempo recorde, ofegante e coberta da poeira fina da rua. O senhor Grassel, nosso carteiro, estava atrás do balcão. Havia alguma coisa errada com ele, mas eu não sabia o quê. Ele sempre fazia uma grande festa ao atender os Tate; quando meus pais entravam, fazia uma reverência. Fingia gostar de crianças, principalmente das crianças Tate, mas eu percebia que, na verdade, não gostava. Estava conversando com a mãe de Lula Gates e lhe entregou um pacote. Esperei como uma criança educada.

— Boa tarde, Callie — disse a senhora Gates, reparando em mim um minuto depois. — A família vai bem? Sua mãe não tem sofrido muito com as dores de cabeça, espero?

— Olá, senhora Gates — respondi. — Estamos todos bem, obrigada. E vocês?

— Estamos bem, graças a Deus.

Depois de um pouco mais de trivialidades, ela pediu que levasse seus cumprimentos a minha mãe e foi embora. Aproximei-me do balcão e coloquei meu envelope sobre ele, para assim não ter de colocá-lo na mão do senhor Grassel. Suas palmas inchadas estavam sempre suadas. Ele me dava arrepios.

— Então, senhorita Tate — ele disse, pegando o envelope e dando uma olhada —, estou vendo que a senhorita está escrevendo para Lockhart.

— Preciso de um selo — eu disse, à beira da grosseria.

Ele apertou os olhos. Eu estava sendo impertinente ou não?

— Por favor, senhor — acrescentei, um bom segundo depois.

O senhor Grassel olhou o endereço no meu envelope. — Está indo fazer um *retrato* no Hofacket? — ele geralmente perguntava para quem a gente estava escrevendo e por quê. A mãe dizia que era o auge da grosseria um servidor público, com conhecimento privilegiado, se meter, e dessa vez tive de concordar com ela.

— Estou — pausa. — Senhor — então como eu estava cheia de coragem nesse dia especial, acrescentei na minha voz mais doce de menininha: — Vou fazer um *re-tra-to*.

Sua boca se contraiu. Ah! Empurrei para ele meus dez centavos sobre o balcão. Ele pegou um selo, umedeceu-o em uma pequena esponja, grudou-o no meu envelope com um gesto dramático e perguntou: — Algum tipo de ocasião especial?

— Não. Senhor.

Ele contou ostensivamente meus oito centavos de troco e os estendeu, forçando-me a abrir a mão para recebê-los.

— A família toda? — perguntou, apertando meus dedos com a mão úmida.

— O quê? — perguntei, enfiando as moedas no bolso.

— Vai a família toda? Ou apenas você, mocinha? Ora, você já é um verdadeiro *retrato* — ah, me desculpe, tirar aquele re-tra-to.

— Sim, senhor! — gritei, enquanto me virava e corria para fora dali, guardando comigo a pérola preciosa que era a história da Planta. Nunca dividiria aquilo com ele. Era o mesmo que contar uma novidade para a cidade toda.

E se acontecesse de o vovô estar — Deus me defenda — enganado? Eu poderia aguentar se ele estivesse errado, mas não suportaria que outras pessoas caçassem dele. Eu tinha notado que ele continuava querido pela comunidade pelo fato de ter construído a usina beneficiadora de algodão e outros empreendimentos décadas atrás, mas, às vezes havia um quê de caçada em relação a suas atividades presentes. Tinha ouvido vários gozadores semianalfabetos se

referirem a ele como “Perfessor” pela cidade, em um tom que poderia ser percebido como ligeiramente depreciativo. Meu avô não se preocupava com o que os outros pensavam dele, mas eu sim. Eu me importava. Meus pensamentos desleais eram seguidos por um contundente *E se ele estiver certo?* É claro que ele estava certo, tinha de estar. No tempo que passamos juntos, eu nunca o tinha visto errar em nada. Ele podia colocar um calango de cinco listas em um lugar errado, de tempos em tempos (e quem não colocava?), mas nunca se enganava em relação aos fatos.

Eu sabia muito bem que as semanas seguintes seriam uma agonia de espera, e que se eu ficasse desocupada as coisas só ficariam piores, muito piores. Resolvi mergulhar em um frenesi de coleta de espécimes, Ciência, lições de casa — trabalho de qualquer tipo — para que o tempo passasse mais depressa.

O que não previ é que o trabalho seria trabalho doméstico.

CAPÍTULO 14

A enxada de cabo curto

A Natureza... não se preocupa nem um pouco com as aparências, a não ser que possam ser úteis a qualquer ser vivo.

Continuei a ficar em torno da Planta junto com vovô. Para meu grande alívio, ela se desenvolveu sob nossos cuidados e nossa proteção, primeiro indo em busca da luz, depois percorrendo o peitoril da janela. Vovô chamava-a de Probando. Ele me contou que é assim que se chama o primeiro de sua espécie. Todos os dias eu a levava lá para fora por alguns minutos, para que ficasse exposta às abelhas, para polinização. Eu prestava atenção no que estava fazendo, e espantava todos os gafanhotos e outros comedores de plantas que ousassem se aproximar demais.

Voltei minha atenção para outros experimentos de minha invenção, qualquer coisa que me mantivesse à distância das meias de Natal. A colheita do algodão estava se aproximando, então considerei o tópico da enxada de cabo curto, que ainda prevalecia em nossa parte do mundo. Vovô tinha me ensinado que a melhor maneira de aprender uma coisa era passar pela experiência, ou executá-la pessoalmente, e tinha dado ao pai a oportunidade de analisar a enxada de cabo curto enquanto moço, fazendo com que passasse um dia todo se matando com ela. Em minha nova campanha de trabalhar para acelerar o tempo, peguei uma das enxadas de cabo longo no armazém de ferramentas (não tínhamos nenhuma de cabo curto na propriedade). Imaginei que se eu a segurasse da metade para baixo seria a mesma coisa que trabalhar com a de cabo curto. Fui até nossa fileira mais próxima de algodão, a uns bons cinquenta metros da varanda de trás. A mãe sempre dizia que uma dama de verdade sempre tem um gramado e um

jardim; mulheres que não são verdadeiras damas têm algodão plantado bem junto ao peitoril de suas janelas.

Os capulhos estavam inchando nas plantas, realizando sua transformação milagrosa de vagens duras e verdes para esferas brancas e fofas. Dinheiro em espécie brotando direto do chão.

Balancei minha enxada.

Ah, tenho de reconhecer que era trabalho duro. E nem ao menos fazia calor. E eu não tinha de fazer aquilo horas seguidas para ganhar o pão de cada dia. E eu não era um velho reumático, como tinha visto alguns nas plantações. Todas essas coisas estavam passando pela minha cabeça quando ouvi um grito como o de uma coruja-do-mato vindo da casa. Quase caí de costas.

— O que você está fazendo? — perguntou Viola em tom de acusação da varanda dos fundos. Eu nunca a tinha visto tão nervosa.

— Estou cortando algodão; está parecendo o quê?

— Deus do céu, já para dentro! Imediatamente! Antes que alguém veja. Deus me ajude — agarrou a enxada da minha mão e me empurrou com força para dentro de casa. — Qual é o seu problema? — perguntou entre dentes. — Perdeu o juízo de vez? Brincando como se fosse um Negro!

— Eu queria ver como é que funciona, só isso. Vovô me contou que...

— Não quero ouvir falar naquele velho. Aquele velho está perdendo o juízo, e agora você está perdendo o seu — foi resmungando e me cutucando até chegar em casa. — Uma menininha cortando algodão. Uma menina *branca* cortando algodão. Uma menina *Tate* cortando algodão. Deus me defenda.

Conseguimos chegar à segurança da cozinha, com ela olhando em volta, alarmada, e me segurando com força o tempo todo.

— Me dá este avental — ela disse, arrancando-o de mim. — Vai pegar um novo agorinha mesmo. Sua mãe vai ter um ataque se te vir. Não conte para ninguém Estou falando sério.

— Por que não? Por que você está tão brava? Eu só estava experimentando.

— Cristo Rei, dai-me força.

— Não fique tão brava comigo, Viola.

— Vou ter de me sentar um pouco.

— Olhe —, eu disse — vou pegar um copo de limonada para você.

Ela se sentou à mesa da cozinha e se abanou com um leque de papelão, enquanto eu ia até a despensa onde vi uma jarra de cerâmica de sidra fermentada. Hesitei e depois despejei um pouco para ela no lugar da limonada. Ela parecia estar precisando disso.

— Isso vai fazer você se sentir melhor — eu disse.

Ela bebeu de uma vez só e ficou com o olhar perdido, se abanando. Trouxe mais um copo, e ela suspirou. Parecia que, ultimamente, diversas pessoas à minha volta ou estavam bebendo ou suspirando.

— Callie —, ela disse por fim — alguém pode ter visto você, menina.

— E?

— Sua mãe tem *planos* para você, sabia disso? Logo agora, na semana passada ela disse que quer que você apareça para a sociedade. E agora isso. Não, senhor. Não dá para ter nenhuma debutante cortando algodão.

— Eu aparecendo para a sociedade? Para a sociedade? Para quê?

— Porque você é uma menina *Tate*. Seu pai tem algodão. Seu pai tem a beneficiadora.

— Acho que ainda é do vovô.

— Você sabe do que estou falando, dona Espertinha. Você não quer ser uma debutante?

— Não tenho muita certeza do que isso quer dizer, mas se significa ser como aquela idiota que o Harry trouxe para casa naquela vez, então não.

— Aquela moça era mesmo idiota, mas não é isso que quer dizer. É um monte de festas elegantes e um monte de rapazes aparecendo. Quer dizer ter um monte de pretendentes.

— Para que eu quero um monte de pretendentes?

— Você diz isso agora, mas mais tarde...

— Não, estou falando sério, Viola, qual é a graça?

— Sua mãe ia ficar satisfeita, é isso.

— Ah.

— Senhorita Egoísta.

— *Não sou egoísta* — retorqui.

Ela continuou: — Fazer de você uma moça da sociedade, em vez de um espantalho.

Ignorei essa última observação sem graça, e pensei um pouco. — A mãe debutou?

— O nome dela estava inscrito, contudo, ela nunca debutou.

— Por que não?

Viola olhou para mim: — Você devia perguntar para ela.

— Foi a Guerra? — perguntei, intrigada. Viola concordou.

— Mas a Guerra já havia acabado. A mãe devia ter... — contei nos dedos.

— Não tinha sobrado dinheiro, foi isso — disse Viola. — E aí o pai dela morreu de tifo, e não se falou mais nisso.

— Então, eu tenho de debutar? Só porque ela perdeu a vez dela?

— Estou te dizendo, você mesma tem de perguntar para ela. Vá se lavar. Você está um caco. Tenho de dar uma folga para o meu coração, ele está batendo como um tambor. Deus me ajude.!

Eu a deixei se abanando.

Minha mãe tinha tido uma filha em sete tentativas. Suspeito que eu não era exatamente o que ela havia planejado, uma filha delicada para ajudá-la a enfrentar a maré alta da energia turbulenta dos meninos, que sempre ameaçava inundar a casa. Não tinha passado pela minha cabeça que ela desejara uma aliada, e não havia conseguido uma. Bom, eu não gostava de conversar sobre moldes, receitas nem de servir chá na sala de visitas. Isso fazia de mim uma egoísta? Fazia de mim uma pessoa estranha? Pior de tudo, fazia de mim uma decepção? Provavelmente, eu poderia viver com o fato de me considerarem egoísta ou estranha, mas uma decepção?! Isso era outro assunto, algo bem mais difícil. Tentei não pensar nisso, mas aquilo me perseguiu pela casa a tarde toda, como um cachorro fedido e cansativo que exige atenção.

Sentei-me no meu quarto e olhei as árvores lá fora, pensando um pouco no assunto, virando-o para um lado e para o outro. Não tinha tido a intenção de ser assim. Poderia ser culpada pela minha natureza? O leopardo podia mudar suas manchas? E se pudesse, quais seriam as minhas? Tudo parecia tão confuso! Não cheguei a nenhuma conclusão, mas fiquei com uma leve dor de cabeça. Talvez eu precisasse de um pouco do Lydia Pinkham, como a mãe. Talvez eu fosse mais parecida com ela do que pensava.

Será que ser uma debutante era uma coisa tão ruim? Talvez isso não me incomodasse tanto, no fim das contas. Enquanto isso, ia ter de descobrir mais sobre o assunto.

Vovô tinha me ensinado que as perguntas importantes não podiam ser respondidas sem que você lançasse mão do melhor conhecimento de que pudesse dispor, além de um bom tempo para pesar e avaliar as alternativas. Eu tinha mais uns seis ou sete anos para pensar nisso. Talvez fosse tempo suficiente. Não conhecia ninguém que pudesse me contar sobre esse tipo de coisas, a não ser a mãe, mas se perguntasse para ela, será que isso não serviria apenas para aumentar suas esperanças, esperanças que mais tarde poderiam precisar ser esmagadas? Minha cabeça doía e meu pescoço começou a coçar. Urticária de novo.

Na manhã seguinte, encontrei a mãe lá fora, examinando as fileiras da horta, com um grande chapéu de palha que sombreava seu rosto e um par de luvas de algodão brancas nas mãos, seguindo o próprio ditado de que uma dama sempre esconde as mãos e o rosto do sol. Aproximei-me dela com cautela, para o caso de Viola ter lhe contado sobre meu experimento público aparentemente vergonhoso, mas seus olhos não tinham nenhum alarme especial. Não mais do que o de costume.

— Cadê sua touca? — ela perguntou. — Entre e vá pegá-la.

Corri de volta para dentro para buscá-la. Não havia sentido em começar essa conversa com o pé esquerdo. Peguei-a no cabide atrás da porta dos fundos e tornei a sair.

— Assim está melhor — ela disse. — Você veio me ajudar com as flores?

— Eu queria perguntar uma coisa para a senhora — eu disse. — Viola me contou... Viola me contou que a senhora devia ter debutado quando era garota, mas não debutou. É verdade?

A sombra de alguma coisa — surpresa, perturbação, arrependimento, talvez — passou pelo seu rosto. Ela se inclinou e podou uma rosa Cherokee. — Sim, é verdade.

— Então, o que aconteceu?

— A Guerra nos arruinou. Arruinou muitas famílias. Tinha gente passando fome. Debutar teria sido... de mau gosto.

— Mesmo assim, porém, a senhora conheceu o pai.

Ela sorriu. — Conheci. Fui uma das que teve sorte. Sua tia Aggie não teve tanta sorte.

A irmã de minha mãe, Agatha, vivia solteira e sozinha em Harwood, em uma casa que cheirava a gatos e mofo.

— Então a senhora não precisava ser uma debutante — eu disse, arrancando uma praga.

— Não, acho que não, mas muitas meninas ainda precisam — ela olhou para mim.

Não dava para eu evitar a pergunta por mais tempo, então, me enchi de coragem: — Eu vou ter de debutar?

— Você é a única filha, Calpúrnia.

Eu não queria ser grosseira e mostrar que ela não tinha respondido à pergunta. — Bom, o que isso quer dizer, exatamente?

— Quer dizer que uma menina de uma boa família tornou-se uma moça e está pronta para ser apresentada à sociedade; está pronta para ocupar o lugar que lhe foi designado, para ser apresentada aos rapazes de boas famílias. Quer dizer bailes e diversões, e um vestido novo para cada evento. — os olhos da mãe se acenderam.

— Quanto tempo dura isso? — perguntei.

— Um ano.

— Um ano inteiro? — não fiquei muito preocupada com o jeito que aquilo soava. — E o que acontece depois disso?

Ela pareceu confusa: — O que você quer dizer?

— A senhora disse que dura um ano, e daí?

Bom, normalmente a essa altura a moça já encontrou um marido.

— Então é um monte de festas chiques para fazer as moças se casarem.

A mãe estalou a língua. — Deus do céu, eu não colocaria deste jeito.

Por que não? pensei. Não havia o que disfarçar.

— Mãe?

— Sim, querida?

— Então... eu *tenho de* debutar? — o rosto dela desabou. Rapidamente, acrescentei: — A senhora *quer* que eu debute?

Ela me analisou. — Callie, acho que tem muito tempo para pensar nisso, mas sim, eu ficaria contente se você tivesse essa chance que eu perdi. Muitas moças ficariam felizes com isso.

— O que o pai pensa sobre isso? Parece caro, um vestido novo e tudo mais todas as vezes.

Ela olhou com ar de reprovação: — Não se fala de dinheiro dessa maneira. Não é o costume. Seu pai é um provedor excelente. Tenho certeza de que ele teria orgulho de apresentar você.

— Huumm — o assunto parou por aí. Por enquanto.

Mais tarde, ocorreu-me que eu poderia perguntar ao vovô o que ele pensava sobre o assunto. Então percebi que não precisava. Podia muito bem imaginar sua opinião.

CAPÍTULO 15

Um mar de algodão

Lineus calculou que se uma planta anual produzir apenas duas sementes... e as plantas que brotarem dessas sementes produzirem mais duas no ano seguinte, e daí por diante, em vinte anos haverá um milhão de plantas.

Duas semanas depois, meu pai reuniu-se com os outros importantes proprietários de terra em Moose Lodge e estabeleceu a data para a colheita de algodão, de longe o evento mais importante de toda a região.

Um exército de trabalhadores de três distritos ao redor apareceu em nossa propriedade, colhendo desde o nascer do sol até ficar completamente escuro, homens, mulheres e crianças, parando apenas ao meio-dia para uma refeição e uma curta leitura da Bíblia por um pregador — um dentre eles.

Viola recrutou três das mulheres para ajudá-la a cozinhar na velha cozinha de pedra nos fundos da casa. A quantidade de canjiquinha, carne de porco salgada, feijões, biscoitos e melado que corria por ali era prodigiosa. Tudo era acondicionado na charrete de quatro rodas em grandes cestos com tampas, e levado para o campo, junto com um barril de água fresca e um enorme balde de café. A mãe foi parar na cozinha para nos alimentar. Ela também se mantinha ocupada, tratando dos cortes e das bolhas dos catadores, e de outros machucados considerados pequenos demais para que fossem mandados ao doutor Walker.

Harry ficava indo e vindo do armazém para buscar fubá, açúcar, farinha e outros mantimentos. Sam Houston e Lamar corriam do local de pesagem para o quadro de registro, e às vezes eram recompensados com um centavo, traduzido em dez balas ou um novo lápis no armazém geral. Um mensageiro de contagem era uma função altamente cobiçada.

O pai trabalhava até tarde na beneficiadora, e chegava em casa muito depois de termos ido para a cama. O único livre de qualquer tipo de trabalho era o vovô. Ele mesmo tinha construído a empresa de beneficiamento e a supervisionado durante essa sazonal explosão de atividade frenética por trinta anos, já não tendo o menor interesse ou obrigação. Recolhia-se em seu laboratório ou saía pela manhã com seu embornal pendurado no ombro.

A beneficiadora funcionava noite e dia. O ferreiro e o carpinteiro trabalhavam sem dormir para manter as máquinas funcionando e o algodão fluindo; carroças com pilhas altas de algodão entrando e longos fardos de algodão beneficiado saindo com destino a Austin, Galveston, Nova Orleans. Os fardos eram tão pesados e empilhados a tal altura que eram uma verdadeira ameaça. Empacotá-los e equilibrá-los exigia arte e todo ano uma grande quantidade de homens no Sul era esmagada e morta por cargas instáveis.

Podíamos ouvir as grandes correias de couro das máquinas trabalhando e batendo ritmadamente a quatrocentos metros de casa. Depois das duas primeiras noites, a gente voltava a se acostumar com aquilo e, embora eu nunca tivesse ouvido o mar, o ruído do maquinário a distância fazia-me sentir pegando no sono ao barulho do arrebentar das ondas. Pelo menos era o que eu imaginava. Em vez de água, porém, ondas prodigiosas de algodão envolviam nossa casa.

Nossa escola ficou fechada durante dez dias. Muitos dos meus colegas vinham de famílias que não podiam arcar com a contratação de mão de obra, então todos colhiam, inclusive as crianças, até não aguentarem mais. Eu estava circunscrita ao trabalho da cozinha, junto com a mãe. Certa manhã, peneirei um saco inteiro de farinha e, no dia seguinte, minhas mãos estavam inchadas demais para que eu pudesse pegar no lápis e escrever em minha Caderneta. Fiz questão de reclamar com tal veemência em relação a isso que me deram outra função.

Minha próxima ocupação foi ficar de olho na dezena de bebês que brincavam no pátio entre a casa e a cozinha externa, enquanto suas mães trabalhavam na colheita, e prestar atenção para que não fossem bicados pelas galinhas atarefadas e mandonas, nervosas com a invasão de seu habitat costumeiro. Eu também não estava satisfeita com esse serviço gratuito, especialmente quando tinha de ver Sam Houston e Lamar saltitarem até a beneficiadora, voltando para casa com dinheiro. Depois de um dia todo pastoreando os bebês e com pensamentos mal-humorados em relação àqueles centavos, lancei uma nova campanha no jantar, naquela noite.

— Por que tenho de tomar conta dos bebês? — perguntei ao pai.

— Porque você é menina — disse Lamar espontaneamente.

Ignorei-o. — Por que *eu* tenho de tomar conta dos bebês? Por que *eu* não posso levar mensagens? Por que *eu* não posso ganhar dinheiro?

— Porque você é *menina* — disse Lamar alarmado, farejando possível perigo.

— E o que *isso* quer dizer?

— Meninas não são pagas — caçou Lamar. — Meninas não votam e não são pagas. Meninas ficam em casa.

— Talvez seja melhor você dizer isso para a Escola Normal de Fentress — eu disse, orgulhosa da minha resposta. — Eles pagam a senhorita Harbottle, não pagam?

— Isso é diferente — bufou Lamar.

— Diferente *como*?

— Só diferente.

— Exatamente como, Lamar?

Persisti nisso em tal altura e por tanto tempo que meu exausto pai, precisando desesperadamente de paz, disse: — Tudo bem, Callie, eu pago cinco centavos para você.

Calei a boca em um silêncio vitorioso. Lamar parecia aliviado por manter seu posto como um menino de contagem. Então, meus três irmãos mais novos deram início a seu coro de choringos sobre como era injusto eles não serem pagos por nada. Foi preciso um seco — Chega disso! — vindo da mãe para que eles calassem a boca. Mergulharam em um silêncio ressentido e olhar raivoso pelo resto do jantar, enquanto eu me dedicava a uma conversa leve e agradável, como me ensinaram que é dever das damas, discutindo o tempo e perguntando sobre o dia de cada um. Vovô parecia se divertir; a mãe parecia estar com enxaqueca, mas valentemente sustentou a conversa.

No dia seguinte, sentei-me nos degraus do fundo e fiquei de olho nas minhas vinte e nove incumbências. Agora que eu estava sendo paga, agora que era uma profissional, levava minhas obrigações a sério. contei as cabeças repetidamente. A maioria dos bebês estava começando a andar e brincava alegremente na terra, mas de vez em quando um deles se esforçava para ficar de pé e saía cambaleando atrás de um cachorro ou de um gato que passava, dando gritos de prazer, e tinha de ser trazido de volta, sob protestos. Havia também o problema de porem na boca o item estranho que achavam no chão. Salvei a vida de alguns besouros e de uma minhoca. Eu queria ler um livro, mas não podia desviar os olhos nem por um segundo. Considerando que eram organismos pequenos e instáveis, até que conseguiam fugir de você bem rapidinho. E as galinhas eram uma chatice, disparando da periferia para o cerne das

coisas, provocando um grande e histérico oh-ah. Eu jogava pedrinhas nelas para que se afastassem.

Sul Ross apareceu em uma hora dessas. Acho que pensou que eu estava me divertindo. Não estava. Estava irritada e prestes a mandá-lo embora quando reparei que ele olhava com interesse, como se quisesse participar. Olhei para ele com o canto dos olhos e pensei depressa.

— Isso é mesmo muito divertido — eu disse.

— É — ele respondeu, — aposto que sim. Sempre gritam comigo quando faço isso.

— Que pena, porque é muito divertido — eu disse. Eu não era uma simples Becky Thatcher, mas o próprio, velho e esperto Tom Sawyer.

Alguns minutos depois, corri pela pastagem, na direção em que havia visto vovô se dirigir. — Espere, espere — gritei. Ele estava desaparecendo na extremidade sombreada das pecãs quando se virou surpreso.

— Estou deliciado em ter sua companhia, mas o que está fazendo aqui? — perguntou. — Pensei que você estivesse impelida a trabalhar junto com os outros e estivesse ganhando por isso.

— Eu troquei com Sul Ross — respondi.

— Trocou o quê?

—Hã, bom, eu não troquei exatamente, senhor. Eu o contratei. Disse-lhe que se ele tomasse conta dos bebês, eu lhe daria um centavo. Além disso, disse que ele estava autorizado a jogar pedras nas galinhas a fim de mantê-las à distância — apressei-me a dizer —, mas só pedras pequenas, não maiores do que a unha do meu polegar. Deixei isso *bem* claro. Ele pareceu bem satisfeito com o trato. Assim, eu ganho quatro centavos. E posso passar o dia com você.

— Ah —, disse vovô — você ainda pode se transformar em uma comerciante — e embora ele falasse de uma maneira bem afável, percebi algo — desapontamento? — em sua expressão.

— Não — eu disse, depois de pensar um pouco —, acho que não — pus minha mão na dele. — O senhor acha que vamos ver alguma coisa nova hoje?

Sua expressão mudou, demonstrando alegria. — Tenho certeza disso — respondeu, e partimos para a margem do rio.

CAPÍTULO 16

Chega o telefone

Embora algumas espécies possam, agora, estar aumentando em quantidade, de maneira um tanto rápida, é impossível isso acontecer com todas, porque o mundo não as comportaria.

Estava havendo mudanças, tanto no pequeno palco da minha vida, quanto no cenário maior da nossa cidade. A Companhia Telefônica Bell tinha estendido uma linha de Austin até a prefeitura em Lockhart, e agora era possível realizar o extraordinário feito de falar com alguém a cinquenta quilômetros de distância, por uma fina extensão de fio. (Ou, para ser mais exata, gritar com a pessoa. A interação era tida como barulhenta). Vinte anos antes, levava-se meio dia por trem; agora, uma mensagem podia ser transmitida no tempo que levava para um homem dar uma respirada.

Houve muita discussão quanto ao local onde deveria ser instalada a central telefônica e o telefone (só havia um aparelho). Alguns pensaram na beneficiadora de algodão, uma vez que ali era o centro comercial; outros opinaram pela agência de correio; mas nosso prefeito, o senhor Axelrod, decretou que deveria ser no jornal, o centro pulsante da informação de nossa comunidade. O escritório do jornal ficava bem em frente à beneficiadora, do outro lado da rua, assim, o aparelho podia ser usado quando fosse preciso receber encomendas de algodão e checar os valores de mercado.

Vovô ficou muito animado com o telefone e tinha uma nova energia no andar quando fomos coletar nossos espécimes.

— Por Deus —, ele disse — o progresso é uma coisa maravilhosa. Aquele menino, Alex, fez isso, por Deus.

— Alex? O senhor está se referindo ao senhor Bell?

— O próprio.

— Hum —, eu disse — o senhor conhece ele?

— Um bom rapaz. Eu o conheço há anos, pela Geographic. Estou espantado de não ter contado a você. Emprestei-lhe algum dinheiro quando ele estava começando, e ele me deu algumas ações de sua companhia. Lembre-me de checar o teletipo na próxima vez que eu for a Austin. Essas ações devem estar valendo alguma coisa, agora — e acrescentou: — Por Deus, posso telefonar para a Bolsa e conseguir as cotações. Não é preciso ir até Austin. Ah!

Durante semanas, nossa cidade não falou em mais nada. A Bell Company colocou um anúncio no *Fentress Indicator*, para avisar que contrataria uma Telefonista, e que essa pessoa teria de ser uma moça confiável, sóbria, trabalhadora, entre dezessete e vinte e quatro anos. Aparentemente, a Companhia tinha tido inúmeras experiências desastrosas com seus primeiros telefonistas, todos recrutados nos quadros de telegrafistas (um contingente turbulento, propenso a bebedeiras, grosserias e a desligar as ligações). O anúncio também estipulava que a moça deveria ser alta, despertando todo tipo de especulações, tanto educadas quanto nem tanto. Oferecia casa e comida e, ainda por cima, o impressionante valor de seis dólares por semana. Para uma *moça*. Não um carroceiro, um ferreiro, mas uma *moça*. E para um trabalho interno. Isso era inédito. O dinheiro, o prestígio, a independência! Fiquei louca pelo cargo.

Perguntei a meu irmão mais acessível, JB: — Você acha que parece que eu tenho dezessete anos?

Ele olhou para mim e falou gravemente, com a boca cheia de balas: — Você parece bem velha, Callie.

Isso me deixou contente, mas ele só tinha cinco anos, portanto, não era uma informação exatamente confiável. Fui atrás de Harry, que estava no estábulo, consertando um arreio.

— Harry, você acha que eu poderia passar por dezessete anos?

— Ficou louca? — ele respondeu, sem levantar a cabeça.

— Não, olhe, e se eu fizer assim? — levantei o cabelo no que imaginei ser um apanhado sobre as orelhas. — Não pareço dezessete?

Ele olhou para mim: — Você parece um cão *spaniel*. A resposta é não — então, ele interrompeu o conserto e me olhou desconfiado: — Por quê? O que está pretendendo fazer?

— Ah, nada... — por um átimo tinha me visto como a senhorita Tate, Telefonista, vestindo um *chemisier*, sentada em um banquinho de girar, conectando cada ligação com grande

eficiência e presença de espírito, dizendo com uma voz bem modulada: — Alô, central, número, por favor...

Estava até mesmo disposta a mentir sobre minha idade e pegar “emprestados” um vestido e um chapéu do quarto de vestir da mãe, tendo em vista tal maravilha em potencial. Tinha tudo arquitetado quando, subitamente, me veio o óbvio: metade da cidade me conhecia pessoalmente e a outra me conhecia de vista. Que tipo de idiota eu era? Agradei a Deus por me mostrar a tempo a estupidez de minha ideia ridícula e perigosa. Ainda assim...

No grande dia, uma dúzia de nossas moças altas, e não tão altas, apresentou-se com seu chapéu mais sóbrio, segurando cartas de referência em suas luvas brancas imaculadas. Fizeram uma fila na passarela elevada de madeira em frente ao escritório do jornal, e esperaram horas, algumas delas muito ansiosas.

Ao entrar, tiveram de ficar com as costas voltadas para a parede, e esperar que medissem a distância entre a ponta dos seus dedos. Acontece que eles precisavam de alguém com braços longos que pudesse ligar as conexões na extensão da mesa de pegadas. No final do dia, anunciaram que a senhorita Honória Goates, de Staples, seria nossa nova Telefonista. Houve um número considerável de resmungos quanto a isso. Ela era alta, é certo, e talvez tivesse braços longos, mas havia muitas moças aceitáveis em Fentress, não é mesmo? Era a Companhia Telefônica de *Fentress*, não era? Será que ela aceitaria a casa e a comida ou dirigiria diariamente e, se fosse esse o caso, como faria quando o tempo estivesse ruim? E por aí vai.

Honória Goates chegou dois dias depois com seu baú de lata e foi instalada em um cômodo minúsculo, do tamanho de um armário, que continha a mesa de telefonia e um catre, para que pudesse atender ao telefone a qualquer hora, dia e noite. Suas refeições lhe seriam trazidas da Pensão de Elsie Bell, na mesma rua. Essa extravagância era inusitada.

No fim das contas, acabou não importando que Honória fosse de Staples ou que tivesse braços compridos. O que a Companhia não sabia a seu respeito (mas o restante de nós sabia) era que seu tio, Homer Ray Goates, tinha sido atingido por um raio enquanto arava e fora encontrado no local pela própria Honória, chamuscado e fumegando. O senhor Goates sobreviveu, mas perdeu a maior parte da audição, e a partir de então precisou carregar uma enorme corneta acústica com ele. Também estava sujeito a ataques súbitos de gargalhadas hilariantes a respeito de nada, o que, embora desconcertante, fez dele uma companhia curiosa.

Desde então, a pobre Honória tinha um medo mortal de eletricidade. E quem não teria no lugar dela? Assim, quando se viu tendo de ligar sua primeira linha no painel, com o supervisor

a seu lado para ensiná-la, deu um grito e abandonou o local correndo, sem dúvida esperando ser frita como seu tio por alguma faísca satânica que saltasse através dos fios. Foi aos tropeços pela ponte, não parando nem para pegar suas coisas, e correu até chegar em casa, em Staples, envergonhada e aos prantos. Seu pai mandou apanhar seu baú no dia seguinte.

Maggie Medlin, sobrinha-neta de Backy Medlin, foi contratada em seu lugar. Maggie era mais baixa do que Honória, mas com uma disposição mais vigorosa. Sua detestável irmã mais nova, Dovie, aproveitou a glória de Maggie por tabela, e deu para começar cada sentença com: — Bom, minha irmã, a Telefonista, diz...

Todos nós a detestávamos por isso.

Finalmente, os homens da Bell Company vieram até Fentress e o grande dia da inauguração da linha telefônica chegou. O representante da Companhia desembarcou do trem que veio de Austin. Não havia espaço para realizar a cerimônia dentro do próprio escritório do jornal, então, nós nos reunimos na rua. A Banda de Metais Odd Fellows tocou uma seleção curta, a Banda Moose tocou durante muito tempo e a International Woodmen of the World, a banda com o menor número de membros, tocou para todo o sempre. O prefeito Axelrod e o homem da Companhia fizeram discursos longos e cansativos sobre esse grande dia. O prefeito cortou uma larga fita vermelha com uma tesoura falsa e enorme de papelão, para abrir oficialmente a Companhia Telefônica em Fentress. Houve gritos de comemoração, apertos de mão e foram servidas limonada e cerveja para todos. Sam Houston tentou conseguir uma cerveja e foi devidamente repellido.

E então, pontualmente ao meio-dia, aconteceu. Um som metálico e agudo tocou no espaço que aguardava em suspenso. A multidão segurou o fôlego e ovacionou. Na linha estava nosso senador, em Austin, ligando para cumprimentar nossa cidade por nos arremessarmos para o século vinte. Maggie Medlin completou a ligação, nosso prefeito entrou no cubículo e gritou com nosso senador, que gritou de volta com ele, a setenta quilômetros de distância, dando-lhe o preço do algodão naquela manhã na Bolsa de Valores de Austin.

Vovô murmurou para mim: — Você percebe o que isso quer dizer, Calpúrnia? Os dias de óleo de baleia e poeira de carvão acabaram. O velho século está terminando sob nossas vistas. Guarde este dia.

O senhor Hofacket do Salão de Retratos Hofacket (“Belas Fotografias para Belas Ocasões”) estava lá com sua enorme câmera de fole, para documentar o dia. Quis conversar com vovô sobre a Planta, e ficou desapontado que ainda não tivéssemos recebido notícias. Ele teria tagarelado sobre isso o dia todo, se o prefeito Axelrod não o tivesse puxado de volta para

seus deveres como fotógrafo oficial. Nós nos reunimos, transbordando da passarela de madeira para a rua. O senhor Hofacket instalou sua câmera. Vovô agarrou minha mão. Então, o senhor Hofacket enfiou a cabeça sob o manto preto e levantou seu flash de magnésio.

— Não se mexam! — gritou. Todos nós ficamos imóveis. O flash do senhor Hofacket iluminou-nos como um relâmpago de verão e nos capturou para aquele preciso segundo. Quando vimos uma cópia da fotografia mais tarde, a maioria dos rostos estava solene e severa. Eu parecia pensativa. O único rosto sorridente era o de vovô, com um sorriso aberto como o gato Cheshire.

CAPÍTULO 17

Economia doméstica

Como são produzidos mais indivíduos do que é possível sobreviver, em todos os casos é preciso haver uma luta pela sobrevivência, tanto de um indivíduo com outro da mesma espécie, quanto entre indivíduos de espécies diferentes, ou ainda com as condições físicas de vida.

Contra a minha vontade, eu tinha chegado àquela idade em que uma menina começa a adquirir as habilidades que serão necessárias para administrar a própria casa após o casamento. E, é claro, todas as meninas que eu conhecia esperavam se casar. Todas esperavam, a não ser que você fosse tão rica que não precisasse disso, ou tão insuportavelmente medonha que nenhum homem a quisesse. Algumas meninas seriam professoras ou enfermeiras por um tempo, antes de se casarem, e eu as considerava sortudas. E agora tínhamos o exemplo de Maggie Medlin, Telefonista, uma mulher independente que tinha o próprio dinheiro, que não devia satisfação a homem nenhum a não ser ao senhor Bell. Como ainda só havia um telefone na cidade, ela não era sobrecarregada de trabalho. Ficava à frente do seu painel, o fone em volta do pescoço, comendo maçãs e lendo jornal até o painel vibrar com uma chamada a ser transferida. Ela então conectava um cabo e dizia sempre na mesma voz firme e clara: — Alô, Central, que número, por favor? — ela precisava dizer isso, apesar do fato de só haver aquele único número. Todas as meninas na escola admiravam-na. Brincávamos de Telefonista com um pedaço de papelão e um barbante como central de telefonia. Para mim, isso parecia uma vida boa. No entanto, o telefone se revelou tão popular, que logo todos precisaram ter um. Maggie não podia deixar a central e se tornou uma verdadeira escrava da Companhia.

A Planta ficou viçosa. Não recebemos notícias de Washington. Vovô continuou trabalhando exaustivamente, comigo grudada nele sempre que conseguia escapar até o laboratório.

Certa manhã de sábado, a mãe levantou os olhos de sua costura, enquanto eu me dirigia correndo para a porta da frente, com uma das redes de borboletas de vovô e sua velha cesta de pesca penduradas no ombro. — Espere um pouco — ela disse, quando minha mão girava a maçaneta. Não gostei do jeito que ela me olhava de cima a baixo. — Para onde você vai? — ela perguntou.

— Para o rio, senhora, coletar espécimes — respondi, esgueirando-me de lado pela porta.

— Volte aqui. Os espécimes estão todos muito bem — disse a mãe — mas estou preocupada que você esteja ficando para trás. Quando eu tinha a sua idade, sabia fazer casinhas de abelha e cerzir, e tinha os fundamentos para preparar uma comida boa e simples.

— Eu sei cozinhar — disse com determinação.

— O que você sabe cozinhar? — ela perguntou.

— Sei fazer sanduíche de queijo. Sei fazer ovo quente — pensei um pouco mais e disse triunfante: — Sei fazer ovo cozido.

Minha mãe disse: — Deus pai, é pior do que eu pensava.

— O quê?

— Sua ignorância sobre cozinha.

— E por que tenho de cozinhar? A Viola cozinha para nós — argumentei.

— É, mas e depois? Quando você crescer e tiver sua família? Como é que vai alimentá-los?

Viola tinha estado com a gente a vida toda, desde antes de eu nascer, desde antes de Harry nascer. Nunca havia me ocorrido que ela não estaria sempre ali. Meu mundo tremeu na base. — Viola pode cozinhar para minha família — eu disse.

Fez-se silêncio. Então, a mãe disse: — Tudo bem, pode ir, mas vamos voltar a falar nisso logo.

Saí correndo dali e fiz o possível para esquecer a conversa, porém, ela ficou me infernizando durante todo o caminho até o rio, como um dente quando começa a doer. Toda alegria tinha desaparecido daquela manhã. A mãe estava tomando consciência dos fatos lamentáveis: meus biscoitos ficavam como pedras, minha amostra de bordados torcida, minha costura como ziguezague. Considerei a vida de minha mãe: a cesta de consertos que nunca se esvaziava, os lençóis, colarinhos e punhos para serem virados, os vinte pães que tinham de ser

sovados todas as semanas. É verdade que ela não tinha de fazer toda a limpeza pesada, tinha SanJuanna para isso. E uma lavadeira vinha às segundas-feiras passar o dia todo fervendo roupas na gotejante lavanderia lá dos fundos. Viola matava, depenava e cozinhava as galinhas. Alberto matava e esquartejava os porcos. A vida da minha mãe, porém, era um incessante círculo de manutenção. Não havia uma única coisa que ela fizesse que não tivesse de ser feita toda de novo um dia, uma semana ou uma estação depois. Ah, a monotonia!

O dia só começou a melhorar quando peguei uma borboleta fritilária pintalgada. Elas eram rápidas e fugidias, difíceis de ser capturadas na rede. Eu sabia que vovô ia ficar muito satisfeito e, além disso, ajudava-me a manter minha cabeça longe da cozinha e dos consertos de costura.

Quando cheguei à casa, levei uma hora para fixar o delicado tecido e pendurá-la na parede do meu quarto e, a essa altura, tinha me esquecido quanto era ignorante. Por mim tudo bem, uma vez que a campanha para me ensinar economia doméstica estava se armando a sério, sem meu conhecimento ou minha cooperação.

A campanha ganhou força quando a senhorita Harbottle resolveu que todas as meninas da minha classe colocariam seus trabalhos manuais na Feira de Fentress. Aquela era uma notícia preocupante. Eu considerava costurar uma perda de tempo, e ia levando na maciota, fazendo o mínimo. Meus trabalhos poderiam ser caridosamente descritos como descuidados, como o casulo de Petey. Os pontos pareciam escapar sozinhos e reaparecer a esmo mais tarde, de maneira que o longo cachecol listrado que eu estava tricotando abaulava-se no meio como uma píton depois de jantar um coelho. Tive a fantasia de que um duende malvado subia no meu quarto à noite e desmanchava meu melhor trabalho, transformando o ouro dos meus esforços em escória, em uma roda que perversamente girava ao contrário.

Embora, até certo ponto, ela andasse observando o meu tricô, fazia um tempo que a mãe tinha inspecionado minha costura. Um dia, ela pediu para dar uma olhada no meu trabalho. Levei-lhe com relutância minha cesta de costura, e ela remexeu ali dentro por um tempo.

— Você fez isso?

— Fiz, mãe.

— Está orgulhosa disso?

Orgulhosa disso? Pensei no assunto. Seria uma pergunta capciosa ou não? Não dava para saber; não sabia para que lado pender. — Hã...

— Estou fazendo uma pergunta, Calpúrnia.

— Não, senhora, acho que não estou muito orgulhosa disso.

— Então, por que você não faz um trabalho do qual se orgulhe?

Pensei novamente. Não tinha uma resposta esperta, então precisei voltar à honestidade: — Porque é chato, senhora? — resposta verdadeira, mas eu sabia que era estúpida no momento em que saiu da minha boca.

— Ah —, disse a mãe — chato.

Era um mau sinal quando ela repetia as suas palavras de volta para você como um papagaio. Falando em papagaios. Havia alguns pássaros interessantes que viviam tanto tempo que eram passados em testamento. Ora, vovô tinha me contado sobre um papagaio que havia ultrapassado seu século e aprendido mais de quatrocentas frases triviais, um imitador tão preciso quanto qualquer ser humano...

— Calpúrnia, não acredito que você esteja...

Embora eu duvidasse que me deixariam ter um papagaio (vovô também tinha me dito que eles eram muito caros), isso não excluía a possibilidade de alguma coisa menor, uma cacatua, digamos, ou talvez um periquito... Os lábios da mãe estavam se mexendo... Alguma coisa sobre praticar?

— Precisa ficar melhor...

Um periquito funcionaria como pássaro de último recurso. Eles podiam aprender a falar, não podiam?

— Quando eu tinha sua idade...

E se eu tivesse um periquito, será que me deixariam soltá-lo para voar livre pela casa? Provavelmente não. Ele soltaria pelotinhas brancas como se fossem capinhas de crochê nos móveis bons, e isso poria um fim na coisa. E não se pode esquecer Idabelle, a Gata de Dentro, em sua cesta ao lado do fogão. Talvez eu pudesse deixá-lo voar no meu quarto. Ele poderia se empoleirar na minha cabeceira e chilrear na minha orelha, um som agradável...

— *Calpúrnia!*

Dei um pulo. — Sim, mãe?

— Você não está me ouvindo!

Olhei fixamente para ela. Como é que ela sabia?

— É melhor você me ouvir. Essa situação está intolerável. Seu trabalho está inaceitável. Espero mais de você e você vai fazer melhor, está me entendendo? Estou surpresa que a senhorita Harbottle não tenha me mandado um recado para falar nisso.

Ela tinha. Dois, na verdade.

— Você vai me mostrar seu trabalho toda noite, até a feira.

Isso significava que eu teria de prestar mais atenção por algumas semanas. A melancolia soou seu sino pesado em meus ouvidos. Ainda assim, meu clima desfavorável foi equilibrado pelo fato de que a mãe geralmente tinha dificuldade em dar conta de nós sete. Às vezes dava para você desaparecer no meio do bando e ser esquecida, se ficasse quieta e se mesclasse com o ambiente como um camaleão. Às vezes, eu conseguia mergulhar sob as ondas da atenção materna, se fosse educada e me comportasse, mas dessa vez não havia escapatória. Eu era uma menina marcada.

O dia avançava. Eu havia tido uma quantidade de lição de casa incomum e injusta, e restavam algumas horas de luz para um trabalho decente. Dirigi-me para a porta na maior velocidade. A mãe estava sentada na sala de visitas, revendo as contas da casa. — Calpúrnia, o rio de novo?

Tarde demais. — Sim, mãe — respondi na minha melhor voz boa-menina-obediente-e-alegre.

— Antes, traga-me sua costura.

— O quê?

— Não diga *o que* deste jeito, minha filha. Traga-me sua costura antes de falar em ir para o rio. E cadê a sua touca? Você vai ficar com sardas.

Como é que eu podia ficar com sardas? Estava praticamente escuro. Subi a escada de volta pisando duro, sentindo-me como se carregasse o peso do mundo nos ombros.

— E pare de bater os pés — gritou a mãe. — Você não está carregando o peso do mundo, sabia?

Seu comentário me fez subitamente agir com bons modos. Às vezes, era assustador como conseguia ler minha mente. Arrastei-me até meu quarto e fechei a porta. Tirei minha amostra da minha cesta de costuras e dei uma olhada. Ela tinha dado os primeiros passos como um quadrado perfeito, mas evoluíra para um romboide distorcido, com todas as letras inclinándose pronunciadamente para a direita. Como era possível fazer os pontos do mesmo tamanho? Como é que dava para manter a tensão uniforme? E, acima de tudo, quem se importava com isso?

Bom, a essa última pergunta eu podia responder. Minha mãe se importava e, aparentemente, o resto do mundo também, por nenhuma boa razão que me viesse à cabeça. E eu, que não dava a mínima, seria forçada a me interessar. Era ridículo. Atirei o bastidor para o outro lado do quarto.

Duas horas depois, levei meu trabalho para baixo. A tarefa era bordar “Bem-vindo a nossa Casa”, em letras floreadas. Eu tinha feito até Bem-vin”, mas estava tudo torto, então desmanchei e refiz todo o *B* para mostrar à mãe.

— É uma letra grande! É uma maiúscula!

— Tudo bem, tudo bem. Baixe a voz. Você melhorou, o que me mostra, Calpúrnia, que você é capaz, basta se dedicar.

Ah, como meus irmãos e eu detestávamos essa palavra, a palavra *dedicar*.

— Posso ir?

— Pode. Não se atrase para o jantar.

Enquanto a mãe acendia os lampiões da sala de jantar, larguei meu bordado e disparei porta afora. Já não restava muita luz. Tarde demais para coletar amostras diurnas. Ótimo. Eu podia ver o jornal: “Garota cientista frustrada para sempre por projetos estúpidos de costura. Incomensurável perda para a sociedade. Toda a comunidade científica de luto”.

Segui com raiva até o rio e cheguei lá ao escurecer. E, então, o sino de Viola tocou à distância.

Passei pela cozinha intempestivamente, a caminho de me lavar, e disse para Viola: — Por que eu tenho de aprender a costurar e cozinhar? Por quê? Dá para você me dizer? Dá?

Reconheço que era uma má hora para lhe fazer aquela pergunta — ela estava batendo os últimos grumos do molho da carne — mas fez uma pausa com tempo suficiente para me olhar com curiosidade, como se eu estivesse falando grego antigo. — Que tipo de pergunta é essa? — disse, e voltou a bater o molho na panela fumegante e aromática.

Meu Deus, que reação desanimadora! Será que a resposta era uma parte tão arraigada e óbvia da maneira que vivíamos que ninguém parava para pensar na própria pergunta? Se ninguém à minha volta nem mesmo entendia a pergunta, então ela não podia ser respondida. E se não podia ser respondida, eu estava condenada a uma vida só de coisas essencialmente femininas. Fiquei muito deprimida.

Depois do jantar, fui para o meu quarto, vesti minha camisola e li. Com grande satisfação, eu estava abrindo caminho, modo de falar, através dos volumes que vovô tinha de Dickens, e havia chegado a *Oliver Twist*. — Por favor, senhor, posso pegar mais um pouco? — as circunstâncias do pobre desgraçado eram bastante cruéis para me fazerem reconsiderar minha situação.

Desci para tomar água. A mãe e o pai estavam sentados na sala de visitas com a porta aberta.

— O que vamos fazer com ela? — perguntou a mãe e eu congelei ao pé da escada. Só existia uma “ela” sobre quem eles sempre conversavam, e era eu. — Os meninos vão abrir seu espaço no mundo, mas e ela? Seu pai a alimenta com uma dieta contínua de Dickens e Darwin. O acesso a um excesso de livros desse tipo pode deixar uma pessoa alienada. Especialmente se for jovem. Mais especialmente se for uma menina.

Eu queria gritar *Estamos realizando um trabalho importante! Existe a Planta!* Aí, porém, eu seria pega ouvindo às escondidas.

— Não vejo mal nisso — disse o pai.

— Ela corre solta o dia todo com uma rede de borboleta. Não sabe costurar ou tomar conta de uma casa — disse a mãe.

— Bom, muitas meninas da idade dela ainda não sabem — observou o pai. — Não é?

— Ela não sabe fazer feijão. E seus biscoitos são como... como... sei-lá-o-quê.

Pedras, pensei. Não é essa palavra que a senhora está procurando?

— Tenho certeza de que ela vai acabar aprendendo essas coisas — disse o pai.

— Alfred, ela tem sapos no quarto.

— Tem?

Eu queria gritar: *Essa é uma mentira deslavada — são só girinos.*

Então, aconteceu. Meu pai ficou em silêncio. E foi o seu silêncio, sua longa pausa, enquanto ele digería a informação, que encheu o corredor, meu coração e minha alma com tal pressão súbita, que não consegui respirar. Eu nunca tinha me incluído na mesma categoria das outras meninas. Eu era diferente, não pertencia àquela espécie. Nunca tinha pensado que meu futuro seria como o delas. Agora, porém, eu sabia que isso não era verdade, e que eu era *exatamente* como as outras meninas. Esperava-se que eu entregasse minha vida para uma casa, um marido, crianças. A perspectiva era a de que eu desistisse de meus estudos naturalistas, da minha Caderneta, do meu amado rio. Havia um aspecto diabólico em toda costura e culinária que eles estavam tentando enfatizar em mim, as aulas tediosas que eu andava repelindo e das quais eu me esquivava. Senti calor e frio da cabeça aos pés. No fim das contas, minha vida não dependia da Planta. Minha vida era um sacrifício. Por que eu não tinha visto isso? Eu estava em uma armadilha. Um coioote com a pata presa.

Depois de uma eternidade, o pai suspirou: — Sapos, sei. Bom, Margaret, o que devemos fazer a respeito?

— Ela precisa passar menos tempo com seu pai e mais tempo comigo e com Viola. Eu já disse a ela que vou supervisionar sua culinária e suas costuras. Precisamos ter um esquema de

aulas. Um prato novo por semana, imagino.

— Vamos ter de comê-lo? — perguntou o pai. — Hah, hah.

— Ora, Alfred.

Lágrimas saltaram-me dos olhos; pensar que meu próprio pai pudesse brincar com o fato de que sua única filha estivesse sendo condenada à escravidão!

— Confio essas coisas a você, Margaret — ele disse. — Sempre acho que esses assuntos estão mais a salvo em suas mãos, apesar do peso que isso lhe acarreta. Como estão suas dores de cabeça nestes dias, minha querida?

— Não tão ruins, Alfred, não tão ruins.

Meu pai atravessou o cômodo e eu o vi se curvar e depositar um beijo na testa da minha mãe. — Fico feliz em sabê-lo. Posso te trazer seu tônico?

— Não, obrigada, estou bem.

Meu pai voltou para seu lugar, folheou os jornais e ponto final. Minha sentença de vida decretada.

Encostei-me contra a parede e fiquei ali, vazia, por um bom tempo. Vazia de tudo. Eu era apenas um recipiente prático de serviços úteis, esperando para ser completado com receitas de cozinha e de tricô.

Jim Bowie desceu a escada em silêncio. Sem dizer uma palavra, ele se agarrou em mim e me deu um de seus longos e doces abraços.

— Obrigada, JB. — sussurrei, e subimos a escada juntos, de mãos dadas.

— Você está doente, Callie Vee? — ele perguntou.

— Acho que sim, JB.

— Dá para perceber.

— É verdade. Sempre dá para perceber.

— Não se sinta mal, você é minha melhor irmã, Callie.

Subimos na minha cama e ele se enroscou ao meu lado. Ele disse: — Você falou que ia brincar mais comigo.

— Me desculpe, JB. Tenho ficado com vovô — *mas isso logo vai terminar*, pensei.

— Ele sabe sobre o Pé Grande Wallace?

— Sabe.

— Você acha que ele vai me contar sobre o Pé Grande Wallace?

— Você deveria pedir a ele. Pode ser que ele conte, mas ele é meio ocupado — ocupado sem mim, pensei deprimida.

— Pode ser que eu pergunte — disse JB, — mas ele me dá medo. Preciso ir. Boa noite, Callie. Não fique doente.

Ele fechou a porta com delicadeza. Meu último pensamento, antes de eu cair em um sono inquieto, foi sobre o coiole. Se pelo menos eu conseguisse imaginar como roer minha perna.

CAPÍTULO 18

Lições de culinária

A batalha dentro da batalha tem de ser sempre recorrente, com sucessos variados...

Meu tempo com vovô foi se escoando à medida que a roda do moinho doméstico foi ganhando velocidade, moendo seu principal material bruto — a saber, eu — em pedaços cada vez menores.

— Calpúrnia — a mãe chamou da escada, naquele tom de voz particular que eu tinha começado a temer —, estamos esperando você na cozinha.

Eu estava no meu quarto lendo o exemplar do vovô de *Um conto de duas cidades*. Baixei o livro e não respondi.

— Sei que você está aí em cima —, disse a mãe — e sei que está me ouvindo. Desça aqui — suspirei, enfiei uma velha fita de cabelo dentro do livro para marcar onde parei e desci com má vontade. Eu era a jovem aristocrata condenada, mantendo a cabeça erguida na carreta. Era uma coisa muito, muito melhor...

— Não precisa ficar desse jeito — disse a mãe, quando entrei na cozinha onde ela e Viola esperavam por mim na mesa de pinho escovado. — É só uma aula de culinária.

Na mesa, estava a tábua de mármore, a lata de açúcar, o rolo de abrir massa, uma bacia grande com maçãs verdes e um limão bem amarelo. E um livro. Eu me animei, até dar uma olhada nele mais de perto.

— Olhe aqui — disse a mãe. — É meu livro de cozinha *Fanny Farmer*. Você pode pegá-lo emprestado até ter o seu. Nele tem tudo o que você precisa.

Tive minhas dúvidas. Ela o apresentou para mim da mesma maneira que meu avô tinha me dado seu livro — o outro livro — poucos meses antes. A mãe sorriu; Viola parecia

determinadamente impassível.

— Vamos começar com torta de maçã — disse a mãe. — O segredo é acrescentar um toque de sumo de limão e um punhado de raspas de limão para dar aquele agradável gostinho azedo — ela sorria, acenava com a cabeça e falava naquele tom convincente que as mães usam com crianças relutantes.

Tentei o melhor que pude sorrir de volta. Deus sabe com o que eu parecia, porque a mãe pareceu alarmada e Viola desviou os olhos para o canto.

— Não vai ser divertido? — perguntou a mãe, hesitante.

— Acho que sim.

— Viola vai te mostrar como fazer a massa. É a especialidade dela.

— Pegue duas conchas de farinha naquela lata, senhorita Callie — Viola disse. — Pisquei. Ela nunca tinha me chamado de senhorita antes. — Despeje-as nesta vasilha. Está bom.

A mãe percorria o livro de receitas e planejava nosso jantar de domingo, enquanto Viola tentava me conduzir pela trilha ardilosa da feitura de massa de tortas. Devo tê-la visto fazendo um milhão de tortas enquanto passava pela cozinha, e sempre tinha parecido muito fácil. Ela nunca media nada, cozinhava a olho, por instinto e por toque, jogando punhados de farinha e bocados de banha do tamanho de um polegar, e borrifando mais ou menos água fria, variava. Não havia nada naquilo. Qualquer idiota poderia aprender em dois minutos.

Uma hora depois, eu estava arfando e me esfalfando com minha terceira vasilha de massa, enquanto a mãe e Viola iam ficando cada vez mais espantadas. A primeira fornada tinha saído muito aguada e cheia de grumos; a segunda, tão densa que não consegui esticá-la com o rolo; a terceira se revelou tão grudenta quanto cola de papel de parede, e com a mesma consistência não convidativa. Estava tudo nas minhas mãos, no avental, espalhado pelo balcão e na haste da bomba, além de haver traços dela grudados no meu cabelo. Acho que havia até uma bolota no papel pega-mosca pendurado do teto, a vários centímetros acima da minha cabeça, mas não faço a mínima ideia de como chegou lá.

— Na próxima vez, acho que será preciso um lenço na cabeça, Viola — disse a mãe.

— Hum-hum.

— Vou te falar uma coisa — disse a mãe. — Talvez seja melhor deixar Viola terminar a massa. Vá em frente e descasque, tire as sementes e a parte dura das maçãs. Segure a maçã assim e leve a faca em sua direção. Tome cuidado. Está afiada.

Segurei a faca e a maçã do mesmo jeito que ela e, na primeira descascada abri o polegar. Por sorte, só sangrei sobre duas maçãs. Viola mergulhou-as na água, contudo, elas

continuaram tingidas de rosa. Todas nós fingimos não perceber. A mãe saiu para me arrumar um *band-aid*. Viola e eu sentamos à mesa e nos entreolhamos. Não dissemos uma palavra. Suspirei e pus o queixo na mão. Queria colocar a cabeça na mesa, mas isso significaria mais massa no meu cabelo. Idabelle, como se percebesse meu desespero, saiu de sua cesta e veio encostar sua larga testa contra minha canela. Eu nem mesmo podia agradá-la, de tão coberta de meleca. Viola levantou-se e juntou farinha, água e banha com aparente descuido, e rapidamente esticou uma massa não grudenta, nem mole demais, perfeita. Depois, descascou limão para mim, não tenho certeza se para poupar meu machucado da acidez ou para impedir que eu sangrasse em mais alguma fruta.

Depois que a mãe voltou e tratou do meu corte, Viola disse: — A senhorita Callie, tem de checar a temperatura do forno.

— Como é que eu faço isso?

— Coloque sua mão lá dentro. Se estiver quente demais para manter ela lá por mais tempo do que uma piscada, você tem um forno médio.

— Você está me provocando — olhei para ela: — É isso o que se faz?

— É isso o que se faz.

— Como você sabe quando é um forno quente? — perguntei.

— Ora, você não consegue pôr a mão tão longe. Fica quente demais.

— Não existe um termômetro ou alguma outra coisa?

As duas riram como se isso fosse a coisa mais engraçada da semana. Ah, engraçado, tudo bem. Abri o forno e fui recebida por uma lufada de ar quente como se fosse uma caverna de dragão.

— Vamos lá, menina — disse Viola, — vamos lá.

Aquilo ainda não a tinha matado, então deduzi que fosse seguro. Respirei profundamente e enfiei meu braço bem fundo no calor, puxando-o uma fração de segundo depois.

— É — disse, abanando a mão, — forno médio com certeza. Talvez até quente.

— Coloque esses pedaços de maçã nos pratos. Pegue um pouco de açúcar, uma quantidade como esta — ela disse, mostrando-me o açúcar no nicho da palma de sua mão, — e jogue sobre a maçã. Não precisa misturar. Isso, assim. Agora, temos de colocar a parte de cima da massa.

Ela me deu uma espátula para levantar a parte de cima do rolo e colocar nas tortas, o que era mais fácil de falar do que de fazer. A massa nada solidária despencava em todas as direções. Quando eu tocava nela, ela grudava em mim, quando a manipulava, ficava parecendo

couro. Levei dez bons minutos para terminar de montar três tortas. Olhei para elas. Tinham uma aparência lamentável.

— Elas não estão muito bonitas — eu disse.

— Você tem de pressionar as bordas com seu polegar, deste jeito. Isso vai fazer ficarem bonitas. Continue fazendo isso.

Apertei em torno das tortas do meu jeito, com meu polegar bom, e elas ficaram mesmo melhores, embora ninguém pudesse ser levado a pensar que aquilo fosse obra de Viola.

— Está bem — disse Viola, — você só tem de fazer mais uma coisa.

— O quê? — grasei exausta.

— Você tem de pôr a letra C, de Callie, em cima. Faça uma letra C com a massa e ponha em cima, ponha no meio, mostre para todo mundo que foi você quem fez. Depois, você pincela com gema de ovo. Dá um brilho em tudo.

Enrolei três minhocas de massa e curvei-as sobre cada torta como me ensinaram. Pincelei a gema de ovo em cima, e nós todas nos afastamos e demos uma olhada.

— Muito bem — disse Viola.

— Bom — disse a mãe. — Ficou muito bom.

— Ufa! — eu disse.

Naquela noite, quando SanJuanna tirou os pratos do jantar e trouxe a sobremesa, minha mãe pediu silêncio e disse: — Meninos, tenho um anúncio a fazer. Sua irmã fez as tortas de maçã hoje. Tenho certeza de que nós todos vamos gostar muito delas.

— Posso aprender, senhora? — perguntou Jim Bowie.

— Não, JB. Meninos não assam tortas — disse a mãe.

— Por que não?

— Eles têm esposas que fazem tortas para eles.

— Mas eu não tenho uma esposa.

— Querido, tenho certeza de que um dia você terá uma muito boazinha, quando ficar mais velho, e ela vai te fazer muitas tortas. Calpúrnia, você pode servir?

Existiria uma maneira que eu também pudesse ter uma esposa? Era o que eu pensava, enquanto cortava em cima do C tostado, e na mesma hora deixei a cobertura em pedaços. Tentei cortar em fatias, mas estraguei minha obra e terminei servindo uma torta que mais parecia um *cobbler*.^[8] O pai sorriu para sua sobremesa, sorriu para a mãe, sorriu para mim. Meus irmãos exclamaram suas aprovações e caíram sobre suas porções como cães famintos. Minha aula de cozinha tinha levado uma tarde toda; os resultados foram engolidos em exatos

quatro minutos. Nenhum deles poderia me envaidecer a ponto de compensar o fato de eu ter perdido horas sem minha Caderneta, meu rio, meus espécimes e meu avô. Vovô mastigou sua torta perdido em pensamentos.

CAPÍTULO 19

Uma espécie de sucesso de destilaria

Temos visto que, pela seleção, o homem certamente pode produzir grandes resultados e adaptar seres orgânicos a seu próprio uso...

— Calpúrnia —, vovô chamou ao pé da escada — você poderia vir ao laboratório comigo? Preciso da sua ajuda, se não estiver ocupada.

Desde que eu ouvira minha sentença de vida doméstica, tinha me afundado no mais profundo atoleiro de mau humor e desânimo, mantendo-me longe dos outros o máximo possível, de tal maneira que tinha havido uma conversa ocasional sobre o óleo de fígado de bacalhau. Ele não tinha poder curativo para a pata mutilada presa na cruel armadilha.

Quando vovô chamou, eu estava emburrada no meu quarto, tricotando outra meia na série infundável das meias de Natal. No entanto, não me considerava ocupada de jeito nenhum, e ali estava ele, me oferecendo um alívio temporário da tirania doméstica. Larguei as agulhas, saí correndo do quarto e escorreguei pelo corrimão.

Vovô sorriu. — Um método eficaz de transporte. Lembre-me de falar mais com você, alguma outra hora, sobre as *Leis de Física* de Newton e como estas se aplicam ao transporte por corrimão.

— No que o senhor — no que *nós* estamos trabalhando hoje?

— Você se lembra da amostra de uísque que pusemos no carvalho em julho? Acho que está na hora de vermos como está se saindo.

Passamos pela cozinha para a porta dos fundos. Viola estava peneirando montinhos macios de farinha branca, tendo Idabelle, A Gata de Dentro, como companhia. Olhou-nos com cara de peixe morto e disse: — Jantar em uma hora.

As prateleiras do laboratório estavam abarrotadas de vidros, o inspirador — ou deprimente — resultado de anos de trabalho, dependendo do ponto de vista. A Planta havia produzido sementes e tínhamos varrido cada pedacinho minúsculo para dentro de um envelope etiquetado, depois colocado em um frasco etiquetado, por sua vez trancado no armário da biblioteca. O cômodo cheirava a pecãs, mofo, e camundongo. Eu teria de escolher um dos Gatos de Fora para acabar com os camundongos. Vovô abriu seu livro de registro e deu uma busca nele na penumbra, sua grossa unha amarela percorria as colunas.

— Aqui está, a que tem a sua anotação. Número 437, em dez de julho. Estou pensando, onde é que a pusemos?

Era para pensar que seria difícil perder um barril de carvalho, mesmo sendo pequeno, no laboratório, mas o espaço tinha ficado tão entulhado de amostras fracassadas e de detritos de vários experimentos, velhos e novos, que foram precisos alguns minutos revirando tudo até que o localizássemos enfiado lá no fundo, sob um dos balcões.

— Ah — disse vovô. — Cuidado, não queremos perturbar nenhum sedimento. Primeiro vamos ver qual é sua aparência.

Acendi todos os lampiões do alto, enquanto vovô abria um espaço no balcão e com delicadeza colocava o barril em cima. Deu um tapinha no barril e virou a torneira de madeira, derrubando alguns centímetros de um cáldo líquido castanho-dourado em um copo limpo. Levantou o copo e o segurou em frente ao lampião mais claro, como se fosse nitroglicerina. Analisou-o, tanto com seus óculos, quanto sem. O copo reluzia, mas eu sabia que por mais que aquilo fosse bom, por mais bem-sucedida que fosse a experiência, seria mortal para uma menina de praticamente-doze-anos.

— Não se notam sedimentos — ele disse.

— Isso é bom?

— Acho que é um bom sinal. Não me lembro de alguma vez ter bebido uma dose de bom Bourbon com qualquer partícula flutuando nele, concorda? O que você acha desta cor?

— É bonita. É da mesma cor das contas âmbar da mãe. Era para parecer assim?

— É difícil dizer — ele respondeu. — Estamos atravessando a barreira da destilaria sem piloto. — Ele olhou para mim e pude ver a excitação do explorador agitando-se sob sua calma aparente.

— Vamos ver qual é o cheiro — ele disse, levando o copo até o nariz. Deu uma cheirada de leve, como se aquilo pudesse ser sais aromáticos tóxicos. Depois aspirou profundamente.

Pareceu satisfeito e o estendeu para mim. Recuei como um potrinho nervoso. Ele quase tinha me matado antes, e tinha se esquecido disso. Fiquei magoada.

— Hum — eu disse, — o senhor não vai me fazer beber nem um pouquinho disso, vai? O senhor se lembra do que aconteceu da última vez, não se lembra?

Ele viu a expressão no meu rosto e disse: — Ah, não, você tem toda razão. Terrível. Não podemos deixar que isso volte a acontecer. Não precisa bebê-lo. Só me diga se você gosta do cheiro.

Peguei o copo e enfiei o nariz dentro dele. Uma essência poderosa de pecã chegou até meu rosto, nem um pouco desagradável, considerando quanto eu estava enjoada de pecãs. — Tem o cheiro da torta da Viola — Ah, agora vamos ao verdadeiro teste — ele me saudou com o copo e disse: — À sua saúde, Calpúrnia, minha companheira na navegação de águas desconhecidas — tomou um grande gole.

Ainda me lembro da expressão do seu rosto como se fosse ontem. A careta de surpresa, seguida por um olhar demorado e contemplativo, fixo em algum lugar a média distância. Depois, um sorriso lento.

— Bom —, disse por fim — fiz uma coisa interessante.

— Que coisa, vovô, que coisa? — disse ofegante.

— Duvido que qualquer outro homem vivo possa reivindicar isso.

— Ah, o *quê*?

Com muita calma, ele disse: — Consegui pegar umas pecãs perfeitas e fermentá-las até uma coisa próxima a xixi de gato.

Fiquei de boca aberta.

— E qual é a lição que podemos tirar disso? — ele continuou.

Sentei-me e fiquei olhando para ele com cara de idiota.

Ele disse: — A lição de hoje é a seguinte: é melhor viajar com esperança no coração do que chegar em segurança. Você entende?

— Não, senhor.

— Significa que temos de comemorar o fracasso de hoje, porque é um sinal claro de que nossa viagem de descobertas ainda não terminou. O dia em que o experimento der certo será o dia em que ela termina. E eu acredito, inevitavelmente, que a tristeza de terminar supera a celebração do sucesso.

— É para eu escrever isso no livro? Estou falando do xixi de gato.

Ele deu uma boa risada. — Boa ideia. Temos de ser honestos em nossas observações. Pegue a pena e, por favor, faça as honras, minha menina.

Afinal de contas, aquele era um dia importante, então deixei de lado a tinta preta e segurei o tinteiro com a vermelha. Ele concordou com a cabeça. Molhei a pena no líquido sanguíneo e fiz uma anotação lenta e cuidadosa. Mostrei-a ao vovô.

— Excelente —, ele disse — mas acho que xixi se escreve com X.

CAPÍTULO 20

O grande aniversário

Temos muitas diferenças ligeiras que podem ser chamadas de diferenças individuais, tais como as que vemos frequentemente aparecer em filhos dos mesmos pais... Ninguém imagina que todos os indivíduos da mesma espécie foram formatados exatamente no mesmo molde...

O ano foi se adiantando e ainda não havia nenhum comunicado em relação à Planta. Meus dias consistiam em um ciclo de lições de casa, exercícios de piano e aulas de culinária com Viola. Contra a minha vontade, aprendi a fazer Filé Wellington e Cordeiro Parsifal. Aprendi a fritar galinha, bagre e quiabo. Fiz pão com farinha branca, com farinha integral, com farinha de milho e pão de ló.

Nada disso parecia agradar Viola. Eu também não estava muito satisfeita. Nos encolhidos períodos de tempo livre que eu tinha, seguia vovô o máximo possível.

Chegamos a outubro. Ah, outubro! Uma época de êxtase para mim e três dos meus irmãos, cada um de nós fazia aniversário naquele mês, *além* da espera ansiosa pelo Halloween. Quase era excitação demais para suportar. E naquele ano, realmente, revelou-se ser demais, pelo menos para a mãe, que me chamou juntamente com Lamar, Sul Ross e Sam Houston para uma conversa.

— Crianças, neste ano vamos fazer uma festa de aniversário para todos vocês juntos. Uma grande festa de aniversário em grupo, em vez de quatro festas comuns. Não vai ser gostoso? Vamos convidar todos os seus amigos e fazer uma verdadeira comemoração.

— O quê?

— Ei, isso não é justo!

— Espere um pouco.

— Mãããeeee.

Será que ela esperava uma alegria geral com esse arranjo? Não houve alegria nenhuma. O coro de reclamações foi tão alto e durou tanto que fiquei surpresa que ela não cedesse e desistisse do seu plano. Ficou firme.

— Chega! — ela ordenou. — É além da conta. Para mim e para Viola. Se ela tiver de, mais uma vez, fazer quatro festas de aniversário em um mês, ela vai embora, juro que vai. Também não admito que vocês reclamem com ela. Não foi ela quem sugeriu isso.

— Callie Vee poderia ajudá-la na cozinha — disse Lamar com arrogância. — Ela está aprendendo. Deixe-a ajudar. Quero minha própria festa de aniversário.

Lancei-lhe um olhar tão venenoso que ele recuou.

A mãe saiu ganhando, e assim teve início uma semana inteira de preparativos em que ela, Viola e SanJuanna seguiram a todo vapor (como também era meu aniversário, fui dispensada da cozinha, apesar do comentário do meu irmão desprezível). Nós quatro ficamos longe delas e continuamos a descarregar nosso mau humor entre nós, resmungando sobre a injustiça daquilo tudo. Então chegou o primeiro sábado de outubro e fomos reunidos para nosso aniversário comum, em um clima peculiar tanto de comemoração quanto de melancolia.

A função de Viola era cozinhar montanhas de comida; a de SanJuanna, servi-la o tempo todo; o trabalho de Alberto era erguer a tenda enorme, para o caso de chover, e conduzir Raio de Sol, uma pônei Shetland velha e rabugenta, com rédea curta, prestando atenção para ela não fazer seu truque favorito de girar a cabeça depressa como uma cobra e tirar um pedaço da perna de seu cavaleiro.

Nossa indignação coletiva do início sumiu quando a festa começou. E por que não sumiria? Foi a maior festa que Fentress já viu. Todas as crianças da cidade foram convidadas, e muitos dos seus pais também. Tivemos passeios de pônei, chuvas de prata, rojões, croquê, jogo de ferraduras, balas puxa-puxa e mordida da maçã, além de lembrancinhas, chapéu de papel crepom e serpentinas.

Houve montanhas de sanduíches deliciosos e enroladinhos de salsicha, galantina fria e presunto quente, servido com geleia de abricó; carne fria fatiada fina e servida com rabanete picante, que as crianças evitavam o tempo todo; todos os rocamboles e sorvetes que você conseguisse comer; tortas merengue de pecã e de limão; um bolo de chocolate de quatro camadas de altura, com o nome de cada aniversariante escrito na lateral com uma bonita cobertura branca, velas para nós todos, em um total de quarenta e nove cobrindo a camada do

alto (doze para mim, quatorze para Lamar, quinze para Sam Houston, e oito para Sul Ross). Foi uma verdadeira conflagração, e pude perceber que se mantivéssemos o aniversário grupal, logo teríamos de mudar para outro sistema de velas ou para um bolo muito maior.

As coisas começaram na maior elegância, mas deterioraram para um pandemônio nunca visto. Ajax roubou um rolinho de salsicha e conseguiu engolir sua conquista enquanto corria na maior velocidade, com uma multidão de crianças animadíssimas aos gritos em sua perseguição.

Minha única responsabilidade naquele dia foi tomar conta de Sul Ross e prestar atenção para ele não se entupir a ponto de ficar enjoado. Uma tarefa inútil. Sul Ross sempre ficava enjoado com o bolo de aniversário, quer eu olhasse quer não.

O pai e a mãe fizeram o papel de anfitriões elegantes. Vovô ficou com os adultos e tomou um festivo copo de cerveja. Avisou que havia um presente de aniversário para todos nós chegando de Austin, mas que, inesperadamente, havia se atrasado e poderia chegar mais tarde naquela semana. Isso provocou todo tipo de especulação, mas ele não nos revelou nenhum detalhe. Depois, retirou-se para a biblioteca, para um cochilo restaurador.

Travis, Lamar e Sam Houston circulavam em volta de Lula Gates como planetas ao redor do Sol, perturbando-a com constantes perguntas: — Quer mais sorvete, Lula? — posso te trazer mais bolo, Lula? — Está se divertindo, Lula?

Ninguém me perguntou se eu queria alguma coisa. Eu, porém, era perfeitamente capaz de pegar meu próprio bolo. Com certeza era, sendo uma menina forte e saudável.

Lula ficou conversando com a mãe, gotículas de suor no nariz, o cabelo solto como uma cachoeira prata e dourada brilhando ao Sol.

A senhora Gates sorriu para Travis e depois para Lamar. *Então, pensei, ela está esperando apanhar um Tate para Lula, e não parece que tenha preferência por algum.*

— Callie —, disse a senhora Gates — estávamos conversando sobre a feira. Como é que está ficando seu trabalho? Tenho de dizer, se é que posso gabar minha própria filha, que nestes dias Lula vem me surpreendendo com sua habilidade.

— Ah — eu disse.

— Esperamos que ela ganhe um prêmio em bordado Richelieu, embora sua renda também esteja progredindo.

— Bom — eu disse, e depois percebi que não conseguia pensar em nada para dizer sobre o assunto. A brecha na conversa foi aumentando, até que Travis interveio:

— Callie Vee está me fazendo umas meias para o Natal, senhora Gates. Não está, Callie?

— É verdade, estou. Meias.

Travis disse: — Vai ser bom ter meias de lã quando estiver frio, não acha? Espero que fiquem prontas a tempo.

— Ah, Travis — disse a senhora Gates sorrindo, — tenho certeza de que no Natal elas estarão prontas, não é, Callie? Meias não tomam muito tempo.

Tive vontade de dizer: *Vá pensando...*

— Lula consegue fazer um par de meias em uma tarde — continuou a senhora Gates.

— É mesmo? — exclamou Travis, digerindo a informação e depois me olhando confuso.

Não gostei do rumo que a conversa estava tomando. —Lula — interrompi, — quer dar uma volta na Raio de Sol? Não tem perigo, Alberto está com ela, ela não vai morder. Se, porém, você estiver preocupada, posso ir antes, se você quiser.

— Está bem, Callie, isso seria ótimo — Lula disse, e pedimos licença.

Travis, mostrando novamente um admirável traquejo social para sua idade, seguiu Lula com os olhos, mas, muito esperto, ficou para trás para conquistar a senhora Gates com sua educação. Aquele menino estava crescendo depressa.

Ao passarmos pelas mesas armadas, abarrotadas de comida, vi Sul Ross ir em direção às árvores com dois pratos cheios de bolo. Tinha me esquecido que eu deveria protegê-lo do seu excesso. Senti-me culpada, mas, na verdade, um menino de oito anos deveria ser mais esperto, não deveria? Além disso, a festa de aniversário também era minha.

Passamos pelo jogo das ferraduras, supervisionado por Harry. Ele tinha um olho em Sam Houston, conhecido por suas jogadas violentas, e o outro na prima mais velha de Lula, Fern Spitty, que flanava por perto, rodando seu guarda-sol branco arrematado com renda.

— Callie —, disse Lula hesitante —parece que você está no maior mau humor. Você está doente?

Eu estava em dúvida sobre explicar para ela. Será que ela, a princesa em potencial dos carretéis e da renda, poderia entender pelo que eu estava passando? Éramos amigas há anos, no entanto, ultimamente, parecia que não falávamos a mesma língua. Contudo, a ideia de não poder contar para minha melhor amiga que minha pata estava presa na armadilha era triste demais. Então, me enchi de coragem e disse, sem muita firmeza: — Eu... Eu não gosto de toda essa história de costurar e tricotar, não como você, e, além disso, não sou nem um pouco boa nisso. Quero fazer outra coisa da minha vida.

— Como o quê?

— Não sei muito bem.

— Você quer dizer que quer ser professora? Como a senhorita Harbottle? Nesse caso, você não vai ter sua família. Você não quer ter sua família?

— Não tenho certeza.

Ela pareceu confusa. — Todo mundo tem uma família. Não tem? — ela pensou um pouco e disse: — Ah, você está dizendo que quer ser como a Telefonista, como a Maggie Medlin. Ela não tem uma família — Lula pensou mais um pouco e continuou: — Ela ganha um dinheiro de verdade que é dela. Isso seria bom, um dinheiro de verdade que seja seu...

— Eu não sei o que quero fazer, Lula — e então, me veio como o primeiro vislumbre do sol se erguendo sobre o horizonte, o que era que eu *realmente* queria fazer. Eu só tinha de dizê-lo em voz alta. Teria coragem de fazer isso? De revelá-lo a céu aberto? Talvez devesse tentá-lo na frente de Lula para ver como soava.

— Acho — eu disse e parei. — Acho que talvez eu queira ir para a universidade.

— É mesmo? — não consegui saber se Lula estava impressionada ou chocada. Ela disse: — Não conheço ninguém que tenha ido para a universidade. Espere, a senhorita Harbottle foi?

— Não, ela foi para a Escola Normal. Ela só recebeu um certificado.

— O que uma pessoa faz na universidade? — perguntou Lula.

— Estuda coisas.

— Que tipo de coisas?

— Todo tipo de coisas — eu disse, um tanto pretensiosa. Eu não tinha ideia do que se fazia na universidade — fui inventando conforme fui falando — mas não queria que ela soubesse disso. — Ciência e coisas — eu disse. — Eles te dão um diploma especial que mostra que você esteve lá — tive medo que ela me perguntasse o que a pessoa fazia com seu diploma especial depois de recebê-lo, e a verdade é que eu não tinha a mínima ideia. Fui tomada pela súbita e ridícula superstição de que se ela me perguntasse e eu não conseguisse responder, eu nunca conseguiria ir. — Vamos, Lula — eu disse, agarrando sua mão —, vamos dar uma volta na pônei!

Ela sorriu com prazer, passou a mão nas gotinhas de suor espalhadas pelo nariz como sardas e saímos correndo para encontrar a pônei rabugenta. Ao passarmos pelo cercado do jogo de ferraduras, vi Harry conversando com Fern Spitty, e algo em sua atitude atenta me fez pensar que estávamos indo novamente para a dança do acasalamento.

Depois de cavalgar Raio de Sol, alguns de nós brincamos de Guerra Civil, representando as batalhas de Fredericksburg e Chancellorsville, lutando com espadas de madeira e disparando canhões de tronco. Todos os meus irmãos, exceto Sam Houston, lamentavam ter perdido o

heroísmo e a glória romântica. (Sam Houston tinha visto as fotos terríveis de Mathew Brady na biblioteca, e não tinha achado que eram muito gloriosas). Tínhamos de manter um esquema rígido para determinar de quem era a vez de representar os Federais, uma vez que ninguém queria fazer o papel deles. Tentamos brincar algumas vezes sem o Norte, mas acabou sendo tão aborrecido que abandonamos a brincadeira de vez.

Depois, tivemos uma competição de cuspidas de semente de melancia, que Lamar ganhou, naturalmente, sendo o maior cabotino presente. Em seguida, abrimos os presentes, e eu ganhei um minúsculo saquinho marrom de alcaçuz dos três meninos mais novos, que haviam juntado suas economias para comprá-lo. Sam Houston me deu um abotoador e Lamar me deu uma almofada de alfinetes, na forma de um gordo tomate vermelho. Harry me deu um livro de música para piano, *Jolly songs for family fun*.^[9] Dos meus pais, ganhei um vestido com o mais bonito acabamento em fina renda, e um novo par de chinelos de inverno, feito com pele de coelho, para substituir o que não cabia mais. Dei para cada um dos meus irmãos um marcador de livros e uma bandeira do Texas ao vento, que eu mesma desenhei e pinteí.

Quando os fogos terminaram, todos nós estávamos exaustos. Houve lágrimas, irritações e muita risada; houve alguns machucados e esfolados. Todos os símbolos de uma grande festa. Dovie ficou com um olho roxo por ter corrido de encontro ao punho de outra criança. (Poderia facilmente ter sido meu punho, mas não foi, juro). Isso rendeu a ela muitos elogios. Como era geralmente querida, e insuportavelmente a Senhorita Arrumadinha, isso fez a ela um bem enorme.

Naquela noite, a mãe foi para o quarto com um grande frasco do seu tônico. Viola foi se deitar com um pano gelado e um pó para dor de cabeça, e recebeu dois inéditos dias de folga inteirinhos, para se recuperar. SanJuanna e Alberto dividiram o ingrato fardo de limpar tudo. Alberto contou que quando levou Raio de Sol para sua cocheira, no final do dia, ela estava exausta demais para tentar mordê-lo até mesmo uma vez.

E o presente de vovô chegou mesmo no final da semana, embora todos nós logo tenhamos passado a desejar que não tivesse chegado. Veio em um grande engradado com buracos para ventilação, o que é sempre um bom sinal em um presente. Reunimo-nos na varanda da frente e assistimos, enquanto Harry abria-o com a ajuda de uma cunha. Continha uma gaiola de arame em arabescos, na qual estava um papagaio. Como é que vovô tinha sabido?

E não era qualquer papagaio. Era um enorme papagaio adulto, com três pés (desculpe-me, um metro) de comprimento da crista às penas do rabo, com um peito dourado brilhante, costas azuis e asas de um carmesim chocante. Todos nós ficamos olhando de boca aberta. Vovô tinha

lido sobre ele nos jornais de Austin e tinha comprado em uma venda de patrimônio, tendo o pássaro sobrevivido a seu dono anterior. Era a coisa mais linda que já tínhamos visto. E parecia que ele podia arrancar nosso olho sem o menor esforço.

Enquanto olhávamos deslumbrados, ele subiu pela grade escalando com seu grande bico e delicadamente abriu o trinco; depois, deu um impulso até o alto da gaiola sem nenhuma dificuldade, apesar da obstrução de uma fina corrente de prata que ia de um tornozelo até seu gasto poleiro. Alisou uma longa pena iridescente, sacudiu a cabeça, levantou e abaixou sua crista em um gesto de certo modo ameaçador, e se voltou para nos encarar com olhos amarelos, perfeitamente redondos.

Estávamos atônitos. Nenhum de nós tinha jamais visto algo parecido. A mãe olhava para a criatura com alguma apreensão, mas, depois, como se percebesse que seu futuro estava em jogo, o pássaro irrompeu em uma impressionante interpretação em assobio de *When you and i were young, maggie*, completa, com gorjeios e cadências. Seria puro acaso? Ou teria o pássaro, de alguma maneira, adivinhado que o nome de minha mãe era Margaret e que aquela era sua música preferida? Havia certa inteligência cruel em seus olhos amarelos, que me fez pensar nisso e ser grata pela corrente. Seu nome era Polly, claro, e ele era nosso presente de aniversário. O que minha mãe podia fazer?

Portanto, ele ficou, pelo menos por um tempo. Contudo, revelou-se tão petulante e irritável quanto parecia. Com seu bico enorme, e tremendas garras pretas, ninguém ousou pensar em soltá-lo do poleiro. Intimidou a todos nós: pais, filhos, cachorros, gatos. Todo mundo ficava a uma boa distância do seu canto, exceto para lhe dar comida, água e para trocar seu papel. Ele tinha o próprio osso de choco, onde esfregava os lados do bico como um amolador de faca amolando sua lâmina, e eu queria examiná-lo de perto, mas não tinha coragem. Polly não parecia se importar com o fato de não ter amigos. Passava os dias murmurando, irritado consigo mesmo e cantando cantigas do mar impróprias, com o ocasional guincho de ensurdecer, soltado a esmo para fazer a gente dar um pulo.

Passamos a cobrir a gaiola cada vez com mais frequência, para podermos ter um pouco de paz. Suspeito que todos queriam se ver livres dele, mas ninguém tinha coragem de dizer isso; estávamos esperando que alguma desculpa decente aparecesse porque ele era, afinal de contas, o Pássaro do Aniversário.

A desculpa decente veio durante um dos chás da tarde da mãe, quando ele alegremente cumprimentou sua convidada, a senhora Purtle, com a sugestão de “vá se foder”. Eu não sabia

o que isso significava, mas parece que tanto a mãe, quanto a senhora Purtle sabiam. No prazo de uma hora, Polly foi levado por Alberto para a beneficiadora e dado ao senhor O’Flanagan.

O senhor O’Flanagan era um antigo marinheiro mercante, gerente assistente da beneficiadora, e adorava ter um pássaro por perto. Tinha tido um velho corvo uma vez, que apelidou de Corvo do Edgar Allan Poe, e tinha passado anos tentando fazê-lo falar *nunca mais*. O pássaro permaneceu mudo até o dia em que grasnou uma vez e caiu do poleiro de velhice.

O senhor O’Flanagan, ao ouvir que tínhamos um papagaio de verdade que falava, ficou animadíssimo para se apossar de Polly. Sendo ele mesmo um velho marujo, não se ofendia com companhia grosseira. Acontece que ele e o pássaro conheciam muitas das mesmas cantigas indecentes, e quando ele não estava ocupado com clientes, os dois passavam o tempo cantando juntos, de porta fechada, é claro.

Ninguém sentiu falta de Polly em casa. Suspeito que nem mesmo vovô.

CAPÍTULO 21

O imperativo reprodutivo

A seleção pode ser aplicada à família, bem como ao indivíduo, e assim, pode obter o fim desejado.

Como era de esperar, Harry logo foi convidado a jantar com Fern Spitty, embora o convite não fosse tão óbvio. Foi convidado à casa dos Gates, mas aconteceu de a prima Fern estar de visita por duas semanas. Tinham se passado poucos meses desde o desastre de Minerva Goodacre, mas, ao que parece, o coração partido de Harry já estava consertado. Fern tinha acabado de debutar em Lockhart e estava na hora de se dedicar à tarefa de conhecer solteiros. Lockhart nem chegava perto do tamanho de Austin, é claro, mas naquele ano, pela primeira vez, houve cinco comerciantes suficientemente prósperos que se sentiram compelidos (por suas esposas, sem dúvida) a declarar suas filhas como casadoiras. Em outras palavras, prontas para ser oferecidas em leilão. A mãe leu sobre isso no *Lockhart Post*, e ficou com um brilho nos olhos, um brilho de que não gostei, um brilho que eu sabia ter algo a ver com sua filha.

Harry voltou a se untar com brilhantina. Engraxou suas botas de montaria, de um jeito que dava para gente se ver refletida nelas, escovou seu terno e foi jantar. Achei que ele estava irresistível, parecia esplêndido.

No dia seguinte, Lula me contou que, depois do jantar, Harry e Fern sentaram-se lá fora, no escuro, no banco de balanço da varanda, durante uma boa meia hora, sem nenhuma companhia a não ser a dos mosquitos.

— Eles foram às vias de fato? — eu não tinha cem por cento de certeza do que isso significava, mas tinha esperança de que Lula soubesse.

— O quê? O quê?

— Ele cochichou bobagens carinhosas no ouvido dela?

— Hã? — o que são bobagens carinhosas? Como é que se cochicham bobagens?

— Esqueça. Ele segurou na mão dela?

— Não deu para eu ver.

Eu continuei me arriscando: — Ele deu um beijo nela?

— *O quê?* — exclamou Lula. — Ah, Callie, eles mal se conhecem!

— Bom, eu sei disso, Lula, mas as pessoas se beijam, sabia? Só queria saber se você tinha visto, só isso.

Ela corou, e os pontinhos de suor sobre seu nariz afloraram. (Questão para a Caderneta: *Por que o nariz de Lula sua desse jeito?* Nenhum outro faz isso). Ela puxou seu lenço do bolso e o levou ao rosto, tocando-o de leve, repetidas vezes. — Como é que você pode me fazer perguntas desse tipo?

— Porque ele é meu irmão, e eu estou tentando descobrir se ele vai embora e se casar com Fern. Ela é sua prima, então isso faria a gente ser parentes, não é? Acho que faria, mas não tenho mais certeza.

Eu não era idiota de me meter no namoro de Harry. Tinha aprendido minha lição a duras penas. Talvez, porém, se outra pessoa investigasse e acabasse caindo no meu colo...

— Lula, você já pensou em se casar?

— Acho que sim. Todo mundo não pensa?

— Você tem de deixar seu marido beijar você, depois que estiver casada. E você tem de beijá-lo de volta.

— *Não* — ela disse.

— Sim — afirmei, como se soubesse tudo o que há para saber sobre os beijos entre maridos e esposas. — É isso que eles fazem juntos.

— A gente é obrigada?

— Com certeza. É lei.

— Nunca ouvi falar nessa lei — ela disse em dúvida.

— É verdade, é a lei do Texas — eu disse. — E uma vez que estamos falando nisso, você sabe que um bando dos meus irmãos está interessado em você, não sabe?

Assim que aquela interessante informação saiu da minha boca, me lembrei da promessa que tinha feito para os três. — Droga! Não era para eu te contar!

Lula parecia chocada por eu ter xingado. — Callie, você não devia xingar.

— Me desculpe. Era para ser segredo. Esqueça que eu disse alguma coisa.

Ela vacilou e então disse: — Então, quem é?

— Quem é o que?

— Você sabe... que está interessado em mim.

— Adivinhe. Não era para eu te contar — mas eu estava cansada do peso de carregar os segredos deles. E por que Lula não deveria saber? — Está bem. É Lamar, Sam Houston e Travis.

— Nossa! — ela disse, enrubescendo muito.

— Dá para você escolher. Qual você prefere?

— Eu... Eu não sei.

— Bom, você quer algum deles? Não sei muito bem se eu ia querer, se fosse você. Qual você acha que é o mais bonito? É o Harry, claro, mas ele não está no páreo.

Ela corou e disse: — Eles são todos bonitos.

— São, Lula, mas você *gosta* de algum deles?

— Eles são todos legais.

— São, são, mas você gosta de algum deles? — Ela, porém, não me respondeu, só enxugou suas gotinhas de suor e pareceu nervosa.

Continuei: — Se eu fosse você, escolheria Travis. Ele é o mais legal. Talvez beijá-lo não seja tão ruim. Deve ter algum segredo nisso ou eles não iam querer beijar, você não acha?

Lula pareceu pensativa: — Não sei se minha mãe e meu pai gostam disso. Quero dizer, eu nem mesmo me lembro de ver os dois se beijando.

Eu tinha visto meus pais se beijando na véspera de Natal, e uma vez tinha visto meu pai passar o braço em volta da cintura da mãe, puxando-a para ele no final escuro do corredor, quando eles estavam entrando no quarto. E quando se vive em uma fazenda com galinhas, porcos, vacas e gatos, sempre estão nascendo ninhadas. Portanto, em certa idade, passa pela sua cabeça imaginar como essa fertilidade de vida aconteceu. Eu tinha visto cachorros copulando, e uma noite tinha tropeçado em dois gatos no escuro, uma coisa que nunca se vê. Tanto os gatos quanto eu ficamos igualmente chocados.

Lula me disse alguma coisa que não percebi.

— O quê? — perguntei.

Ela desviou os olhos. — Então... o Travis está... interessado em mim?

— Está. Agarre-o, Lula. É o melhor da ninhada.

— Mas ele é tão novo. Eu tenho doze anos, e ele só tem onze, não é?

— Hum, certo — na verdade, ele tinha dez, mas eu não ia esmagar sua doce campanha do primeiro amor. — Lula, lembre-se de que eu não devia ter te contado. Você não vai deixar escapar, vai?

Ela fez um juramento na maior concentração. Eu queria selar aquilo com cuspe, mas seria demais para ela.

Naquela noite, encurralei Harry, enquanto ele escrevia uma carta.

— Oi, querida — ele disse de modo vago.

— Harry, você já beijou uma menina?

Ele pareceu perplexo: — Por que você está perguntando?

— Eu queria saber como é, só isso.

— Eu beijei uma menina uma vez — ele respondeu sorrindo, — e é muito bom.

— Por que é tão bom?

— Porque é. Você vai ter de esperar para ver.

— Callie, não posso te contar isso. Um cavalheiro nunca contaria.

— Por que não? Pode me contar. Eu sei guardar segredo. — bom, pensei, talvez não saiba.

— Você beijou aquela Minerva Goodacre?

— Não. Não foi ela. No entanto, ela me deixou pegar na sua mão uma vez.

— Também era bom?

— Muito bom. Bom demais. Vá embora.

— Por que era bom?

— Você está sendo uma peste. Deixe-me em paz — ele disse, mas sorriu com alguma lembrança agradável.

— Você sente falta dela? — desde que a execrável Goodacre estivesse bem longe da nossa vida, poderia ser permitido certo grau de lamento e suspiro como exercício romântico.

— Acho que senti durante um tempo.

— E não sente mais?

— Não, agora não. Será que você poderia ir embora? — virei-me para ir, quando ele me chamou: — Espere. Por que tanto interesse nisso? — ele pareceu desconfiado. — Você tem algum menino e não está contando para a gente? Seu primeiro namorado?

— Não, não, não — soltei uma risada abafada. — Não.

— Por que não? Um dia vou te perder para algum príncipe encantado que te ofereça um sapatinho de cristal, Cal.

— Não diga isso — eu disse, correndo até ele e atirando meus braços em volta dele. Tive vontade de chorar sem que houvesse motivo. — Por que você tem de se casar? Por que *eu* tenho de me casar? Por que a gente não pode ficar aqui, todos juntos na nossa casa?

— Está tudo certo, queridinha. Um dia você vai querer sua família.

Resmunguei junto a seu colete: — As pessoas estão sempre me dizendo “um dia” e eu estou enjoada disso.

— Elas também me disseram isso.

— Disseram para você?

— É de dar raiva, não é? Elas dizem isso para todo mundo, e cá estou eu dizendo para você. Olhe, vamos dar uma arrumada no seu cabelo. Você está toda descabelada.

— Harry — eu disse, escolhendo as palavras com cuidado, enquanto ele lidava com minha fita —, você acha... você acha que eu poderia ser professora?

— Professora? É isso o que você quer fazer? — ele perguntou, refazendo meu laço.

Não era, mas eu ainda não podia dizer para ele o que eu queria de fato.

— Você acha que eu poderia fazer isso, Harry?

— Acho que sim. Você já conversou com a mãe e o pai sobre isso?

Ignorei a pergunta e disse: — Você acha que eu poderia ser... ah, sei lá, talvez uma Telefonista?

— Tenho certeza de que você também se sairia bem nisso, se seus braços crescerem o suficiente. Espere, deixe-me arrumar sua fita. Pronto.

— Harry, você acha que eu poderia ser — parei, depois voltei a falar com uma voz propositalmente casual —, cientista?

— Cientista? — ele recuou. — Isso é meio improvável, você não acha?

Olhei fixamente para ele. Minha pergunta e sua resposta eram importantes demais para que eu desviasse o olhar.

— Ahhh — ele disse, — estou entendendo. Isso aí vem do vovô, não vem? Ele está te encorajando, não está? Talvez você não devesse passar tanto tempo com ele. Realmente, Callie, é muito improvável.

— Por quê? — perguntei sem expressão. — Por que é tão improvável?

— Porque nunca ouvi falar em mulheres cientistas, você já ouviu? Como é que você viveria? Como trabalharia? Olhe, um dia você vai se casar, vai ter um montão de filhos e vai esquecer isso. Você não quer ter sua própria casa?

— Eu já tenho minha própria casa.

— Você sabe o que estou dizendo.

Afastei-me um pouquinho dele e perguntei: — Harry, se eu quisesse mesmo ser uma cientista, você me ajudaria?

Ele pareceu cético. — Ajudar como?

— Não sei bem — respondi, pois não tinha nenhum plano. — Só me ajude, caso eu precise.

— Não sei o que dizer, bichinho — ao ver a expressão no meu rosto, ele disse: — Não estou dizendo que não. Só não entendo aonde você está querendo chegar.

— Se fosse importante para mim.

— Sempre vou procurar fazer o que puder por você, Callie, você sabe disso. Embora seja mais do que você merece, depois de ter contado para a mãe sobre a senhorita Goodacre. Agora, dê o fora. Preciso terminar esta carta.

Pulei de alívio com a mudança de assunto.

— É uma carta de amor?

— Não é da sua conta.

— É para Fern Spitty?

— Cai fora.

Eu não tinha conseguido nenhuma promessa de ajuda da parte dele, mas ele também não tinha se recusado. Considerei a conversa nem boa, nem ruim. Agora eu sabia que, finalmente, tinha chegado a hora de procurar vovô. Lula e Harry tinham sido meros ensaios. Eu vinha adiando, mas estava na hora.

Dei um beijo na cabeça inclinada de Harry e fui para a varanda, onde os outros estavam se reunindo para observar o primeiro vagalume. O tempo estava esfriando. Os insetos estavam diminuindo em quantidade e logo a estação deles chegaria ao fim, o que era ótimo, uma vez que a condecoração do Prêmio Vagalume de Fentress estava suja e gasta.

Vovô estava sentado em uma cadeira de balanço de vime, no canto da varanda. Fiquei contente em ver que ele mesmo estava um tanto separado dos outros. Peguei minha Caderneta e meu lápis e me sentei em uma cadeira a seu lado. O final de seu charuto reluzia como um vagalume gordo e vermelho, quando ele inalava. Quase esperei ver os poucos insetos que restaram circularem-no e sinalizarem suas intenções românticas. (Questão para a Caderneta: *Um vagalume já se equivocou com um charuto, tomando-o por alguém de sua espécie?* Um engano doloroso — possivelmente letal).

Ficamos sentados em silêncio, até que ele disse: — Calpúrnia, você pretende infligir um ferimento mortal a esta cadeira?

Olhei para baixo e percebi que estava abrindo um buraco na cadeira de vime com o meu lápis.

— Não tenho visto muito você, ultimamente — ele disse.

— É porque estou aprendendo a ser uma cozinheira, ou uma esposa, eu acho.

— Ah, e todos nós temos aproveitado os resultados do seu trabalho.

— O senhor não precisa dizer isso — respondi, infeliz.

Continuamos em silêncio e senti um mosquito invisível se banquetear nos meus tornozelos, o que se somou à minha miséria geral. Não consegui vê-lo até que tivesse me mordido várias vezes e sua voracidade o tivesse transformado em uma visível gotinha voadora do meu sangue. Ele pousou na varanda junto aos meus pés e pisei nele. Ele tentou fugir, inchado demais para escapar. Peguei-o com a ponta do meu sapato, e uma minúscula fonte do meu sangue explodiu na tinta cinzenta da varanda. Pensei nisso. Parecia que um excesso de coisa boa poderia matar você, como dizia a velha música. Olhe a evidência lambuzada. O mosquito era um evidente sucesso em termos de conseguir muita comida, mas um fracasso em termos de viver até a velhice, morrendo tranquilamente durante o sono, cercado pelo lamento dos netos. Então, estava apto ou não? Embora isso pudesse não importar, dependendo do que vovô dissesse em seguida. Será que ele comutaria minha sentença de vida de monótono e árduo trabalho doméstico?

Travis avistou o primeiro vagalume e reivindicou a condecoração na outra extremidade da varanda.

Limpei a garganta: — Vovô... — depois, perdi a coragem.

— Sim, Calpúrnia?

— As meninas... As meninas também podem ser cientistas — nós dois fingimos não ouvir o tremor na minha voz. — Não podem?

Ele deu uma boa baforada no seu charuto, depois bateu a cinza.

— Você perguntou isso para sua mãe? Ou para o seu pai?

— O que? Não, claro que não. Por que eu faria isso?

— Porque é possível que eles tenham algo a falar nesse sentido. Isso não passou pela sua cabeça?

— Ah — murmurei com amargura, — eu *sei* o que eles têm a falar a respeito. Por que o senhor acha que nunca mais eu saí da cozinha? É por isso que estou fazendo a pergunta *ao*

senhor.

— Entendo. Você se lembra de quando nos sentamos perto do rio alguns meses atrás e conversamos sobre Copérnico e Newton?

— Lembro — como é que eu poderia me esquecer?

— Nós não falamos sobre o elemento da senhora Curie? Sobre a coruja-do-mato da senhora Maxwell?

— Não.

— Sobre as equações da senhorita Kovalevsky? As viagens da senhorita Bird às Ilhas Sanduíche?

— Não.

— Quanta ignorância — ele murmurou, e logo lágrimas saltaram aos meus olhos. Eu era uma menina tão ignorante? Ele continuou: — Por favor, perdoe-me pela minha ignorância, Calpúrnia. Você me deixou bem inteirado do estado primitivo da sua educação pública, e eu devia ter sabido que você seria deixada no escuro em relação a certos assuntos científicos. Deixe-me contar sobre essas mulheres.

Absorvi o que ele me contava como uma esponja. Era uma informação eletrizante. Haveria, porém, algo em sua voz, certa hesitação, certa reserva, que eu não tinha percebido antes? Fomos interrompidos pela mãe, nos chamando para dentro para dormir. Ultimamente, parecia que todas minhas conversas com vovô eram interrompidas. Ultimamente, parecia que não sobrava tempo.

O vagalume de Travis foi, na verdade, o único avistado naquela noite. Embora eu soubesse que dali a um ano os vagalumes voltariam, pareceu a extinção da espécie. Como é triste ser o último da sua espécie, sinalizando no escuro, sozinho, para o nada. Contudo, eu não estava sozinha, estava? Tinha aprendido que havia outras do meu tipo, lá fora.

Por unanimidade, meus irmãos e eu aposentamos o Prêmio Vagalume de Fentress na hora de dormir, declarando o encerramento oficial da temporada de 1899.

CAPÍTULO 22

Dia de Ação de Graças

Uma das características mais notáveis em nossas raças domésticas é que vemos nelas a adaptação, na verdade não para o próprio bem do animal ou da planta, mas para uso ou capricho humano.

Na manhã seguinte, acordei mais cedo do que o normal e soube, antes de estar completamente acordada, que alguma coisa estava diferente. Acordei de vez e percebi que estava com frio. Estava com frio! A temperatura deve ter caído quatro graus durante a noite, em uma dessas inesperadas frentes que varrem as planícies Amarillo. Estendi um braço arrepiado para puxar um acolchoado, mas é claro que não havia nenhum. Nossa casa havia sido pega desprevenida, de tanto tempo que o calor havia pairado sobre nós, como uma mortalha sufocante. Atirei para longe meu fino lençol de algodão e estiquei os braços para o teto, deliciando-me com o ar gelado. Fiquei pensando: se eu ficar aqui deitada bastante tempo, vou começar a tremer? Contudo, não havia tempo para esse tipo de experiência. Um dia delicioso estava pronto para se revelar para mim.

Desci a escada vestida com roupas de verão, porque não tinha outra coisa para usar no armário. Viola estava cantando *The willow bends her boughs for me* enquanto abastecia o fogão. Idabelle, a Gata de Dentro, estava aconchegada em sua cama, enrodilhada como um pão de gato. A mãe desceu de *peignoir*, sobre o qual havia jogado seu precioso xale de *cashmere*, que recendia a cânfora. O pai tinha comprado o xale para ela na viagem que fizeram de lua de mel, em Galveston, uma cidade onde diariamente circulava uma inimaginável profusão de produtos fabulosos.

“Macio como bumbum de bebê”; o pai sempre dizia isso sobre o xale, quando a mãe o usava, piscando para ela, que enrubescia. Ela travava uma batalha constante contra camundongos e traças pela posse de seu xale, e levava a melhor com aplicações tão maciças e diligentes de naftalina que o cheiro emanava à sua passagem como algum perfume desagradável. Na primavera, o cheiro diminuía, mas a essa altura ela teria de guardá-lo novamente.

Viola fez bolinhos de pecã, servidos com calda quente, que atacamos como cães famintos. Vovô celebrou o dia entregando sua sobrecasaca temporariamente para SanJuanna, para que ela fizesse mais uma inútil tentativa de torná-la apresentável. Isso surtia pouco efeito, a não ser o de fazê-lo cheirar como um laboratório ambulante.

Na varanda dos fundos, os Gatos de Fora estavam enrodilhados neles mesmos. Ajax e os outros cachorros fungavam e saltitavam na grama. Todos estavam com os olhos mais brilhantes. Os humores se acalmaram, a alegria invadiu nossa alma. Podíamos seguir em frente.

Naquele dia, a caminho da escola, meus irmãos e eu apostamos corrida pela primeira vez em meses. A senhorita Harbottle estava de tal bom humor que ninguém levou varada e ninguém teve de ficar no Canto da Vergonha. Lula Gates e eu comemoramos pulando corda a volta toda para casa. Tinha feito calor demais durante meses para até mesmo pensar nisso. Quando tropecei, percebi que tinha crescido durante o verão.

A caminho de casa, parei na beneficiadora e, como o pai estava em uma reunião com alguns agricultores, fui até o escritório do senhor O’Flanagan e lhe pedi que me cortasse uma corda de pular mais comprida.

— Lógico, lógico. Entre e diga oi para o Polly — ele disse, levantando-se de sua mesa. Polly parecia feliz e saudável lá na gaiola, mas ainda me olhava de um jeito sinistro.

— O velho Polly é um bom pássaro, não é mesmo Polly? — disse o senhor O’Flanagan, e carinhosamente percorreu as penas de suas costas no sentido contrário. Olhei apreensiva, mas em vez de arrancar o escalpo do senhor O’Flanagan com suas garras, Polly piscou com suavidade, com evidente prazer e se recostou em sua mão.

— Polly é um bom menino — disse o pássaro, em sua perturbadora imitação anasalada da voz humana.

— Sim, ele é — murmurou amorosamente o senhor O’Flanagan, — é mesmo. Olhe, Calpúrnia, você pode agradá-lo enquanto busco um pouco de corda.

Não era provável. Enquanto esperava, fiquei bem longe, do outro lado da sala. Polly e eu nos entreolhávamos. Ele levantou e abaixou sua crista, e depois eu juro que bufou para mim como um gato selvagem. Eu estava saindo pela porta, quando o senhor O’Flanagan voltou com o pedaço de corda, dizendo: — Vejamos, qual deve ser o comprimento?

Fiquei feliz por vê-lo de volta. Eu estava feliz que Polly tivesse encontrado seu lugar no mundo, porém mais feliz ainda por não ser conosco.

Quando cheguei em casa, juntei-me a meus irmãos, SanJuanna e Alberto, para levar acolchoados e roupas de inverno para arejar lá fora. Os *patchworks* mais leves eram pendurados nos varais, e passamos a bater neles com toda a força. Aquela era uma das raras vezes em que éramos realmente incentivados a ser violentos, e era ótimo. Os acolchoados de pena mais pesados eram estendidos ao sol sobre lençóis limpos, e nos revezávamos espantando dali cachorros, galinhas e gatos curiosos. A mãe colocou uma solução diluída de vinagre em uma bomba de Flit e pulverizou tudo. Ela acreditava firmemente nas qualidades desinfetantes do vinagre e do sol, e quem poderia dizer que estivesse errada? Era praticamente tudo o que tínhamos. Difteria, pólio, tifo, espreitavam por toda a parte, e não tínhamos armas contra elas, embora o fato de morar no campo, e não em Austin, nos desse alguma proteção.

Com a mudança de tempo, veio a consciência de que o Dia de Ação de Graças estava se aproximando. Tínhamos passado muito calor por tempo demais para chegar a pensar nisso. Foi um azar que, neste ano, a função de alimentar nosso pequeno bando de perus (que somava exatamente três) tenha recaído em Travis. Um dos perus estava destinado a nossa mesa, outro era para os empregados contratados e o terceiro, para os pobres no outro lado da cidade. Em nossa casa, isso era tradicional. O que não era tradicional foi que neste ano a criança de coração mais mole tinha sido encarregada de tomar conta deles.

Travis imediatamente batizou seus dependentes de Reggie, Tom Peru e Lavínia. Passava horas arrumando suas penas com um pauzinho e conversando com eles, sentando-se na poeira e grugulejando suavemente. Em contrapartida, eles pareciam ligados a ele e o seguiam dentro dos limites de seu cercado.

Helen Keller conseguiria ver o que estava por vir, como é que meus pais não?

Acho que a ficha não caiu para Travis até o começo de novembro, quando fui até o cercado com Viola para que ela pudesse examinar nosso jantar em potencial. Travis estava sentado em um toco, segurando Reggie no colo, conversando com ele e lhe dando milho de seus lábios. Ah, meu Deus! Ele levantou o rosto e empalideceu ao ver Viola.

— O que você está fazendo aqui?

— Querido, você tem de enfrentar os fatos — ela disse. — Traga os outros para cá e ponha eles em fila para eu poder dar uma olhada.

— Vá embora — ele disse. Sua voz estava fraca e tensa. Eu nunca o tinha ouvido falar desse jeito antes. — Vá embora já.

Viola foi direto até a mãe e disse: — Acho melhor a senhora começar a se preocupar com aquele menino. Aqueles perus são seus bichos de estimação.

A mãe foi até o pai e disse: — Não seria melhor você entregar os perus para Alberto?

O pai chamou Travis e disse: — Você não pode ficar muito apegado, rapazinho. Esta é uma fazenda produtiva, e você tem de ser forte nesses assuntos.

Travis veio até mim e disse: — Eles são meus amigos, Callie. Por que alguém ia querer comer eles?

— Travis —, eu disse — sempre tivemos uma ave no Dia de Ação de Graças. É para isso que elas servem. Você sabe disso.

Pensei que ele fosse chorar. — Não podemos comer meus amigos. O que vou dizer para o Reggie?

— Não acho que você deva conversar sobre isso com ele — eu disse. — É melhor assim, não acha?!

— Pode ser — ele disse com tristeza e foi embora.

No dia seguinte, sentei-me com Viola na cozinha e a observei sovando a massa de pão, os tendões trabalhando no seu antebraço. Ela era uma maravilha de eficiência.

— O que passa pela sua cabeça? — ela perguntou.

— Por que você acha que está passando alguma coisa pela minha cabeça?

— Você está com aquele jeito. Está com aquele jeito agorinha mesmo.

Isso para mim era novidade, que eu fosse tão transparente para o mundo. Eu disse: — Viola, e o Dia de Ação de Graças? E o Travis? Dá para você fazer alguma coisa? Ele vai acabar morrendo!

— Falei com a sua mãe — ela disse, salpicando farinha na mesa, — e ela conversou com seu pai. Fiz a minha parte. Se você tiver alguma outra ideia, vá em frente.

— Por que *ele* teve de ficar com as aves neste ano? Isso foi idiota.

Ela me fuzilou com os olhos. — Não fui eu quem disse.

— É mesmo a vez dele? — contei meus irmãos nos dedos. — Vamos ver, no ano passado foi Sam Houston, e no ano antes foi Lamar, eu acho, então acho que neste ano teria de ser... ah!

— É isso aí, garotinha.

Pensei nisso e cheguei à conclusão de que eles não deviam ter me pulado. Eu seria uma escolha melhor do que Travis, agora que tinha sido temperada na fôrnalha do Método Científico. Às vezes as criaturas tinham de morrer para o avanço do conhecimento; elas também tinham de morrer para promover o Dia de Ação de Graças. Eu sabia disso. Eu poderia fazer o que era necessário.

Provavelmente.

No dia seguinte, parei Travis quando ele voltava para casa, depois de alimentar suas aves.

— Olhe —, eu disse — pense neles como galinhas. Nós comemos galinhas o tempo todo, então faça uma força e pense nos perus assim. Você não se incomoda tanto com as galinhas, não é?

— Eles *não* são galinhas, Callie. Eles sabem seus nomes. Eles me esperam chegar todas as manhãs.

— Eu *sei* que eles não são galinhas, Travis, mas estou dizendo que se você praticar pensar neles *como* se fossem galinhas, será mais fácil para você.

Ele me olhou em dúvida.

— Ou —, eu disse — pense neles como se fosse o Polly. Você não ficou ligado no Polly. (Nem ele, nem ninguém).

— O Polly é um pássaro que assusta — ele disse. — Meus perus não assustam, são domesticados.

— Travis —, eu disse — você vai ter de tentar. E vai ter de parar de passar o tempo todo com eles. Estou falando sério.

Dois dias depois, Reggie sumiu, aparentemente tendo contorcido seu corpo robusto por uma abertura no canto do cercado.

Ah, ia ser um inferno, não resta dúvida, mas Travis reagiu com firmeza, negando categoricamente que tivesse arquitetado a fuga. Infelizmente para meu irmão e Reggie, a ave apareceu com as primeiras luzes da manhã seguinte, esperando fora do cercado pelo seu café da manhã e pela toalete feita por seu melhor amigo.

Eu não vi, mas Lamar contou que Travis irrompeu em lágrimas ao ver a ave, tentando afugentá-la para os arbustos, mas Reggie estava decidido a voltar para a vida boa e não entraria nessa. Alberto ficou incumbido de reforçar o cercado, que depois foi pessoalmente examinado pelo pai, seguido por mais uma conversa com Travis a portas fechadas.

Conforme o feriado se aproximava, Travis foi ficando mais pálido e mais calado.

Em desespero, procurei Harry, que me desapontou dizendo apenas: — Olhe, todos nós tivemos de passar por isso.

— É, mas nenhum de vocês transformou os perus em bichos de estimação. Para ele é diferente, você não percebe?

— Era para ser a sua vez, você sabe.

— Sei.

— Mas convenci o pai a não fazer isso — disse Harry.

— Você convenceu? Por quê?

— Porque nós dois achamos que ia ser difícil demais para você.

— Bom, isso me dá mesmo vontade de rir. O pobre do Travis está a ponto de se acabar, caso ninguém tenha notado.

— Tudo bem — Harry suspirou. — O que você sugere?

— Não tenho nada *para* sugerir. É por isso que estou te perguntando.

— Você conversou com vovô sobre isso?

— Estou com medo — eu disse. — Ele acredita na sobrevivência do mais apto. E para mim parece que esses perus estão aptos para o jantar de Ação de Graças.

Apesar das recomendações de quase todos os membros da família, Travis passava cada vez mais tempo com os perus, em vez de menos.

Certa tarde, fui até a sala de visitas, onde a mãe estava costurando, e disse: — Tenho uma ideia incrível. Por que a gente não faz presunto este ano, no Dia de Ação de Graças?

— Tivemos presunto no Natal — ela respondeu, examinando um punho puído.

— Eu sei, mas a gente podia ter presunto duas vezes, não podia? Não vai matar ninguém — respondi. Travis também gostava dos leitõezinhos, mas, por sorte, naquele ano nenhum dos nossos porquinhos tinha demonstrado uma personalidade singular a ponto de merecer um nome.

— Nós não vamos estragar o jantar de Ação de Graças porque Travis se apegou demais a uma ave — a mãe era a corte de última instância nos assuntos domésticos; não havia apelação, mas mesmo assim, apresentei minha próxima sugestão, mesmo sendo frágil.

— E se a gente fizer o seguinte: a gente troca nossos três perus pelos perus de alguém. Assim, pelo menos ele não vai ter de comer a própria ave.

A mãe suspirou e olhou para mim. — Ele está causando muita confusão. Tudo bem, mas terão de ser aves do mesmo tamanho, nem um quilo a menos. Traga-o aqui e eu conto para ele.

Encontrei Travis no cercado, sentado na poeira com Reggie, Lavínia e Tom Peru.

— Você precisa ir lá dentro — eu disse. — A mãe quer falar com você.

— É sobre as aves? — ele perguntou, excitado. — É sobre as minhas aves, não é? Ela vai me deixar ficar com elas? Ela vai me deixar ficar com elas, não vai? — ele me seguiu até a casa, tagarelando sem parar.

A mãe disse para ele: — Travis, não dá para não termos Ação de Graças, mas Callie teve uma ideia e estou disposta a ir adiante com ela. Podemos trocar suas aves com as aves de alguém — isso se encontrarmos alguém que faça isso. Elas, porém, terão de ser tão grandes quanto as nossas.

— O que a senhora quer dizer? Trocar?

— Bom, a gente podia dar nossos perus para alguém, e eles nos dão os deles.

— Mas eu ia poder visitá-los, não ia?

— Não, querido, não ia.

— Então, por que a gente faria isso? — ele perguntou.

— Para que a gente pudesse ter alguma outra ave no Dia de Ação de Graças e não uma das suas. Assim, você não precisa ver a gente comendo Ronald.

— Reggie — ele disse, fungando.

— É, Reggie. E assim, você também poderia comer um pouco de peru no Dia de Ação de Graças. Não seria bom?

— Não! — ele gritou.

— Agora chega. Por favor, limpe o nariz e se comporte.

Fiquei pensando por que ele não era dispensado da obrigação com os perus, passando-a para outra pessoa. Acho que era porque uma vez que você recebia uma incumbência, você a cumpria. Vivíamos diariamente com o nascimento e a morte de todos os tipos de animal, e se esperava que nos acostumássemos com isso, pelo menos os meninos. Não cabia uma sensibilidade vulnerável dentro disso; a vida era dura, mas a vida dos animais em uma fazenda produtiva era muito mais dura. E muito mais curta.

Convoquei meus irmãos e começamos a procurar aves para substituição. Quase todos na cidade criavam galinhas, mas perus eram menos comuns, por serem maiores e com maior tendência ao mau humor, com exceção, é claro, das aves de Travis. Checamos com nossos colegas de escola, com o prefeito, com Alberto, que vinha de uma imensa família de irmãos, irmãs e primos na outra ponta da cidade. Pusemos um pequeno cartaz escrito a mão no escritório do jornal e garantimos que o velho Backy Medlin, o fofoqueiro mais falante da

beneficiadora, soubesse o que estávamos procurando. Até convenci Lamar a ir até o correio e contar ao agente Grassel, assim eu não teria de ver aquele homem.

Foi um grande plano, ou pelo menos um plano decente. E nada aconteceu, absolutamente. À medida que o dia foi chegando, e Travis se tornando cada vez nervoso, fui até vovô na biblioteca e expliquei o problema.

— Repita para mim, qual deles é o Travis?

— O que tem dez anos. Aquele que ultimamente só vive chorando.

— Ah, então é isso que ele tem de errado. Pensei que talvez fossem vermes.

— Não que eu saiba. A mãe sempre dá purgante para a gente. Temos de ajudá-lo, vovô.

— Calpúrnia, toda a nossa existência nesta terra é um ciclo de vida e morte. Isso é um fato.

Não há como impedir isso.

— O senhor não vai ajudar — eu disse, e me virei para sair. — E o senhor com seu morcego. Se a gente fosse comer seu morcego no Dia de Ação de Graças, em vez do peru, o senhor faria alguma coisa.

— Calpúrnia, isso é tão importante para você?

— Para mim, não, mas é importante para o Travis. Então acho que acaba sendo importante para mim. — Então está bem.

O dia fatídico se aproximava e fui até meu irmão. — Travis, encontrei três perus substitutos para você. Encontrei um homem que troca, mas você não pode olhar. Tem de se despedir deles um dia antes. É melhor assim, entende?

— Não — ele disse arrasado, — não entendo nada disso. Não é uma coisa boa.

— Temos de fazer deste jeito. Você vai ter de confiar em mim.

Naquela tarde, Travis ficou no cercado até escurecer. Eu podia vê-lo da janela de cima, no corredor dos fundos. Por fim, ele abraçou cada ave apertando seu rosto contra suas penas, depois se soltou e correu para dentro de casa. Aos soluços, passou por mim e bateu a porta do quarto.

Na manhã seguinte, olhando para o cercado, dava para ver que havia três novos perus. Tinham a cor diferente dos nossos, e menos penas no rabo, como se tivessem brigado, mas a mãe ficou bastante feliz ao ver que eles pareciam ter o mesmo tamanho e o mesmo peso dos nossos. Alberto saiu cedo e cortou suas cabeças na tora de abate; SanJuanna depenou-os e os chamuscou para que ficassem limpos. Reparei que eles estavam comparando os perus mortos e depenados na varanda dos fundos, falando baixinho em espanhol.

Ao meio-dia, Viola já tinha o peru escolhido para ir ao forno.

SanJuanna e eu nos sentamos na despensa para lustrar a prataria. Depois, tiramos do engradado cheio de palha a porcelana rosa florida que a mãe tinha herdado de sua mãe, e a deixamos limpinha. Viola se atarefava sem descanso na cozinha, durante horas, com um bocado de rapé nos lábios, preparando nosso lauto jantar em nuvens de vapor. Travis passou o dia todo no quarto, e ninguém teve coragem de tirá-lo dali.

Finalmente, por volta das seis horas, com a casa recendendo a aromas tentadores, Viola tocou o sino da porta dos fundos e bateu o gongo. Travis saiu do quarto e se juntou a nós em silêncio para jantar. Ninguém olhou para ele.

O pai fez uma oração de agradecimento, que parecia que ia durar para sempre, e destrinchou a ave enorme. Analisei o desenho das rosas no meu prato. Travis manteve a cabeça baixa. Não disse uma palavra, não chorou. Passamos, constrangidos, a travessa de peru e fizemos o possível para fingir que ele não estava envolvendo nosso banquete em uma nuvem de lágrimas. A mãe permitiu que ele não tomasse parte na conversa. Ele nunca reparou que eu estava com alguns arranhões feios nos braços, e que as unhas do vovô tinham uma borda de tinta escura.

Lentamente, fomos avançando no peru, no recheio de miúdos e ostras defumadas, nas *mollejas* refogadas, nas linguças picantes de cervo, nas abóboras confeitadas, nas crocantes batatas assadas com casca, nos feijões brancos e na vagem manteiga, no curau aveludado, no refogado ácido de tomate com quiabos, no repolho com pedaços de porco curado no açúcar, nas pungentes beterrabas em conserva, no creme de espinafre com cebolas. De sobremesa, tivemos uma torta de pecãs, uma torta de limão, uma *mincemeat pie*,^[10] e uma torta de maçã azeda (minha única contribuição, feita com dois dias de antecedência para que eu ficasse longe de Viola no grande dia), tudo disposto majestosamente sobre o aparador. Apesar do manto sombrio sobre nossa cabeça, de vez em quando havia algumas brechas de alegria espontânea aqui e ali.

Harry ficou com o osso da sorte e, enquanto esperávamos SanJuanna cortar as tortas, ele se levantou e deu a volta na mesa para compartilhá-lo com Travis. Não pensei que Travis fosse puxá-lo, mas ele puxou, e ficou com o pedaço mais comprido. Quando o animamos para nos contar seu desejo, ele olhou no vazio e disse baixinho: —Desejei ter um burrinho. Um burrinho pequeno. E talvez uma carrocinha para ele puxar. Ele se chamaria Dinkey, o burrinho. Era esse o nome que eu daria.

— Para que você quer um burrinho? — perguntou Harry.

— Porque acho que não existe um lugar onde as pessoas comam burrinhos. Existe?

A mãe pareceu cansada. — Não, querido, não que eu saiba.

— Então, Dinkey estaria a salvo, e isso seria ótimo. Foi esse o meu desejo.

A mesa ficou calada, com exceção do que tinha cinco anos, que olhou assustado e perguntou: — Nós estamos comendo um burrinho? Não quero comer um burrinho. Eles têm olhos bonitos.

— Não, JB, não estamos comendo um burrinho — disse a mãe. — É peru. Por favor, termine seu prato ou não terá sobremesa.

— Nós estamos comendo o peru do Travis? — perguntou JB.

— Não, é o peru de outra pessoa — respondi depressa. — Nós trocamos, lembra-se?

— Ah, está bem. Da próxima vez, posso tomar conta dos perus? — perguntou JB em sua inocência. Nenhum de nós sabia o que responder a ele.

— Não, não pode — disse a mãe. — É a vez de Sul Ross.

— Não — eu disse, — é minha vez, se lembra? — pensando, assim que abri a boca, quanto eu me arrependeria disso. Eu só queria parecer determinada, mas aparentemente havia um tanto de desânimo na minha voz, porque a conversa parou momentaneamente e todos, inclusive Travis, olharam para mim. Contudo, fazia parte do trato difícil que eu tinha feito com vovô, que se limitou a me olhar da sua ponta da mesa, balançando a cabeça em aprovação.

CAPÍTULO 23

A feira de Fentress

Como os desejos e esforços do homem são efêmeros! Como é curto o seu tempo! E, consequentemente, como seus produtos serão pobres, em comparação com os acumulados pela natureza...

Eu não tinha escolha. A senhorita Harbottle havia proposto que todas as meninas da escola expusessem seus trabalhos manuais na feira, e a mãe tinha endossado. Assim, a mãe e Viola vieram ao meu quarto inspecionar os vários projetos que eu tinha estendido na cama. Havia três pares de meias marrons para meus irmãos, um casaquinho de bebê feito em crochê para dar aos pobres e um colarinho assimétrico de *frivolité*, bem desajeitado no lado em que eu tinha começado, e um pouco mais bem-feito no lado em que terminei. Eu também tinha um patchwork patético, tão primitivo que parecia ter sido feito pelo coitadinho do Toddy Gates, o irmão confuso de Lula. A mãe teve um estremecimento e virou de costas. Ela e Viola conversaram e estalaram a língua, olhando as peças que sobravam. Com muitos suspiros, escolheram o colarinho de *frivolité*.

A mãe ficou absorta, enquanto o envolvia com papel de seda. — Eu me pergunto se é preciso pôr o sobrenome nisso — ela levantou os olhos e viu nossa expressão chocada, acrescentando rapidamente: — É claro que sim.

O anonimato me pareceu uma boa ideia, e eu disse: — A senhora acha que eu poderia participar anonimamente? Por mim, tudo bem.

A mãe corou e disse: — Você deveria ter pensado nisso enquanto estava fazendo, mocinha. É claro que o seu nome — nosso nome — vai estar nele. Não seja boba — mesmo assim, ela

parecia pensativa. Se, porém, perguntou ou não, a senhorita Harbottle se isso era possível, não importa. Meu nome estaria pregado no meu trabalho. Eu sabia que era bem feito.

Nenhum dos meninos havia sido forçado a expor nada, mas Travis voluntariamente inscreveu seu coelho angorá, Bunny, uma criatura branca enorme, dócil e fofa, que Travis penteava regularmente por causa do pelo sedoso. Depois, ele entregava os pelos obtidos a uma fiandeira local que, por sua vez, os reapresentava à mãe sob a forma de uma lã muito macia. Travis tinha pensado brevemente em expor um bezerro, na divisão dos animais de um ano, mas por sorte Harry havia tido a presença de espírito de lembrar a ele o que acontecia, inevitavelmente, com os espécimes vencedores das divisões de gado. Depois disso, Travis tinha nos levado à loucura, bem como aos organizadores da feira, com sua obsessiva comprovação e recomprovação de que Bunny havia entrado na competição de pelagens de coelho e não na de carne de coelho.

Sam Houston havia entalhado um perfil reconhecível do presidente McKinley, em madeira de pecã, uma madeira difícil de trabalhar, e entrou na divisão juvenil de entalhe.

Com exceção da minha patética participação, tudo indicava que seria um dia estupendo, principalmente porque todos nós tínhamos algum dinheiro no bolso, economizado do trabalho na beneficiadora. Eu ainda tinha vinte centavos por ter trabalhado como babá durante a colheita, apesar de ter subcontratado Sul Ross. Pensei em gastar um pouco em uma bebida nova da qual todos tínhamos ouvido falar, Coca-Cola.

O dia amanheceu claro e, embora só tivéssemos de percorrer pouco mais de um quilômetro e meio até o outro lado da cidade, toda a família, incluindo vovô, subiu na carroça de carroceria longa. Travis segurava Bunny no colo, em uma gaiola feita com engradado que era pequena demais para ele. O pelo do coelho pressionava o arame, e seus fios brancos flutuavam sob a luz do sol como nuvenzinhas. Paramos em meio a uma coleção variada de carroças, charretes e cabriolés estacionados confusamente no gramado contínuo às tendas.

A mãe deu-nos as recomendações finais, antes de nos espalharmos. Travis levou Bunny para a tenda dos pequenos animais domésticos, e eu fui para a de Artes Domésticas com minha participação embrulhada a salvo em papel marrom, de modo que ninguém a visse.

Fui pela ala dos bolos, em uma tenda decorada com muitas espirais de papel pega-mosca. Além dos bolos, muitas moças do distrito haviam preparado refeições para piquenique, e aquele que oferecesse mais pelo almoço se sentaria com a moça para apreciar sua companhia e compartilhar as delícias de sua cesta. Todo o dinheiro arrecadado iria para o Departamento Voluntário de Bombeiros. Acho que este era o equivalente campestre de debutar.

Rapidamente deixei minha participação e fui vagar por ali. A banda dos Odd Fellows se esfalfava ao longe, bombeando um suprimento contínuo de valsas e marchas festivas que podiam ser ouvidas em toda parte. Vi meus irmãos aqui e ali em meio à multidão, e algumas de minhas amigas de escola. Vi Sam Houston com um apito de lata no jogo de argolas e, mais tarde, vi um exatamente igual na mão de Lula, embora parecesse que ela o estava segurando de qualquer jeito, sem lhe dar muita atenção.

Passei por um pavilhão com uma tabuleta na frente: HOFACKET — BELAS FOTOGRAFIAS PARA BELAS OCASIÕES, e lá estava o próprio fotógrafo, que havia instalado um ateliê temporário para atrair encomendas dos visitantes da feira, vestidos em suas melhores roupas, com dinheiro tilintando nos bolsos. Ele estava ocupado demais arrumando um jovem casal para reparar em mim, o que foi uma sorte. Eu tinha recebido mais uma carta sua, perguntando sobre alguma notícia em relação à Planta, e depois mais uma, antes que tivesse tido tempo de responder à anterior, e estava ficando aborrecido. Com que rapidez toda a ideia de uma correspondência científica tinha perdido o frescor!

Depois, dirigi-me à tenda das Artes Domésticas, que cheirava a tentadores assados. O prefeito Axelrod levantou-se com um megafone na plataforma da entrada e começou a chamar os vencedores, começando pelas classes iniciantes. Passamos pelos pães, pães criativos, tortas de frutas, tortas outras, e depois ele passou para os trabalhos manuais. Consultou sua lista e chamou: — Em terceiro lugar, iniciante em *frivolité*, senhorita Calpúrnia Virginia Tate!

O quê? O quê?

— Calpúrnia Tate, cadê você? Suba aqui? — ele gritou.

Chocada, passei lentamente pelos espectadores e subi na plataforma. Houve um aplauso fraco do público, e uma evidente comemoração vigorosa nos fundos da tenda, que só poderia ter vindo de um bando dos meus irmãos. O senhor Axelrod pregou o galão branco no meu vestido. A mãe não estava à vista.

— Em segundo lugar, senhorita Dovie Medlin!

Dovie sorriu com afetação enquanto subia, e ficou ao meu lado enquanto o prefeito colocava o galão vermelho nela. Ela deu um risinho e admirou sua condecoração. Eu estava profundamente aliviada por ela não ter ganhado; daquele jeito ela estava já beirando o insuportável. Quase esperei que ela se virasse e me mostrasse a língua. Seria bem coisa dela.

— Senhoras e senhores, meninos e meninas, o primeiro lugar na categoria iniciante em *frivolité* vai para... Senhorita Lula Gates! Vamos dar uma grande salva de palmas para a senhorita Lula Gates!

Lula subiu. Queria que ela ficasse ao meu lado, entretanto, Lula tinha de ficar ao lado de Dovie, enquanto colocavam o galão azul nela. Eu ainda estava em choque e olhava para baixo, para os rostos voltados para a tenda, tentando encontrar minha família. Como é que eu tinha ganhado um galão? Meu *frivolité* não era digno de nota. Depois de uma última rodada de aplausos, desci do palco, recebendo tapinhas nas costas e parabéns.

— Muito bem, Lula — eu disse, sempre a boa esportista, especialmente em um concurso em que não tinha nenhuma chance de ganhar. — Você merece ganhar, seu *frivolité* é o melhor.

— Como é que você pode saber? — perguntou Dovie, precipitando-se. Eu teria dado um soco nela, se não fosse pela quantidade de testemunhas.

Lula delicadamente disse: — Obrigada, Callie. Tenho certeza de que você também merece um galão.

— A questão é que não mereço — eu disse. E não merecia, embora a mãe provavelmente fosse desmaiar de alegria quando soubesse. A senhora Gates veio até nós, enrubescida de prazer.

— Bom, meninas, esta é, com certeza, uma linda ocasião.

— Olá, senhora Gates. Lula fez um bom trabalho. Ela mereceu ganhar — eu disse.

— Obrigada, Calpúrnia. Tenho certeza de que você também mereceu um prêmio — disse a senhora Gates.

— Huum — respondi em dúvida. — A senhora viu minha participação? Quer ir dar uma olhada no outro trabalho?

— Nós gostaríamos, mas não vai dar. Lula também entrou com tricô e bordado.

Desejei sorte a elas e fui para as mesas de exposição, espremendo-me entre as pessoas até a mesa de *frivolité*. Cada trabalho tinha sido alfinetado em um quadrado de veludo preto, o melhor para mostrar sua complexidade. Os trabalhos dos adultos eram delicadas obras de arte, colarinhos e protetores de estofados tão detalhados e delicados quanto uma teia de aranha. Próximos a eles, estavam as poucas — muito poucas — peças de iniciantes. Aproximei-me com esforço e vi meu próprio colarinho assimétrico exposto, o fundo preto sutilmente apontando cada ponto perdido de linha branca. E meu nome, meu nome *completo*, lindamente inscrito em um cartão, dizendo ao mundo todo quem havia criado aquela bagunça.

Observei as inscrições com desconfiança. É, eram três. Mesmo eu sabendo muito bem que não era nada boa em *frivolité*, não era agradável que estranhos fossem testemunhas disso. Assim, lá se vai o meu futuro em *frivolité*, pensei amarga. Claro que eu não tinha nenhum interesse em seguir por essa trilha em particular, mas agora que haviam me dito que eu não

podia, me senti estranhamente triste. E se não fosse haver nenhuma Ciência para mim, nem artes domésticas, o que sobraria? Onde estaria meu lugar no mundo? Isso era imenso demais e apavorante demais para pensar. Consolei-me com as palavras do vovô no registro do fóssil e o *Livro do Gênesis*: é mais importante entender uma coisa do que gostar dela. Não era necessário gostar para entender; gostar não fazia parte disso.

Saí da tenda usando minha elegante roseta. Deveria tirá-la? Se eu não ia me incomodar com o trabalho, então também não deveria me importar com o prêmio. Minha mão foi até o galão, mas ficou petrificada. Meu cérebro dizia claramente “jogue isso fora”, e minha mão distintamente respondia “não”. Andei desse jeito até a tenda dos Refrigerantes, com a mão na condecoração, emperrada em minha ambivalência. Eu ia me servir de um copo de Coca-Cola, enquanto pensava no que fazer com meu prêmio. Estava pronta para “a Bebida Deliciosa e Refrescante”. As questões éticas eram sempre tão cansativas!

Uma longa fila de pessoas esperava para experimentar a nova invenção. Fiquei arrasada quando o senhor Grassel entrou na fila logo atrás de mim.

— Oi, Callie — ele disse jovialmente, — estou vendo que você está com uma condecoração. Deixe-me ver — fez o gesto de tocar no meu galão, e eu me afastei dele.

— Foi pelo *frivolité* — disse secamente, — senhor.

— Sua família vai bem? — ele perguntou.

— Todos bem.

Travis passou por lá, exibindo um grande galão azul, tão feliz como há muito tempo não o via. Aproximou-se para me mostrar, e eu agarrei seu braço, puxando-o para a fila comigo.

— Deixe-me ver seu galão, rapaz — disse o senhor Grassel. — Foi pelo quê? “Melhor coelho Angorá.” O Angorá dá muito dinheiro, filho. Você está começando cedo, não é?

— Obrigado, senhor — disse Travis, parecendo surpreso, — mas Bunny é meu bicho de estimação, não posso vendê-lo. Ele é o coelho maior e mais peludo que já tive.

— Não precisa vendê-lo — disse o senhor Grassel. — Você pode colocá-lo como reprodutor, e cobrar para cruzá-lo.

Travis pareceu intrigado com isso. Lidava principalmente com gatos, e ninguém nunca havia sugerido que daria para ganhar dinheiro cruzando Jesse James ou Bat Masterson.

— Então não é preciso vender o coelho? — ele perguntou.

— Não, Travis — disse o senhor Grassel. — É quando alguém aluga o Bunny por uma hora para colocá-lo com uma coelha para ter bebês.

— E depois eu pego ele de volta?

— Claro, depois você pega ele de volta.

— E recebo dinheiro por isso?

— Dinheiro vivo. Contadinho.

— Puxa, nunca tinha pensado nisso. E o senhor acha que Bunny não se incomodaria?

— Ah — disse o senhor Grassel, piscando com um sorriso maldoso, — aposto que Bunny gostaria muito. Ele iria para o trabalho pulando com um ânimo novo — deu uma risadinha.

Travis pareceu pensativo, e dava para eu perceber que mundos inteiramente novos estavam se abrindo para ele, enquanto nos aproximávamos do balcão.

Dei as costas para o senhor Grassel e fingi estar analisando o anúncio vermelho e branco pendurado acima. O senhor Grassel finalmente engatou em uma conversa com as pessoas atrás dele e nos deixou em paz.

Então, chegou a nossa vez, e pagamos cinco centavos cada um por uma Coca-Cola. Levamos com cuidado nossas bebidas efervescentes lá para fora. Travis levantou a sua para beber e exclamou: — Ai! Faz cócegas! — eu levantei a minha e senti as bolhas dançando de encontro aos meus lábios, depois dei um gole, sentindo-a queimar na garganta, forte e doce, diferente de tudo que eu já tinha bebido antes. Como é que alguém podia beber leite ou água depois disso? Engolimos o refresco com avidez e, imediatamente, corremos de volta para a tenda para entrar na fila novamente. Dessa vez, compramos dois copos cada, gastando o que restava do nosso dinheiro. Bebemos mais devagar, olhando as bolhas que subiam e fazendo com que durassem. Nós dois nos sentimos extraordinariamente estimulados e, eu diria, extremamente refrescados. Travis soltou um arroto barulhento, que nos fez perder o controle de tanto rir.

— Não deixe a mãe te ver fazendo isso! — eu disse.

— Não, não! — *uuuurc*. — Eu não! — *uuuuuuurc*.

Lula e a senhora Gates passaram, Lula coberta com tantas rosetas que parecia uma árvore de Natal ambulante. Ela e Travis acenaram um para o outro, e ele saiu correndo atrás dela. Eu já não me importava em ser a terceira das três rendeiras novatas. Quem se importava? Fiquei pensando onde estaria o vovô, enquanto eu reivindicava meu direito à fama como fazedora de renda.

Lamar apareceu, procurando Lula. — Lamar, você viu o vovô?

— A última vez que o vi ele estava na tenda de Maquinaria. Acho que ele passou o dia todo lá. É depois dos animais de fazenda. Escute, Callie, você pode me emprestar cinco centavos?

— Não tenho nada.

Lamar me olhou desconfiado: — E o dinheiro do seu prêmio?

Eu ri. — Dinheiro do *prêmio*! Essa é boa! Eles só me deram o galão, foi tudo.

— Para que serve um galão? Por que você está rindo desse jeito? Por que eles não te deram dinheiro, em vez disso? Preciso de alguns trocados para a galeria de tiro. Eu nunca tenho dinheiro.

— Você ganhou um montão na beneficiadora. O que aconteceu com ele?

— Nada — ele respondeu ressentido.

— Você gastou na loja, não foi? Todas aquelas balas.

Ele não tinha resposta. Deixei-o reclamando sobre o estado de suas finanças e fui até a tenda de Maquinaria. É claro que era lá que vovô deveria estar. Devia ter pensado nisso antes. Ele já não se sentia atraído por gado nem por algodão. À medida que me aproximei, o cheiro de tabaco no ar ficou mais denso. Nuvens reais de fumaça saíam em espirais pela abertura da tenda e escapavam pelas costuras. Havia tantos homens fumando lá dentro, que ela parecia estar pegando fogo.

Entrei tossindo, abrindo caminho entre homens e meninos, todos na maior empolgação, agrupados em torno das novidades em matéria de debulhadoras e arados. Contudo, o maior alvo de admiração da assistência girava em torno de algo na extremidade da tenda. Fui aos empurrões até lá, murmurando pedidos de desculpas protocolares naquela multidão barulhenta, e dei com Harry acompanhando Fern Spitty, e tentando abrir caminho para ela naquela confusão.

— Harry! — gritei —, você viu o vovô?

— Ele está ali, logo ao lado dele. Não saiu dali o dia todo.

— O que está ao lado dele? — berrei.

— Um automóvel.

— Ah!

Fern e eu murmuramos e fizemos sinais de oi e tchau uma para a outra, e ele a levou embora. Reparei que ela tinha o braço passado no dele.

O lugar estava absolutamente lotado. Levei mais cinco minutos para passar por ali, e pensei que fosse sufocar com todos os charutos e cachimbos, mas pelo menos me aproximava de um ponto em que o ar estava ligeiramente mais fresco. Não dava para ver o teto da tenda de jeito nenhum; estava completamente escondido em nuvens espiraladas de fumaça. Por fim,

justamente quando pensei que ia desmaiar, consegui passar pelo último círculo de espectadores, e lá estava, em toda sua glória ofuscante: uma carruagem sem cavalo.

Como descrever aquilo? Parecia a encarnação da velocidade, cada uma de suas linhas esculpida pelo vento. Lá estavam os equipamentos de metal, os paralamas graciosamente curvos, o banco de couro preto acolchoado. E lá estava meu avô, sentado naquele banco, olhando intensamente para a direção, como se estivesse hipnotizado. Um homem alto estava sentado na máquina ao lado dele, gritando no seu ouvido e apontando os instrumentos. Acontece que ele era o proprietário, e vovô estava lhe oferecendo dinheiro vivo, no ato, pela máquina — duas vezes mais o que ele teria pago, depois três, depois cinco vezes — mas o homem alto não a venderia por preço nenhum. Fui me contorcendo até o automóvel, e puxei o casaco de vovô, enquanto o proprietário gritava: — Sinto muito! Não está à venda! — e descia da máquina.

Vovô me viu e voltou a falar com o dono, apontando para mim. Não deu para eu ouvir o que eles conversavam, mas vovô estava dizendo que eu era gente dele e, um segundo depois, o homem alto me levantou e me colocou no assento ao lado. A multidão evidentemente gostou disso, pela alegria vibrante que emanou, elevando o barulho a um nível inacreditável. Por um momento o barulho me deixou chocada, e tudo o que pude pensar era que a parte de trás das minhas pernas estavam grudando no couro, e que eu precisava puxar o vestido sobre os joelhos. Contudo, um segundo depois alguém me tirou rapidamente do carro e me colocou de volta no chão. Vovô saiu pelo outro lado e o homem alto acenou para mais dois curiosos, que correram para tomar os nossos lugares. Nem se pensava em guiar aquela coisa; só sentar nela, olhá-la e tocá-la, estar em sua presença, já era uma experiência arrasadora, mesmo estando parada.

Vovô me pegou pela mão e começamos nossa batalha de volta à entrada. O barulho, a fumaça e o aperto das pessoas fez com que eu me sentisse zozza e fraca. Pensei: *Tudo bem, vou ver qual é a sensação de desmaiar, mas se desmaiar aqui, vai ter de ser em pé, porque não tem lugar para eu cair. Pode ser que isso seja uma novidade.* Quando pensei que não ia aguentar mais, conseguimos escapar para fora, arfando no ar fresco.

— O senhor tentou comprar a máquina, não tentou? — perguntei ofegante.

— Ele não venderia por preço nenhum, e não posso culpá-lo — ele disse. — Temos de correr para casa. Preciso escrever — não, telefonar — para a fábrica Dormia, em Massachusetts, e fazer uma encomenda já. O engenho de combustão interna. Pense nisso! O poder de quatro cavalos!

— Não estou me sentindo muito bem — eu disse. — Acho que vou descansar um pouco. O senhor vá indo.

Vovô me olhou atentamente, dizendo: — Você está parecendo afogueada. Tem certeza de que está bem?

— É a fumaça. Estou bem — eu disse febrilmente, enquanto o mundo escurecia e eu caía para trás.

Agora, o desmaio. Aí está um assunto sobre o qual sempre pensei. As heroínas nos livros pareciam desmaiar muito, inclinando-se com elegância para um disponível sofá estofado, ou para os braços convenientes de algum pretendente preocupado. Essas heroínas eram sempre graciosas e conseguiam aterrissar em posturas graciosas de relaxamento, sendo reanimadas com a simples passada sob o nariz de um frasco decorado, com sais aromáticos.

Eu, em contrapartida, aparentemente fui a pique como um boi abatido e tive sorte de cair na grama, evitando abrir a cabeça. O que me trouxe de volta não foi o cheiro de sais aromáticos, mas meio balde de água fria jogado no meu rosto. Abri os olhos e olhei para o céu. Um círculo de rostos me encarava. *Como o céu é azul, pensei. E olhe, lá vai uma nuvem cirro, parece o pelo do Bunny, e por que toda a minha família está me encarando deste jeito, e qual é o estúpido dos meus irmãos que está jogando água em mim?*

— Querida, querida, está me ouvindo? — a voz de Harry veio de muito longe.

Localizei seu rosto que, por alguma estranha razão, estava ondulando, e coaxe: — Claro que estou, Harry.

Ao lado de Harry, vi Fern Spitty. Ela estava vibrando de uma maneira esquisita, com seu enorme chapéu bloqueando boa parte do horizonte. E mesmo a tendo visto uma dúzia de vezes antes, eu disse languidamente: — Oi. Muito prazer em conhecê-la — por causa disso, jogaram-me mais meio balde de água no rosto.

Está bem, agora chega. Levantei-me e balancei a água do rosto como um cachorro molhado, olhando furiosa para as pessoas à minha volta. Vovô pegou no meu braço e sentiu o meu pulso. — Calpúrnia — ele disse, — qual é a ordem da aranha comumente conhecida como aranha de pernas longas?

— Opiliones — respondi com aspereza.

— Muito bem — ele disse. — Acho que ela está voltando a si.

— Parem com essa água — eu disse para o círculo em geral.

Ao lado de vovô estavam Travis e Sam Houston. Eu não conseguia ver o balde em lugar nenhum. Não havia dúvida de que um deles o estava segurando atrás das costas. Então, é claro, seguiu-se uma grande confusão para me ajudar a ficar em pé, tirar a grama da minha roupa, me trazer uma limonada e me colocar em um trole emprestado para me levar para casa. Não era longe, mas ninguém me deixaria andar.

A mãe e o pai não estavam à vista, então Harry dirigiu e Fern veio junto.

O ar fresco, soprando no meu rosto enquanto trotávamos vigorosamente para casa, me fez sentir mil vezes melhor. No começo a atenção foi bem-vinda, mas depois, à medida que eu me recuperava, rapidamente ela se tornou opressiva.

Viola recebeu-nos à porta, deu uma olhada em mim, e disse: — Deus do céu, qual é agora, senhor Harry?

Não achei que houvesse a menor necessidade de ela usar aquele tom, especialmente na frente de uma visita.

— Não é nada, Viola — disse Harry. — Foi a fumaça e o calor dentro da tenda. Vamos nos sentar. A senhorita Spitty está servida de uma xícara de chá? Talvez um copo de limonada gelada?

Bom, a senhorita Spitty achou que uma xícara de chá seria ótimo, e Viola foi prepará-lo. Sentamo-nos na sala de visitas e nos entreolhamos. Analisei o rosto dela bem de perto, e achei que sua expressão não tinha nada da avidez que Minerva Goodacre tinha demonstrado em profusão. A senhorita Spitty tinha cabelos loiros acobreados, que estavam definitivamente fora de moda, mas achei uma cor maravilhosa. A pele do seu rosto era levemente rosada, e seus olhos eram azul-claros e, embora ela desse uma impressão geral de palidez e delicadeza, sua expressão alerta e suas feições expressivas impediam-na de parecer insípida. Comparada com a odiosa senhorita Goodacre, ela era agradável. Talvez eu tivesse de lhe conferir a minha aprovação, no fim das contas. Todos ficariam imensamente aliviados. Ela sorriu para mim, eu sorri de volta. O relógio fazia tique-taque sobre a lareira.

Viola voltou com uma bandeja da melhor porcelana e a pousou. Olhou para mim: — Senhorita Calpúrnia — ela disse.

— O quê?

— Acho que é hora de descansar. Depois de ter desmaiado e tudo mais.

— Estou me sentindo bem.

— *Acho* — insistiu Viola, — que é hora de você descansar.

— Eu vou querer um pouco de chá — eu disse.

— *Acho* — ela disse —, que está na *hora. Imediatamente.*

— Ah.

— Levo o chá no seu quarto — ela disse.

— Está bem — dispensada novamente. Ainda assim, a ideia de me enroscar com a *Ilha do tesouro* e uma compressa fria não era tão ruim. Deixei a sala de visitas acompanhada do ressoar convidativo da porcelana e do tilintar delicado das colheres de chá, e subi. SanJuanna me trouxe uma jarra de água fria e uma toalha fresca. Viola subiu mais tarde com uma bandeja arrumada com a melhor porcelana, como uma oferta de paz pelo meu banimento.

— Tome cuidado com essa bandeja. Se quebrar alguma coisa...

— Não precisa me dizer isso.

Ela pousou a bandeja e examinou meu galão, que eu tinha colocado na penteadeira.

— Você ganhou um prêmio — ela disse. — Como foi isso?

— Como você acha? — perguntei de mau humor.

— Os juízes eram todos cegos?

— Hah, hah.

— Já entendi. Só havia três concorrentes.

— É.

— Hum. Mesmo assim, não precisa contar isso para as pessoas. Agora, não quebre nada.

Ela fechou a porta ao sair. Admirei o gracioso desenho de rosas dourado e rosa na porcelana, e concluí que, afinal de contas, algumas das armadilhas da civilização não eram tão ruins. Tomei meu chá e voltei para meus companheiros da tarde: piratas, papagaios e o mar.

CAPÍTULO 24

Harry volta a cortejar

O homem fraco pode fazer muito com seus poderes de seleção artificial...

Óleo de fígado de bacalhau. O sinistro fantasma da colher de chá cheia daquele óleo desagradável subitamente veio à minha cabeça quando ouvi a carroça subindo o passeio umas duas horas depois, com a mãe, O pai e os três meninos mais novos. Se a mãe pensasse que eu tinha desmaiado por sentir enjoo, eu não ia conseguir escapar. Harry me contou mais tarde que ele e Fern tinham voltado para a feira e encontrado nossos pais, e tinham lhes contado a história. Harry enfatizou a quantidade de fumaça da tenda, no esforço de evitar a dose mortal, e isso aparentemente funcionou. Isso e o fato de eu ter corrido e me encontrado com todos na varanda da frente, parecendo tão alegre e animada quanto podia, usando minha condecoração, praticamente dando pulinhos com o ar saudável de uma menina.

— Olhe, olhe o que eu ganhei. Não é sensacional? — gritei, mostrando meu galão na maior alegria. Eu não me furtaria a ser uma grande impostora se isso desviasse a atenção de uma enorme dose da substância mais repulsiva do mundo.

— Minha nossa! Um prêmio! — houve muitas exclamações favoráveis. A mãe pareceu perplexa e, cheia de satisfação, não mencionou o óleo de fígado de bacalhau, mas disse: — Está se sentindo bem, Callie? Você está com a cor acentuada. Alfred, você acha que deveríamos chamar o doutor Walker?

O pai disse: — Para mim, ela parece estar bem, querida, mas se você estiver preocupada...

— Não estou me sentindo doente, senhora — eu disse. — Estou animada porque ganhei um galão, só isso.

Jim Bowie disse: — Por que você ganhou um galão branco e Travis ganhou um azul?

— É porque eu sou muito especial, JB.

— É mesmo? Puxa, Callie.

— Não, não é verdade. Estou te enganando. Um galão azul é muito melhor do que um branco. Travis e Bunny ganharam o melhor prêmio que existe.

Ao dizer isso, fiquei pensando se a mãe ia me fazer contar a verdade sobre minha participação; ela, porém, ficou olhando animada para a minha condecoração. Estranho. Então, percebi que ela não sabia. Talvez ela não tivesse notado, ou não tivesse passado pela mostra, ou talvez Lula e Dovie tivessem tirado suas peças antes que ela chegasse lá. A mãe parecia muito recompensada. Teria de ser eu a contar para ela?

— Hã, JB. — eu disse alto, — *frivolité* não foi um campo muito forte este ano.

— Hã?

Dei uma olhada na mãe, que conversava com Travis.

Levantei a voz: — Os concorrentes. Na categoria *frivolité*. Não foi muito forte...

— O quê...?

— Qualquer um poderia ter ganhado um galão, JB, é isso que estou dizendo.

— Por que você está falando tão alto? Posso ficar com o seu galão? Nunca ganhei o Prêmio Vagalume. Eu gostaria de ter um galão.

A mãe não olhou como se tivesse me ouvido. Minha coragem, aguada e indecisa, para começo de conversa, foi sumindo. Tirei meu chamado prêmio e o preguei em JB, que saiu correndo para se admirar no espelho do cabideiro. A mãe começou a subir a escada para tirar o chapéu.

— Senhora, onde está o Harry? — perguntei.

Ela parou no patamar, uma mão no corrimão, a outra tocando no alfinete do chapéu. — Está acompanhando Fern Spitty até em casa — ela disse. Estava com a expressão devastada.

— E...

— O que você quer dizer com *e*? E nada.

— Eu estava pensando se... — eu estava pensando se isso era uma boa ou uma má notícia, só isso. Contudo, não tinha intenção de me meter.

— Por favor, não pense, Calpúrnia. Acho perigoso quando você pensa — a mãe recomeçou a subir a escada. — E, por favor, não se intrometa.

Lá estava ela lendo minha mente de novo. Era assustador. E eu, *perigosa*? Só rindo. Pelo menos, porém, eu tinha a resposta: Fern era uma boa notícia. No entanto, se a mãe achava que

Harry cortejar Fern era uma boa ideia, o que isso queria dizer quanto às suas ambições de ele ir para a universidade? Eu não conseguia imaginar.

Alguns dias depois, Harry foi jantar na casa dos Spittys, em San Marcos Road. Voltou para casa muito depois de estarmos todos dormindo. Reparei que ninguém o questionou na manhã seguinte, durante o café. Abri minha boca uma ou duas vezes e pensei melhor. Então, Fern e seus pais vieram em casa, para o chá da tarde de domingo. Na verdade, aquela era a menor das formalidades, pois nossas famílias se conheciam havia anos. Fiquei pensando por que eles estavam vindo para o chá, em vez de virem jantar. Teria algo a ver com o fato de as crianças serem banidas desses refinados encontros vespertinos? Ou seria porque vovô não seria obrigado a ficar para o chá?

Consegui assistir à chegada de Fern, antes que nos mandassem brincar lá fora (o que significava: desaparecer). Ela estava com um vestido de seda rosa; seu chapéu era uma combinação encantadora de plumas e gaze de seda, tingida para combinar com o vestido. Tinha uma aparência atraente, ao contrário da revoltante Goodacre.

Passei pela cozinha. Viola estava curvada sobre um bolo elaborado, prendendo a respiração e colocando as últimas decorações de confeitos, aqueles minúsculos pedacinhos metálicos comestíveis, que faziam um barulho incrível quando triturados. SanJuanna arrumou sanduíches delicados e flores de açúcar em uma enorme bandeja de prata. Nenhuma delas levantou os olhos. O clima estava tenso. As duas estavam usando suas melhores roupas escuras e aventais brancos engomados sem uma manchinha, com uns babados que se destacavam nos ombros como se fossem asas.

Segui em frente e saí pela porta dos fundos em direção ao laboratório. Por que perder tempo “brincando”, como tinham mandado, quando podia passar um tempo valioso com vovô? Ele não me achava perigosa quando eu pensava em alguma coisa. Na verdade, ele me encorajava.

— Boa tarde, Calpúrnia — ele disse. — Hoje você não vai tomar o chá da tarde?

— A mãe disse que a gente tinha de ficar fora enquanto os Spittys estivessem aqui. Provavelmente ela está preocupada que eu os assuste.

— Pode ser, embora eu não entenda por que Margaret te ache uma criança assustadora.

— Obrigada, senhor. Nem eu.

— Bom, a gente concorda. Por favor, levante este frasco para mais uma tentativa, está bem?

Ficamos entretidos naquele laboratório descuidado enquanto a dança do acasalamento prosseguia na sala de visitas.

— É curioso — eu disse —, que as meninas tenham de ser bonitas. Na Natureza são os meninos que precisam ser bonitos. Veja o cardeal. Veja o pavão. Por que é que com a gente é tão diferente?

— Por que na Natureza geralmente é a fêmea quem escolhe, então o macho precisa se enfeitar com suas melhores penas para atrair a atenção dela; enquanto seu irmão é quem tem de escolher entre as moças, e elas têm de fazer o possível para atrair a atenção dele.

— É um esforço além da conta — eu disse. — Todas as roupas, os chapéus e os penteados. Quando a mãe arrumou o meu cabelo para o recital de piano, aquilo levou horas. E os espartilhos! A senhora Parsons desmaia o tempo todo no verão por causa do espartilho. Não sei como aguentam aquilo.

— Nem eu. É uma ideia idiota. Sua avó não ia nessa bobagem.

— Vovô.

— Hã?

— Me conte sobre ela. Sobre a vovó.

— O que você quer saber?

— Tudo. Nunca ouço nada sobre ela. Ela morreu antes de eu nascer.

— É mesmo? Acho que sim. Ela era uma mulher que se endureceu no final da vida. Eu voltei para casa muito depois da Guerra, parando em Elgin para ajudar a família daquele soldado com sua plantação.

— Ela se interessava por Ciência?

— Não exatamente. E você tem de se lembrar que nós estávamos lutando para nos recuperar da Guerra. A economia estava um caos. Aliás, eu estava tentando montar um negócio, e não tinha tempo sobrando para estudar o mundo natural ou qualquer outra coisa. Passe aquele frasco para mim, está bem? Ela era uma excelente costureira. E gostava muito de ler romances em seu tempo livre.

— Eu ganhei um prêmio na feira pelo *frivolité* — eu disse, fazendo uma careta.

— É mesmo? Não sabia que você se interessava por esse tipo de coisa.

— Não me interessa. Eu detesto, e não sou boa nisso. Não contei para a mãe que era o terceiro lugar com três concorrentes.

— Não tem importância. O *frivolité* também não é o meu forte.

Pensei que ele estivesse brincando, mas nunca dava para ter certeza. Trabalhamos lado a lado na tranquilidade de algumas horas, até que Viola tocou o sino. Fiquei agradecida por aquelas horas. Estava sentindo falta dele.

CAPÍTULO 25

Véspera de Natal

Estou quase chegando a acreditar, junto com os velhos e ignorantes cosmogonitas, que as conchas fósseis nunca existiram, mas foram criadas em pedra para imitar as conchas que hoje existem nas praias.

Eu adorava as horas esparsas que tinha com vovô. À medida que o Natal se anunciava no horizonte, nosso insignificante tempo juntos ficou ainda menor. Eu trabalhava na cozinha ao lado de Viola, que, ao que me parece, achava isso pior do que o normal, uma vez que precisava cozinhar e me ensinar ao mesmo tempo.

JB me perguntou: — Callie, quanto tempo falta para o Natal?

— Olhe, JB — estendi a mão: — Está vendo meus dedos?

— Estou.

— Bom, esse dia é hoje este aqui é amanhã e este outro é para o dia depois desse, que é Natal. Está vendo?

— Estou.

— Agora deu para entender?

— Deu.

— Ótimo.

— Mas, Callie, quanto falta para o Natal?

Questão para a Caderneta: Quando é que um organismo jovem tem o entendimento do tempo? O gambá das cinco horas, que vive na parede, entende o tempo, por que JB não? Ele está me deixando louca.

Olhei este último comentário. Vovô tinha me ensinado que um registro científico era uma fortaleza dos fatos, e que as opiniões não faziam parte dele. Apaguei meu comentário, aliviada por só tê-lo escrito a lápis.

O pai e Alberto passaram pela porta com um pinheiro pequeno que tinham encontrado no bosque de carvalhos anões (as sempre-vivas não vão muito bem em nossa parte do mundo). JB entrou em um frenesi positivo. — Veja, veja Callie, nossa árvore de Nataaaal! Deve ser Natal!

Passamos a tarde fazendo coloridos enfeites com papel e prendendo nos galhos velinhas em suportes minúsculos. Harry fez uma estrela com um papel-cartão em prata brilhante e a colocou no alto da árvore sem precisar de escada, de tão pequena que era. Como toque final, colocamos bolas de algodão nos ramos, para parecer neve, uma coisa da qual todos tínhamos ouvido falar, mas nunca tínhamos visto.

O mundo da Fentress Metodista era dividido entre famílias que abriam seus presentes na véspera de Natal, e as que abriam no próprio dia. Por sorte, nós fazíamos parte da véspera. De acordo com nosso pastor, o senhor Cornelius Barker, os presentes eram uma diversão inútil, cara e pagã. É, boa sorte ao explicar isso para sete crianças. Minha mãe não teve sucesso nesse sentido, nem o Reverendo Barker, embora, fazendo-lhe justiça, ele não tenha se esforçado muito. Vinha jantar uma vez por mês e, até onde sei, era o único convidado de quem vovô ansiava a vinda. Eles se tratavam por Walter e Cornelius, o que escandalizava a mãe, e se provocavam com discussões geniais sobre o *Gênesis* versus o Registro Fóssil. A mãe se regozijava por ter o reverendo em nossa casa para jantar, logo depois dos ritos da véspera de Natal.

Passávamos grande parte desse dia prestando atenção para que todos estivessem bem limpos — não era uma tarefa fácil, uma vez que significava esquentar uma enorme quantidade de água. Depois, nos reuníamos no hall da frente para inspeção. Pela primeira vez, ninguém foi

mandado de volta para o banheiro, para o lavatório, para se esforçar mais no pescoço ou nas unhas.

A noite estava clara e fria, e nós nos empacotamos com nossos casacos mais grossos e cachecóis. Harry prendeu os cachorros para que eles não nos seguissem e saímos, todos menos vovô, que ficou para cuidar da lareira na sala de visitas, e aproveitar um pouco da paz e do silêncio. Alberto e SanJuanna pegaram a carroça para Nossa Senhora de Guadalupe em Martindale. Viola foi para seu culto na Todos os Filhos do Senhor. Eu teria gostado de ir com ela, mas isso nunca seria permitido. Já havia passado por sua igreja e ouvido música jorrando da precária construção de madeira; para mim, a cantoria animada e as afirmações de alegria que saíam dali, davam de dez fácil nas outras igrejas.

Partimos com lanternas e cantamos músicas natalinas durante o caminho. Segurei na mão de JB e mostrei as diversas constelações para ele.

— Olhe, JB, tem a *Canis Major* e a *Canis Minor*. Isso quer dizer cachorro grande e cachorro pequeno.

JB parecia preocupado. — No céu não tem cachorros, Callie.

— Não são cachorros, são estrelas. Há muito tempo, algumas pessoas acharam que pareciam cachorros.

— Elas não se parecem com o Ajax nem com a Matilda. Acho que você está mentindo. A mãe disse que não era para você fazer isso.

Eu mesma achava difícil ver um cachorro, um touro ou um leão naqueles pontinhos distantes de luz. Como é que os antigos vinham com essas fantasias absurdas?

Viramos a esquina, e lá estava a igreja metodista, com mil lâmpadas acesas. Enchemos nosso banco, todos menos Harry, que foi ajudar nossa professora, a senhorita Brown, no órgão. Ela tocava com energia, puxando os registros com um floreado, e pressionando os pedais dos foles como louca, enquanto Harry virava as páginas. Cantamos *Ouçam os anjos da anunciação cantando* e a música fez com que meus sentimentos em relação à senhorita Brown ficassem um pouco mais calorosos.

Ao terminar, o reverendo Barker foi para casa conosco. Sam Houston me beliscou, desafiando-me a chorar enquanto andávamos atrás dos adultos. Em retaliação, empurrei-o para dentro de uma poça. Os sapatos molhados lhe dariam uma lição.

Sentimos o cheiro perfumado da fumaça de nossa própria chaminé, ao fazermos a curva. Viola tinha voltado do seu culto e estava ao lado de vovô na porta da entrada. Ao entrarmos na sala de visitas, acendeu as dezenas de velas minúsculas da árvore de Natal e elas cintilaram

como se fossem luzinhas de fadas. O fogo queimava alto. No aparador, uma vasilha de vidro em bico de jaca, cheia de sangria que recendia a cravo. Havia uma jarra de prata com sidra quente de maçã para as crianças (o refresco, é claro, não a bebida alcoólica). Reparei a silenciosa passagem de outro marco: pela primeira vez, Harry recebeu uma taça de vinho de Natal.

Meus pais estavam prestes a trocar seu breve beijo de Natal, a única vez em que se beijavam na nossa frente, quando a mãe se lembrou da presença do pastor e abaixou a cabeça constrangida. Em vez disso, o pai pegou sua mão e a beijou, murmurando: — Margaret.

O pastor perguntou se vovô já tinha recebido alguma notícia sobre a Planta. Pude ver que seu interesse, como o do incontrolável senhor Hofacket, era genuíno.

— Não, Cornelius, nada ainda — vovô acendeu um charuto e educadamente soprou a fumaça para o teto. — Não se pode apressar a Ciência. Essas coisas levam tempo.

Depois de um jantar com presunto, durante o qual as crianças foram ficando cada vez mais inquietas, meus pais ficaram com pena de nós e distribuíram os presentes. Apesar de sua filosofia em relação a presentes, o senhor Barker continuou conosco, soltando exclamações sobre a boa qualidade de nossos ganhos.

Para a família como um todo, havia um novo estereoscópio, que todas as crianças deveriam dividir igualmente (difícil isso acontecer). Havia cartões com fotos da Grande Esfinge do Egito, da Fabulosa Cidade de Chicago, da Fascinante Vida dos Esquimós. Todos ganharam uma grande e lustrosa laranja, um presente raro e caro durante o inverno. Guardei a minha para depois.

Havia um lindo cavalo de balanço novo para JB, que tinha gasto a base do seu antigo até o toco. Era coberto de pelo de vaca, tinha um rabo de crina verdadeira e sela de couro. Para Sul Ross, havia vários brinquedos de puxar feitos de madeira e um pião. Travis ganhou um livro sobre como criar coelhos por lazer e profissionalmente, e um novo pente para o coelho. Eu sabia que ele andara esperando um burrinho, mas me pareceu bem feliz. Lamar ganhou um estojo com um transferidor de aço, uma régua e um compasso; Sam Houston, *As aventuras de Sherlock Holmes*; Harry, um terno novo da melhor lã azul-marinho. E é claro que todos eles ganharam meias de lã marrom, tricotadas por quem aqui escreve, exibindo vários níveis de competência. As meias de JB, as primeiras, ficaram com calombos e deformadas, mas quando cheguei aos meninos mais velhos, elas pareciam passáveis. Até consegui tricotar um modesto desenho em trança na do pai e na do vovô. Estes últimos trabalhos foram muito elogiados,

mas, embora não fossem muito constrangedores, não justificaram a festa com que foram recebidos. (Desconfio que fosse fingimento.)

Dei à mãe uma seleção de flores prensadas. Ela ganhou um par de brincos de granada e azeviche do pai, e, por sua vez, deu a ele um esplêndido colete verde xadrez, para usar em suas viagens de negócios a Austin.

Viola estava trabalhando na cozinha, mas tinha recebido suas doses de rapé e uma grossa anágua de flanela da mãe, mais cedo.

Vovô ganhou uma linda caixa de charutos lá de longe, de um lugar chamado Cuba. Na etiqueta, havia um desenho colorido de uma mulher dançando com uma saia de babados. A caixa era fascinante e do tamanho certo para guardar os tesouros de alguém. Deu para perceber que Lamar a cobiçava, mas tinha medo demais para pedi-la ao vovô.

— Vá em frente — cochichei —, pergunte para ele se pode ficar com ela. Ele não vai morder.

— Ele não vai morder *você*, é o que você está dizendo. Pode ser que ele *me* morda.

— Não seja covarde, Lamar — usei a palavra mágica com ele. Sempre funcionava.

Ele se virou e marchou até o vovô. — Senhor, posso ficar com essa caixa? Quando o senhor não precisar mais dela?

Surpreso, vovô olhou para ele: — É claro que pode... hum, Travis.

Lamar piscou. — Obrigado, senhor — e se apressou de volta para seu lugar.

— Viu? — cochichei. — Ele na verdade é ótimo, depois que você fica conhecendo.

— Ele me chamou de Travis — ele sibilou.

Eu ri e ele me olhou com raiva. Eu disse: — Pelo menos você ficou com a preferência na caixa.

— Como é que você não quer ficar com ela?

— Eu já tenho duas, não, espere, três delas.

— Bom, sorte sua.

Lamar podia ser bem chato, às vezes.

E eu, o que eu ganhei? Bom, os pequenos me deram um saco amassado de balas e os mais velhos me deram fitas novas para o cabelo. Meus pais me deram um medalhão de prata, com minhas iniciais gravadas. E aí, tinha mais um presente para mim. Dava para ver que era um livro, mesmo embrulhado em papel Kraft. Ah, um livro. Como era bom ter mais um para juntar à pequena biblioteca que estava se formando na prateleira sobre a minha cama. O livro era tão grosso e pesado que eu soube que era algum tipo de livro de referências, um livro de estudos,

talvez até uma enciclopédia. Puxei o papel encorpado para revelar a palavra Ciência escrita em arabescos.

— Ah — exclamei. Que maravilha! Ainda melhor do que a sólida realidade do livro em minhas mãos era o fato gratificante de que minha mãe e meu pai tinham finalmente entendido o tipo de alimento de que eu precisava para viver. Sorri radiante para meus pais, animadíssima. Eles sorriram e acenaram com a cabeça. Rasguei o papel para revelar o título completo: *A ciência das prendas domésticas*.

— Ah! — olhei confusa. Não fazia sentido para mim. Aquilo estava escrito em inglês? *A ciência das prendas domésticas*, da senhora Josiah Jarvis. O que aquilo poderia significar? Não podia estar certo. Minhas mãos ficaram petrificadas. Abri, nervosa, na página do Sumário, e li: “Cozinhando para o inválido.” “Picles e condimentos preferidos.” “Removendo manchas difíceis.” Olhei fixamente para esses assuntos melancólicos.

A conversa foi morrendo e a sala ficou em silêncio, exceto pela monótona batida de JB, que cavalgava seu cavalo de balanço no canto. Todos os olhos estavam em mim. Olhei para a mãe, cuja testa enrugou-se de preocupação. Eu a estava constrangendo na frente do reverendo.

— O que você diz, Calpúrnia?

O que Calpúrnia diz? O que eu poderia dizer? Que queria atirar o livro — nada melhor do que incendiá-lo — na lareira? Que queria gritar contra a injustiça daquilo tudo? Que naquele momento eu poderia ter feito uma violência, que queria esmurrar o rosto de todos eles e correr para o meu quarto? Até o vovô. É, até ele. Encorajando-me daquele jeito, sabendo que não havia nenhum século novo para mim, nenhuma vida nova para a menina. Eu tinha entreouvido minha sentença de vida dada pelos meus pais. Não havia perdão nem liberdade condicional. Nem de vovô nem de ninguém. As fustigadas dolorosas da urticária atacaram meu pescoço.

— Calpúrnia?

Um grande cansaço baixou sobre mim como um maremoto, afogando minha raiva. Eu estava cansada demais para continuar lutando. Fiz a coisa mais difícil que já tinha feito na vida. Recorri ao mais profundo do meu ser e trouxe à tona o começo de um sorriso lacrimejante. Sussurrei: — Muito obrigada — apenas duas palavras. Apenas duas palavras falsas, vindas da minha boca hipócrita. Fiquei com os olhos marejados. Senti-me como se estivesse me desintegrando.

Nesse momento, JB caiu do seu cavalo de balanço e fez um tremendo escândalo. Na confusão geral, juntei meus presentes e me esgueirei para meu quarto. Olhei a escuridão pela janela. Alguns minutos depois, vi o brilho da lanterna do pastor ir desaparecendo

gradualmente, um vagalume distante na noite escura. Sul Ross e JB subiam a escada rindo e batendo os pés. Olhei as fitas, o medalhão e o livro, tudo espalhado na minha penteadeira, ao lado do meu ninho de beija-flor em sua caixa de vidro. Fechei os olhos, exausta demais para chorar, até dormir.

CAPÍTULO 26

Chega notícia

Embora os bicos e os pés dos pássaros sejam geralmente muito limpos, posso mostrar que às vezes a terra adere a eles; em um exemplo, removi vinte e dois grãos de terra seca argilosa do pé de uma perdiz, e nessa terra havia uma pedrinha quase do tamanho de uma semente de ervilha.

Por vários meses monótonos, andei rodeando a correspondência na mesa da entrada como um gavião, remexendo um número sem fim de cartas entediantes e de contas, antes de me retirar diariamente em total desapontamento. A notícia realmente chegou dois dias depois do Natal, mas não como a carta que estávamos esperando. Veio sob a forma de um telegrama pessoal, fato assustador. O mundo dos negócios usava os telegramas para comprar e vender, mas um indivíduo só o recebia em caso de morte na família.

O telegrama chegou com o senhor Fleming, o telegrafista, que pedalou sua bicicleta até nossa casa, com ele na bolsa da cintura. O senhor Fleming havia sido soldado raso na Guerra e, embora não tivesse servido sob as ordens do vovô, admirava-o e estava determinado a servi-lo sempre que pudesse. Encontrei-o no final do caminho de entrada, onde eu estava desanimada, batendo no dique de drenagem, à procura de insetos Jesus. Não havia nenhum e não tinha sentido eu fazer isso, mas era isso ou ficar sentada no meu quarto lendo meu presente de Natal.

— Callie Vee — ele disse, descendo da bicicleta, — tenho um telegrama aqui para o senhor Tate — deduzi que ele estivesse se referindo a meu pai, e espremi o cérebro para pensar em quem poderia ter morrido. Tinha de ser sua tia de Wichita, uma velha senhora a quem nunca conhecemos.

— É de Wichita, senhor? — perguntei.

— Não. Não era para eu dizer. Ah, tudo bem, você me obrigou, é de Washington.

— O quê?

— É de algum lugar em Washington.

— Meu pai conhece alguém em Washington? — Tinha de ser algo que tivesse a ver com o comércio algodoeiro, embora fosse estranho que o telegrama não fosse endereçado à beneficiadora.

— Não é para o seu pai. É para o Capitão Tate.

— Repita, por favor.

— Não é para o seu pai. É para o seu avô.

...

— Imagino que ele vá querer receber isso imediatamente — ele continuou.

Recuperei minha voz. — Me dê isso aqui!

Ele se afastou, olhando-me como se eu fosse louca. — O que você está dizendo? Não posso entregar para você.

— *Me dê esse telegrama!*

— Garotinha, você está sendo muito grosseira. O que deu em você? Não posso entregar o telegrama para você. Tenho de entregar para um adulto acima de dezoito anos. O regulamento da Companhia especifica que eu tenho de entregar para um adulto...

— Me desculpe, me desculpe...

— e eu levo as responsabilidades do meu trabalho muito a sério.

Meu coração batia tão forte que pensei que ele poderia saltar por entre minhas costelas.

— Vamos, senhor Fleming.

Peguei no seu braço e tentei arrastá-lo pelo caminho, mas ele era um homem ofendido, que, além disso, empurrava uma bicicleta e não era muito arrastável. Aqueles metros angustiantes até a casa duraram uma eternidade. Senti-me como se estivesse presa em um daqueles pesadelos em que a gente está se afundando em areia movediça. — Depressa!

Chegamos à varanda, onde o senhor Fleming parou para se soltar e arrumar seu quepe. Irrompi pela porta aos gritos: — Vovô! Vovô, cadê o senhor?

A mãe chamou com uma voz fria da sala da frente: — Calpúrnia, querida, não precisa gritar. A senhora Purtle está nos visitando. Entre e a cumprimente, querida.

Normalmente eu teria entrado depressa na sala de visitas, tendo em vista seu tom de voz, mas lá estava a porta da biblioteca, torturantemente fechada. O que fazer? Girei no corredor

como uma boia de pesca no rio. A mãe avistou o senhor Fleming atrás de mim e franziu o cenho. Ela sabia o que significavam os telegramas.

Ele bateu em seu quepe: — Boa tarde, senhora Tate. Desculpe-me por interromper a senhora, mas tenho um telegrama para o Capitão Tate. É de Washington.

— Washington?

— Minha nossa — gorjeou a senhora Purtle, — que emoção!

— Entre, senhor Fleming. O capitão saiu para coletar espécimes no rio — disse a mãe —, mas não tenho ideia de onde encontrá-lo.

— Eu tenho, eu tenho! — gritei e saí correndo pela porta da frente.

A porta de tela bateu ao som das palavras da minha mãe: — O senhor precisa desculpar a minha filha...

Voei até o final da passagem e virei para o bosque de arbustos, na trilha que dava para o rio, do outro lado do trecho em curva. Eu corria como um veado e dava guinadas como uma raposa. Nunca tinha me sentido tão forte, nem corrido naquela velocidade.

— Chegou! — eu gritava. — Está aqui! A notícia chegou! Vovô!

Ele não estava no estuário, como eu esperava. Virei-me em direção ao sul e corri ao longo do rio chamando seu nome. Cheguei à pequena colina acima da ilha, o próximo lugar provável, mas ele também não estava ali. Quis gritar de frustração. Eu sempre tinha sabido onde encontrá-lo, e agora me acontecia isso.

Um falcão assustado, de rabo vermelho, gritou para mim de um carvalho. Sem fôlego, continuei correndo, mas já não conseguia gritar. Meu cérebro começou a cantiga no ritmo da batida dos meus pés: vovô, vovô, vovô. Fui em frente, dando de cara com a família de uns porcos pretos selvagens que procuravam pecãs, espalhando-os, indignados, à minha passagem.

Na beneficiadora, encontrei o senhor O’Flanagan, que tinha levado o poleiro de Polly para fora, para que ambos pudessem tomar um pouco de ar. Ele estava na beirada inclinada acima das turbinas de água, fumando um charuto satisfeito, olhando o rio abaixo por sobre sua impressionante barriga. Polly levantou sua crista e me encarou com olhos ameaçadores, enquanto eu ofegava.

— O senhor viu o meu avô? — gritei. Deu para ver, pelo seu rosto, que ele não tinha visto.

— Algum problema? — ele gritou alarmado. — O que aconteceu?

Atravessei a rua em direção ao jornal, feito uma flecha, escancarei a porta e corri para a central telefônica, onde uma assustada Maggie Medlin comia um sanduíche junto ao painel de ligações.

— A senhora viu o meu avô? — grasnei.

Ela levou um tempinho para engolir e disse: — Não, hoje não. Está tudo bem?

Virei-me para sair e dei de encontro com a barriga do senhor O’Flanagan, que havia me seguido. Maggie gritou da sua sala: — Preciso chamar o médico?

— Calpúrnia, tem alguém machucado? — perguntou o senhor O’Flanagan. Ele estava no meu caminho. Abaixei-me para a direita e desviei para a esquerda, mas ele se abaixou e desviou comigo. Movia-se admiravelmente para um homem gordo. Agarrou-me pelos ombros e me sacudiu, fazendo-me olhar para ele.

— Calpúrnia, me diga. Você está machucada? Tem alguém machucado?

Fiquei ali, tentando recuperar o fôlego. E subitamente, eu me senti exausta e arrasada. Senti-me... abandonada. O que tinha acontecido com o tempo que passamos juntos? Como eu tinha deixado aquilo escapar? Por que não tinha lutado por aquilo? E onde estava ele, agora, no dia dos dias? Eu sempre tinha conseguido encontrá-lo quando precisava dele. E agora ele tinha saído para coletar em algum lugar diferente de nossas buscas costumeiras, algum lugar que eu não conhecia e onde não podia encontrá-lo. Algum lugar secreto. Algum lugar particular. Coletando sem mim.

Questão para a Caderneta: *Por que ele faria isso?* Resposta: *Ele faria isso se estivesse cansado de Calpúrnia e quisesse ficar sozinho. Se estivesse cansado dela e de sua companhia infantil.* Certo, Calpúrnia? Certo? Era isso?

— Ninguém está machucado, senhor — dei um jeito de dizer, quando finalmente me foi possível falar, mas tudo o que eu podia pensar era: teria havido um ligeiro traço de irritação no rosto de vovô quando interrompi sua leitura na biblioteca uns dias antes? Teriam a mãe e o pai conversado com ele? Dito a ele que era uma má influência para mim e o aconselhado a conviver com um dos meus irmãos em vez de comigo? E depois tinha havido o clima pesado da ervilhaca perdida. Ah, eu a tinha reencontrado, mas será que ele tinha mesmo me perdoado por ser tão estúpida ao tê-la perdido na primeira vez? Ele havia me encorajado a aprender a cozinhar e tricotar meses antes, quando a mãe havia me incumbido dessas chatices. Não tinha me consolado, quando eu estava com *A ciência das prendas domésticas* em minhas mãos. Ele devia ter sabido o tempo todo que a vida científica não era para mim, que as mandíbulas da armadilha doméstica estavam muito bem engatilhadas. Irrompi em lágrimas.

— Minha nossa, garota, o que está acontecendo? — o senhor O’Flanagan me deu uns tapinhas desajeitado. — Vamos, vamos. Vou levar você para casa para sua mãe.

— Não, obrigada, senhor O’Flanagan. Estou bem — soluzei.

— Tem certeza? Você não me parece bem — sua expressão ficou sombria e ele disse: — Alguém... andou... atrás de você?

— Não, não, só preciso do meu avô — eu disse, fungando, mas ele não pareceu convencido. Tirei um lenço de dentro do avental e o deixei ensopado em questão de segundos. Não conseguia parar de gemer.

— Tome, tome — ele disse, estendendo-me seu lenço. — Está parecendo que você precisa mais disso do que eu. Fique com ele. Vamos para casa.

Eu estava percebendo que o senhor O’Flanagan não ia me largar até que eu me acalmasse. Assoei o nariz e, com grande esforço, eu me recompus.

— Estou bem — eu disse com o nariz congestionado. — Vou para casa. Estou bem, obrigada. Tchau. — com relutância, ele me deixou ir. Fui me arrastando para a rua e voltei para casa.

Meu avô havia me dado o livro do senhor Darwin para ler. Tinha me dado a possibilidade de um tipo diferente de vida. Nada disso, porém, fez diferença. Ali estava *A ciência das prendas domésticas* me aguardando. Eu era cega, patética. O século estava prestes a mudar, mas minha vida não mudaria com ele. Minha própria e insignificante vida. Era melhor eu me acostumar com ela. Tornei a cair na choradeira como uma fonte, uma cachoeira de lágrimas e muco encharcando o lenço do senhor O’Flanagan.

Havia uma última Questão para a Caderneta antes de fechá-la e colocá-la de lado para sempre, e se referia ao telegrama: *Sim? ou Não?* Meu avô teria de me contar isso. Eu ia fazer com que ele contasse. Ele me devia isso.

Esfreguei o rosto com a última ponta seca que restava do lenço do senhor O’Flanagan e olhei para trás. Ali estava ele, a cinquenta metros de mim, certificando-se de que eu chegaria a salvo em casa, tentando parecer despreocupado. Pelo menos alguém se preocupava comigo.

Ele me observou até eu chegar ao final do passeio, antes de se virar. Tentei me controlar o melhor que pude, em uma tentativa de evitar maiores perguntas.

Minha mãe ainda estava na sala de visitas com a senhora Purtle, servindo chá. Viola entrou usando um avental branco limpo e trazendo um bolo mármore em uma bandeja de prata. O senhor Fleming estava sentado em uma cadeira dura e reta, com uma das boas xícaras de chá equilibrada sobre o joelho, a bolsa de entrega a seus pés. Parecia que ele estava preparado para esperar, e não iria embora até que soubesse o que havia no único telegrama que tinha entregado vindo de Washington.

Minha mãe olhou para mim: — Calpúrnia, o que houve? Encontrou seu avô?

— Não houve nada — respondi em tom monocórdio. — E não, não encontrei.

— Me desculpe senhora — disse Viola, — acho que o capitão Tate está trabalhando no barracão lá do fundo — Viola recusava-se a chamar aquilo de laboratório ou de antigas dependências dos escravos.

No barracão do fundo? No laboratório?

A mãe franziu o cenho. — Eu poderia jurar que ele tinha ido até o rio. Calpúrnia, vá buscá-lo, por favor. Não podemos deixar o senhor Fleming esperando o dia todo.

— Ah, tudo bem, senhora — ele disse, e empurrou sua xícara alguns centímetros em direção ao bule, — não tem problema.

Não estava no rio?

— O senhor aceita mais chá, senhor Fleming?

— Ora, muito obrigado, senhora. Acho que sim.

Ele não estava no rio coletando sem mim. Estava no laboratório trabalhando sem mim.

— Calpúrnia, você me ouviu? Vá buscá-lo. Senhora Purtle, experimente um pouco deste bolo excelente. É a receita especial da Viola.

Zonza, fiz que sim com a cabeça. — Acho que vou buscá-lo.

Passei pela cozinha onde Viola estava começando o jantar. Ela me olhou: — O que aconteceu com você? Está esquisita.

— Não aconteceu nada — bombeeí água fria da pia no lenço do senhor O’Flanagan e o pressionei contra o rosto. — E eu *sou* esquisita — murmurei pelo lenço. — é por isso que *pareço* esquisita, está bem?

— O quê? — ela perguntou junto com o barulho da chaleira que silvava.

Sequei-me com uma ponta de toalha e olhei no espelho rachado da porta nos fundos. Eu ainda estava congestionada e inchada, mas, pelo menos já não parecia completamente enlouquecida. Analisei-me. Seria este o rosto de uma criança que entediava um velho ou o de uma idiota que tirava conclusões precipitadas?

— Viola, você acha que eu sou chata? Você me acha idiota?

— Hã, você pode ser muitas coisas, mas idiota? Chata? Isso não?

— Tem certeza?

— De onde você tirou isso?

— Viola, é importante.

— Isso não — ela repetiu, e voltou a cozinhar. Olhei seus ombros estreitos e seus braços rijos preparando nosso jantar e percebi que sempre tinha contado com ela para outras coisas

além do jantar. Viola nunca tinha mentido para mim. Não mentiria agora. Fui até ela e passei os braços ao redor de sua cintura, abraçando-a. Fiquei perplexa com sua leveza, senti seus ossos pequenos e frágeis. Era curioso como uma estrutura tão frágil podia conter uma pessoa tão grande.

— Cai fora — ela disse —, estou ocupada.

— Sim, senhora — continuava rabugenta como sempre, o que me tranquilizou.

— Já disse para você não vir com essa coisa de senhora. Não sou nenhuma senhora nesta casa, menina — ela gritou para mim depois que fechei a porta ao sair. Abri caminho entre os Gatos de Fora, que estavam rodando ali pelos fundos, e fui até o laboratório. Meus pés viraram barras de chumbo. O curto percurso durou uma vida.

Empurrei o saco de juta pendurado na entrada e lá estava ele, sentado na poltrona de molas, com o olhar fixo em um frasco de alguma coisa no balcão. Ele olhou para mim com uma expressão inescrutável.

— Chegou, vovô — eu disse.

— Chegou?

— A notícia sobre a nossa planta chegou.

Ele ficou quieto.

— Um telegrama de Washington.

— Ah. — ele inclinou a cabeça em direção ao teto e disse baixinho: — O que está escrito?

Fiquei estupefata. — Não sei — gaguejei, — não abri o telegrama. Eu nunca abriria. É para o senhor.

— Por Deus, Calpúrnia, pensei que você poderia ter aberto porque somos colegas nesta empreitada, não somos? Você está bem?

Acenei com a cabeça, não confiando em mim mesma para falar.

— Então, está bem. Precisamos estar no melhor quando recebemos um telegrama de Washington.

Ele se levantou e alisou seu casaco esfarrapado e, então, veio até mim, arrumando meu cabelo com suas mãos enormes, e ajeitando meu laço. — Está preparada?

Acenei de novo. Ele estendeu a mão: — Podemos?

Peguei na sua mão e fomos juntos até a casa, sem dizer uma palavra. Estávamos prestes a subir os degraus do fundo, quando eu disse: — Espere — paramos e ele olhou para mim. — Sim, Calpúrnia?

— Acho — com a voz trêmula, — que a gente devia entrar pela porta da frente, o senhor não acha?

— Você tem toda razão — ele disse, e demos a volta na casa até a entrada, passando pela janela da sala de visitas onde três cabeças curiosas nos acompanharam. Todos os meus sentidos aguçaram-se conforme nos dirigimos à varanda. Os lírios estavam mortos no chão; os troncos dos resedás, despelados; o céu, carregado. Eu podia sentir a pressão de alguma coisa importante no ar, a pressão do ar frio contra mim. Subimos os largos degraus da frente de mãos dadas, e meu avô me abriu a porta, curvando-se e me dando passagem. Meu coração pulava como um coelho.

— Capitão Tate — o senhor Fleming ficou em posição de sentido na sala de visitas. — Estou contente em encontrá-lo, senhor. Tenho aqui um telegrama para o senhor, vindo lá de Washington. É do Distrito de Columbia, senhor. Não do estado.

— Obrigado, senhor Fleming, estou muito agradecido.

— Imaginei que devia ser importante, então corri para cá na mesma hora.

— Obrigado, senhor Fleming, estou muito agradecido.

— Não podia confiá-lo a um dos rapazes.

— Obrigado, senhor Fleming, agradecido.

— Ah, não me entenda mal, eles são bons rapazes ou não estariam trabalhando para mim. Às vezes, porém, eles saem dos trilhos, e eu pensei...

A mãe interrompeu: — Senhor Fleming, será que o senhor pode entregar o telegrama ao capitão? Agora?

— Ah, claro, claro, senhora — ele mergulhou na sua bolsa e o tirou. — Aqui está. Lá de Washington, sim senhor. De lá.

A senhora Purtle soltou um gritinho e deu um tapinha no peito. Todos nós olhamos para o envelope como se estivéssemos enfeitiçados.

Vovô foi à frente e o senhor Fleming o colocou em sua mão. A mão do meu avô fechou-se em torno dele lentamente. — Agradeço-lhe pelo incômodo, senhor Fleming — ele disse, enfiando a mão no bolso do colete atrás de uma moeda.

O telegrafista não quis saber disso. — Não, não, Capitão Tate. Não vou aceitar nenhuma gorjeta do senhor. É um prazer — fez uma saudação rápida e bateu os calcanhares um no outro.

— O senhor é muito gentil — depois, vendo que o senhor Fleming não ia relaxar de sua posição, vovô disse: — Por favor, fique à vontade.

A postura do senhor Fleming relaxou um bocadinho. Nós todos ficamos ali, olhando fixamente para o meu avô, que, por sua vez, contemplava o telegrama.

— Ah — ele disse, levantando os olhos. — Mais uma vez agradeço-lhe pelo incômodo, senhor Fleming.

Inclinou-se para minha mãe e para a senhora Purtle. — Senhoras — apertou o telegrama entre as mãos, virou-se e saiu. Ficamos todos de boca aberta, de tão chocados. A injustiça daquilo, privando-nos deste momento único na vida! Quem poderia suportar isso? Como ele podia fazer isso conosco? Como podia fazer isso comigo?

— Calpúrnia — ele chamou do corredor —, você não vem?

Por um segundo fiquei paralisada e, então, recuperei meu poder de locomoção e saí correndo da sala — os bons modos que se danassem — para me juntar a ele. Dei de encontro com ele na porta da biblioteca. Ele abriu a porta em silêncio e entramos. O cômodo estava gelado, sem fogo na lareira. A cortina verde de veludo estava afastada, para deixar entrar o fraco sol de inverno.

Ele se sentou à escrivaninha. — Traga-me um lampião, está bem? — seu rosto estava iluminado por uma curiosa combinação de ansiedade e gravidade.

Tremendo, acendi o lampião. E se a resposta fosse não? O que isso faria de nós? Nada mais do que um velho desiludido e uma garotinha idiota. No entanto, e se fosse sim? Não seríamos aclamados, exaltados, não ficaríamos famosos? Não nos juntaríamos aos imortais? Era melhor saber ou não? De qualquer modo, ele ainda devia me amar, não é? Sentei na sela de camelo desejando poder parar o tempo.

Vovô olhou para o aspecto do envelope branco e simples. Depois, pegou sua faca de marfim de cortar papel e o abriu com cuidado. O telegrama era só uma folha de papel dobrada uma vez sobre ela mesma. Ele o estendeu para mim.

— Leia-o para mim, menina querida.

Minhas mãos tremeram ao pegar o papel. Desdobrei-o, curvei-me em direção à lâmpada e li, hesitando sobre as palavras mais compridas.

Prezado Prof. Tate e senhorita Tate:

Nós, membros do Comitê Taxonômico de Plantas do Instituto Smithsonian, temos o prazer de informar que, depois de muita pesquisa e estudo, chegamos à conclusão de que os senhores identificaram uma nova espécie de ervilhaca, até então desconhecida. A classe é Dicotyledon; a ordem, Fabales; a família, Fabaceae; o gênero, Vicia. É costume que o primeiro a identificar uma espécie

dê seu nome a ela, ou qualquer nome que ele escolha, desde que já não esteja em uso. Posso sugerir-lhes que a planta fique conhecida como Vicia tateii? Isso ficaria de acordo com os costumes normais da taxonomia. No entanto, os senhores podem escolher outro nome para a planta. A escolha é sua. O Instituto cumprimenta-os por seu achado perspicaz.

Sinceramente a seu dispor,

Henry C. Larivee

Presidente do Comitê de Taxonomia – Plantas

Tornei a dobrar o papel com cuidado no meu colo e, então, olhei para ele. Imóvel, ele encarou o espaço por bastante tempo. Senti uma necessidade urgente de dizer alguma coisa, mas não sabia o quê. Não conseguia escolher nada. O cômodo estava completamente quieto. Bem longe, a distância, um cão uivou. Era Matilda, com seu singular chamado em falsete. Mais próximo, uma panela ressoou na cozinha. A porta de tela de madeira bateu e dois dos meus irmãos passaram depressa pelo hall. Ouvimos o piano começando a tocar na sala de visitas uma melodia límpida e evocativa. Harry tinha sido pressionado a tocar para nossas visitas. A música trouxe meu avô de volta de onde quer que estivesse. Seu rosto estava melancólico, contemplativo, triste.

— É — ele disse por fim.

— É? — eu não sabia o que mais dizer.

Um minuto depois ele disse: — É Chopin. Sempre gostei dessa peça. Você sabe, Calpúrnia... — sua voz foi morrendo.

— O quê, vovô?

— Você sabe...

— O quê, vovô?

— Essa sempre foi minha preferida. De toda a obra dele.

— Não, eu não sabia.

— É comumente conhecida como *A gota de chuva*.

— Eu não sabia.

Eu podia ouvir Viola tocando o sino na varanda dos fundos. Logo ela tocaria o gongo ao pé da escada.

Ele ignorou o sino: — A única pergunta, realmente, é como vamos passar o curto tempo que nos foi concedido?

Fiquei pensando se íamos falar sobre o telegrama. Não queria que o gongo soasse. Um jantar era apenas um jantar. Podia esperar. Por direito, deveríamos ser livres para ficar ali para sempre. Olhei em volta. Olhei para os livros, o tatu, a besta engarrafada.

— Vovô?

— O quê?

— E o telegrama?

— O que tem ele?

— Bom... — Viola soou o gongo. O som era invasivo, detestável.

— Você tem alguma pergunta em relação a ele?

— Não — respondi lentamente, — acho que não.

— Você alguma vez teve dúvida?

— Acho que não, mas...

— Tem tantas coisas para a gente aprender, e tão pouco tempo nos é dado! Estou velho. Pensei que fosse morrer antes que isso acontecesse.

Levantei-me e fui até ele. Tentei lhe dar o telegrama, mas ele disse: — Fique com ele. Cole-o na sua Caderneta.

Enfiei-o no bolso do meu avental e passei os braços em volta do vovô. Ele me envolveu com seu braço e me beijou, e ficamos assim, inclinados um para o outro, até que soou a inevitável batida na porta.

Eu tinha esperado uma celebração. Tinha esperado bolo, confete e serpentinas. Tinha esperado que nossa família nos levantasse em seus ombros e nos carregasse no alto em triunfo. No entanto, o vovô não disse uma palavra o jantar todo, e passei a refeição me sentindo sem vida. O que havia de errado comigo? Por que me sentia tão desinteressada naquele que devia ter sido o dia mais feliz da minha vida e da vida do meu avô?

A mãe olhou para o vovô durante o jantar todo, sorriu e lhe fez acenos de incentivo sempre que ele levantava os olhos, dando-lhe toda chance para que explicasse o comunicado único, mas em vez disso, ele resolveu se concentrar no seu prato. Ruídos generalizados, olhares subreptícios vindos dos meus irmãos, mostravam que eles sabiam que alguma coisa estava acontecendo.

Jantamos. Só quando SanJuanna estava tirando a sobremesa foi que o vovô foi para o aparador e se serviu de uma generosa dose de Porto. Segurou o copo no alto até que a mesa

silenciasse e todos os olhos estivessem voltados para ele. O Porto captou a luz do candelabro e projetou uma trêmula mancha rubi em sua barba.

Parecia que ele ia se dirigir a nós, mas ele se virou e abriu a porta vaivém que levava à cozinha e chamou Viola para que viesse até a sala de jantar. Ela veio correndo, enxugando as mãos no avental, a testa franzida de preocupação.

— Senhoras — ele se curvou —, cavalheiros, proponho um brinde. Aconteceu uma coisa maravilhosa. Hoje, recebi um telegrama de Washington. Veio do Instituto Smithsonian, para informar a mim e Calpúrnia que descobrimos uma nova espécie de ervilhaca. Um espécime até agora desconhecido. Assim, ela será chamada *Vicia tateii*.

O pai disse: — Muito bem!

A mãe analisou vovô com uma expressão intrigada e, depois, desviou o olhar para mim.

Harry disse: — Vê, o senhor colocou nosso nome na História.

— Você ganhou um prêmio, Callie? — perguntou Jim Bowie. — O que você ganhou?

— Nós ganhamos um lugar nos livros de Ciências— respondi.

— Que livros? O que isso quer dizer? A gente vai ver eles?

— Um dia você vai, JB.

O pai começou a aplaudir e os outros acompanharam com aplausos e vivas. Era isso o que eu estava esperando, e fiquei mais alegre, embora não tanto como imaginava.

O pai juntou-se ao vovô no aparador e se serviu de uma boa dose de Porto, dizendo: — Margaret? Você nos acompanha?

A mãe me examinava minuciosamente.

— Margaret?

— Ah — ela disse, e se voltou para o pai: — Talvez uma dose pequena, Alfred, considerando que é uma ocasião especial.

Vovô disse: — Viola, você não quer uma dose?

Viola olhou para a mãe e disse: — Não, não, senhor Tate, eu não poderia...

Ele a ignorou e enfiou um copo em suas mãos, e depois outro nas mãos de SanJuanna. Parecia que ela ia desmaiar. Todos ficaram em pé e levantaram seus copos. Nós os imitamos com copos de leite.

O pai disse: — À nossa saúde, à nossa contínua prosperidade nessa grande ocasião, ao vovô e suas atividades científicas. Devo reconhecer que houve vezes em que eu ficava pensando na maneira que o senhor gastava seu tempo, mas o senhor provou que valeu a pena. Somos uma família cheia de orgulho hoje à noite!

Harry começou um coro de *For he's a jolly good fellow* e, depois, levou todos a darem três vivas.

— Não vamos nos esquecer de Calpúrnia — disse Harry —, com sua Caderneta. Vou reclamar uma parte do crédito por suas conquistas, bichinho, por tê-la dado a você. Muito bem!

Outro viva, dessa vez para mim. Tive de sorrir para seus rostos alegres e entusiasmados.

— É verdade — disse vovô, levantando o copo em minha direção. — Nada disso teria acontecido sem a ajuda da única criança de quem sou avô, Calpúrnia — ele bebeu calmamente.

Única criança! Houve um silêncio perplexo vindo dos meus irmãos, seguido por um crescendo de murmúrios e estalar de línguas de reprovação.

— Desculpem-me — disse vovô, dando-se conta do seu erro e se inclinou. — É claro que eu estava querendo dizer da única neta de quem sou avô. — Ele tomou seu Porto com calma e se sentou. Meus irmãos estavam irritados, mas não me importei. Meu coração bombeava alegria nas minhas veias. Eu era tudo para ele, era isso? E ele era tudo para mim.

CAPÍTULO 27

Véspera de Ano-Novo

O homem mal pode selecionar, ou o faz com muita dificuldade, qualquer desvio de estrutura, exceto aqueles que são visíveis externamente; e na verdade, raramente ele se preocupa com o que é interno.

Pela primeira vez na vida, todas as crianças, até Jim Bowie, puderam ficar acordadas para contar as badaladas do relógio à meia-noite na passagem do ano, um acontecimento terrivelmente excitante, pelo menos em teoria. Também era angustiante, considerando que alguns grupos religiosos haviam dito que o mundo se acabaria no primeiro dia do milênio. Os jornais contavam que havia homens barbudos e enfurecidos desfilando pelas ruas de Austin vestidos com longos mantos, e carregando cartazes que diziam: ARREPENDEI-VOS, O FIM ESTÁ PRÓXIMO. O pai tinha desdenhado dos homens, dizendo que eram um bando de excêntricos, mas Travis os tinha levado a sério, e me perguntou depois de pensar um pouco: — Callie, o mundo vai mesmo acabar hoje à noite?

— Não, bobo. Vovô me explicou. O século só é um marco da passagem do tempo. O tempo é uma criação do homem e vem da Inglaterra.

— E se ele acabar mesmo? Quem vai cuidar do Jesse James? Quem vai dar comida para o Bunny?

Só pude ver uma saída para essa discussão: — Não se preocupe, Travis. Eu assumo.

— Ah, está bem. Obrigado, Callie.

Descemos para um farto jantar às seis da tarde. O tempo estava deprimente, mas todos os cômodos estavam com o fogo aceso. A mãe parecia corada e descansada, e reparei que estava tomando vinho gasoso, o que parecia ir bem com ela. Mais tarde, o pai fez vários brindes e nos

garantiu que o mundo não estava chegando ao fim, disse que era um homem de sorte por estar cercado por sua adorável família, seu pai, sua esposa, seus filhos. Havia uma quebra na sua voz.

Então, todos nós fomos para nossos quartos, para descansar para a longa noite à frente, dizer nossas orações e refletir sobre nossas resoluções. Tradicionalmente, tínhamos de nos levantar um de cada vez e dizer nossas resoluções, anotadas pela mãe em um papel que mantinha guardado na *Bíblia* familiar até o ano seguinte, quando os antigos eram substituídos pelos novos.

Deitei-me na cama e olhei pela janela para o céu cheio de nuvens. Uma parte minha queria que nossa vida continuasse do mesmo jeito de sempre, com todos nós vivendo juntos em nossa velha casa lotada. A outra parte ansiava por uma mudança desesperada e dramática, deixar Fentress para trás. Qual era a vantagem de ter uma ervihaca “multante” com o nome em minha homenagem, se toda a minha vida fosse passada no distrito de Caldwell, cercada por Lockhart e San Marcos, árvores de pecã e plantações de algodão? Vovô tinha me dito que eu poderia fazer o que quisesse da minha vida. Havia dias em que eu acreditava nele e outros em que não. A tarde melancólica e cheia de nuvens, o último dia do século agonizante, estava certamente se transformando em um dia “não”. Havia tantas coisas que eu queria ver e fazer na minha vida, mas quantas delas estavam dentro do meu alcance? Escrevi uma lista delas na última página da minha Caderneta. A capa de couro vermelho estava vincada e as páginas não aparadas estavam ficando sujas. Minha Caderneta, minha fiel amiga dos últimos seis meses. Coloquei-a de lado e adormeci. Sonhei que estava flutuando em um rio, mas não era o meu rio. A água era verde-claro, e não azul, e curiosamente as margens estavam cobertas de areia.

Viola soou o gongo às nove horas e me acordou. Descemos desabalados a escada, para sermos recebidos por tigelas de Apple Brown Betty^[11] perigosamente quentes, que queimavam a boca. Cada um de nós recebeu um *party cracker*^[12] para puxar, dentro do qual havia um chapéu de papel, alguma coisa que fizesse barulho e um brinquedo de lata em miniatura. (Surgiu um mercado vigoroso dessas lembrancinhas, com muitos negócios e transações). Depois era só questão de sentar e esperar. Os meninos mais jovens, que nunca tinham ficado acordados até tão tarde, eram responsáveis pelo relaxamento da disciplina, subindo e descendo a escada de modo impetuoso, ou adormecendo rapidamente no tapete da sala de visitas.

Comi metade da minha laranja de Natal com um prazer ostensivo, em grande parte para irritar os que já tinham acabado com as suas. Guardei a outra metade para comer em um século diferente. Que gosto teria uma laranja de 1899 em 1900?

Às dez horas, estávamos todos exaustos e ansiando por nossas camas, mas determinados a chegar até a hora mágica. Às onze, era a vez das resoluções anuais. A mãe puxou nossas resoluções antigas para fora da *Bíblia* e as leu em voz alta para nós, provocando muita risada. Depois, queimou-as na lareira. Minha última resolução tinha sido ser excelente em cerzido e fiação. Eu tinha decidido isso há muito tempo, antes dos meses quentes do verão, quando meu avô e eu começávamos a nos conhecer.

Tentamos explicar a JB o que era uma resolução, mas ele era pequeno demais para entender. A mãe fez uma resolução para ele, ou seja, que ele ia aprender o ABC no ano por vir. Sul Ross fez a resolução de acabar seus deveres escolares a tempo. Travis resolveu passar mais tempo brincando com Jesse James. Isso era impossível, pois carregava, para todo lado, o gato desajeitado, enfiado no peitilho dos seus macacões.

Então, chegou a minha vez. Levantei-me, tirei minha Caderneta do bolso e a abri na última página, onde estava a minha lista.

— Não é bem uma resolução. É mais como uma lista — limpei a garganta e li: — Quero ver as seguintes coisas antes de morrer: Harry Houdini, o Oceano Pacífico ou o Atlântico — qualquer oceano, não importa —, Cataratas do Niágara, Coney Island, um canguru, um ornitorrinco, a Torre Eiffel, O Grand Canyon, neve.

Sentei-me em meio a um silêncio. Então, Harry disse: — Muito bom, querida — e começou a aplaudir. Meus outros irmãos se juntaram a ele. Os aplausos da mãe e do pai eram mornos. Senti-me vagamente melancólica, sem uma razão especial.

Lamar disse: — Eu resolvo que vou melhorar em Geometria — ele passava horas todo dia correndo em torno da casa medindo o ângulo das coisas com seu novo transferidor de aço.

Sam Houston disse: — Lula Gates não me deixa carregar seus livros, de volta para casa, então resolvo que vou carregar os de Effie Preston, mesmo que ela também não queira. Juro que vou fazer isso — isso resultou em uma boa risada e uma ovação.

Então chegou a vez de Harry, mas ele apenas sorriu e disse: — É segredo — houve um clamor generalizado de *isso não é justo*.

Eu disse: — Você tem de contar para a gente, Harry, ou não vai ser uma verdadeira resolução.

Por fim, ele cedeu para se ver livre de nós. Olhou para a mãe e disse, um pouco sem vigor, eu achei: — Resolvo que vou estudar muito para conseguir entrar na universidade no próximo ano.

A mãe piscou de prazer ao ouvir isso, o que, é claro, era o que ele pretendia, mas percebi que não era sincero, ele estava apenas ganhando tempo com ela. O fato de ele não nos contar sua verdadeira resolução me fez suspeitar que tinha algo a ver com Fern Spitty.

A resolução de nossa mãe era prestar atenção para que cada um de seus filhos fosse à igreja pelo menos duas vezes por semana. Houve reação das tropas diante disso, mas ninguém teve coragem de reclamar na frente dela.

A do pai foi a de parar de mascar fumo. Uma vez que ele só podia mascar na beneficiadora, resolveu que a agonia de ter de parar todos os dias ao entrar em casa superava o prazer de consumi-lo no trabalho. A mãe pareceu ficar encantada e bebericou seu vinho frisanter.

Foi preciso um pouco de insistência com vovô, que reagiu com bastante jovialidade, antes de dizer: — Seria um comentário triste sobre a minha vida, se ainda restassem resoluções na minha idade. No entanto... tem uma coisa...

Desconcertada, fui a fundo na minha mente. Algo a ver com a mutação? Ou com aperfeiçoar seu licor de pecã? Não tinha ideia.

— Quero dirigir um automóvel — ele disse. — Ouvi falar que eles têm um em Austin.

— Mas são máquinas assustadoras! — disse a mãe. — E tão inseguras! Dizem que elas podem explodir de uma hora para outra, e as pessoas vivem quebrando o braço na manivela.

— É verdade — ele sorriu. Havia uma expressão satisfeita, sonhadora, no seu rosto. Para o mundo, parecia que ele estava olhando a distância, mas eu sabia que estava olhando para o futuro.

Depois, não havia mais nada a fazer a não ser se sentar e esperar passar a próxima hora. Meus pais conversavam baixinho, vovô fumava charutos e lia seu *National Geographic*, e meus irmãos e eu nos revezávamos tentando lutar contra o sono e fracassando de maneira miserável. Finalmente, finalmente, o relógio bateu meia-noite e, à medida que o carrilhão ia silenciando, ouvimos uma cacofonia de batidas de panelas e frigideiras nas ruas de toda a cidade. Demos as mãos em círculo e cantamos *Auld Lang Syne*.^[13] As palavras eram incompreensíveis, mas a música era bonita.

Olhei em torno para o círculo de rostos queridos e considerei todos os presentes que eu havia ganhado no ano que se acabava. Lá estavam a mãe e o pai, de mãos dadas e parecendo cansados, mas felizes. Ela tinha alguns fios grisalhos nas têmporas, que eu não tinha notado antes. Lá estava Harry: imponente, alto, bonito, com o colarinho e a gravata impecáveis, um jovem cavalheiro em formação. Lá estavam Sam Houston e Lamar, Travis com Jesse James

nos braços; lá estavam o bocejante Sul Ross e JB, o mais novo, exausto, mas corajosamente resolvido a ver o novo ano.

E lá estava meu avô, juntando sua voz de baixo barítono, em uma triste e doce harmonia com a música, sua longa barba reluzindo à luz do fogo. Havíamos estado tão perto de nos perdermos um do outro, ele e eu. Ele acabara se revelando o maior presente de todos.

Então, panelas e frigideiras foram silenciando, e a música terminou. Todos, com exceção da mãe e do pai, foram para a cama, deixando os dois sozinhos um pouco mais de tempo.

Vesti minha camisola mais grossa, de flanela vermelha, e entrei na cama. Felizmente, SanJuanna tinha tirado o gelado dos lençóis com uma panela aquecida. Eu pretendia ficar deitada ali por um tempo, analisando a minha vida. É isso que se faz no final do século, não é? No entanto, acho que na verdade peguei no sono imediatamente, e só sonhei que estava analisando.

CAPÍTULO 28

1900

À primeira vista, a ação do clima parece ser bem independente da luta pela existência, mas à medida que o clima age, sobretudo na redução dos alimentos, provoca a mais extrema luta entre os indivíduos...

Acordei arfando de pânico. Havia algo terrivelmente errado com o mundo, e eu sabia no meu íntimo que algo terrível havia acontecido durante a noite. Levei vários segundos para entender exatamente o que estava errado: havia um silêncio tão profundo e anormal dentro de casa e, fora da minha janela, que parecia que o mundo todo tinha parado e ido embora durante a noite.

Tinha acontecido? Será que o mundo tinha acabado? Eu deveria cair de joelhos e rezar? E a luz estava errada. A luz que bordejava as minhas cortinas não parecia muito uma luz, mas sua *ausência*. Todos os objetos do meu quarto tinham assumido um aspecto acinzentado e uniforme.

E então Ajax latiu, apenas uma vez, mas eu achei o som tranquilizador, mesmo sendo abafado e sem vida como a luz.

Meu pânico foi, de certa maneira, controlado, ao perceber que minha bexiga estava prestes a explodir. Eu estava desesperada para usar o pinico, mas primeiro tinha de encarar o horror que esperava lá fora. Pensei nisso. Bom, se você tem de encarar alguma coisa medonha, é bem melhor fazê-lo com a bexiga vazia. Era preciso considerar, porém, que, o pinico de porcelana estaria terrivelmente frio. Avaliei esses aspectos e, depois, tateei debaixo da cama até encontrá-lo e fiz um bom trabalho me equilibrando acima da borda gelada.

Assim era melhor. Agora, à façanha de encarar o horror.

Fiquei decidida em frente à janela e joguei os ombros para trás em uma postura militar, tomei fôlego e puxei a cortina para o lado.

E lá estava: um cobertor perfeito de branco cobrindo a grama, as árvores, a estrada, até onde minha vista alcançava, tudo absolutamente intacto, intocado e quieto. Neve. O que mais poderia ser? Tinha de ser neve.

O mundo não tinha acabado, tinha apenas começado.

Olhei em torno do meu quarto para meus objetos familiares naquela luz estranha: o ninho do beija-flor em sua caixa de vidro, minha Caderneta vermelha, minhas borboletas emolduradas.

Calcei meus chinelos de coelho e vesti meu *peignoir* de lã por cima da minha camisola. Contornei a tábua barulhenta no meio do meu quarto e abri a porta tão silenciosamente quanto possível, porém, ela rangeu com vontade naquele frio. Esperei para ver se alguém se mexia, antes de descer furtivamente a escada, mas não houve um som. Eu queria ficar sozinha. Queria isso só para mim.

Saí na ponta dos pés pela porta da frente e fiquei na varanda, puxando meu *peignoir* bem junto ao corpo. A temperatura me intrigava. Como o mundo podia ser tão frio? Respirei fundo, e o ar parecia uma adaga no meu peito. Minha respiração produzia nuvens passageiras, que desapareciam no ar antes que eu pudesse apanhá-las. Não havia barulho, a não ser o ruído da minha respiração e o disparar do meu coração. Não havia pássaros no céu prateado, nem esquilos nas árvores, nenhum gambá ou cachorro. Para onde havia ido aquela abundância de vida? A ausência de seres vivos tornava a paisagem linda e, ao mesmo tempo, ameaçadora.

Enquanto eu observava, um jovem coiote saiu lentamente de entre as árvores, levantando e sacudindo com delicadeza cada pata, antes de tornar a pousá-la com cuidado na neve. Passo, sacudida, pausa... passo, sacudida, pausa... Sua cara tinha tal expressão de desgosto que ri. Chocado, ele levantou o olhar e me localizou na varanda, e juro que demonstrou desprezo. Virou-se lentamente e voltou para o bosque da maneira que tinha vindo, tentando pisar no próprio rastro, e ainda fazendo o passo-sacudida-pausa, enquanto se afastava.

Bom, se o coiote conseguia caminhar naquilo, então eu também conseguiria. Desci os degraus cobertos de neve. Era sólida como gelo, mas fofa. Também não era silenciosa; comprimia-se sob os meus pés com um rangido. Meus pés ficaram imediatamente gelados, escorreguei e quase caí, mas não importava. Segui por um caminho em frente à escada e olhei por sobre o ombro minhas próprias pegadas que rapidamente se transformavam em poças rasas

no formato do pé. À minha frente tudo era perfeito. Conseguiria resistir àquilo? Conseguiria me atrever a estragá-lo com a minha presença?

Consegui. Tinha de ter a dádiva daquele momento só para mim — a grande dádiva do novo século — por mais um minuto, alguns preciosos segundos a mais, antes que a excitação, os gritos e as pegadas dos outros destruíssem aquilo para sempre. Levantando o *peignoir*, corri pelo passeio sinuoso o mais depressa que pude, desequilibrando-me, escorregando e cheia de alegria. Eu sabia que parecia louca, mas não me importei. Corri para a rua, que não tinha a marca de nenhuma roda, depois virei e corri pelo bosque imaculado em direção ao rio. Passei por uma árvore de pecã recoberta de neve, seu cerne nu, cor de carne, a única cor na paisagem totalmente branca.

Vi algumas pegadas rápidas deixadas por passarinhos e outras criaturas pequenas, sem dúvida tão confusas quanto eu com este mundo branco silencioso. É claro que estavam confusas, a última nevada havia sido décadas atrás. Se um tentilhão só vivia dois anos, como é que ele poderia transmitir a ideia de algo que nunca tinha visto para a próxima geração? Teria a palavra desaparecido da linguagem dos tentilhões, da sociedade dos tentilhões? Como é que qualquer espécie poderia sobreviver à neve, se a palavra havia desaparecido? A raça dos tentilhões, todas as outras raças, estaria despreparada. Eu teria de colocar sementes, sebo, alfafa e presunto lá fora, suprimindo, assim, todos os elos ao longo da cadeia alimentar.

Meus pés estavam virando blocos de gelo, e percebi que estava exausta. Virei-me e caminhei de volta para casa. Era a primeira manhã do primeiro dia do novo século. A neve cobriu completamente o chão. Isso significava que tudo era possível.

A casa começava a mostrar seus sinais costumeiros de vida matinal. Lá em cima, em sua janela, vi meu avô me observando. Ele ergueu a mão me cumprimentando. Respondi do mesmo jeito. Ficamos assim por um tempo. Depois, corri para o aconchego da nossa casa.

AGRADECIMENTOS

Pelo bem da ficção, tomei pequenas liberdades com a história do Texas, e peço desculpas a qualquer leitor que perceba os trechos em que fui descuidada com os fatos. Também em nome da ficção, tomei liberdade com a estação em que certas plantas desabrocham e com a taxonomia das espécies *Vicia*. Peço desculpas aos botânicos e aos horticultores que têm maior conhecimento. Sou totalmente responsável por qualquer erro em relação a assuntos científicos.

Agradeço às seguintes entidades por seu incentivo e apoio ao longo do percurso: *The Mississipi Review*, Texas Commission for the Arts, Writers' League do Texas, Dallas Museum of Art. Agradeço a Barbara French do Bat Conservancy e à doutora Diana Sanchez-Bushong da igreja metodista Westlake United por suas avaliações.

Agradecimentos especiais a Lou Ann e Jim Bradley pelo uso de seu chalé quando precisei; agradeço à professora Roberta Walker da Universidade do Texas, em El Paso, que poderia ensinar uma pedra a escrever; a Lee K. Abbott e Grace Paley; a Shelley William Austin, Michael Glasscock, M. D., Karen Stoltz, Roberta Preston Pazdral, Gerry Beckman, Robin Allen, e Katherine Tanney; agradeço a Mike Robinson, sua filha Callie, Phil e Jeannie Tate,

pelo nome de nossa heroína. Agradeço ao Fabulous Writers of Austin, por seu apoio irrestrito: Pansy Flick, Graciela Fleming, Nancy Gore, Gaylon Greer, Jim Haws, Cecilia Jones, Kim Kronzer, Laura van Lauduyt, Diane Owens, e Lottie Shapiro. A Houston White, Dian Donnell e Charlie Prichard por terem me apresentado à Old House; ao falecido John “Sandy” Lockett pela história do morcego, que ele jurou ter realmente acontecido com ele em Scholz’s Garden, no Texas (uma história improvável, concordo, mas ele nunca me deu motivos para duvidar dele). A meus primeiros leitores, Joe Kulhavy, Wayne Price, Roxanne Hale Drolet, Carol Jarvis, e Noeleen Thompson, por seu incentivo, bem como a minha *comadre*, Val Brown, que ensina piano com bondade e estímulo, não se parecendo em nada com a senhorita Brown. A minha agente, Marcy Posner, que me tirou da vala comum. A Laura Godwin, Noa Wheeler, Ana Deboo, Marianne Cohen e todos na Holt, por ajudar a melhorar este livro.

E, é claro, meus agradecimentos especiais a Gwen Moore Erwin. Depois de todos esses anos.

[1] Todas as epígrafes das aberturas de capítulo têm o livro *A origem das espécies* como fonte, em tradução livre. (N.E.)

[2] Epidemia recorrente que assolou a Inglaterra no século xv com vários surtos, que se espalharam pela Europa e provocaram grande quantidade de mortes. Caracterizava-se, entre outros sintomas, por dores no corpo, na cabeça, e um suor excessivo. (N.T.)

[3] Organização criada no início do século XIX por Samuel Birley Rowbotham, um inventor inglês, na tentativa de divulgar a crença de que a Terra é plana, apoiado principalmente em textos bíblicos. (N.T.)

[4] Composto à base de ervas, produzido no final do século XIX e começo do XX, que supostamente ajudaria a diminuir os problemas do ciclo menstrual e aumentaria a fertilidade feminina. O nome vem da própria criadora do composto. (N.T.)

[5] Backy poderia ser livremente traduzido como “Para trás”. (N.T.)

[6] Manassas foi um campo de batalha perto da cidade de Washington, durante a Guerra de Secessão norte-americana. (N.T.)

[7] Literalmente: “As tense as a cat in a room full of rockers” — referência ao fato do gato ter medo de ficar com o rabo preso sob uma delas. (N.T.)

[8] Espécie de torta feita na Inglaterra e nos Estados Unidos, na qual os ingredientes secos só são jogados por cima das frutas, aos punhados, sem grande acabamento. No Brasil temos algo parecido, conhecido como torta de preguiçosa. (N.T.)

[9] Em tradução literal: “Canções alegres para divertir a família”. (N.T.)

[10] Torta doce de origem inglesa, tradicional nos Estados Unidos no Dia de Ação de Graças e no Natal, que mistura carne, frutas e especiarias (noz-moscada, cravo, canela etc.). (N.T.)

[11] Doce assado feito com maçã, pão, suco de laranja ou limão, açúcar mascavo e especiarias (canela, noz-moscada, cravos), servido quente, muitas vezes com sorvete. (N.T.)

[12] Lembrancinha distribuída no Natal e na véspera do Ano-Novo em alguns lugares da Inglaterra e dos Estados Unidos; consiste em um cilindro de papelão revestido de papel crepom amarrado nas duas pontas que contém várias surpresas dentro. Para abri-lo, é preciso puxar pelas duas pontas, provocando um pipoco. Aqui no Brasil, pelo menos em São Paulo e no Rio de Janeiro, era distribuído nas festas da passagem do ano até o final da década de 1950. Dentro, colocavam-se língua de sogra, balas, anéis de pedra de vidro etc. (N.T.)

[13] Música que para nós ficou conhecida com a letra: “Adeus, amor, eu vou partir, ouço ao longe um clarim...”
(N.T.)